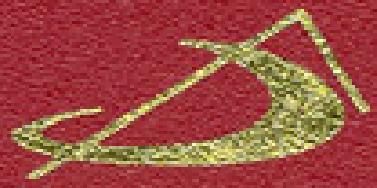
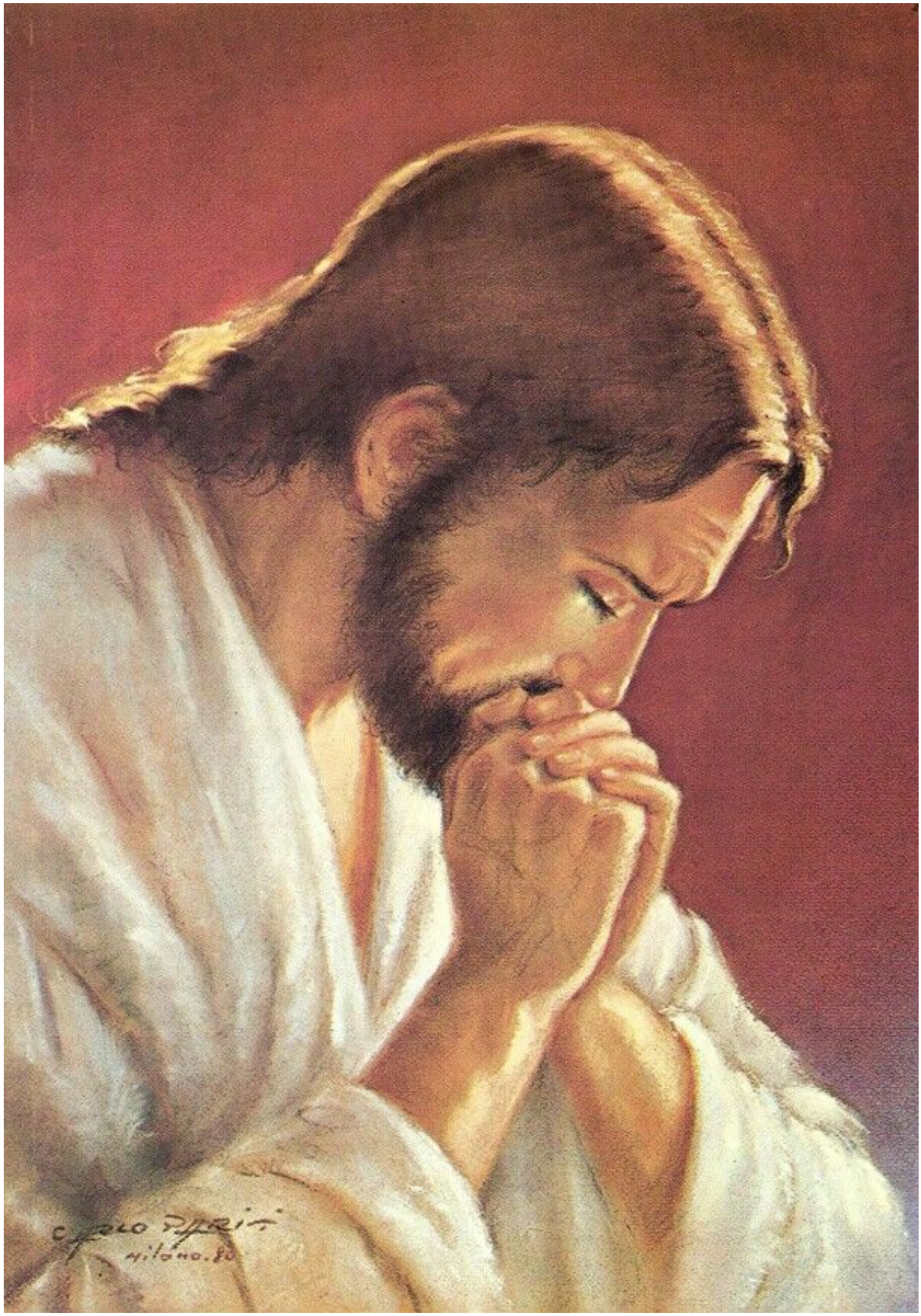
imitação de cristo



PAULUS


Milano.80

IMITAÇÃO DE CRISTO

SUMÁRIO

PREFÁCIO
CONSELHOS DO CARDEAL HENRIQUE HENRIQUES AOS LEITORES DA IMITAÇÃO DE CRISTO
LIVRO PRIMEIRO - AVISOS ÚTEIS PARA A VIDA ESPIRITUAL
- Da imitação de Cristo e do desapego das vaidades do mundo
- Do humilde sentir de si mesmo
- Dos ensinamentos da verdade
- Da prudência nas ações
- Da leitura das Sagradas Escrituras
- Das afeições desordenadas
- Como se deve fugir à vã esperança e presunção
- Como se deve evitar a excessiva familiaridade
- Da obediência e submissão
- Como devemos evitar as palavras inúteis
- Como devemos adquirir a paz e desejar o progresso na virtude
- Do proveito das adversidades
- Da resistência às tentações
- Como se deve evitar o juízo temerário
- Das obras que procedem da caridade
- Como aturar os defeitos alheios
- Da vida religiosa
- Dos exemplos dos Santos Padres
- Dos exercícios do bom religioso
- Do amor da solidão e do silêncio
- Da compunção do coração
- Da consideração da miséria humana
- Da meditação da morte
- Do juízo e das penas dos pecadores
- Da fervorosa emenda de toda a nossa vida

LIVRO SEGUNDO - EXORTAÇÕES À VIDA INTERIOR
Da vida interior
Da humilde submissão
Do homem bom e pacífico
Da pureza da mente e da intenção reta
Da consideração de si mesmo
Da alegria da boa consciência
Do amor de Jesus sobre todas as coisas
Da amizade familiar com Jesus
Da privação de todo conforto
Do agradecimento pela graça de Deus
Dos poucos que amam a cruz de Cristo 1
Da estrada real da santa cruz
LIVRO TERCEIRO - DA CONSOLAÇAO INTERIOR
Da comunicação interior de Cristo com a alma fiel
Como a Verdade fala, dentro de nós, sem ruído de palavras
Como as palavras de Deus devem ser ouvidas com humildade e como poucos as ponderam
Como na presença de Deus devemos andar em verdade e humildade
Dos admiráveis efeitos do amor divino
Da prova do verdadeiro amor
Como ocultar a graça sob a guarda da humildade
Do baixo apreço de si próprio ante os olhos de Deus
Como se deve referir tudo a Deus
Como é suave servir a Deus e desprezar o mundo
Como devem ser examinados e moderados os desejos do coração
Como adquirir a paciência e lutar contra a concupiscência
Da obediência humilde, a exemplo de Jesus Cristo
Como devemos considerar os ocultos juízos de Deus, para não nos desvanecermos com os nossos bens
Como se deve sentir e falar de tudo o que se deseja
Só em Deus se deve buscar a verdadeira consolação

Como toda solicitude deve ser posta em Deus
Como a exemplo de Cristo, devemos levar com serenidade as misérias desta vida
Do sofrimento das injúrias e da prova da verdadeira paciência
Da confissão da própria fraqueza e das misérias desta vida
Como se deve repousar em Deus, acima de todos os bens
Da lembrança dos inumeráveis benefícios de Deus
De quatro coisas que proporcionam grande paz
Como se deve evitar a curiosidade de saber da vida alheia
Em que consiste a paz firme do coração e o verdadeiro progresso da alma
Da excelência da liberdade de espírito, à qual se chega mais pela oração que pelo estudo
Como o amor-próprio nos afasta do sumo bem
Contra as línguas maldizentes
Como se deve invocar a Deus, durante a tribulação
Como se deve pedir o divino auxílio e a confiança em recuperar a graça
Do desprezo de todas as criaturas, para que se possa encontrar o Criador
Da abnegação de si mesmo e renúncia de toda a ambição
Da inconstância de coração e da intenção final, que se deve dirigir a Deus
Como Deus é suave para quem o ama acima de tudo
Como nesta vida não há segurança contra as tentações
Contra os vãos juízos dos homens
Da renúncia pura e inteira de si mesmo, para alcançar a liberdade de coração
Do bom governo das coisas externas e do recurso a Deus nos perigos
Da calma que se deve conservar nos negócios
Como o homem de si mesmo nada tem de bom e de nada pode gloriar-se
Do desprezo de toda a honra temporal

Como se não deve fundar a paz nos homens
Contra a ciência vã do século
Como não devemos procurar as coisas exteriores
Como não devemos dar crédito a todos e como é fácil pecar por palavras
Da confiança que se deve ter em Deus, quando nos disserem palavras injuriosas
Como se devem suportar todos os trabalhos pela vida eterna
Do dia da eternidade e das misérias desta vida
Do desejo da vida eterna; grandes bens são prometidos aos que combatem
Como o homem atribulado se deve entregar nas mãos de Deus
Como devemos nos aplicar às obras humildes, quando somos incapazes para as mais elevadas
Como o homem não se deve julgar digno de consolações, antes, merecedor de castigos
Como a graça de Deus não se comunica aos que gostam das coisas terrenas
Dos diversos movimentos da natureza e da graça
Da corrupção da natureza e da eficácia da divina graça
Como devemos renunciar a nós mesmos e imitar a Cristo pela cruz
Como o homem não deve desanimar, quando cai em algumas faltas
Como não se devem perscrutar as coisas do alto e os ocultos juízos de Deus
Como devemos pôr em Deus toda a esperança e confiança
LIVRO QUARTO - DO SACRAMENTO DO ALTAR
Da reverência com que se deve receber a Cristo
Como neste Sacramento se manifesta aos homens a grande bondade e o amor de Deus
Da utilidade da Comunhão frequente
Dos grandes dons concedidos aos que comungam fervorosamente
Da dignidade do Sacramento e do estado sacerdotal
Pergunta concernente à preparação para a Comunhão

Do exame de consciência e do propósito de emenda
Da oblação de Cristo na cruz e da própria resignação
Como nos devemos oferecer a Deus, com tudo o que é nosso e orar por todos
Como não se deve deixar facilmente a sagrada comunhão
Como o Corpo de Cristo e a Sagrada Escritura são sumamente necessários à alma fiel
Do grande cuidado com que se deve preparar quem vai receber a Cristo
Como a alma fervorosa deseja unir-se com Cristo no Sacramento
Do desejo ardente que algumas almas fervorosas têm de receber o Corpo de Cristo
Como a graça da devoção se adquire pela humilde renúncia de si próprio
Como devemos expor a Cristo as nossas necessidades e pedir-lhe a sua graça
Do ardente amor e veemente desejo de receber a Cristo
Não seja o homem escrutador do Sacramento, mas humilde imitador de Cristo, submetendo seus sentidos à sagrada fé
Ficha Catalográfica

PREFÁCIO

Apresentamos ao público brasileiro uma nova edição dos quatro livros da Imitação de Cristo, traduzidos do original latino em língua portuguesa.

Cremos desnecessário dar justificativa deste empreendimento. São demasiado conhecidos os benefícios prestados à humanidade por esta obra incomparável, para que fundamentemos as razões do nosso humilde trabalho.

Escrito nos tempos do misticismo medieval, este livro atravessou tantos séculos sem perder nada de seu valor terapêutico para os males que afligem a alma humana. A razão disso é que a Imitação corresponde, admiravelmente, aos nossos supremos anseios, infundindo luz à inteligência e conforto ao coração.

Não se conta o nome dos que beberam nestas páginas inspiradas os ensinamentos da verdade e aí encontraram as veredas da justiça incorruptível.

Eis por que empregamos nesse trabalho o melhor dos nossos esforços.

A Imitação de Cristo *compreende quatro livros:* 1º) Avisos úteis para a vida espiritual; 2º) Exortações à vida interior; 3º) Da consolação interior; 4º) Do Sacramento do Altar.

O primeiro destes livros visa a desprender o homem de si mesmo. Contém, por assim dizer, a súmula dos elementos necessários à vida espiritual, de tudo o que é imprescindível a encaminhar o homem para a sua finalidade eterna. Começa pelo convite à perfeição que Deus dirige à alma fervorosa e conclui pelo propósito de sincera emenda da vida.

O segundo livro trata da vida interior. Os seis primeiros capítulos mostram como a paz interior prepara o advento do reino de Deus; os restantes indicam os meios necessários ao estabelecimento do reino de Deus na alma cristã.

O terceiro livro, de todos o mais extenso, compõe-se de diálogos entre Cristo e o discípulo que aprende os segredos do amor divino.

Os quatro primeiros capítulos são comunicações de Cristo com a alma fiel. Os seis seguintes tratam do amor de Deus e da prática da humildade. Do capítulo XI até ao XXII, inclusive, o autor parece tomar por base de seus ensinamentos esta verdade: Deus é o princípio de onde promanam todos os bens espirituais. A paz da consciência e a liberdade interior constituem a matéria dos vinte e quatro capítulos que se seguem.

Do capítulo XLVII a LII, inclusive, encontram-se piedosos esclarecimentos sobre a vida eterna e os meios para a sua aquisição. Os quatro capítulos próximos

discorrem sobre os diversos movimentos da natureza e as operações da graça. Do capítulo LVII ao fim do livro vários conselhos sobre a vida perfeita formam o assunto principal.

O quarto livro versa acerca de união da alma fiel com Cristo, por meio do sacramento da Eucaristia. Principia por exortação ou convite à sagrada comunhão. Do capítulo V ao X, exclusive, enumeram-se as disposições necessárias para comunhão fervorosa. Os capítulos X e XI ocupam-se da recepção frequente do sacramento do altar. Os restantes tratam das disposições com que a alma piedosa deve se preparar para o banquete eucarístico.

Esta longa via interior da alma que procura o seu fim supremo, o piedoso autor a percorreu, em profundas meditações, durante longos anos, antes que transladasse para o papel as suas experiências e os seus sentimentos, suas emoções fervorosas e seus embates íntimos. Daqui o vigor do estilo, a penetração psicológica, a concisão na frase e a unção de piedade que respiram estas páginas.

O conjunto do livro revela conhecimento perfeito das Sagradas Escrituras e estudo acurado dos Santos Padres. Aqui reside o segredo dos maravilhosos efeitos que a Imitação de Cristo produz nas almas.

Para confirmar o valor desta obra admirável citaremos o testemunho de alguns autores profanos.

O'Connell, Donoso Cortês e Garcia Moreno liam, diariamente, um capítulo da Imitação. Corneille e F. de Lamennais traduziram-na para o francês. Lamartine chama-a "livro ditado pelos anjos".

Sainte-Beuve, em Volupté, *George Sand, em* Spiridion *e Huysmans, em* En route, *fazem o elogio deste livro incomparável.*

Costumam os prefaciadores da Imitação dizer algo sobre o autor dela. Não fugiremos à regra geral.

A autoria da Imitação provocou, no decorrer dos séculos, muitas controvérsias e vários nomes respeitáveis foram indicados como escritores desta obra.

Entre os mais insistentemente nomeados citam-se o célebre chanceler da Universidade de Paris, um abade beneditino do Piemonte e Tomás de Kempis, cônego regular de Santo Agostinho, do mosteiro de Sant'Ana, próximo de Zwolle, nos Países Baixos.

Em nossos dias prevalece a opinião de que foi este último quem escreveu os quatro livros de que nos ocupamos. Assim pensam os eruditos nossos contemporâneos.

Em favor de Kempis militam várias razões, quiçá provas convincentes.

Guardam-se setenta e seis manuscritos da Imitação de Cristo*, dos quais sessenta, pelo menos, trazem o nome de Tomás, entre estes se destaca o conhecido manuscrito de 1441, conservado na Biblioteca Real de Bruxelas, manuscrito a que chamam autógrafo Kempense, em razão da assinatura que traz.*

As edições mais antigas, isto é, as anteriores ao século XVI trazem o nome de Tomás de Kempis como autor.

Em último lugar, convém lembrar que os contemporâneos de Tomás, inclusive o cronista de sua congregação, proclamam-no autor deste livro.

Aceitando esses argumentos, teremos que admitir autor dos quatro livros esse cônego regular, nascido em Colônia, na Alemanha, em 1380 e falecido em 1471, na avançada idade de 91 anos. Deixou ele vários escritos, referentes todos a assuntos religiosos.

Reconhecem todos os tradutores quanto é árdua a missão de transplantar de um idioma para outro o pensamento alheio.

Em nosso caso a dificuldade aumenta, atendendo-se ao gênero e à época em que foi escrito.

Não obstante isso, procuramos reproduzir, em linguagem portuguesa, o mais fielmente possível, as ideias do autor, abstraindo de qualquer preocupação de fazer um trabalho erudito e revestido de brilhante forma literária. Isso porque a Imitação tem suficiente valor intrínseco e não necessita que se lhe acrescente algo para ser lida e apreciada e para produzir copiosos frutos de bênçãos e salvação. Pelo mesmo motivo dispensamos notas explicativas e comentários.

Tivemos em mira fins sublimes: a glória de Deus e o bem das almas.

Pe. José Maria Cabral

CONSELHOS DO CARDEAL HENRIQUE HENRIQUES AOS LEITORES DA *IMITAÇÃO DE CRISTO*

1º) *Marcar uma hora certa, cada dia, para essa leitura e observá-la, quanto possível, inviolavelmente.*

2º) *Antes da leitura, preparar a alma, principalmente pela reta intenção de procurar só o proveito espiritual; erguer o coração a Deus e pedir luzes para o entendimento.*

3º) *Ler, não apressadamente, mas com atenção e pausa entre os versículos. Seria útil reler os trechos que mais impressionaram.*

4º) *Durante a leitura, procurar formar afetos devotos, segundo o assunto.*

5º) *Encerrar a leitura com breve aspiração dirigida a Deus, pedindo-lhe que conserve e fecunde a semente da graça lançada na alma, para que produza fruto centuplicado.*

LIVRO PRIMEIRO

AVISOS ÚTEIS PARA A VIDA ESPIRITUAL

CAPÍTULO I

Da imitação de Cristo e do desapego das vaidades do mundo

1. Quem me segue não anda em trevas, diz o Senhor. São estas as palavras de Cristo pelas quais somos exortados a imitar sua vida e seus costumes, se verdadeiramente desejamos ser esclarecidos e livres de toda a cegueira de coração (Jo 8,12).

Seja, pois, nosso principal empenho meditar a vida de Jesus Cristo.

2. A sua doutrina de Cristo excede a de todos os santos e quem possuir o seu espírito encontrará um maná escondido.

Acontece, porém, que muitos ouçam frequentemente o Evangelho tiram pouco proveito, por não terem o espírito de Cristo.

Quem quiser, pois, entender plenamente e com proveito as palavras de Cristo, deve conformar sua vida com a dele.

3. Que te aproveita discorrer sabiamente sobre a Trindade se, por falta de humildade, lhe desagradas?

De certo não são as palavras sublimes que tornam o homem santo e justo; mas uma vida virtuosa o faz agradável a Deus.

É preferível experimentar a compunção a saber defini-la.

Ainda que soubesses de cor toda a Bíblia e as máximas de todos os filósofos, de que te serviria tudo isso sem a caridade e a graça de Deus?

4. Vaidade das vaidades, é tudo vaidade; exceto amar a Deus e só a ele servir.

A suprema sabedoria consiste em procurar o reino dos céus pelo desprezo do mundo.

Vaidade, pois, buscar riquezas perecedouras e nelas pôr sua confiança.

Vaidade também desejar honras e comprazer-se na elevação.

Vaidade seguir os apetites da carne e ambicionar o que mais tarde deve ser severamente punido.

Vaidade aspirar a longa vida, sem cuidar de que seja boa.

Vaidade atender somente à vida presente, sem prever as coisas futuras.

Vaidade amar o que tão depressa passa e não buscar, pressuroso, a felicidade que sempre dura. Lembra-te amiúde do provérbio: Os olhos não se fartam de ver, nem os ouvidos de ouvir.

Aplica-te, pois, em desviar de teu coração o amor às coisas visíveis e volta-te para às invisíveis; pois, os que seguem os atrativos da carne, mancham a consciência e perdem a graça de Deus.

REFLEXÕES

Não temos neste mundo senão um só interesse, o da nossa salvação, e ninguém pode salvar-se senão em Jesus Cristo e por Jesus Cristo; a fé em sua palavra, a obediência a seus mandamentos, a imitação de suas virtudes, eis a vida do verdadeiro cristão, não há outra; tudo o mais é vaidade. "Tenho visto, diz o Sábio, que ao homem nada fica de todos os trabalhos com que se consome debaixo do sol" (Ecl 1,3).

Riquezas, prazeres, honras, que é tudo isso quando se lança o corpo na sepultura, e a alma vai para a sua eternidade?

Pensa nisto seriamente desde hoje, porque amanhã talvez já seja tarde! Trabalha enquanto é dia, antes que chegue a noite eterna! Entesoura riquezas que não perecem nem os ladrões roubam.

Estéreis desejos não te salvarão: Deus só quer obras. Imita, pois, a Jesus, se queres fazer obras que agradem a Deus, e te mereçam viver eternamente com Jesus. No estudo de sua vida aprenderás de quão pouca valia são palavras e doutrinas bem ditas sem a prática de boas obras.

Dai-me, Deus meu, o santo propósito de imitar vosso divino Filho e meu Senhor Jesus Cristo; purificai minha intenção conforme o desejo que me dais, de maneira que todo eu, de dentro e de fora, a vós contemple, a vós ame, por vós suspire e em vós descanse.

CAPÍTULO II

Do humilde sentir de si mesmo

1. Todo homem, naturalmente, deseja o saber; de que vale, porém, a ciência sem o temor de Deus?

Melhor, sem dúvida, é o camponês humilde que serve a Deus, que o filósofo orgulhoso de si mesmo, considera o curso dos astros.

Quem se conhece bem, despreza-se e não se compraz em humanos louvores.

Soubesse eu tudo o que há no mundo, faltando-me a caridade, de que me valeria diante de Deus que me julgará pelas minhas obras?

2. Abstém-te do desejo desordenado de saber, pela muita distração e ilusão que dele advêm. Os doutos estimam ser tidos como sábios e que assim os considerem.

Muitas coisas há cujo conhecimento pouco ou nada aproveita à alma e mui insensato é quem a outras coisas se aplica, indiferente à própria salvação.

A abundância de palavras não sacia a alma; a boa vida lhe dá refrigério e uma consciência pura inspira grande confiança em Deus.

3. Quanto mais e melhor souberes, mais rigorosamente serás julgado, a não ser que tenhas vivido santamente.

Não te desvaneças, pois, de qualquer arte ou ciência; antes teme pelas luzes que adquiriste.

Se te parece que sabes muitas coisas e perfeitamente as compreendes, considera que muito mais é o que desconheces.

Não te presumas de alta sabedoria; antes, confessa tua ignorância (Rm 11,20).

Por que te preferes aos demais, quando há outros mais doutos e versados na lei?

Se queres alguma coisa saber e aprender utilmente, deseja ser ignorado e tido em nenhuma conta.

4. Não há melhor e mais útil ciência que o conhecimento e desprezo de si mesmo.

Ter-se por nada e julgar bem os outros, é grande sabedoria e perfeição.

Ainda mesmo que visses alguém publicamente pecar ou cometer faltas graves, nem por isso te deves ter por melhor; pois não sabes o tempo em que perseverarás no bem.

Fracos somos todos, mas a ninguém tenhas por mais fraco que tu.

REFLEXÕES

A soberba derribou o homem, só a humildade pode levantá-lo e restabelecê-lo em graça com Deus. Seu mérito não está no que ele faz. A ciência sem as obras não o justificará no tribunal supremo, antes agravará sua sentença.

Não deixa a ciência de ter suas vantagens, pois vem de Deus; mas esconde ela um grande laço e uma grande tentação: “A ciência incha”, diz São Paulo; ela alimenta a soberba, inspira uma secreta preferência de si

próprio, preferência criminosa e, ao mesmo tempo, louca, porque a mais vasta ciência não é mais que outro gênero de ignorância, e a verdadeira perfeição consiste unicamente nas disposições do coração.

Não esqueçamos nunca que somos nada e nada possuímos de próprio senão o pecado, que a justiça quer que nos abaixemos entre todas as criaturas, e que, no reino de Jesus Cristo, "os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros" (Mt 19,30).

Ó meu Deus, quantas vezes amigo de mim e esquecido de vós, me esvaeço com os fumos do mundo! Dai-me, Senhor, o verdadeiro espírito de humildade, a fim de que, sendo no mundo o último dos homens, possa entrar com os primeiros no reino de vosso divino Filho no céu. Amém.

CAPÍTULO III
Dos ensinamentos da verdade

1. Feliz quem pela verdade é instruído, não por figuras ou palavras que passam, mas tal qual é.

Os nossos juízos e sentidos, frequentemente, nos enganam e pouco alcançam.

De que aproveita a curiosidade de saber as coisas ocultas e obscuras, de cuja ignorância não seremos repreendidos no dia do juízo?

Grande loucura é que, desprezando as coisas úteis e necessárias, nos entreguemos, com excessivo cuidado, às curiosas e nocivas. Tendo olhos, não vemos.

2. Que se nos dá dos gêneros e das espécies?

Aquele a quem fala o Verbo eterno, de muitas opiniões se desembaraça.

Deste único Verbo procedem todas as coisas e todas o proclamam uno; é ele também o Princípio que nos fala.

Sem ele ninguém pode compreender ou retamente julgar.

Aquele que a Deus tudo atribui, e a ele tudo refere e nele tudo vê, pode ter o coração sossegado e permanecer tranquilo em Deus.

Ó Deus de verdade, fazei-me um convosco, em perpétua caridade.

Causa-me tédio, não poucas vezes, ler e ouvir muitas coisas; em vós está tudo quanto quero e desejo.

Calem-se todos os doutores, emudeçam em vossa presença as criaturas do mundo inteiro; falai-me vós, somente.

3. Quanto maior for o recolhimento e a simplicidade do coração, tanto mais elevadas coisas penetraremos sem esforço, pela luz da inteligência, que do alto se recebe.

O espírito puro, simples e constante não se dissipa na multiplicidade das obras; tudo faz para a glória de Deus, sem cuidar de, em coisa alguma, buscar seu próprio interesse.

Que mais te pode incomodar e embaraçar que os afetos desordenados de teu coração?

O homem bom e piedoso primeiro regula, interiormente, o que deve fazer no exterior.

E assim é que não se deixa arrastar pelos impulsos da inclinação viciosa, antes os sujeita ao arbítrio da reta razão.

Que mais rude combate que trabalhar por vencer-se a si mesmo?

Este deveria ser nosso empenho: vencer-nos a nós mesmos, tornando-nos dia a dia mais fortes, conseguindo progresso no bem.

4. Toda perfeição nesta vida traz consigo alguma imperfeição; assim toda especulação é acompanhada de alguma obscuridade.

O humilde conhecimento de si mesmo é mais curto caminho para Deus que as investigações profundas da ciência.

Não é condenável a ciência ou simples conhecimento de quaisquer coisas que, consideradas em si mesmas, são boas e ordenadas por Deus; mas é sempre preferível uma consciência reta e uma vida virtuosa.

Muitos, porém, procuram antes a ciência que o bem viver e, por isso mesmo, frequentemente erram e pequeno é o fruto que colhem do estudo.

5. Ah! Se empregássemos tanta diligência em extinguir vícios e implantar virtudes, como em alimentar disputas, não haveria tantos males e escândalos no povo, nem tanta relaxação nos conventos.

Certamente, quando chegar o dia do juízo, não se nos perguntará o que lemos, mas o que fizemos; nem quão bem falamos, mas se vivemos honestamente.

Dize-me: onde estão agora os doutores e mestres do mundo, teus conhecidos que, quando vivos, floresciam nos estudos?

Já outros ocupam seus lugares e não sei se porventura deles se lembram. Pareciam ser alguma coisa e agora não há quem deles fale.

6. Quão depressa passa a glória do mundo! Oxalá que a sua vida tivesse concordado com a doutrina! Então teriam lido e estudado com proveito.

Quantos, neste mundo, descuidados do serviço de Deus, se perdem por ciência vã?

Antes querem ser grandes que humildes, desfalecem no meio de suas cogitações.

Verdadeiramente grande é aquele que tem grande caridade.

Verdadeiramente grande é quem, fazendo-se pequeno, tem por nada as maiores honras.

Verdadeiramente prudente é quem, para ganhar a Cristo, julga vil tudo o que é da terra.

E verdadeiramente sábio é quem cumpre a vontade de Deus e despreza a própria.

REFLEXÕES

Há duas doutrinas, mas não há senão uma só verdade. Há duas doutrinas, uma de Deus, imutável, como ele: outra do homem, mutável como ele. A sabedoria incriada, o Verbo divino espalha a primeira nas almas preparadas para recebê-la; e a luz que lhes comunica é uma parte dele mesmo, de sua verdade substancial e sempre viva. A todos se oferece, mas com mais abundância se comunica ao humilde de coração; e como dele não venha, nem de seu entendimento dependa, ele a possui sem ser tentado de vã complacência possuí-Ia.

A doutrina do homem, pelo contrário, adula seu orgulho, porque ele é seu autor: "Esta ideia é minha; eu fui o primeiro que disse isto; nada se sabia a este respeito antes de mim". Espírito soberbo, eis aqui tua linguagem. Mas bem depressa contestarão a essa poderosa razão o que faz sua alegria; rirão de suas ideias falsas que ele tinha por verdadeiras, de suas descobertas imaginárias: no dia seguinte, já ninguém pensa em tal, e o tempo leva consigo até o nome do insensato que não viveu senão para ser imortal na terra.

Ó Jesus, dignai-vos inspirar em mim vossa verdade santa; preserve-me ela para sempre dos extravios de minha razão.

CAPITULO IV

Da prudência nas ações

1. Não se deve dar crédito a qualquer palavra ou impressão; antes, com prudência e ponderação, examinar cada coisa diante de Deus.

Que tristeza! Acredita-se e diz-se mais facilmente dos outros o mal que o bem; tão fracos somos! Isto, porém, não sucede aos homens consumados na piedade, pois não creem levianamente tudo o que se lhes diz, porque conhecem a fraqueza humana, propensa para o mal e fácil em palavras.

2. É grande sabedoria não ser precipitado nas ações, nem aferrado ao próprio parecer.

A esta sabedoria também pertence não crer em todas as palavras dos homens, nem encher os ouvidos alheios do que se ouve ou pensa.

Toma conselho com o sábio e consciencioso e procura ser instruído por outrem melhor que tu, que seguir tuas opiniões.

A vida virtuosa faz o homem sábio, segundo Deus, provado em muitas coisas.

Quanto mais humilde e submisso a Deus for alguém, tanto mais prudente será.

REFLEXÕES

Sendo Deus o último fim de nossas ações, como de nossos desejos, é necessário, quando agimos, que evitemos abandonar-nos aos movimentos precipitados da natureza, cuja inclinação é tudo referir a si. E, como ninguém se conhece a si mesmo, não pode desde logo ser seu próprio guia; pede a sabedoria que não empreendamos coisa alguma de importância sem tomar conselho em espírito de submissão e de humildade.

Esta justa desconfiança de si próprio previne as quedas e purifica o coração: "O conselho te guardará, diz o sábio, e te tirará do mau caminho" (Pr 2,11).

Se queres ser bom discípulo de Jesus Cristo, procura a conversação com os servos de Deus, busca seu conhecimento, e pratica com eles as coisas divinas.

CAPÍTULO V

Da leitura das Sagradas Escrituras

1. Nas Sagradas Escrituras deve procurar-se a verdade, não a eloquência.

Devem ser lidas com o mesmo espírito com que foram ditadas.

Busque-se antes a utilidade que a sutileza da linguagem.

Devemos ler, com igual boa vontade, tanto os livros simples e piedosos, como os sublimes e profundos.

Não te mova a autoridade de quem escreve, se é de pouca ou de muita erudição; seja o puro amor da verdade que te leve à leitura.

Não procures saber quem disse, mas o que foi dito.

2. Os homens passam, mas a verdade do Senhor permanece eternamente.

De vários modos ela nos fala de Deus, por diferentes pessoas.

Nossa curiosidade, muitas vezes, nos prejudica na leitura das Escrituras; porque pretendemos entender e discernir tudo, quando conviria, simplesmente, crer.

Se queres tirar proveito, lê com humildade, com fé e simplicidade e não aspires jamais a ter fama de letrado.

De boa vontade consulta e ouve calado as palavras dos santos; não te enfades com as sentenças dos mais velhos porque eles não as proferiram sem razão.

REFLEXÕES

O que a razão compreende? Quase nada; mas a fé abraça o infinito. O que crê está muito acima do que discorre, e a simplicidade do coração é preferível à ciência que alimenta a soberba.

O desejo de saber foi quem perdeu o primeiro homem: buscava a ciência, achou a morte.

Deus que nos fala na Escritura não quis satisfazer nossa vã curiosidade, mas alumiar-nos acerca de nossos deveres, exercer nossa fé, purificar e nutrir nossa alma com o amor dos verdadeiros bens, que estão encerrados nele.

A humildade de espírito é, pois, a disposição mais necessária para ler com fruto os livros santos; e já não é pouco compreender quanto eles são superiores à nossa razão fraca e limitada.

Aparecestes, Luz divina, aos que estavam como em trevas de pecados; aparecei também a meu espírito quando leio e medito vossa palavra na sagrada Escritura. Ó Luz divina que nunca escureceis, ó resplendor celeste que nunca tendes trevas, ó dia formoso que nunca anoiteceis, ó sol rutilante que não tendes ocaso, caminhai com vossa formosura e entrai nesta alma que está desejosa de vossa claridade; enchei-a de vosso clarão divino para que em vós entenda a verdade, por vós a pratique, e goze de vós que sois a eterna verdade.

CAPÍTULO VI

Das afeições desordenadas

1. Cada vez que o homem deseja alguma coisa desordenadamente, torna-se logo inquieto.

O orgulhoso e o avarento nunca experimentam repouso; o pobre e o humilde de espírito vivem em grande paz.

O homem que não é mortificado em si mesmo, será tentado e vencido em coisas pequenas e mesquinhas.

O fraco de espírito e ainda um tanto carnal, propenso para as coisas sensíveis, dificilmente poderá desapegar-se, de todo, dos afetos terrenos.

Daí a frequente tristeza, quando se priva deles, ou, facilmente se irrita se alguém o contraria.

2. Se, porém, alcança o que deseja, imediatamente sente o remorso da consciência, porque se deixou levar pela paixão, que de nada aproveita à paz que procurava.

É, pois, resistindo aos apetites desordenados e não os servindo que se alcança verdadeira paz de coração.

Não pode, portanto, gozar de paz o homem carnal, dado às coisas do mundo, mas somente o espiritual e fervoroso

REFLEXÕES

Pesado jugo oprime os filhos de Adão, continuamente fatigados pelos apetites da natureza corrupta. Se porventura sucumbem, logo a tristeza, a inquietação, o dissabor, o remorso... se apoderam de sua alma. “Soberbo ainda no abismo da ignomínia, inquieto e cansado de mim mesmo, diz Santo Agostinho, contando as desordens de sua juventude,

apartava-me para longe de vós, ó Deus meu, por caminhos semeados de estéreis dores" (Confissões, 2,12).

Mais custa ao homem ceder a suas inclinações do que vencê-las; e se o combate contra as paixões é renhido dele resulta paz inefável.

Neste combate chamemos o Senhor em nosso auxílio; não temamos o trabalho, cobremos ânimo, perseveremos firmes na fé e na esperança. Que é um dia, um ano, a vida toda em comparação do bem-aventurado repouso da vida eterna?

Quão tarde vos conheci, formosura tão antiga e tão nova, quão tarde vos conheci e amei! Vinde em meu auxílio, Deus meu, dai-vos pressa em socorrer-me; sois a minha fortaleza nos combates e o meu refúgio no dia da tribulação: "Ânimo, minha alma, tem valor e firmeza em tuas penas, e espera confiada o socorro do Senhor" (Sl 27,14).

CAPÍTULO VII

Como se deve fugir à vã esperança e presunção

1. Insensato é quem põe sua esperança nos homens ou nas criaturas.

Não te envergonhes de servir a alguém por amor de Jesus Cristo e de ser tido, neste mundo, como pobre.

Não ponhas em ti mesmo tua esperança, mas em Deus somente.

Não confies na tua ciência e na indústria de quem quer que seja; somente espera na graça de Deus que exalta os humildes e abate os presunçosos.

2. Não te glories da riqueza, se a tens, nem dos teus amigos, ainda que poderosos; mas em Deus que dá tudo e, sobretudo, deseja dar-se a si mesmo.

Não te envaideças do tamanho e da formosura do corpo, pois a mais leve enfermidade o deforma e corrompe.

Não te desvaneças da tua habilidade e do teu talento para que não desagrades a Deus, de quem procede tudo o que, naturalmente, tiveres de bom.

3. Não te julgues melhor que os outros, para que, aos olhos de Deus que conhece o que há no homem, não sejas tido por pior.

Não te comprazas de tuas obras, porque os juízos dos homens diferem muito dos juízos de Deus, a quem desagrada, muitas vezes, o que àqueles

contenta.

Se, em ti, algo de bom existe, considera que melhor têm os outros, para que te conserves na humildade.

Não há nenhum mal se te colocas abaixo de todos; muito, porém, se a um só te preferes.

O humilde desfruta de contínua paz; no coração do soberbo, porém, frequentemente reinam a inveja e o ódio.

REFLEXÕES

Considerando a fraqueza do homem, a fragilidade da vida, os sofrimentos que de toda a parte o cercam, as trevas de sua razão, as incertezas de sua vontade sempre propensa ao mal, é para admirar que um só movimento de soberba possa elevar-se numa criatura tão miserável; e todavia a soberba é o fundo mesmo de nossa natureza degradada!

"A soberba, diz Santo Agostinho, separa-nos da sabedoria, faz com que queiramos ser nós mesmos nosso bem, como Deus é seu próprio bem; a tanto chega a loucura do crime!" (O *livre-arbítrio*, III, 24).

Busca-se então o homem a si mesmo e admira-se em tudo que o distingue dos outros e o engrandece a seus próprios olhos, nas vantagens do corpo, do espírito, do nascimento, da riqueza, e até da graça, abusando assim ao mesmo tempo dos dons do Criador e dos benefícios do Redentor.

Oh! Quanto devemos temer em nós o menor assomo de vaidade e o louco desejo de nos preferirmos a um de nossos irmãos! Esqueçamos o fariseu do Evangelho, que desprezava o publicano e digamos com este: "Meu Deus, tende compaixão de mim que sou pecador" (Lc 17,13).

CAPÍTULO VIII

Como se deve evitar a excessiva familiaridade

1. Não abras teu coração a qualquer homem; mas trata de teus negócios com o sábio e temente a Deus.

Raramente estejas entre os jovens e estranhos.

Não lisonjeies aos ricos e, por própria vontade, não te apresentes aos poderosos.

Procura a companhia dos humildes e simples, dos homens piedosos e de bons costumes; fala com eles sobre coisas edificantes.

Não sejas familiar com mulher alguma; em geral, porém, recomenda a Deus todas as que são virtuosas.

Busca ser familiar com Deus somente e com os seus anjos e evita ser conhecido dos homens.

2. Devemos ter caridade para com todos, mas a familiaridade não convém.

Acontece, muitas vezes, que uma pessoa desconhecida se estima por sua fama, mas sua presença desagrada aos que a veem.

Algumas vezes pensamos agradar aos demais pela convivência e mais lhes desagradamos pelos defeitos que em nós vão descobrindo.

REFLEXÕES

Havemos de prestar-nos aos homens, e só nos darmos a Deus.

Se no mundo a familiaridade é coisa de menos preço, nas coisas de Deus o demasiado trato com a criatura divide a alma e a enfraquece.

Não foi ela criada para a terra, senão para viver em mais alta morada. "Nossa conversação é no Céu", diz São Paulo (FI 3,20).

Enquanto, porém, vivemos com os homens, o melhor é ter geral afabilidade para com todos e com nenhum particular familiaridade.

CAPÍTULO IX

Da obediência e submissão

1. Grande coisa é viver na obediência às ordens de um superior e não ser senhor de si.

Muito mais seguro é obedecer do que mandar.

Muitos obedecem mais por necessidade do que por amor; sofrem e, facilmente, murmuram. Esses não alcançarão a liberdade de espírito se não se submeterem, de todo o coração, por amor de Deus.

Para onde quer que te voltes, não encontrarás sossego senão na humilde sujeição à autoridade do superior.

A imaginação que mudando de lugar melhora, enganou a muitos.

2. É verdade que cada um gosta de seguir o seu próprio parecer e mais se inclina para os que lhe partilham a opinião.

Se, porém, estamos animados pelo espírito de Deus, faz-se necessário que, algumas vezes, renunciemos ao nosso parecer, por amor da paz.

Quem é tão sábio que possa conhecer perfeitamente todas as coisas?

Não confies, pois, muito em teus próprios conhecimentos; antes, de boa vontade, procura consultar aos de outrem.

Se o teu parecer é bom e, por amor de Deus, o deixares, para seguir o dos outros, mais te aproveitará.

3. Muitas vezes, ouvi dizer, que mais seguro é ouvir e tomar conselhos do que os dar.

Pode também acontecer que seja bom o parecer de qualquer; mas não querer ceder aos outros, quando a razão e as circunstâncias o mandam, é sinal de soberba e obstinação.

REFLEXÕES

Se o Filho de Deus se fez obediente até à morte e morte de Cruz, que homem há que recuse obedecer?

No mundo não há ordem nem vida senão pela obediência; ela é o laço dos homens entre si e seu autor, o fundamento da paz e o princípio da harmonia universal. A família, a cidade, a Igreja, não subsistem senão pela obediência; a mais alta perfeição das criaturas não é mais que perfeita obediência: ela só nos preserva do erro e do pecado.

Quando obedecemos a um homem revestido de autoridade, obedecemos a Deus; ele é o único monarca, e todo o poder legítimo é emanação de sua onipotência eterna e infinita. "Todo o poder vem de Deus", diz o Apóstolo, e está sujeito a uma regra divina, tanto na ordem temporal como na espiritual; de sorte que, obedecendo ao pontífice, ao príncipe, ao pai, a quem realmente é "Ministro de Deus para o bem", a Deus só obedecemos.

Feliz daquele que compreende esta celeste doutrina: livre da escravidão do erro e das paixões, dócil à voz de Deus e da consciência, goza "da verdadeira liberdade dos filhos de Deus" (Rm 8,21).

Deus e Senhor meu, contra cujos conselhos nada pode a humana malícia, dai-me o espírito de obediência e sujeição que tanto distingue vossos servos, pelo qual me assimilarei a vosso divino Filho que por minha salvação se fez obediente até à morte e assim terei parte nos merecimentos de seu sangue preciosíssimo.

CAPITULO X

Como devemos evitar as palavras inúteis

1. Evita, quanto possível, o bulício do mundo; porque, por mais reta seja a intenção, é sempre inconveniente tratar de coisas mundanas.

Bem depressa nos deixamos manchar e vencer pela vaidade.

Quisera eu, muitas vezes, ter calado e não me haver achado entre os homens.

Por que razão, porém, tanto nos apraz falar e confabular se, raramente, voltamos ao silêncio sem dano para a consciência?

Gostamos tanto dessas conversações porque pretendemos ser, mutuamente, consolados e desejamos desafogar o coração, fatigado de preocupações diversas. E, de boa vontade, falamos e cuidamos ora no que mais amamos e desejamos, ora no que mais nos contraria.

2. Mas, ai! muitas vezes, em vão e sem fruto, pois que essa consolação exterior é muito prejudicial à interior e divina!

Cumpre vigiar e orar para que não se passe o tempo na ociosidade.

Se é lícito e conveniente falar, seja de coisas edificantes.

Os maus costumes e a negligência no próprio aperfeiçoamento muito concorrem para a desenvoltura da língua.

A conversação sobre assuntos piedosos ajuda não pouco ao aproveitamento espiritual; mormente entre pessoas animadas do mesmo espírito e unidas a Deus pelo coração.

REFLEXÕES

Está escrito que no dia do juízo Deus nos há de pedir conta até de uma palavra ociosa. Não nos admiremos de tanto rigor: tudo é sério na vida humana, cujo menor momento pode ter tão formidáveis consequências.

Esse tempo que desperdiças em diversões inúteis, te foi dado para ganhares o céu. Compara o fim para que o recebeste com o uso que dele fizeste; e todavia, sabes porventura se te será concedida uma hora a mais?

Calar e sofrer é a mais geral virtude com que a vida se passa sem culpa entre nós, e sem esta virtude não é possível ter quietação na alma.

Dai-me, Senhor, esta santa virtude para que, imitando o silêncio de meu divino Mestre, aprenda a meditar em seus trabalhos e mereça por

este modo associar-me a seus sofrimentos e por eles alcançar a paz da vida eterna.

CAPÍTULO XI

Como devemos adquirir a paz e desejar o progresso na virtude

1. Desfrutaríamos de muita paz, se não nos ocupássemos de ações e palavras alheias que não nos dizem respeito.

Como pode, por muito tempo, viver em paz quem se intromete nos negócios alheios, quem anda em busca de relações exteriores e pouco ou raramente se recolhe em si mesmo?

Bem-aventurados os simples, porque gozarão de muita paz.

2. Por que muitos santos foram tão perfeitos e contemplativos?

É que eles procuraram mortificar-se inteiramente, em todos os desejos terrenos, obtendo, com isso, unir-se intimamente com Deus e poder, livremente, ocupar-se de si mesmos.

Nós, porém, nos deixamos dominar por nossas paixões e tornamo-nos inquietos por coisas transitórias.

Raro triunfamos, perfeitamente, de um vício; não nos inflamamos no desejo de progredir cada dia; daí ficarmos sempre frouxos e tíbios.

3. Se estivéssemos inteiramente mortos a nós mesmos e, interiormente, desembaraçados, poderíamos apreciar as coisas divinas, experimentando algo das doçuras da contemplação celeste.

O que, principalmente, nos impede é não estarmos livres das paixões e concupiscências, nem nos esforçarmos por entrar no caminho perfeito dos santos.

Quando nos sobrevém pequena contrariedade, ficamos logo abatidos e procuramos as consolações humanas.

4. Se nos esforçássemos, como homens fortes, por ficar firmes no combate, certamente veríamos descer do céu sobre nós o auxílio do Senhor.

Deus está sempre pronto a socorrer aos que combatem e esperam em sua graça, proporcionando-lhes ocasiões de lutas, para que possam alcançar a vitória.

Se fazemos consistir nosso progresso espiritual somente em práticas exteriores, muito depressa acabará nosso fervor.

Ponhamos, pois, o machado à raiz das nossas paixões para que, livres delas, obtenhamos a paz de espírito.

5. Se a cada ano extirpássemos um só vício, em breve seríamos perfeitos.

Ao contrário, porém, muitas vezes reconhecemos que éramos melhores e mais puros no começo da nossa conversão do que depois de muitos anos de profissão.

Diariamente deveria aumentar nosso aproveitamento e fervor; mas agora parece grande coisa alguém conservar parte do primitivo zelo.

Se, no princípio, houvéssemos feito algum pequeno esforço, depois tudo conseguiríamos com facilidade e alegria.

6. Custa deixar os hábitos; muito mais difícil, porém, é contrariar a própria vontade.

Mas, se não vences pequenos e leves obstáculos, como triunfarás dos maiores?

Resiste no princípio à tua inclinação, rompe com os teus maus hábitos para que, pouco a pouco, não te metam em maiores dificuldades.

Oh! Se bem considerasses de quanta paz gozarias e quanto prazer darias aos outros levando vida regulada, estou certo, serias mais solícito de teu adiantamento espiritual.

REFLEXÕES

"Deixo-vos a minha paz, dou-vos a minha paz, não como a dá o mundo" (Jo 14,27). Que amável brandura, que terno amor nestas palavras do Salvador, e ao mesmo tempo que profundo documento! Todos os homens desejam a paz, mas há duas pazes: a de Jesus Cristo e a do mundo. O mundo diz ao ambicioso: Perturba-te e te agita o desejo das grandezas? Sobe, eleva-te. Ao avarento diz: Devora-te a cobiça das riquezas? Ajunta, entesoura sem nunca parar. Ao licencioso, atormentá-lo de seus apetites, repete-lhe a cada instante: Embriaga-te de tuas delícias, desafoga tuas paixões, goza dos mundanos prazeres, e terás a paz. Enganadora promessa! Cuidados, inquietações, desgostos, enfado, aborrecimento, tristeza, cruéis pesares, devorantes remorsos, eis a paz do mundo!

Jesus Cristo diz: Vence-te a ti mesmo, combate teus desejos, resiste às tuas inclinações, refreia tua concupiscência, quebranta tuas paixões; e a

alma, dócil a seus preceitos, goza de inefável descanso. Os trabalhos da vida, os sofrimentos, as injustiças, as perseguições, nada pode alterar a sua paz, e esta paz celestial, que excede todo sentimento, a acompanha em seu trânsito, e a segue até ao céu onde se consumará sua bem-aventurança.

Dai-me, ó Deus pacífico, a perfeita paz do coração, o desprezo de mim mesmo, o vosso puro amor, o desejo constante de só a vós contentar, por vós sofrer, e por vós merecer a paz e o descanso eterno.

CAPÍTULO XII

Do proveito das adversidades

1. É vantagem que passemos, de quando em quando, por algumas aflições e contrariedades; porque sempre fazem que o homem entre em si mesmo e reconheça que vive no exílio e não deve depositar sua esperança em coisa alguma deste mundo.

Convém que suportemos, às vezes, adversidades e que nos julguem mal e desfavoravelmente, ainda que nossas ações e intenções sejam boas.

Ordinariamente isso nos leva à humildade e nos preserva da vanglória.

Quando, exteriormente, somos desprezados e mal julgados pelos homens, melhor buscamos a Deus que vê o nosso íntimo.

2. Por isso deveríamos nos firmar totalmente em Deus, de sorte que não necessitássemos procurar consolações humanas.

Quando o homem interior está tentado, atribulado ou molestado por maus pensamentos, conhece melhor quanto de Deus precisa e compreende que, sem ele, nada de bom pode fazer. Então se entristece, geme e ora por causa das misérias que padece.

Assim é que lhe causa tédio o viver por mais tempo e suspira que a morte venha, a fim de que, livre das prisões do corpo, possa unir-se a Cristo.

Conhece também que não pode haver, neste mundo, segurança perfeita nem paz completa.

REFLEXÕES

Na adversidade é que cada um de nós começa a conhecer o que na verdade é. “Que sabe aquele que nunca foi provado?” (Eclo 34,9).

O homem na prosperidade a quem tudo corre à medida de seus desejos, anda exposto a grandes perigos; muito é para recear que sua alma adormeça em pesado sono e que, ao acordar ouça aquela palavra que nunca deveria ter esquecido: "Lembra-te que recebeste os bens na terra" (Lc 16,25).

Enquanto somos viageiros, devemos olhar os trabalhos como graça de predileção; eles nos exercitam na virtude, procuram-nos novas ocasiões de merecimento, e fazem-nos conformes ao divino modelo, de quem está escrito: "Convinha que o Cristo sofresse, e que assim entrasse na sua glória" (At 17,3).

Tudo com Deus se muda em contentamento que nem olho viu, nem ouvido ouviu, mas só o amor o experimentou. Dai-me, Senhor, a graça de viver do contentamento dos justos no meio de seus trabalhos e tribulações, para depois gozar com eles da glória do Paraíso.

CAPÍTULO XIII

Da resistência às tentações

1. Enquanto vivemos neste mundo não podemos estar sem tentações e trabalhos.

Daí estar escrito no livro de Jó: "É combate a vida do homem sobre a terra" (Jó 7,1).

Cada qual, pois, seja solícito em acautelar-se contra as tentações pela vigilância e pela oração, para que não nos surpreenda o demônio "que nunca dorme e busca de todos os lados a quem possa devorar" (1Pd 5,8).

Ninguém há tão perfeito e santo que não tenha, às vezes, tentações; não podemos viver totalmente isentos delas.

2. Ainda que rudes e penosas, as tentações são utilíssimas quase sempre, porque nelas é que o homem se prova, purifica e instrui.

Todos os santos passaram por muitos trabalhos e tentações e grande proveito colheram; os que, porém, não as puderam suportar, foram reprovados e pereceram.

Não há comunidade tão santa e lugar tão retirado em que não haja tentações e adversidades.

3. Nenhum homem, enquanto viver, está livre das tentações; porque, em nós mesmos, está a fonte de onde promanam: a concupiscência com

que nascemos.

Acabada uma tribulação ou tentação, logo vem outra e sempre teremos alguma coisa que sofrer; porque perdemos o dom da primitiva felicidade.

Procuram muitos fugir às tentações e nelas mais violentamente caem.

Não as poderemos vencer somente com a fuga; mas com paciência e verdadeira humildade nos tornamos mais fortes que os nossos inimigos.

4. Pouco aproveitará quem apenas as desvia, exteriormente, sem lhes arrancar as raízes; ao contrário, mais depressa voltarão e sentir-se-á pior que antes.

Pouco a pouco, ajudado por Deus, as vencerás, com paciência e longanimidade, que com importuna violência e próprio esforço.

Toma, amiúde, conselho na tentação e não trates com dureza ao que está tentado, antes, procura dar-lhe conforto, como desejarias que fizessem contigo.

5. A inconstância de espírito e a pouca confiança em Deus são o princípio de tentações perigosas. Assim como as ondas jogam, de uma a outra parte, a nau sem governo, também as tentações agitam o homem remisso e pouco firme nos seus propósitos.

O fogo prova o ferro e o justo a tentação.

Ignoramos, muitas vezes, o que podemos e as tentações mostram o que somos.

Devemos, porém, vigiar, máxime no princípio da tentação; mais fácil é vencer o inimigo quando, não lhe consentindo entrar em nossa alma, lhe fazemos frente logo que bate ao limiar.

Daí veio alguém a dizer: Resiste no começo, que tarde vem o remédio, quando cresceu o mal com a longa demora.

Com efeito, primeiro, se oferece à alma simples pensamento, mais tarde persistente imaginação, depois o deleite, seguindo-se os afetos desordenados e, finalmente, o consentimento.

E quanto mais negligente for alguém na resistência, tanto mais fraco se tornará cada dia e mais forte o seu adversário.

E assim, pouco a pouco, de todo nos invade o inimigo quando, desde o início, não se lhe resiste.

6. Uns são mais rudemente tentados no começo da conversão, outros no fim, muitos quase por toda a vida; alguns apenas o são levemente, segundo a sabedoria e a equidade da providência divina, que pondera o

estado e o mérito dos homens e tudo ordena para a salvação de seus escolhidos.

7. Por isso, quando tentados, não desesperemos, antes com maior fervor, peçamos a Deus que, em nossas tribulações, se digne nos ajudar e, segundo diz São Paulo, ele fará que tiremos da tentação tal força que a possamos vencer (1Cor 10,13).

Humilhemos, pois, as nossas almas, debaixo da mão de Deus, em qualquer tribulação ou provação, porque ele salvará e engrandecerá os humildes de espírito.

8. Nas tentações e provações vê-se quanto o homem aproveitou; nelas se colhe maior mérito e se patenteia melhor a virtude.

Não é grande coisa um homem ser devoto e fervoroso, quando nada o molesta; mas, se no tempo da adversidade sofre com paciência, dá grande esperança de aproveitamento.

Alguns vencem as grandes tentações e são, muitas vezes, vencidos pelas pequenas e quotidianas; a fim de que, humilhados, não presumam de si mesmos grandes coisas, pois são fracos nas pequenas.

REFLEXÕES

Nenhum homem está isento de tentações. Permite-as Deus para que nos provem, nos purifiquem, nos instruam e nos humilhem.

Não é só pela fuga ou por uma resistência violenta que venceremos, senão também por uma paciência sossegada, por inteira confiança em Deus.

Vigiemos contudo segundo o preceito do divino Mestre: "Vigiai e orai para não cairdes em tentação".

Vence-se facilmente a tentação quando nasce, mas se a deixarmos crescer e fortificar, não teremos bastantes forças para resistir-lhe, e sucumbindo, seremos punidos de nossa negligência ou de nossa presunção.

Assim sucumbiu São Pedro, porque teve demasiada confiança em si mesmo, e se expôs ao perigo sem se fortificar com vigília e oração.

Se, como Pedro, fomos descuidados ou presunçosos, sejamos como ele contritos e arrependidos. Reconheçamos nossa fraqueza e pouco préstimo, e humilhemo-nos cada vez mais. A humildade será o

fundamento de nossa segurança, de nosso aproveitamento, de nossa paz e de toda a perfeição.

Bem sei, Senhor, que aos que vos amam e temem tudo se Ihes converte em bem; não vos peço, Deus meu, ser isento de tentações, mas luz para conhecê-las, fortaleza para resistir-lhes, humildade para não confiar em mim, conforto para não desfalecer e vitória no combate; permiti, Senhor, sejam frustradas todas as ciladas do inimigo, e dele vencedor possa colher os saudáveis frutos da santa humildade, que são a paz interior neste mundo e a glória na pátria dos bem-aventurados.

CAPÍTULO XlV

Como se deve evitar o juízo temerário

1. Volve o olhar sobre ti mesmo e evita julgar as ações alheias.

Quem aos demais julga, perde o trabalho, quase sempre se engana e facilmente peca; ao passo que, em julgar e examinar a si mesmo, trabalha sempre com fruto.

Ordinariamente julgamos as coisas segundo as inclinações do nosso coração; o amor próprio, com facilidade, nos faz perder a retidão do juízo.

Se Deus fosse sempre o único objeto dos nossos desejos, tão depressa não nos confundiria a oposição ao nosso parecer.

2. Muitas vezes, porém, há dentro ou fora de nós alguma coisa que igualmente nos arrasta após si.

Muitos se buscam a si mesmos nas obras que fazem e não o percebem.

Parece que gozam de paz estável quando tudo lhes corre à medida dos seus desejos; mas ficam tristes e inquietos, se de outra sorte acontece.

Da diversidade de pareceres e opiniões, muito frequentemente, surgem discórdias entre amigos e concidadãos, entre religiosos e pessoas piedosas.

3. Dificilmente se deixa um hábito arraigado e ninguém de boa vontade renuncia ao seu modo de ver.

Se mais confias em tua razão e em teu engenho que na virtude e submissão a Jesus Cristo, raramente e tarde serás esclarecido; pois quer Deus que lhe sejamos inteiramente submissos e que abrasados por seu amor, nos elevemos acima de toda a razão humana.

~

REFLEXOES

Há em nós secreta malícia que se compraz em descobrir as imperfeições de nossos irmãos, e eis aqui porque somos tão propensos a julgá-los, esquecendo que a Deus só pertence julgar os corações.

Em lugar de pesquisar tão curiosamente a consciência alheia, metamos a mão na nossa, ali acharemos bastantes motivos para sermos indulgentes com o próximo e não menos inquietações a nosso respeito.

Quem não é superior ou prelado nenhum cargo tem de vigiar seu semelhante; cada um só de si responde: "Não julgues, portanto, para que não sejas julgado" (Mt 7,2).

Não cuida o malicioso que se fazem as coisas com santa intenção e julga o bem que vê pelo mal que se lhe antolha.

Livrai-me, Deus meu, desta propensão maligna; refreai minha língua para que nunca fale contra meu próximo, moderai meus pensamentos para que em tudo sejam conformes à lei santa de vosso amor e dilatai meu coração com os ardores da caridade para que sempre siga o vosso divino Filho que, na agonia do Calvário, vos pediu perdão para os que o crucificavam.

CAPÍTULO XV

Das obras que procedem da caridade

1. Por nenhuma coisa do mundo, nem por nenhuma consideração humana, se deve praticar o mal. Mas, pelo bem de algum necessitado se pode interromper uma boa obra ou trocá-la por outra melhor; e, desta sorte, não se perde o bem, antes se converte em melhor.

Sem caridade, nada vale a obra exterior; tudo, porém, que dela procede, por insignificante e desprezível seja, torna-se proveitoso; porque Deus não olha tanto para as ações, mas para a intenção com que as fazemos.

2. Muito faz quem muito ama. Faz muito quem faz bem tudo o que faz.

Bem faz quem serve antes ao bem comum que à própria vontade.

Parece caridade, muitas vezes, o que é apenas obra da carne; porque, raramente, se afastam de nós a inclinação natural, a própria vontade e a esperança da retribuição e o amor da comodidade.

3. Quem tem perfeita e verdadeira caridade em nada se busca a si mesmo; mas deseja somente que tudo se faça para a glória de Deus.

De ninguém tem inveja, porque não deseja proveito algum pessoal, nem busca sua felicidade em si, mas procura sobre todas as coisas ter alegria e felicidade em Deus.

Não atribui nenhum bem à criatura, mas tudo refere a Deus, de quem, como de fonte, tudo promana e no qual, finalmente, todos os santos encontram a sua felicidade.

Oh! Quem tivera uma centelha de verdadeira caridade, compreenderia perfeitamente a vaidade de todas as coisas terrenas.

REFLEXÕES

Quase todas as ações dos homens nascem de princípio viciado, daquela tríplice concupiscência de que fala São João (1Jo 2,16), e contra a qual a vida cristã está em contínuo combate. O demasiado amor próprio, tão difícil de vencer inteiramente, corrompe de ordinário as mesmas obras que mais puras parecem.

Quantos trabalhos, quantas esmolas, quantas penitências, em que os homens põem grande confiança, serão talvez estéreis para o céu! Deus não se dá senão aos que o amam; ele é o prêmio da caridade, do amor inefável, sem limites e sem medida, o qual, enquanto tudo o mais passa, permanece eternamente, diz São Paulo (1Cor 13,8).

"Ó amor divino, que só fazeis os Santos, Amor que sois Deus", penetrai, possuí, transformai em vós todas as potências de minha alma, sede minha vida, minha única vida, agora e sempre nos séculos dos séculos. Assim seja (1Jo 4,16).

CAPÍTULO XVI

Como aturar os defeitos alheios

1. O que o homem não pode emendar em si mesmo ou nos outros, deve suportar com paciência até que Deus disponha de outro modo.

Considera que assim convém para provar tua paciência, sem a qual os nossos méritos não merecem grande estima.

Deves, porém, suplicar a Deus que te ajude, para que, de boa vontade, possas vencer estes obstáculos.

2. Se alguém, uma ou duas vezes admoestado, não se emenda, não combata com ele; mas entrega tudo a Deus, para que a sua vontade seja

feita e ele, que sabe converter o mal em bem, seja glorificado em todos os seus servos. Procura sofrer, com paciência, os defeitos e quaisquer imperfeições alheias; pois que tu tens muito que faz sofrer os outros.

Se não podes a ti mesmo fazer-te tal qual desejas, como pretendes sujeitar os outros a teu desejo?

Facilmente queremos que os outros sejam perfeitos e, nem por isso nos emendamos de nossas faltas.

3. Queremos que os demais sejam castigados com rigor e, quanto a nós, não queremos ser repreendidos.

Descontenta-nos a liberdade alheia e não queremos que se nos recuse o que pedimos.

Agrada-nos que os outros estejam sujeitos aos estatutos e não toleramos que alguma coisa nos seja negada.

Donde se vê quão raras vezes tratamos o próximo como a nós mesmos.

Se todos fossem perfeitos, que teríamos de sofrer por amor de Deus?

4. Assim, porém, Deus o permitiu, para que aprendamos a carregar os fardos uns dos outros, porque ninguém há sem defeito, ninguém sem carga; ninguém com critério e força bastante para guiar a si mesmo; cumpre, pois, que uns aos outros mutuamente nos suportemos, consolemos, ajudemos, instruamos e aconselhemos.

Na hora da adversidade é que melhor se manifesta a virtude de cada um.

Na verdade não são as ocasiões que fazem o homem fraco, revelam apenas o que ele é.

REFLEXÕES

Não podes sofrer, dizes tu, tais e tais defeitos; poderoso motivo é este de te humilhares! Porque Deus, que é a mesma perfeição, os sofre, e muito maiores ainda. O que te faz melindroso não é o zelo do próximo, mas amor próprio, difícil, irritável, suspeitoso.

Volta os olhos para ti mesmo, e vê se teus irmãos não têm nada que sofrer de ti! A verdadeira piedade é branda e sofredora, porque ela nos faz ver o que somos.

O que se sente fraco e sua fraqueza deplora, não se ofende facilmente das fraquezas dos outros; muito bem sabe que todos nós temos necessidade de conforto, de indulgência e de misericórdia; desculpa,

compadece-se, perdoa e conserva assim a paz interior e dá mostras exteriores de verdadeira caridade.

CAPÍTULO XVII

Da vida religiosa

1. Importa que aprendas a vencer-te em muitas coisas, se desejas ter paz e concórdia com os outros.

Não é pouco habitar em mosteiro ou comunidade, ali viver sem queixas e perseverar, com fidelidade, até a morte.

Feliz quem ali vive bem e acaba sua existência em paz.

Se queres permanecer firme e fazer progresso na perfeição, considera-te como desterrado e peregrino na terra.

É mister que te faças louco, por amor de Cristo, se queres seguir a vida religiosa.

2. O hábito e o cilicio pouco importam; a mudança dos costumes e a inteira mortificação das paixões é que fazem o verdadeiro religioso.

Quem procura outra coisa fora de Deus e da salvação de sua alma, achará somente dor e tribulação.

Não pode viver tranquilo, por muito tempo, quem não se esforça por ser o menor, e mais submisso de todos.

3. Vieste para servir e não para mandar; lembra-te que foste chamado para sofrer e trabalhar e não para descansar e divertir-te.

Aqui, pois, se provam os homens, como o ouro no cadinho.

Aqui ninguém pode perseverar se não quiser, de todo o coração, humilhar-se por amor de Deus.

REFLEXÕES

O que é um bom religioso? É verdadeiro cristão ocupado sempre em fazer-se perfeito, tomando como dever rigoroso o que o Evangelho só indica como conselho. A vida monástica não é pois outra coisa mais do que uma vida, por assim dizer, mais cristã; e a abnegação de si mesmo é o compêndio de todos os deveres que ela impõe. Ora, estes deveres são também os nossos, não a alguns, mas a todos, disse Jesus Cristo: "Sede perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito" (Mt 5,48).

Para preencher esta grande vocação, renunciemos a nós mesmos, unamo-nos plenamente ao sacrifício de nosso divino Modelo; amemos sobretudo a sujeição, a dependência, as humilhações. A salvação é um edifício que se levanta sobre as ruínas da soberba.

Deus e Senhor meu, ainda que não siga rigorosamente a vida religiosa, dai-me luzes para compreender quanto mais importa curta vida bem ocupada que a longa, ociosa: quão pouco tempo basta para grandes virtudes e valiosos merecimentos, quando sabemos empregar o tempo em vosso serviço, dai-me, Senhor, o espírito de humildade, fundamento único das virtudes todas.

CAPÍTULO XVIII

Dos exemplos dos Santos Padres

1. Contempla os heróicos exemplos dos Santos Padres, nos quais brilhou a verdadeira perfeição religiosa e reconhecerás quão pouco seja, quase nada, o que fazemos.

Ah! Que é a nossa vida em comparação com a deles?

Os santos e amigos de Cristo serviram ao Senhor em fome e sede, em frio e nudez, em trabalhos e angústias, em vigílias e jejuns, em orações e santas meditações, em perseguições e opróbrios sem conta.

2. Ah! Quantas e quão graves tribulações sofreram os apóstolos, os mártires, os confessores, as virgens e todos que quiseram seguir as pisadas de Cristo!

Odiaram suas almas neste mundo, para possuí-las na vida eterna (Jo 12,25).

Oh! Que vida tão abnegada e austera levaram os Santos Padres, no deserto!

Que dilatadas e graves tentações sofreram; como foram, frequentemente, atormentados pelo inimigo; quão contínuas e fervorosas orações ofereceram a Deus; que rigorosas abstinências praticaram; que grande zelo e ardor tiveram em seu aproveitamento espiritual; que dura guerra sustentaram contra os próprios vícios; com que intenção reta e pura se deram a Deus!

Trabalhavam durante o dia e passavam as noites em prolongadas orações; no trabalho jamais interrompiam a oração mental!

3. Empregavam, utilmente, todo o seu tempo; parecia-lhes curta qualquer hora no serviço de Deus e, no êxtase da contemplação, esqueciam-se da necessária alimentação corporal.

Renunciavam a todas as riquezas, honras, dignidades, amigos e parentes; nada queriam do mundo; apenas tomavam o necessário à vida e sentiam grande pesar forçados às exigências do corpo.

Eram, pois, pobres dos bens da terra; muito ricos, porém, de graças e de virtudes.

Exteriormente tudo lhes faltava; mas, no íntimo, estavam cheios de graças e consolações divinas.

4. Estranhos para o mundo, eram amigos íntimos e familiares de Deus.

A si mesmos tinham em nenhuma conta e o mundo os desprezava; mas eram preciosos e queridos aos olhos de Deus.

Conservavam-se em verdadeira humildade, viviam em simples obediência, andavam em caridade e paciência; e, por isso, progrediam, diariamente, na vida espiritual, alcançando grande merecimento diante de Deus.

São modelos para todos os religiosos e mais nos devem eles estimular ao progresso espiritual que a multidão dos tíbios ao relaxamento.

5. Ah! Como foi grande o fervor de todos os religiosos no começo de seu santo Instituto!

Quanta piedade na oração, quanto zelo na virtude, que rigor na disciplina, que respeito e obediência em todos sob as ordens de um superior!

Os exemplos por eles deixados dão ainda testemunho de que eram, verdadeiramente, santos os que, em tão renhidos combates, venceram o mundo.

Hoje, se considera grande quem não é transgressor das regras; quem, pacientemente, sofre o jugo que a si mesmo impôs.

6. Oh! Tibieza e desleixo do nosso estado!

Como tão depressa decaímos do primitivo fervor e já nos causa tédio o viver, por causa do desânimo e da frouxidão!

Oxalá em ti não desfaleça de todo o desejo de progredir na perfeição, já que viste tão grandes exemplos de homens fervorosos!

REFLEXÕES

À vista dos admiráveis exemplos que nos deixaram tantos fervorosos discípulos de Jesus Cristo, envergonhemo-nos de nossa negligência e tomemos ânimo para seguir resolutamente suas pisadas. Repitamos amiúde as palavras de Santo Agostinho: "O quê? Não poderei eu o que tantos outros puderam?!" E acrescentemos como o Apóstolo: "Eu por mim nada posso, mas posso tudo no que me fortifica" (FI 4,13).

Toda a nossa força consiste em sentir nossa fraqueza e em conhecer-lhe o remédio, que é a graça do divino Mediador.

Dai-nos, Senhor, a graça especial de amar vossos divinos conselhos, dai-nos fortaleza para os guardar como mandamentos vossos, e fazei não tenhamos maior ditado que sermos sempre fiéis e zelosos em imitar os exemplos dos que, em vosso nome, nos ensinam o caminho da santidade.

CAPÍTULO XIX

Dos exercícios do bom religioso

1. A vida do bom religioso deve ser adornada de todas as virtudes, a fim de que seja, interiormente, tal qual parece aos homens no exterior.

E, na verdade, melhor deve ser o interior do que o exterior que se vê; pois, onde quer que estejamos, nos olha Deus, a quem devemos suma reverência e, em cuja presença, é mister que andemos puros como os anjos.

Devemos, cada dia, renovar nosso bom propósito e exercitar-nos ao fervor, como se fora o primeiro dia da nossa conversão e dizer: "Ajudai-me, Senhor e Deus meu, no meu bom propósito e no vosso santo serviço; concedei-me começar hoje deveras, porque nada é o que até aqui tenho feito".

2. Consoante o nosso propósito será o nosso progresso; de muita diligência precisa quem deseja sério aproveitamento.

Se aquele que toma resolução enérgica, facilmente desfalece, que será de quem a toma raramente ou propõe com menos firmeza?

De vários modos faltamos ao nosso propósito e, dificilmente, passa sem dano algum a mais leve omissão em nossos exercícios de piedade.

O propósito dos justos depende mais da graça de Deus que da própria sabedoria; nele confiam sempre em tudo que empreendem.

“Porque o homem propõe e Deus dispõe e não está na mão do homem o seu caminho” (Jr 10,23).

3. Quando, por piedade ou proveito do próximo, se omite algum dos costumados exercícios, facilmente depois, se pode recomeçar.

Mas se se deixa, com facilidade, por tibieza ou negligência, grande é a culpa e sentir-se-á o prejuízo. Esforcemo-nos, quanto possível, e mesmo assim cairemos em muitas faltas.

Contudo, sempre se deve propor alguma coisa determinada, principalmente contra o que mais nos embaraça.

Tanto o nosso exterior, quanto o interior, deve ser, igualmente, examinado e regulado, porque ambos concorrem para o nosso aperfeiçoamento.

4. Se não podes viver continuamente recolhido, recolhe-te de quando em quando, pelo menos duas vezes ao dia, pela manhã e à noite.

De manhã toma resoluções e à noite examina os teus atos; como foram, durante o dia, as palavras, as ações e os pensamentos; porque, talvez, hajas ofendido, muitas vezes, a Deus e ao próximo.

Arma-te, varonilmente, contra as ciladas do demônio; refreia a gula e, mais facilmente, reprimirás as tendências da carne.

Nunca estejas, de todo ocioso; lê, escreve, reza, medita, ou faze alguma coisa de utilidade para os outros.

Os exercícios corporais, porém, devem ser praticados com discernimento, porque nem a todos convêm igualmente.

5. Os exercícios particulares não se devem fazer em público, porque é mais seguro praticá-los em segredo.

Guarda-te, contudo, de ser negligente para os exercícios da comunidade e pronto para os particulares; satisfeitas, porém, inteira e fielmente, as coisas de obrigação e preceito, se te sobrar tempo, emprega-o em particular, segundo a tua devoção.

Nem todos podem praticar o mesmo exercício; um convém a este, outro àquele.

Até da oportunidade do tempo dependem os exercícios; pois uns ficam melhor nos dias de festa, outros nos dias ordinários.

De uns necessitamos no período da tentação, de outros no de paz e repouso.

Numas coisas gostamos de meditar quando estamos tristes; noutras quando nos sentimos alegres e consolados no Senhor.

6. Na proximidade das principais festas devemos renovar os nossos exercícios de piedade, implorando com mais fervor, a intercessão dos santos.

De uma a outra solenidade preparemo-nos como se houvéssemos de sair deste mundo para a festa da eternidade.

Assim, pois, aparelhemo-nos com diligência, nesses tempos festivos, entregando-nos às práticas de piedade e mais rigorosamente guardando a observância, como quem deve, dentro em pouco, ir receber de Deus o prêmio de seus trabalhos.

7. E, se este momento se dilatar, acreditemos que não estamos ainda convenientemente preparados, nem somos dignos de tanta glória, que se nos há de revelar no tempo próprio; cuidemos de nos preparar melhor para a nossa passagem.

Bem-aventurado o servo, diz o evangelista São Lucas, a quem o Senhor, quando vier, encontrar vigilante. Em verdade vos digo que o constituirá sobre todos os seus bens (Lc 12,37).

REFLEXÕES

"A vida do homem sobre a terra é combate contínuo" (Jó 7,1) contra o demônio, contra o mundo e contra si mesmo. Uns retiram-se aos claustros para mais facilmente resistirem, outros ficam no meio do século: mas todos não podem vencer senão pelo exercício de contínua vigilância.

O hábito de recolher-se em si mesmo, o amor do retiro, atenção constante em seus pensamentos, palavras e sentimentos, a fidelidade aos mais leves deveres e às mais humildes práticas preservam das grandes tentações e chamam sobre nós as graças do Céu. "O que despreza as coisas pequenas, cairá pouco a pouco", diz o Espírito Santo (Eclo 19,1).

Senhor, tomai à vossa conta a fraqueza desta miserável criatura, trataime como quiserdes, pois se vós me guiardes evitarei até as faltas leves e fortalecido por vossa graça chegarei à perfeição de vossos fiéis servos.

CAPÍTULO XX

Do amor da solidão e do silêncio

1. Procura tempo oportuno para cuidar de ti e pensa, frequentemente, nos benefícios de Deus. Deixa as curiosidades. Escolhe assuntos tais que sirvam antes para te compungir que distrair. Se fugires de conversações supérfluas e de passeios ociosos, se não prestares atenção às novidades e aos boatos, acharás tempo suficiente e propício para te entregares a meditações proveitosas.

Os maiores santos evitavam, quanto podiam, a convivência dos homens, preferindo viver a sós com Deus.

2. Disse um sábio: "Sempre que estive entre os homens menos homem voltei". É o que experimentamos, amiúde, depois de prolongadas conversas.

Mais fácil é calar de tudo, que não se exceder em palavras.

Mais fácil encerrar-se em casa que, fora dela, portar-se como convém.

Quem, pois, pretender chegar à perfeição da vida interior e espiritual, deve, com Jesus, afastar-se da multidão.

Ninguém pode exibir-se sem perigo se, voluntariamente, não se oculta!

Não pode falar com acerto quem, voluntariamente não sabe calar.

Só está seguro no primeiro lugar, quem no último, espontaneamente, se coloca.

Manda com segurança somente o que aprendeu a obedecer perfeitamente.

3. Não pode haver perfeita alegria sem o testemunho de boa consciência.

A tranquilidade dos santos, porém, foi sempre cheia de temor de Deus; e ainda que sobressaíssem pelas graças e virtudes, não eram menos cuidadosos e humildes em si mesmos. Ao contrário, o sossego dos maus procede da soberba e da presunção e, finalmente, acaba em seu próprio engano.

Nunca te dês por seguro nesta vida, ainda que pareças bom religioso e devoto eremita.

4. Os melhores no conceito dos homens correm, muitas vezes, gravíssimos perigos, por excessiva confiança.

Por isso para muitos é melhor não estarem inteiramente livres de tentações; a fim de que não confiem demasiadamente em si mesmos e, nem tampouco busquem com ansiedade as consolações exteriores.

Oh! Como conservaria pura a sua consciência quem não procurasse as alegrias transitórias, nem cuidasse deste mundo!

Oh! Que paz e grande sossego alcançaria quem se libertasse dos vãos cuidados, ocupando-se unicamente das coisas salutares e divinas, depositando em Deus toda a sua esperança.

5. Só é digno da consolação celeste quem, diligentemente, se exercitou na santa compunção.

Se queres a compunção de coração, entra em teu aposento e afasta todo tumulto do mundo, conforme está escrito: "Compungi-vos em vosso cubículo".

Encontrarás na cela o que fora dela, frequentemente, perdes.

A cela, de contínuo habitada, torna-se agradável; se, porém, é mal guardada, causa tédio.

Se, desde o começo de tua conversão, a ela te acostumares e a guardares, ser-te-á, depois, dileta amiga e suave consolo.

6. No silêncio e quietação aperfeiçoa-se a alma devota e penetra os segredos das Escrituras.

Ali encontra a fonte das lágrimas em que se banha e purifica todas as noites, a fim de se fazer tanto mais familiar ao seu Criador, quanto mais viver afastada do tumulto do século.

Quem se aparta de conhecidos e amigos, desse se aproxima Deus com seus santos anjos.

Melhor é viver solitário e cuidar de si mesmo que fazer milagres desprezando este cuidado.

Merece louvor o religioso que sai raramente, foge de ver os homens e por eles ser visto.

7. Para que olhar o que não é lícito possuir? Passa o mundo com toda a sua concupiscência.

Os desejos dos sentidos arrastam-nos aos divertimentos; passada aquela hora, porém, que outra coisa resta senão o remorso da consciência e a dissipação do coração?

Sucede, muitas vezes, triste volta a uma saída alegre; e uma agradável vigília prepara uma manhã aflitiva.

Desta sorte insinua-se insensivelmente o prazer sensual, mas, por fim, fere e mata.

Que poderás ver em outra parte que aqui não vejas? Eis o céu e a terra e todos os elementos; deles foram formadas todas as coisas.

8. Em que paragem, debaixo do sol, encontrarás alguma coisa que sempre dure? Pensas talvez satisfazer-te plenamente; mas não o conseguirás.

Ainda que visses diante de ti todas as coisas, que seria isso senão visão fantástica?

Levanta os teus olhos para Deus nas alturas e pede-lhe perdão dos teus pecados e negligências. Deixa as coisas vãs; quanto a ti atende só aos preceitos de Deus.

Fecha a porta atrás de ti e chama ao teu amado Jesus.

Fica com ele em tua cela, porque, noutra parte, não encontrarás tanta paz.

Se não te houvesses ausentado nem prestado ouvidos aos rumores do mundo, permanecerias em boa paz; já que gostas, às vezes, de ouvir novidades, prepara-te para sofrer tribulações do coração.

REFLEXÕES

Que buscas no mundo? A felicidade? Verdadeira felicidade é coisa que não existe. Ouve este grito de dor, esta queixa lamentável que se levanta de todos os ângulos da terra, e se prolonga de século em século. Eis a voz do mundo.

Que mais buscas nele? Luzes, socorros, consolações para cumprir em paz tua peregrinação? O mundo está entregue ao espírito das trevas, a todas as concupiscências que ele inspira, a todos os crimes que ele provoca, a todos os males de que ele é o princípio; por isso exclamava o real Profeta: "Apartei-me, fugi (do mundo) e moro na solidão" (Sl 54,8).

Ali, no silêncio das criaturas, Deus fala ao coração, e sua voz é tão macia e suave e maravilhosa que a alma não quer mais ouvir senão a ele, até ao dia em que, rasgadas todas as cortinas, o veja e contemple face a face.

O cristianismo povoou o deserto das almas escolhidas, que, furtando-se ao mundo, e pisando aos pés seus prazeres, suas honras, seus tesouros, a carne e o sangue, nos oferecem na pureza de sua vida, imagem da vida dos anjos.

Não são, porém, todos os cristãos chamados a este sublime estado de perfeição; e sim no meio das ocupações da sociedade e do bulício do mundo, todos devem criar, no fundo do seu coração, solidão onde possam retirar-se para conversar com Jesus Cristo, e recolher-se em sua presença. Trazidos assim das ideias do tempo ao pensamento das coisas eternas, se desapegarão do que possuem e estarão no mundo como se nele não estivessem.

Feliz o estado em que se cumpre para o fiel o que diz o Apóstolo: "Nossa vida está escondida em Deus com Cristo" (Cl 3,3).

Por mais recolhido que estejais não vos vejo, pai, amigo, pastor, guia, companheiro, riqueza e bem-aventurança minha! Oh! quando vos verei, meu Deus, como sou de vós visto! Dai, Deus meu, o que quereis; dai, Salvador divino, o que minha alma precisa e achareis nela o que vosso amor deseja.

CAPÍTULO XXI

Da compunção do coração

1. Se queres progredir, conserva-te no temor de Deus e não procures excessiva liberdade; antes refreia, com firmeza, todos os teus sentidos e não te entregues à vã alegria.

A compunção descobre muitos bens que a dissipação costuma faz perder.

É de admirar que o homem possa alegrar-se, perfeitamente, nesta vida considerando o seu desterro aqui e ponderando os muitos perigos a que está exposta a sua alma.

2. Por leviandade do coração e negligência na correção dos defeitos, não percebemos os males de nossa alma e, muitas vezes, rimo-nos frivolamente, quando com mais razão, deveríamos chorar.

Verdadeira liberdade e pura alegria não há sem boa consciência e temor de Deus.

Ditoso quem pode lançar fora de si todo estorvo das distrações e recolher-se em santa compunção.

Feliz quem afasta de si tudo o que possa manchar ou agravar a consciência!

Peleja varonilmente: hábito com hábito se vence.

3. Se souberes deixar os homens, eles te deixarão fazer tuas boas obras.

Não te ocupes dos negócios dos outros, nem te intrometas nos litígios dos grandes.

Olha sempre primeiro para ti mesmo e admoesta antes a ti que aos teus melhores amigos.

Não te entristeça a falta dos favores dos homens, seja tua grande pena não te portares tão bem e com tanta circunspeção como convém a um servo de Deus e bom religioso.

Muitas vezes é útil e seguro para o homem não receber nesta vida muitas consolações, mormente sensíveis.

Todavia, se não logramos as divinas ou raramente as experimentamos, a culpa é nossa, porque não procuramos a compunção do coração, nem rejeitamos as consolações exteriores.

4. Reconhece-te indigno das consolações celestiais e merecedor de muitas tribulações.

Quando alguém está verdadeiramente contrito, logo se lhe torna amargo e fastidioso o mundo inteiro.

O homem bom acha sempre motivo bastante para se afligir e chorar; porque pensando em si ou no próximo, sabe que ninguém há isento de tribulações; e quanto mais exatamente se examina, tanto mais se enche de amarguras.

Matéria de justa dor e de profundo pesar existe em nossos pecados e vícios, pelos quais, de tal sorte nos deixamos prender que, raramente, podemos contemplar as coisas do céu.

5. Se mais frequentemente pensasses na morte, que em ter vida dilatada, não há dúvida de que com maior fervor te emendarias. Se de todo coração meditasses seriamente nas penas futuras do inferno ou do purgatório, creio que, de bom grado, sofrerias trabalhos e dores sem recear nenhuma austeridade.

Como, porém, estas coisas não penetram no coração e ainda muito amamos os regalos, permanecemos frios e muito tíbios.

6. É por fraqueza de espírito, que este miserável corpo tão facilmente se lastima. Pede humildemente ao Senhor que te conceda o espírito de compunção e dize com o Profeta: “Sustentai-me, Senhor, com o pão das lágrimas e dai-me, com abundância, a bebida do meu pranto” (SI 80,6).

REFLEXOES

A dor é a triste herança do homem; em dor se passa quase toda a sua vida. Sofrimentos do corpo, enfermidades da alma, pecados, fraquezas, consumições..., tal é a gravosa carga que sobre nós pesa desde o berço até a sepultura; e todavia, com trabalho, consegue o homem descobrir, no meio de suas misérias, não sei que insensatas alegrias de que avidamente se embriaga.

Fujamos destas loucas alegrias do mundo: fixemos nosso pensamento nos castigos que as devem seguir, em nossas faltas tão repetidas; peçamos a Deus, com entranhável compunção, o arrependimento amoroso, as venturosas lágrimas que Jesus Cristo abençoou com estas consoladoras palavras: "Muitos pecados te são perdoados porque me amaste muito" (Lc 7,47). Concedei-me, Deus de misericórdia, o dom das lágrimas para que chorar possa meus pecados; lágrimas de saudável temor com que deplore a minha desobediência a vossos mandamentos; lágrimas de puro amor com que manifeste o abrasado desejo que me enche o coração de me desprender de tudo que é terrestre e me unir um dia a vós em vossa santa morada. "Que me resta, pois, que apetecer no Céu? E que posso eu amar na terra senão a vós, Deus meu? - Minha carne e meu coração desfalecem: Ó Deus de minha alma, sede minha herança, por toda a eternidade!" (Sl 72,25).

CAPÍTULO XXII

Da consideração da miséria humana

1. Onde quer que estejas e para qualquer parte que te voltes, miserável serás, se não te convertes a Deus.

Por que te perturbas quando não te sucede tudo como queres e desejas? Quem é que tudo tem a seu gosto? Nem eu, nem tu, nem homem algum sobre a terra.

Ninguém há no mundo sem tribulação ou angústia, seja ele rei ou papa.

Quem é então que está melhor? Certamente quem sabe sofrer alguma coisa por amor de Deus.

2. Muitos tíbios ou fracos dizem: Que vida feliz leva aquele homem! Como é rico e grande!

Quão poderoso e de elevada posição!

Considera, porém, os bens celestes e verás que as coisas temporais são nada, muito incertas e incômodas, porque nunca vivem sem temores e cuidados os que as possuem.

A felicidade do homem não consiste na abundância dos bens temporais; basta-lhe a mediania. Verdadeira miséria é viver na terra.

Quanto mais espiritual um homem quiser ser, tanto mais amarga se lhe torna a presente vida, porque melhor conhece e mais claramente verá as fraquezas da natureza humana corrompida.

Comer, beber, velar, dormir, descansar, trabalhar e estar sujeito a muitas outras necessidades da natureza, é grande miséria e aflição para o homem fervoroso que, de boa vontade, desejaria estar isento e livre de todo pecado.

3. Neste mundo, sente-se muito oprimido o homem interior, com as necessidades corporais; por isso o Profeta suplica, devotamente, a Deus que o livre delas, dizendo: "Livrai-me, Senhor, das minhas necessidades" (Sl 24,17).

Ai, porém, dos que não conhecem a sua miséria e mais dignos de lástima ainda os que amam esta vida corruptível e miserável!

Alguns há que a ela tanto se apegam (posto que, com o trabalho ou a esmola, arranjem o mínimo necessário) que, se pudessem aqui viver sempre, não cogitariam o reino de Deus.

4. Oh! Insensatos e duros de coração que, tão profundamente, jazem apegados às coisas da terra, que não gostam senão do que é carnal! Infelizes! Eles, no fim da vida, conhecerão, à própria custa, quanto era vil e nada tudo o que amaram.

Os santos de Deus e os piedosos amigos de Cristo, porém, não atenderam ao que agradava à carne, nem ao que brilhava no tempo; toda a sua esperança e intenção se dirigiam para os bens eternos. Todos os seus desejos convergiam para o alto, para as coisas invisíveis e perenes, para que o amor do visível não os arrastasse às coisas inferiores.

Não percas, meu irmão, a esperança de tirar proveito na vida espiritual; ainda tens tempo e oportunidade.

5. Por que queres adiar o teu propósito? Levanta-te, começa desde já e dize: Agora é o tempo da ação, do combate e da emenda.

Quando sofres e te vês atribulado, então é tempo de merecer.

Convém que passes pelo fogo e pela água, antes que chegues ao lugar de refrigério (Sl 66,12).

Se não te fazes violência a ti mesmo, jamais vencerás as tuas paixões.

Enquanto estamos neste corpo frágil, não poderemos estar sem pecado nem viver sem tédios e sem dor.

Bem quiséramos descanso livre de toda miséria; porém, pelo pecado, perdemos a inocência e também a verdadeira felicidade.

Por isso devemos ter paciência e confiar na misericórdia divina, até que passe a iniquidade e esta vida mortal seja absorvida pela vida eterna.

6. Como é grande a fraqueza humana, sempre inclinada para o mal!

Confessas hoje os teus pecados e amanhã os cometes de novo.

Resolves agora acautelar-te e, uma hora depois, te portas como se nenhum propósito houvesses feito.

Com razão nos devemos humilhar e nunca nos ter em alta conta, visto que somos tão fracos e inconstantes.

Depressa pode perder-se, por negligência, o que, com o auxílio da graça, se alcançou com muito tempo e trabalho.

7. Que será de nós, no fim, se já somos tão tíbios?

Ai de nós, se queremos procurar repouso como se já estivéssemos em paz e tranquilidade, quando ainda não aparece em nossa vida sinal de verdadeira santidade!

Mui necessário nos fora que, como bons noviços, fôssemos, mais uma vez, instruídos nos bons costumes; talvez que assim houvesse esperança de futura emenda e de maior progresso espiritual.

REFLEXÕES

"O homem nascido da mulher vive poucos dias e é oprimido de muitas misérias". Esta é a sorte que nos fez o pecado. Ouvi os gemidos de toda a humanidade cuja figura era Jó: "Pereça o dia em que nasci, e a noite em que se disse: Um homem foi concebido! (Por que) não morri no seio de minha mãe ou não pereci quando vim ao mundo? (Por que) me teve ela em seus braços e me criou a seus peitos? Agora dormirei em silêncio, e descansarei em meu sono" (Jó 14,1;3,3,11-13).

Mas sobre esta grande miséria se levantava já a aurora de grandíssima esperança. "Sei que meu Redentor vive e que serei de novo revestido de

minha carne e nela verei a meu Deus, hei de vê-lo e meus olhos o contemplarão" (Jó 19,25-27).

Desde logo tudo muda: aquelas dores, antes sem consolação alguma, unidas às do Redentor, não são mais que uma expiação necessária, uma prova de justiça e de misericórdia, um gérmen de eternas alegrias.

Cristo nosso Redentor abriu, por sua morte, o céu ao homem lapso, que, por graça única, pedia à terra uma sepultura. E nós poderíamos queixar-nos dos sofrimentos a que Deus reserva tão grande prêmio! Murmuraríamos quando, pelas tribulações, digna-se Jesus Cristo associar-nos aos méritos de seu sacrifício.

Senhor, reconheço minha cegueira, minha ingratidão, e nada mais quero desejar neste mundo que ter parte em vossa paixão, a fim de ser um dia participante de vossa glória. Desta hora para sempre sede vós o senhor desta alma, o morador pacífico dela. Alumiai meus olhos, meu bom Jesus, para que sempre vejam a suavidade e brandura desse vosso coração, e preso de vossa formosura, tudo o mais não tenha em mim entrada.

CAPÍTULO XXIII

Da meditação da morte

1. Mui depressa chegará teu fim, neste mundo; vê, pois, como te preparas; hoje, o homem está vivo e amanhã já não existe.

Tirado da vista, logo foge da lembrança.

Oh! Insensatez e dureza do coração humano, que cuida, somente, das coisas presentes, sem olhar para as futuras!

De tal modo te deves portar em tuas ações e pensamentos, como se hoje mesmo houvesses de morrer.

Se fosse pura a tua consciência, não temerias muito a morte.

Melhor seria evitar o pecado, que fugir da morte.

Se, hoje, não estás preparado, como estarás amanhã?

O dia de amanhã é incerto; sabes tu se lá chegarás?

2. De que nos serve viver muito tempo, quando tão pouco nos emendamos?

A vida longa nem sempre emenda, muitas vezes, aumenta as culpas.

Oxalá um dia sequer tivéssemos vivido bem neste mundo!

Muitos contam os anos de sua conversão; frequentemente, porém, pouco é o fruto de sua emenda.

Se é tão temeroso o viver, talvez seja mais perigoso o viver muito.

Feliz quem sempre traz diante dos olhos a hora da morte e se dispõe, cada dia, a morrer.

Se já viste morrer algum homem, considera que pelo mesmo caminho hás de passar.

3. Pela manhã pensa que não chegarás à noite; e à noite não contes chegar ao dia seguinte.

Por isso ande sempre prevenido e viva de tal modo que a morte nunca te encontre desapercebido.

Muitos morrem de repente porque quando menos se pensar, virá o Filho do Homem (Lc 12,40).

Quando chegar essa hora extrema, mui diversamente começarás a julgar de toda a tua vida passada e te arrependerás muito de teres sido tão remisso e negligente.

4. Quão prudente e ditoso é o que se esforça por ser tal na vida qual deseja que a morte o encontre!

O perfeito desprezo do mundo, o fervoroso desejo de crescer em virtude, o amor da disciplina, o exercício da penitência, a prontidão na obediência, a renúncia de si mesmo e a paciência em sofrer as adversidades por amor de Cristo dar-lhe-ão grande confiança de morrer santamente. Enquanto tens boa saúde, podes fazer muito bem, mas na enfermidade não sei de que serás capaz.

Poucos são os que se tornam melhores com as doenças; assim também os que andam em constantes peregrinações, raros se santificam.

5. Não confies em amigos e parentes, nem deixes para mais tarde o negócio de tua salvação; porque, mais depressa do que pensas se esquecerão de ti os homens.

Melhor é fazeres, oportunamente, boas obras e enviá-las adiante de ti, que esperar pelo socorro dos outros.

Se não cuidas de ti agora, quem cuidará de ti no futuro?

Mui precioso é o tempo presente; agora são os dias de salvação, o tempo favorável (2Cor 6,12).

Mas, que tristeza, que não empregues melhor este tempo, em que podes alcançar o prêmio da vida eterna!

6. Ah! Irmão caríssimo, de quantos perigos te livrarias, de quantos temores poderias fugir, se estivesses sempre receoso e desconfiado da morte!

Trata, desde agora, de viver de tal sorte que possas, na hora da morte, antes alegrar-te que temer.

Aprende agora a morrer para o mundo, a fim de que comeces a viver com Cristo.

Aprende agora a desprezar todas as coisas, para que possas então caminhar livremente para Cristo.

Castiga teu corpo agora, para que possas ter então legítima confiança.

7. Ó insensato! Pensas que hás de viver muito tempo, quando nem um só dia tens seguro!

Quantos se deixaram enganar e, inesperadamente, foram arrancados de seus corpos!

Quantas vezes ouviste que um morreu pela espada, outro se afogou, este, caindo do alto, quebrou a cabeça, aquele, estando a comer, expirou, esse outro morreu jogando. Um acabou pelo fogo, outro pelo ferro, este pela peste, aquele assassinado pelos ladrões. Deste modo a morte é o fim de todos e a vida do homem passa tão depressa como a sombra.

8. Quem se lembrará de ti e rezará por ti, depois de tua morte?

Faze agora, meu caro, o que te for possível, pois não sabes quando morrerás, nem tampouco, o que te sucederá depois da morte.

Enquanto tens tempo, ajunta imortais riquezas.

De nada mais cuides que de tua salvação; ocupa-te, somente das coisas que são de Deus.

Granjeia agora por amigos os santos de Deus, venerando-os e imitando-Ihes as virtudes, para que sejas por eles recebido nos tabernáculos eternos.

9. Considera-te, neste mundo, como peregrino e hóspede, que nada tem que ver com os negócios da terra.

Conserva o teu coração livre e voltado para Deus, porque não tens aqui morada permanente (Hb 13,14). Dirige para o céu as tuas orações e gemidos de cada dia, com lágrimas, a fim de que, depois da morte, o teu espírito mereça passar ditosamente ao Senhor. Amém.

REFLEXÕES

Chegas-te à essa cova aberta, vê esse esqueleto mirrado e corrupto; eis quanto resta dum homem que talvez conheceste, e que não pensava mais na morte, há poucos anos, do que tu, e se ocupava mais das suas riquezas, das dos seus e do estabelecimento que de sua família. Vai agora à sua casa e vê o que ali se passa. Herdeiros indiferentes gozam dos bens que ele tinha acumulado e trabalham por juntar outros; e na morte, nem sequer pensam.

Resta, todavia, alguma coisa daquele homem e a campa não o escondeu todo inteiro. Tinha ele uma alma, alma resgatada com o sangue de Jesus Cristo: onde está ela? No mesmo instante em que se separou do corpo recebeu imutável morada, ou no céu com glória ditosa, ou no inferno sem esperança de alívio.

Terrível, tremenda alternativa!

À vista disto continuarás ainda a viver embaraçado nos cuidados do mundo? Diferirás ainda tua conversão? Dirás porventura: Amanhã ainda será tempo? Insensato! Esse tempo de que abusas, vai fugindo diante de ti, enquanto tu dizes: Amanhã, amanhã! Entretanto chega a eternidade, e o amanhã da conversão nunca chega!...

Dai-me, Senhor, tempo para conhecer e chorar minhas culpas "antes que me vá à terra da escuridão e da sombra da morte; trespassai de vosso temor a minha carne; vossos juízos me fazem tremer!" (Tb 10,20; SI 119,121).

Ó meu bom Jesus, lume de meus olhos, luz de minha ignorância, resplendor que alumiais minha cegueira, ensinai-me o segredo de vossos caminhos para que aprenda todos os dias a morrer e que a hora de meu trânsito seja o começo de vida melhor.

CAPÍTULO XXIV

Do juízo e das penas dos pecadores

1. Em todas as coisas olha o fim e como comparecerás diante do juiz severo a quem nada é oculto, que não se deixa aplacar com dádivas, nem aceita desculpas; mas julgará com justiça. Estulto e miserável pecador! Que responderás a Deus que conhece todos os teus crimes, se tremes em presença de um homem irado?

Por que não te preparas para o dia do juízo, quando ninguém poderá ser escusado ou defendido por outrem, pois cada um terá bastante que fazer por si?

Agora o teu trabalho é frutuoso e o teu pranto aceito, os teus gemidos são eficazes, satisfatória e purificadora a tua dor.

2. Grande e salutar purgatório tem o homem paciente que, injuriado, mais se dói da malícia alheia que da própria afronta; que, de boa vontade, ora por todos os que o contrariam e perdoa, de coração, as ofensas; não se demora em pedir aos outros perdão; que mais facilmente se inclina à compaixão que à cólera; que a si mesmo, frequentemente, se violenta, esforçando-se por submeter a carne ao espírito.

Melhor é expiar agora os pecados e corrigir os vícios, que deixá-los para serem punidos no futuro.

Na verdade, deixamo-nos enganar pelo amor desordenado que temos à carne.

3. Que outra coisa devorará aquele fogo senão os teus pecados?

Quanto mais te perdoas e segues os apetites da carne, tanto mais severamente serás castigado e tanto mais ajuntas lenha para te queimar.

Naquilo em que o homem mais pecou, mais severamente será castigado.

Ali os preguiçosos serão furados por aguilhões ardentes e os gulosos, atormentados com sede e cruel fome.

Ali os luxuriosos e amantes dos prazeres serão mergulhados em pez ardente e fétido enxofre e os invejosos uivarão de dor, como cães danados.

4. Nenhum vício há que não tenha seu tormento particular.

Os soberbos estarão cheios de toda sorte de confusão e os avaros reduzidos à extrema miséria. Uma hora de suplício ali será mais dura que cem anos de aspérrima penitência.

Ali nenhum repouso, nenhuma consolação há para os condenados, enquanto aqui, às vezes, cessam os trabalhos e somos confortados pelos amigos.

Vive agora com cuidado e contrição dos teus pecados, de modo que, no dia do juízo, estejas seguro com os bem-aventurados.

Então os justos erguer-se-ão com grande confiança contra os que os angustiaram e desprezaram.

Então se levantará para julgar quem agora se sujeita, humildemente, aos juízos dos homens. Então terá muita confiança o pobre e o humilde, mas o soberbo estremecerá de pavor.

5. Ver-se-á então quanto foi sábio, neste mundo, quem aprendeu a ser desprezado e tido como louco, por amor de Cristo.

Então dará prazer toda tribulação sofrida com paciência e a iniquidade fechará a boca.

Então se alegrará o homem devoto e se entristecerá o ímpio.

Então mais exultará a carne mortificada que se fora nutrida em deleites.

Então resplandecerá o hábito grosseiro e enegrecerá o vestido precioso.

Mais exaltado será então o humilde tugúrio que o palácio dourado.

Então mais aproveitará a paciência constante que todo poder do mundo.

Mais engrandecida será então a singela obediência que toda sagacidade do século.

6. Mais satisfação dará uma consciência pura e reta que a douta filosofia.

Então valerá mais o desprezo das riquezas que todos os tesouros da terra.

Mais te consolará a lembrança da oração fervorosa que a dos deliciosos manjares.

Mais te alegrarás pelo silêncio guardado que pelas longas conversas.

Então mais valerão as boas obras que muitas e belas frases.

Mais te alegrará a vida austera e rigorosa penitência que todos os gozos terrenos.

Aprende agora a sofrer um pouco, para que possas te livrar de coisas mais graves.

Experimenta, primeiro, neste mundo, o de que serás capaz no outro.

Se agora não podes sofrer tão pouco, como poderás sofrer os tormentos eternos?

Se agora o menor incômodo te impacienta tanto, que farás, depois, no inferno?

Certo é que não colherás duas venturas: deleitar-te aqui no mundo e reinar depois com Cristo.

7. Se até hoje tivesses sempre vivido em honra e prazeres, de que te aproveitaria tudo isso, se houvesses de morrer neste mesmo momento?

Vaidade é tudo, exceto amar a Deus e só a ele servir,

Quem ama de todo coração a Deus não teme nem a morte, nem os castigos, nem o juízo, nem o inferno; porque o perfeito amor dá seguro acesso junto a Deus.

Não é de admirar que tenta receio da morte e do juízo quem se deleita com o pecado.

Aquele que despreza o temor de Deus, não perseverará no bem, mas depressa cairá nos laços do demônio.

REFLEXÕES

"Deus é paciente, diz Santo Agostinho, porque é eterno". Mas depois dos dias de paciência, virá o dia da justiça; dia tremendo, dia inevitável, em que todos os humanos comparecerão diante do rei da eternidade, para darem conta de suas obras e até de seus pensamentos.

Transportai-vos em espírito a esse momento formidável: eis que o pó dos túmulos se comove, e de toda a parte a multidão dos mortos corre aos pés do soberano juiz. Ali todos os segredos se descobrem, a consciência já não tem trevas, e cada um espera em silêncio a sorte que lhe está reservada para todo o sempre.

Separam-se as duas cidades: a grande sentença está pronunciada: ela abre o paraíso aos justos e cai sobre os pecadores com todo o peso de solene reprovação.

Cercado dos anjos fiéis e do exército resplandecente dos escolhidos, sobe Jesus Cristo à sua glória. Satanás apodera-se de sua presa, e com ela se precipita nos abismos; tudo se consumou para sempre; nada mais resta senão as alegrias do céu e a desesperação do inferno!

Enquanto estás na terra, tens a escolha destas duas moradas: escolhe pois, mas lembra-te que além do túmulo não há arrependimento.

Salvador divino, enquanto não vindes como juiz severo cobrar contas aos homens de suas ações, dai-me aquela luz inefável que alumia a alma para ver a torpeza do pecado, e comove o coração para detestar o horror do vício; possa eu, ajudado com ela, deixar o caminho da iniquidade e só escolher a vereda da virtude que me encaminhe à perfeição neste mundo e no tremendo juízo me introduza entre os benditos de vosso Pai celestial.

CAPITULO XXV

Da fervorosa emenda de toda a nossa vida

1. Sê vigilante e fervoroso no serviço de Deus e pensa, amiúde, no fim a que vieste e por que deixaste o mundo. Não foi, porventura, para viveres para Deus, fazendo-te homem espiritual? Trilha pois com fervor, o caminho da perfeição, porque em breve, receberás o prêmio dos teus trabalhos; e não haverá mais temor ou dor em volta de ti.

Trabalharás agora um pouco e encontrarás descanso, ou melhor, perene alegria.

Se perseverares, com fervor e fidelidade em tuas ações, Deus certamente, será fiel e generoso em te premiar.

Deves nutrir uma esperança firme de que conseguirás vitória; mas não convém considerá-la como certa, para que não caias na tibieza ou presunção.

2. Certo homem que andava perplexo, flutuando entre o temor e a esperança, acabrunhado de tristeza, uma vez se prostrou em oração diante do altar e pensando de si para si, dizia: Ah! se eu soubesse ao menos que hei de perseverar! E imediatamente ouviu dentro de si a divina resposta: Que farias se o soubesses? Faze agora o que então gostaria fazer e ficarás tranquilo. E no mesmo instante, consolado e fortificado, entregou-se à vontade de Deus e cessou a ansiosa perplexidade.

E não quis mais investigar o que lhe sucederia no futuro, aplicou-se antes a conhecer qual era a vontade de Deus e o que mais lhe era agradável e perfeito, para começar a levar a termo qualquer obra boa.

3. Espera no Senhor e faze boas obras, diz o profeta, habita na terra e serás alimentado com as suas riquezas (Sl 37,3).

Uma coisa esfria em muitos o fervor do progresso e o zelo da emenda: o temor das dificuldades ou o trabalho da peleja.

Certamente, os que fazem maior progresso na virtude são os que se esforçam, mais varonilmente, em combater tudo que é contrário às suas inclinações.

Porque aproveita cada um mais e alcança maior graça quanto mais se vence a si mesmo e se mortifica.

4. Nem todos têm igual ânimo para vencer-se e mortificar-se.

Todavia, o homem diligente e esforçado, ainda que tenha muitas paixões, fará mais progressos que outro de melhor índole, porém menos fervoroso em adquirir virtudes.

Dois meios, principalmente, ajudam para emendar-se: resistir com violência às inclinações da natureza corrupta e trabalhar com fervor por alcançar a virtude de que mais se necessita.

Aplica-te também a evitar e vencer o que, com mais frequência, te desagrada nos outros.

5. Em toda parte procura teu progresso espiritual, aproveita tudo, de sorte que, vendo ou ouvindo bons exemplos, te animes a imitá-los.

Mas, se assistires a alguma coisa repreensível, guarda-te de fazê-la, ou, se alguma vez a fizeste, procura emendar-te sem demora.

Assim como observas aos outros, da mesma sorte alguns te observam a ti.

Como é suave e consolador ver irmãos fervorosos e devotos, honestos e bem disciplinados!

Quanto é triste e penoso, ao contrário, vê-los andar desordenados, descuidados dos exercícios da sua vocação!

Que prejuízo descurar os deveres de estado e não nos aplicarmos às coisas que nos incumbem!

6. Lembra-te do propósito que formaste e propõe-te como modelo a imagem do Crucificado.

Bem te podes envergonhar, considerando a vida de Jesus Cristo, porque, não obstante trilhares há tanto tempo o caminho de Deus, não tens procurado te conformar com ele.

O religioso que, com fervor e solicitude, medita na vida e paixão do Senhor, achará, com abundância, tudo o que lhe é útil e necessário; nem carece de procurar fora de Jesus Cristo, coisa melhor.

7. O religioso fervoroso suporta e recebe de boa vontade, tudo que se lhe manda.

O tíbio e negligente experimenta tribulações sobre tribulações e, de toda parte, sofre angústias; falta-lhe a consolação interior e lhe é vedado procurar a exterior.

O que transgride a regra expõe-se a grave ruína.

Quem procura vida mais folgada e cômoda estará sempre em angústias; porque uma ou outra coisa lhe desagradará sempre.

8. Como procedem tantos religiosos, que guardam a austera disciplina do claustro?

Aparecem raramente, vivem recolhidos, alimentam-se parcamente, trazem hábitos grosseiros, trabalham muito e falam pouco, velam até tarde, levantam-se cedo prolongam suas orações, leem muito e conservam-se em toda a observância.

Olha como os cartuxos, os cistercienses e tantos outros monges e monjas das diversas ordens religiosas se levantam à meia noite, para louvar ao Senhor.

Vergonha seria que te mostrasses retardatário em tão santo exercício, quando tantos outros religiosos entoam a divina salmodia.

9. Oh! se nenhuma outra coisa houvesse que fazer, senão exaltar com os lábios e o coração a Deus, nosso Senhor!

Se nunca tivesses necessidade de comer, beber e dormir e pudesses louvar sempre a Deus e ocupar-te somente dos exercícios espirituais!

Então muito mais feliz serias que agora, sujeito a tantas exigências do corpo.

Oxalá não existissem tais necessidades e só houvesse refeições espirituais da alma, das quais tão raras vezes fruímos.

10. Quando o homem chega a não procurar sua consolação nas criaturas, logo começa a gostar, perfeitamente, de Deus; vive sempre satisfeito com tudo que acontece.

Então não se alegra com a prosperidade, nem se entristece na penúria; mas, inteira e confiadamente, se coloca nas mãos de Deus, que lhe é tudo em todas as coisas: para ele nada acaba ou morre, mas tudo vive e tudo lhe obedece prontamente.

11. Lembra-te sempre do fim e que o tempo perdido não volta.

Sem empenho e diligência nunca adquirirás virtudes.

Se principias a ficar tíbio, começarás a te sentir mal. Se, porém, te entregas ao fervor, encontrarás grande paz e sentirás mais leve o trabalho, por efeito da graça e por amor da virtude.

O homem fervoroso e diligente está preparado para tudo.

Mais penoso é resistir aos vícios e às paixões que suar nos trabalhos corporais.

Quem não evita os pequenos defeitos, pouco a pouco cairá nos maiores.

Alegrar-te-ás à noite, se tiveres empregado bem o teu dia.

Vela sobre ti mesmo, desperta-te com úteis advertências e, aconteça aos outros o que acontecer, não te descuides de ti.

Tanto mais aproveitarás, quanto maior for a violência que a ti mesmo fizeres. Amém.

REFLEXÕES

Estás sinceramente resolvido a salvar-te? Tens vontade firme de ganhar o céu? Prepara-te pois ao trabalho, à peleja. "Só será coroado quem legitimamente combater". - "Largo é o caminho que leva à perdição; porém, quão estreito é, diz o Evangelho, o que leva à vida!" (Mt 7,13-14). Sem dúvida, a unção da graça torna suave aos fiéis, este trabalho, este combate; no meio dos trabalhos e dos sofrimentos gozam eles de paz celestial que os pecadores não conhecem. Porém, têm que fazer contínuos esforços para triunfarem de si mesmos, para vencerem seus desejos, suas paixões, o mundo, e o príncipe deste mundo.

O que fizeram os santos, senão esta luta valente e porfiada? "Uns foram atormentados, não querendo resgatar sua vida a fim de acharem outra melhor na ressurreição. Outros sofreram impropérios, açoites, cadeias e prisões; foram apedrejados, surrados, de todo modo martirizados; morreram ao fio da espada; sem asilo nem morada, cobertos de peles de animais, oprimidos de necessidades, de aflição, de angústia, andaram errantes pelos desertos, pelos montes, metidos em covas, em grutas; homens santos de quem o mundo não era digno. Cercados de tão grande nuvem de testemunhos, desembaracemo-nos de tudo que nos prende ao mundo, e do pecado que nos seduz, e corramos pela paciência ao combate que nos é proposto; com os olhos fitos em Jesus, autor e consumador de nossa fé, o qual, em vista da glória que lhe estava preparada, sofreu a cruz, desprezando a ignomínia; e agora está sentado à direita do trono de Deus" (Hb 11,35-38;12,1,2).

Compadecei-vos de mim, Senhor, que sou fraco; tende vossa mão em mim, que nada posso por mim só; dai-me fortaleza para que vença os trabalhos da vida, resista às sugestões do inimigo; afastai de mim todo o mau desejo, todas as ciladas da concupiscência, e nada deseje tanto como dar-vos honra e glória trabalhando em minha salvação.

LIVRO SEGUNDO

EXORTAÇÕES À VIDA INTERIOR

CAPÍTULO I

Da vida interior

1. O reino de Deus está dentro de vós, disse o Senhor. Deixa este mundo miserável e tua alma encontrará descanso.

Aprende a desprezar as coisas exteriores, aplica-te às interiores e verás como vem a ti o reino de Deus.

Porque o reino de Deus é paz e alegria no Espírito Santo, que não é concedido aos ímpios.

Cristo virá a ti, trazendo-te suas consolações, se lhe preparares, no interior, uma digna morada. Toda a sua glória e formosura está no interior da alma e só aí ele se compraz.

Amiúde visita o homem interior, com doce colóquio, suave consolação, abundante paz e admirável familiaridade.

2. Eia! alma fiel, prepara teu coração para esse esposo, para que se digne vir a ti e em ti morar. Porquanto ele disse: "Se alguém me ama guardará a minha palavra, a ele viremos e nele faremos nossa morada" (Jo 14,23).

Dá, pois, lugar a Jesus e a tudo mais fecha a porta.

Se possuis a Cristo, és rico e de nada mais precisas.

Ele será teu ecônomo e fiel procurador em todas as coisas, de modo que não precisas esperar nos homens.

Com efeito, os homens mudam num instante e faltam facilmente; Cristo, porém, permanece sempre e nos assiste até o fim.

3. Não se deve depositar grande confiança no homem fraco e mortal, mesmo que seja útil e estimado; nem se deve cair em grande tristeza se, às vezes, nos for adverso ou contrário.

Os que hoje estão contigo, amanhã podem estar contra ti; mudam muitas vezes, como o vento. Põe em Deus tua confiança; seja ele o teu amor e temor; responderá por ti e fará o que melhor te convier.

Não tens aqui morada permanente e onde quer que estejas serás estrangeiro e peregrino; e, se não estiveres, intimamente, unido a Cristo, em lugar algum encontrarás repouso.

4. Por que olhas em roda de ti, se não é este o lugar de teu descanso?

Deve ser no céu a tua habitação e, como de passagem, devem ser olhadas as coisas da terra. Todas passam e tu, igualmente, passarás com

elas.

Toma cuidado que não te apegues a elas, a fim de que não te prendam e te percam.

Esteja no Altíssimo o teu pensamento e, sem cessar, a tua oração se dirija a Cristo.

Se não sabes contemplar coisas sublimes e celestes, detém-te na paixão de Cristo e, de boa vontade, abriga-te em suas divinas chagas.

Porque, se te refugiares devotamente nessas chagas e em seus preciosos estigmas, grande conforto experimentarás nas tribulações e pouco te importarás pelo desprezo dos homens e, facilmente, superarás as palavras dos maldizentes.

5. Cristo também foi desprezado neste mundo pelos homens e abandonado, entre opróbrios, em extrema necessidade, pelos amigos e conhecidos.

Quis sofrer e ser aviltado e tu ousas ainda queixar-te de alguém!

Cristo teve inimigos e detratores, tu queres que todos sejam amigos e benfeitores?

Como poderá ser coroada tua paciência, se não te sobrevier alguma adversidade?

Se não queres sofrer alguma contrariedade, como serás amigo de Cristo?

Sofre com Cristo e por amor de Cristo, se queres reinar com Cristo.

6. Se uma vez ao menos entrasses no coração de Jesus, e experimentasses um pouco de seu ardente amor, não farias caso de comodidades ou incômodos; antes te alegrarias com as injúrias recebidas; pois o amor de Jesus faz com que o homem se despreze a si mesmo.

Quem ama a Jesus e vive vida interior, está livre de afetos desordenados; pode, facilmente, voltar-se para Deus, elevar-se em espírito acima de si mesmo e gozar de suave repouso.

7. Aquele que julga as coisas pelo que elas são e não segundo o dizer ou pensar alheio, é verdadeiramente sábio, instruído mais por Deus que pelos homens.

Quem sabe viver recolhido em si mesmo, não escolhe lugares nem espera tempo para se entregar aos exercícios de piedade.

Depressa se recolhe o homem interior; jamais se entrega totalmente às coisas sensíveis.

Não o estorvam as ocupações exteriores, nem o trabalho, às vezes, necessário, porque se acomoda com as coisas, conforme sucedem.

Quem está interiormente bem disposto e ordenado, não cogita dos feitos perversos ou famosos dos homens.

Tanto uma pessoa se distrai, quanto mais se envolve com as coisas exteriores.

8. Se fosses reto e puro, todas as coisas concorreriam para teu bem e proveito.

O motivo dos teus descontentamentos e frequentes atribulações é que não morreste ainda, perfeitamente, para ti mesmo, nem te desapegaste das coisas terrenas.

Nada contamina e embaraça tanto o coração humano quanto o amor desordenado das criaturas.

Se renunciares às consolações exteriores, poderás contemplar as coisas celestes e gozar, muitas vezes, da alegria interior.

REFLEXÕES

A alma cristã, desapegada do mundo, não tem senão um desejo para o tempo e para a eternidade: estar unida a Jesus Cristo, com aquela união inefável cuja pintura nos transporta no cântico misterioso do amor divino. "Meu amado vive em mim, e eu nele; descansa entre os lírios até que amanheça a aurora, e as sombras declinem!" (Ct 2,16-17).

Ah! Que buscas tu na sociedade dos homens? Entra, entra em ti, prepara ao celeste esposo uma morada digna dele; ele virá, e nela descansará, porque suas delícias são habitar no coração que o chama. Então, só com Jesus, longe do bulício do mundo, no silêncio das criaturas, ele te falará "como o amigo fala a seu Amigo" (Ex 33,11).

Ele está de nosso amor tão avarento que não sofre partilha com nenhuma outra coisa. E com razão: porque onde o amor vai, tudo leva após de si. Bom pastor e senhor desta alma, levai-a para vós, e não permitais que nenhuma criatura dela se aposse. Sois todo formoso, meu Jesus, todo brando, todo suave, sede a minha consolação neste mundo, para serdes depois o enlevo da minha alma na eternidade.

CAPITULO II

Da humilde submissão

1. Não te dê grande cuidado saber quem é por ti ou contra ti; vê e faze diligência que seja Deus contigo em tudo que fizeres.

Guarda pura a tua consciência e Deus será teu defensor.

Com efeito, não há maldade humana que possa prejudicar a quem Deus ajuda.

Se souberes calar e sofrer, verás, sem dúvida, o auxílio do Senhor.

Ele sabe o tempo e modo de libertar-te; entrega-te, portanto, todo a ele.

A Deus pertence aliviar-te e livrar-te de toda confusão.

Muito nos aproveita, às vezes, que outros conheçam nossos defeitos e no-los censurem, a fim de que nos conservemos na maior humildade.

2. Quando um homem se humilha por suas faltas, abranda aos demais e, sem custo, satisfaz àqueles que contra ele estavam irritados.

Deus protege e livra ao humilde; ama-o e consola-o; inclina-se para ele; dá-lhe abundantes graças e, depois do abatimento, eleva-o à glória, descobre-lhe seus segredos e, com doçura, a si o atrai e convida.

O humilde, recebe afronta e fica em paz, porque confia em Deus e não no mundo. Não julgues que fizeste algum progresso, enquanto não te reconheceres inferior a todos.

REFLEXÕES

Que te importam os discursos e os pensamentos dos homens? Não são eles que te hão de julgar. Se te acusam sem razão, aquele que vê o fundo das consciências já te justificou. Se te lançam em rosto faltas reais, não és, porventura, feliz de sofrer uma mortificação saudável?

O que te perturba é a soberba que não pode suportar ser repreendida.

O humilde não se irrita, não se comove, ainda quando a paixão o condena injustamente. Penetrado do sentimento de sua miséria, nunca o humilham tanto quanto ele mesmo se humilha em seu coração.

Queres que nada altere o sossego de tua alma? Abandona-te a Deus em todas as coisas, e, nos trabalhos, nas inquietações, nas adversidades e nos contratempos da vida; dize com Jesus Cristo: “Sim, Pai, porque essa é tua vontade” (Lc 10,21).

"Que é o homem para que vos lembreis dele, Senhor? Que é o filho do homem para que o visiteis? Bom me foi o ter sido humilhado, possa assim aprender vossos preceitos" (SI 8,5; 119,71).

Meu divino Salvador, que vos humilhastes a vós mesmo, fazendo-vos obediente até à morte e morte de cruz, livrai-me do espírito de soberba que é o princípio de todos os pecados; dai-me o profundo sentimento do meu nada, para que, imitando tão perfeito modelo, possa, pelo caminho da cruz, chegar à pátria dos bem-aventurados.

CAPÍTULO III

Do homem bom e pacífico

1. Primeiro que tudo conserva-te em paz e depois procurarás pacificar os outros. O homem pacífico vale mais que o letrado.

O homem apaixonado converte o próprio bem em mal e facilmente, acredita no mal.

O bom e pacífico transforma tudo em bem.

O que está em boa paz de ninguém desconfia; ao contrário, quem está descontente e perturbado, vive inquieto por diversas suspeitas, sem encontrar repouso para si, nem deixa sossegados os outros.

Diz o que não deveria dizer e omite o que conviria fosse feito.

Atende às obrigações alheias e descuida-se das próprias.

Exerce primeiro o zelo sobre ti mesmo e depois, com justiça, poderás zelar sobre o teu próximo.

2. Bem sabes colorir e desculpar os teus defeitos, não queres, porém, aceitar as desculpas alheias.

Seria mais justo que a ti mesmo acusasses e desculpasses ao teu irmão.

Suporta os outros, se queres que te suportem a ti.

Considera quão longe ainda estás da verdadeira caridade e humildade, a qual não sabe irar-se e revoltar-se senão contra si.

Conviver com os bons e pacíficos não é difícil, porque é naturalmente agradável; e cada um, de boa vontade, vive em paz e gosta dos que são de seu parecer.

Poder, porém, viver em harmonia com pessoas ásperas e perversas, sem educação e contumazes, é grande graça e ação varonil e louvável.

3. Alguns há que vivem em paz consigo e com os demais.

Outros existem que nem têm paz consigo, nem a deixam ter aos outros e, sendo insuportáveis aos outros, mais o são a si mesmos.

E há outros que, conservando-se em paz, procuram dá-Ia aos que não a possuem.

Toda a paz desta miserável vida deve consistir antes em sofrer com humildade que em não sentir contrariedades.

Quem melhor sabe sofrer, goza de maior paz, porque se tornará vencedor de si mesmo, senhor do mundo, amigo de Cristo e herdeiro do céu.

REFLEXÕES

"Bem-aventurados os pacíficos, porque eles serão chamados filhos de Deus" (Mt 5,9).

Entende bem a grandeza deste nome e a instrução profunda que ele encerra.

A paz é a ordem perfeita; e a perturbação, as dissensões, as discórdias, a guerra, não entraram no mundo senão pela violação da ordem ou pelo pecado. Assim não há paz onde reina o pecado; não tem paz um homem cujos pensamentos, afeições e vontades não são em tudo conformes à ordem ou à verdade e vontade de Deus; e todo aquele que quebranta esta lei recebe logo o castigo de seu crime. Um mal desconhecido se apodera dele; não sei que força desordenada o arrasta para um e outro lado, e em parte nenhuma acha descanso; como Caim, depois do seu crime, de tudo tem medo.

Não, a paz só pertence aos filhos de Deus: gozam dela em si mesmos e difundem-na entre os outros; corre ela por assim dizer, de seu coração, como esses rios que regavam a venturosa morada de nossos primeiros pais, no tempo de sua inocência. Acompanha o homem na vida, sustenta-o na enfermidade, e até a última hora será sua herança; porque "o reino de Deus é justiça e paz" (Rm 14,17).

Filhos de Deus, "entrai no reino que vos está preparado desde o princípio do mundo" (Mt 25,34). Dai-me, Deus meu, aquela paz que o mundo não pode dar, paz de espírito e de coração, para que, praticando com sossego vossa Lei, possa ir gozar um dia do eterno descanso.

CAPÍTULO IV

Da pureza da mente e da intenção reta

1. Com duas asas o homem se eleva acima das coisas da terra: a simplicidade e a pureza.

A simplicidade deve consistir na intenção, a pureza, no afeto.

A simplicidade procura a Deus, a pureza o alcança e nele se compraz.

Nenhuma boa ação te causará embaraço se, no íntimo, estiveres livre de afeições desordenadas. Se nada mais desejares que o beneplácito de Deus e o que é útil ao próximo, gozarás de absoluta liberdade interior.

Se o teu coração é reto, encontrarias em todas as criaturas um espelho de vida e um livro de santa doutrina.

Não há criatura tão pequena e tão vil que não represente a bondade de Deus.

2. Se fosses bom e puro, interiormente, tudo verias sem dificuldades e compreenderias bem.

Um coração puro penetra o céu e o inferno.

Cada um julga as coisas exteriores conforme suas disposições interiores.

Se existe alegria no mundo, tem-na, de certo, o homem de coração puro.

E se algures há tribulações e angústias, é a consciência má que as experimenta.

Assim como o ferro no fogo perde a ferrugem e fica todo incandescente, da mesma sorte o homem que se converte inteiramente a Deus sacode o torpor e se transforma em homem novo.

3. Quando alguém começa a esfriar no fervor, logo receia o menor trabalho e, de bom grado, aceita consolações exteriores.

Quando, porém, principia a vencer-se a si mesmo e a caminhar sabiamente pelas vias do Senhor, tem por leves as coisas que dantes lhe pareciam pesadas.

REFLEXÕES

Quando Jesus Cristo quis propor um modelo a seus discípulos, escolheu-o porventura entre os homens sábios e poderosos? Não: “chamou um menino, colocou-o no meio deles e disse-lhes: ‘Em verdade

vos digo, se vos não converterdes e não vos fizerdes como meninos, não entrareis no reino dos céus" (Mt 18,2-3).

Ora, que vês tu num menino? A simplicidade, a pureza. Ele crê, ama e age, sem pensar em si mesmo, pelo primeiro movimento do coração; e eis o que agrada a Deus. Não pede nem largas orações, nem eloquentes discursos, nem meditações profundas, mas vontade reta, intenção pura, amor inocente. Não tem outros desejos senão os seus, esquecer-se inteiramente de si mesmo, submeter-se aos decretos de sua adorável providência, sem buscar investigá-los; que pode haver mais puro que esta resignação, que esta singela obediência? Por isso será grande a recompensa dos que assim praticarem: "Bem-aventurados, diz o Salvador, os que têm o coração puro, porque eles verão a Deus" (Mt 5,8)

Dai-me, Deus meu, a simplicidade das almas puras, para que minha boca possa dignamente cantar vossos louvares e anunciar vossa grandeza. "Louva, minha alma, ao Senhor, e todas as minhas entranhas bendigam o seu nome santo. Louva, minha alma, ao Senhor e não te esqueças de nenhum de seus benefícios. Não a nós, Senhor, não a nós, mas a vosso nome dai glória" (SI 103,1-2; 114,9).

CAPÍTULO V

Da consideração de si mesmo

1. Não podemos confiar muito em nós; porque nos faltam, frequentemente, a graça e o discernimento.

Pouca é a luz que existe em nós e facilmente a perdemos por negligência.

De ordinário, não avaliamos também a extensão de nossa cegueira interior,

Muitas vezes agimos mal e pior ainda, nos desculpamos.

Às vezes nos move a paixão e cuidamos que é zelo.

Repreendemos nos outros pequenas faltas e desculpamos as nossas, que mais graves.

Bem depressa sentimos e nos magoamos com o que de outrem sofremos, mas não nos advertimos de quanto os outros sofrem de nós.

Aquele que julga com equidade as próprias ações não julgará severamente as alheias.

2. O homem interior antepõe o cuidado de si mesmo; a todos os demais cuidados; com diligência, se considera a si mesmo; facilmente se abstém de falar dos outros.

Nunca serás homem de vida interior e fervoroso se não te calares a respeito das faltas alheias e voltares com particular atenção para ti mesmo.

Se te ocupares inteiramente de Deus e de ti, pouco te impressionará o que se passar fora de ti. Onde estás, quando não estás presente a ti mesmo? E, se descurando de ti, percorres todas as coisas, de que te aproveitará?

Se queres gozar verdadeira paz e união com Deus, volta as costas a tudo, cuida somente de ti.

3. Muito progredirás se te conservares afastado de todo cuidado terreno; muito perderás se estiveres ligado a alguma coisa temporal.

Nada julgues grande, nobre, agradável e aceitável, senão Deus só e o que dele provenha.

Considera vã qualquer consolação que venha da criatura.

A alma que ama a Deus, tudo despreza por ele.

Só Deus, eterno e imenso, que tudo enche é o consolo da alma e a verdadeira alegria do coração.

REFLEXÕES

Ainda que soubesses o que há de bom e de mau em cada homem, sem excetuar um só, de que serviria isso, se te não conhecesses a ti mesmo?

Ninguém te pedirá conta no dia do juízo da consciência dos outros, senão da tua. Deixa, pois, um cuidado, cujo princípio é a soberba e a malignidade, e ocupa-te de outro mais agradável a Deus e mais útil para ti: conhecer-te a ti mesmo.

Esta é a verdadeira e maior ciência do cristão: este deve ser nosso estudo de todos os instantes. Quem melhor se conhece mais se despreza: aflige-se de ver a chaga de seu coração, de sentir o amor próprio que o domina, de sofrer secretos apetites que o atormentam, e neste aperto exclama com o Apóstolo: "Quem me livrará deste corpo de morte?!" (Rm 7,24).

Feliz, venturoso, livramento! Mas, que acharemos nós depois, se formos fiéis? A Deus, unicamente a Deus e nele todas as coisas, toda a consolação, todo o bem. Ó minha alma, se disto não duvidas, começa

desde já a desembaraçar-te do peso que te oprime, e a desapegar-te da terra e de seus bens, das criaturas e de seus encantos; dize adeus ao mundo, e vive só para Jesus Cristo.

CAPÍTULO VI

Da alegria da boa consciência

1. A glória do homem de bem é o testemunho da boa consciência.

Conserva pura a consciência e terás sempre alegria.

A boa consciência pode suportar muitas coisas e permanece alegre até mesmo no meio das adversidades.

A má consciência está sempre receosa e inquieta.

Desfrutarás de suave repouso, se o teu coração nada tiver que te censurar.

Não te alegres senão do bem praticado.

Os maus nunca têm verdadeira alegria nem podem experimentar paz interior, porque não há paz para os ímpios, diz o Senhor (Is 57,2).

E se disserem: Estamos em paz, não nos sobrevirão males e quem ousará ofender-nos? Não lhe dê crédito, porque, de repente, se levantará a cólera de Deus e reduzirá a nada as ações deles e desvanecer-se-ão todos os seus pensamentos.

2. Gloriar-se nas tribulações não é difícil a quem ama; gloriar-se assim é gloriar-se na cruz do Senhor.

Pouco dura a glória que os homens dão e recebem.

A glória do mundo anda sempre acompanhada de tristeza.

A glória dos bons está na própria consciência e não na boca dos homens. A alegria dos justos vem de Deus e está em Deus e o seu contentamento procede da verdade.

Quem deseja a verdadeira e eterna glória, não procura a temporal.

E quem busca a glória temporal ou não a despreza de coração, mostra que pouco ama a do céu. Aquele que não faz caso de elogios ou de censuras, goza de grande tranquilidade de espírito.

3. Facilmente estará alegre e em paz aquele que tiver a consciência pura.

Não te faz mais santo o louvor, nem pior o vitupério.

És o que és; não podes ser tido em mais do que és diante de Deus.

Se olhas para o que és no teu interior, não farás caso do que de ti digam os homens.

O homem vê o rosto; Deus, o coração (1Rs 16,7).

O homem considera as ações, Deus pesa as intenções.

Proceder sempre bem e ter-se em pouca conta é indício de alma humilde.

Não querer consolações das criaturas é sinal de grande pureza e confiança interior.

4. Quem não busca aprovação alguma a seu favor mostra, claramente, que se entregou, de todo, a Deus; porque diz São Paulo: "não é aprovado o que se louva a si mesmo, senão o que é aprovado por Deus" (2Cor 10,18).

Andar intimamente com Deus sem se prender a humanos afetos, tal é o estado do homem espiritual.

REFLEXÕES

Não há sossego para aquele que não o acha em si. Muito errado vai o coração que busca nas criaturas a paz de que ele está privado interiormente; não é ali a sua morada.

O mar, embravecido pela tempestade, não é mais agitado que o mundo; e tu dizes-lhe: Aplaca meu desassossego! Não há santa alegria senão na consciência pura.

Os prazeres distraem, as paixões embriagam por um momento; mas, passado este momento, que fica? E ainda enquanto ele dura, quantos dissabores! Quantas amarguras!...

Pelo contrário, poderás figurar-te uma felicidade comparável à que acompanha a inocência? Poderás imaginar coisa alguma que, já nesta terra se pareça mais com o céu, que o estado de alma desapegada do mundo e sossegada debaixo da mão de Deus, que ela já possui pela esperança e pelo amor?

Seja, pois, este estado o teu "vem e experimenta quanto o Senhor é suave" (Sl 34,9), faze esforço, resolve-te somente a querer: quem dá a boa vontade, te dará também a força de cumpri-la.

Em vós confio, Deus meu, alumiai com a vossa graça meu entendimento para que conheça o bem e o procure; comovei ao mesmo tempo meu coração para que o ame e tenha ânimo para o praticar, assim

alumiado e fortalecido, desprezarei o mundo, onde reina o mal, e amarei só a vós que sois o sumo bem.

CAPÍTULO VII

Do amor de Jesus sobre todas as coisas

1. Bem-aventurado quem conhece o que é amar a Jesus e desprezar-se a si mesmo, por amor de Jesus!

É necessário por este amigo renunciar a qualquer outro; pois Jesus quer ser amado sobre todas as coisas.

Falaz e volúvel é o amor das criaturas; fiel e constante o de Jesus.

Quem se prende à criatura será arrastado por ela em sua queda. Quem se abraça com Jesus, perseverará firme.

Ama-o e conserva-o como teu amigo, a ele que, quando todos te abandonem, não te desamparará, nem consentirá que pereças eternamente.

De todos terás um dia que te separar, queiras ou não.

2. Conserva-te junto de Jesus, na vida e na morte; entrega-te à fidelidade dele, que só ele te pode valer quando todos venham a faltar.

Teu amado é de tal condição que não admite rival; quer ele sozinho ocupar teu coração e nele permanecer, como rei em seu trono.

Se souberes, inteiramente, desapegar-te de todas as criaturas, Jesus, de boa vontade, habitará contigo.

Verás que é perdido tudo o que esperares dos homens, fora de Jesus.

Não te fies nem te firmes em caniço que o vento agita; pois, que toda carne é como feno e a sua glória passará como a flor do campo (Is 40,6).

3. Facilmente te enganarás se olhares para as aparências dos homens.

Se procurares nos outros consolações e vantagens, encontrarás desgosto e prejuízo.

Se em todas as coisas buscares a Jesus, a ele encontrarás.

Se, porém, a ti mesmo procurares, a ti mesmo acharás, mas para a tua perdição.

Porque o homem que não busca a Jesus, a si mesmo causa maior mal que todos os seus inimigos e o mundo inteiro.

REFLEXÕES

Arrastados pelo encanto das coisas sensíveis, procuramos nosso bem nas criaturas, que nos fogem e desaparecem como sombras.

Queremos amar e ser amados; e apartamo-nos da fonte do verdadeiro amor, do amor infinito. Entendamos enfim quão insensatos somos em nos afeiçoarmos ao que é frágil e perecedouro, e quão vãs são essas amizades mundanas, que se esvaecem com os anos, mudam com os interesses, e às vezes, degeneram em ódios e malquerenças!

Amemos a Jesus com todas as veras a ele só demos nosso coração; amemo-lo como ele nos ama e quer ser amado. "A medida para amar a Jesus, diz São Bernardo, é amá-lo sem medida".

Infeliz o que lhe prefere outra coisa! Seus desejos levam-no pelo caminho da perdição!...

Ó meu divino Salvador, amor de minha alma, reinai nela; apagai em meu coração o fogo do amor profano para que só a vós ame, em vos amar me compraza, e por vosso amor mereça a felicidade eterna.

CAPÍTULO VIII

Da amizade familiar com Jesus

1. Quando Jesus está presente, tudo é suave e nada há que pareça difícil; quando, porém, está ausente, tudo se torna penoso.

Quando Jesus não nos fala dentro de nós, vã é toda a consolação; mas, se Jesus nos diz uma só palavra, grande alívio experimentamos.

Porventura Maria Madalena não se levantou logo do lugar onde chorava quando Marta lhe disse: O Mestre aí está e te chama?

Ditosa hora aquela em que Jesus nos chama das lágrimas para a consolação espiritual!

Quão árido e insensível sem Jesus! Quão néscio e vão se alguma coisa desejas fora dele! Não é isso maior prejuízo que se perdesses o mundo inteiro?

2. Que te pode dar o mundo sem Jesus?

Estar sem Jesus é terrível inferno; estar com Jesus é suave paraíso.

Se Jesus estiver contigo, nenhum inimigo te poderá ofender.

Quem acha Jesus, encontra um tesouro inestimável, ou antes, um bem acima de todos os bens. Quem perde Jesus, perde mais que se perdesse o mundo inteiro.

Paupérrimo é quem vive sem Jesus; riquíssimo quem está bem com Jesus.

3. Grande arte é saber conversar com Jesus; muita prudência conservá-la consigo.

Sê humilde e pacífico e Jesus estará contigo.

Se te voltas para as coisas exteriores, depressa afastas Jesus e perdes a sua graça.

Se o afastas de ti e o perdes, aonde irás, a quem buscarás por amigo?

Não podes viver sem um amigo; e se Jesus não for o teu grande amigo, estarás muito triste e desconsolado.

Ages loucamente se em outro confias ou te alegras.

Antes ter todo o mundo por inimigo que ofender a Jesus.

Acima de todos os teus amigos, Jesus te seja particularmente caro.

4. Ama a todos por amor de Jesus e a Jesus por amor de si mesmo.

Só Jesus deve ser singularmente amado, porque só ele é bom e fiel, acima de todos os amigos. Por causa dele e nele te sejam caros amigos e inimigos; e por todos deves orar, para que o conheçam e amem.

Nunca desejes ser louvado e amado singularmente; porque isto somente pertence a Deus, que não tem igual.

Não queiras que ninguém se ocupe de ti em seu coração, nem te preocupes com o amor de alguém, mas só Jesus reine em ti e em todo homem justo.

5. Sê puro e livre interiormente, sem apego a criatura alguma.

É mister que te desprendas de tudo e ofereças a Deus um coração puro, se queres repousar e sentir quão suave é o Senhor.

Com efeito, tal não conseguirás se não fores prevenido e atraído por sua graça, de modo que te desfaças de todas as coisas e te unas só a ele.

Quando a graça de Deus visita o homem, então ele se torna capaz de tudo; mas se ela se afasta, logo fica pobre e fraco, como que abandonado aos castigos.

Ainda assim não deves desanimar nem desesperar; antes sujeita-te à vontade de Deus, sofrendo, em louvor de Jesus Cristo; ao inverno sucede o verão, à noite o dia e à tempestade a bonança.

REFLEXÕES

O amor fez descer à terra o Filho de Deus. O amor a ele nos eleva. Então se estabelece entre a nossa alma e Jesus uma união inefável; se cumpre aquela promessa do Salvador "Não vos deixarei órfãos e virei a vós" (Jo 14,18).

Vinde, pois, ó Jesus meu, vinde quebrar os últimos laços que me prendem às criaturas, e retardam o feliz momento em que só para vós viverei. Permiti, Senhor, que, esquecendo-me de mim mesmo, não veja nem deseje senão a vós só, e descanse em vosso peito como o discípulo amado, nessa paz deliciosa que o mundo não dá, que nem ainda pode compreender, mas também que suas tempestades não podem perturbar.

CAPÍTULO IX

Da privação de todo conforto

1. Não custa desprezar as consolações humanas, quando temos as divinas.

Grande coisa é passar sem umas e outras e, pela glória de Deus, querer, de boa vontade, suportar este exílio do coração, sem se buscar a si mesmo, nem olhar ao próprio mérito.

Que maravilha é que estejas alegre e fervoroso, quando não te falta a graça? De todos é desejada essa hora. Mui suavemente caminha aquele que é conduzido pela graça de Deus.

Não é de admirar que não sinta peso quem é sustentado pelo Onipotente e conduzido pelo supremo guia.

2. De boa vontade aceitamos qualquer consolação e dificilmente o homem se despoja de si mesmo.

Venceu ao mundo o santo mártir Lourenço, com o seu prelado, porque desprezou todos os atrativos mundanos e sofreu com paciência que o desprezassem por amor de Cristo.

Assim, pois, o amor do Criador venceu o da criatura, preferindo o beneplácito divino às consolações sensíveis.

Deste modo aprende a privar-te, por amor de Deus, do amigo, por mais caro e necessário que te seja.

Não te aflijas quando fores abandonado por algum amigo, lembrando-te de que, finalmente, todos nós nos apartaremos uns dos outros.

3. É necessário que o homem sustente longos e porfiados combates contra si mesmo, antes que aprenda a vencer-se inteiramente e dirigir para Deus todos os seus afetos.

Quando alguém confia em si mesmo, facilmente procura as consolações humanas.

Mas quem ama verdadeiramente a Cristo e deseja imitar-lhe as virtudes, não se deixa arrastar por consolações, nem busca doçuras sensíveis; ao contrário, prefere rudes lutas e pesados trabalhos, por amor de Cristo.

4. Quando, pois, te conceda Deus algum conforto, recebe-o com ações de graças; mas vê nisso dom de Deus e nunca o teu próprio merecimento.

Não te entregues à excessiva alegria ou vã presunção; antes sê mais humilde pelo dom recebido, mais circunspecto em teus atos, porque, passada aquela hora, virá a tentação.

Quando te for tirada a consolação, não percas logo a esperança; aguarda, porém, com humildade e paciência, a visita celeste, porque poderoso é Deus para te dar mais abundante graça e maior consolação.

Não é isso novo nem estranho para os experimentados nos caminhos de Deus; por iguais alternativas passaram os grandes santos e os antigos profetas.

5. Por isso, um deles, sentindo a presença da graça, exclamava: Eu disse na abundância: jamais vacilarei.

Sentindo, porém, que a graça se afastava dele, pelo que experimentou dentro de si, disse: apartastes de mim o vosso rosto e fiquei conturbado (Sl 30,7-8).

Apesar de tudo isso não desespera; ao contrário, orando, com mais instância, diz: A vós, Senhor meu Deus, clamarei e invocarei! (Sl 30,9).

Por fim, alcança o fruto de sua oração e dá testemunho de ter sido atendido, dizendo: Ouviu-me o Senhor e teve compaixão de mim; o Senhor fez-se meu protetor.

Mas como? Converteste meu pranto em alegria e inundaste-me de contentamento.

Se deste modo sucede aos grandes santos, nós, fracos e pobres, não devemos desesperar, se ora nos sentimos fervorosos, ora tíbios; porque o espírito de Deus vai e vem, segundo lhe apraz. Daí dizer o bem-aventurado Jó: Vós visitais o homem pela manhã e logo o provais (Jó 7,81).

6. Em que, pois, posso esperar ou em que devo confiar, senão unicamente, na grande misericórdia de Deus e na esperança da graça celeste?

Com efeito, quer me assistam homens virtuosos, irmãos devotos, amigos fiéis, quer leia livros santos e eruditos tratados, quer escute cânticos e hinos suaves, tudo isso pouco me ajuda e pouco me agrada, quando estou desamparado da graça e reduzido à própria indigência.

7. Nunca encontrei homem tão piedoso e fervoroso, que não experimentasse, algumas vezes, diminuição de fervor.

Nenhum santo houve tão altamente arrebatado e iluminado que, cedo ou tarde, não fosse tentado.

Não é digno da alta contemplação de Deus quem, por amor dele, não sofreu alguma tribulação. A tentação anuncia, de ordinário; a consolação que se lhe há de seguir.

Porque aos provados pelas tentações é prometida a celestial consolação.

Ao vencedor, diz o Senhor, darei a comer da árvore da vida (Ap 2,7).

8. A consolação divina é dada para que o homem se torne mais forte contra as adversidades. Vem depois a tentação, para que não se desvaneça com a vitória.

O demônio não dorme, nem está morta a carne; por isso não cesses de te preparar para a luta, pois, à direita e à esquerda, há inimigos que nunca descansam.

REFLEXÕES

Posto que a humanidade santa do Salvador gozasse, por sua íntima união com o Verbo divino, de inalterável paz e constante alegria, não deixava ele, todavia, de ressentir muitas vezes, na parte inferior da alma, as aflições e dores que são a triste herança de nossos primeiros pais. Quem se não lembra daquelas palavras do Salvador: "Minha alma está triste até a morte!" "Meu Pai! Meu Pai! Por que me abandonastes?" (Mt 26,38; 27,46).

Assim a alma cristã, sem perder a paz é também provada pela tristeza e pelas tribulações interiores. Se ela gozasse sempre de consolações, seria para recear que caísse pouco a pouco na relaxação; e que teria ela então a oferecer a seu divino esposo? "A virtude aperfeiçoa-se na enfermidade", nos ensina o Apóstolo, e acrescenta: "Gloriar-me-ei, pois, em minhas

enfermidades, para que habite em mim a virtude de Jesus Cristo" (2Cor 12,9).

Esta espécie de desamparo, este desterro do coração, nos recorda vivamente nossa miséria, que muito facilmente esquecemos, exercita nossa fé, estimula nosso amor e nos mantém na humildade.

Nessas horas de míngua, em que Deus parece retirar-se de ti, guarda-te de fraquejar sob o peso da provação, e não te abandones ao desalento. Se queres levar com ânimo a tua cruz, não te inquietes de seu peso; ele se tornará leve pela total conformidade com a vontade de

Deus. Em vez de gemeres, e de te perturbares, consola-te e alegra-te; porque está escrito: "Os que semeiam nas lágrimas colhem na alegria. Iam chorando quando deitavam a semente à terra, virão cheios de alegria quando trouxerem em suas mãos louras paveias" (SI 126,5-6).

Ó minha alma, quando por todos os lados te sentires atraiçoada na terra, eleva-te ao céu, porque Deus não está longe dos aflitos; a verdadeira doutrina lança raízes em nossas lágrimas e dá frutos de virtude para a vida eterna.

CAPÍTULO X

Do agradecimento pela graça de Deus

1. Por que buscas repouso, se nasceste para o trabalho?

Dispõe-te mais para a paciência que para as consolações; antes para levar a cruz que para a alegria.

Que homem mundano não aceitaria, de boa vontade, as consolações e alegrias espirituais, se as pudesse conseguir?

Na verdade, as consolações espirituais excedem todas as alegrias do mundo e todos os deleites da carne.

Porque todas as delícias do mundo são vãs ou torpes e somente as do espírito são suaves e honestas, geradas pelas virtudes e por Deus infundidas nas almas puras.

Mas ninguém pode, à medida de seus desejos, gozar dessas divinas consolações, porque breve é o tempo sem tentação.

2. Grande obstáculo às consolações celestes é a falsa liberdade de espírito e a demasiada confiança em si mesmo.

Deus faz bem, dando-nos a graça da consolação; o homem, porém, procede mal, não retribuindo tudo com ações de graças.

Se não nos consideramos enriquecidos com os dons da graça é porque somos ingratos para com seu dispensador, não atribuímos tudo à fonte de todo bem.

Com efeito, a graça é sempre concedida ao que sabe, dignamente, agradecê-la; nega-se ao soberbo o que se costuma dar ao humilde.

3. Não quero consolação que me tire a compunção, nem desejo contemplação que me leve à soberba.

Porque nem tudo o que é elevado é santo; nem tudo o que é bom é doce; nem todo desejo é puro, nem tudo o que nos deleita é agradável a Deus.

De boa vontade aceito a graça, que me torne mais humilde e me faça mais disposto à renúncia de mim mesmo.

O homem instruído pela graça e provado pelo castigo da subtração da mesma, já não ousará atribuir bem algum a si próprio; ao contrário, confessar-se-á pobre e desprovido de tudo.

Dá a Deus o que é de Deus e atribui a ti o que é teu; isto é, rende graças a Deus pelas suas graças e reconhece que são tuas somente a culpa e a pena do pecado.

4. Coloca-te sempre no último lugar e ser-te-á dado o mais elevado; porque o mais alto se apoia no baixo.

Os maiores santos diante de Deus são os menores, aos próprios olhos; quanto mais exaltados, mais humildes a si mesmos. Como estão cheios da verdade e da glória celeste não cobiçam a glória deste mundo.

Os que estão fundados e confirmados em Deus, de nenhum modo podem ser soberbos.

E os que atribuem a Deus todo o bem que dele receberam, não buscam louvores humanos, mas desejam, somente, a glória, que dele procede e aspiram; que Deus seja louvado acima de todas as coisas, neles e em todos os santos e tendem tudo para Deus.

5. Agradece, pois, o mínimo benefício e tornar-te-ás digno de receber maiores bens.

Considera o pouco em grande conta e o menor dom como dádiva singular.

Se se considera a dignidade de quem dá, nenhuma dádiva te parecerá pequena ou de menor valor, porque não pode ser pouco o que é dado por Deus soberano.

Ainda que nos envie penas e castigos, devemos agradecer-lhe; porque é sempre para a nossa salvação tudo o que faz ou permite que suceda.

Quem deseja conservar a graça de Deus, seja reconhecido pela que lhe foi concedida e sofra com paciência, quando lhe for retirada. Ore para pedir graças e seja cauteloso e humilde para não perdê-las.

REFLEXÕES

O homem é tão pobre que não tem um bom pensamento, nem um bom desejo, que lhe não venha do alto. Por si mesmo nada pode, nem ainda desejar ser libertado de sua miséria, que ele não conhece senão por uma luz sobrenatural... Se a divina misericórdia o não prevenisse, não poderia nunca fazer algum bem.

Quanto mais abundante for a graça que receber, tanto mais se deve humilhar, vendo o que seria sem ela, o que seria deixado a si mesmo. Criatura insensata, que te ensoberbeces com os dons de Deus, "que tens tu que não recebeste? e se o recebeste, por que te glorias como se o não receberas" (1Cor 4,7).

É necessário que a soberba se lance por terra diante desta palavra, e que o homem inteiro se aniquile na presença daquele que só o pode tirar do abismo em que se precipitara. Não pode levantar-se senão abaixando-se; o que fez dizer a São Paulo: "Quando me sinto fraco, então é que estou forte" (2Cor 12,10)

Bem vos entendo, ó grande Apóstolo! Esse sentimento que vos humilha chama a graça prometida aos humildes, e por ela sois revestido da fortaleza do mesmo Deus.

Que não devemos nós a esse Deus de bondade, e que lhe devemos por tantos benefícios? Ah! em nossa indigência outra coisa não temos a oferecer-lhe senão nosso coração, e é tudo que ele pede da sua pobre criatura. Pertença-lhe pois este coração sem reserva nem partilha; não queira ele e não busque senão a Deus, não viva senão de seu amor; e comece assim na terra a união inefável que virá a ser nossa eterna felicidade.

Aqui vos entrego, Senhor, meu coração, pois tendes amor para me tomar se estou perdido, para me abrasar se estou frio, para me purificar se corrupto e para me unir a vós para sempre, ainda que andei até agora apartado de vós. Renuncio daqui para sempre a todo outro amor; fazei vós, Senhor, que todo o amor me enfastie e aborreça a não ser o vosso, porque a vós só deseja agora minha alma e deseja desejar-vos e amar-vos para sempre.

CAPÍTULO XI

Dos poucos que amam a cruz de Cristo 1

1. Tem Jesus muitos que amam seu reino celeste; poucos, porém, que levam a sua cruz.

Tem muitos sedentos de consolações, raros de tribulações.

Encontra numerosos companheiros de sua mesa, poucos de sua abstinência.

Todos desejam gozar com ele; poucos querem sofrer alguma coisa por seu amor.

Muitos acompanham Jesus até o partir do pão, raros até o beber do cálice de sua paixão.

Muitos veneram os milagres; poucos seguem as ignomínias da cruz.

Muitos amam Jesus enquanto não lhes sobrevêm adversidades.

Se, porém, Jesus se oculta e os deixa, por algum tempo, entregam-se a lamentos ou a excessivo desânimo.

2. Aqueles, porém, que amam Jesus por amor de Jesus e não por amor de sua própria consolação, louvam-no tanto nas tribulações e angústias, como na maior consolação.

E, se nunca lhes quisesse dar conforto, sempre o louvariam e dariam ações de graças.

3. Oh! Quanto poderoso é o puro amor de Jesus, sem mistura de interesse e amor próprio!

Não devem, porventura, ser chamados mercenários os que estão sempre a procurar consolações?

Não manifestam que amam a si mais que a Jesus os que, de contínuo, cuidam de suas comodidades e de seus interesses?

Onde se encontrará quem queira servir a Deus gratuitamente?

4. Raras vezes se encontra alguém tão espiritual que esteja desapegado de todas as coisas.

Quem encontrará o verdadeiro pobre de espírito, inteiramente desprendido das criaturas?

É tesouro precioso que se deve procurar até os confins da terra.

Se um homem der toda a sua fortuna, ainda é nada.

Se fizer penitência, ainda é pouco. Se adquirir toda a ciência, está longe ainda.

Se tiver grande virtude e devoção fervorosa, mesmo assim muito lhe falta; falta-lhe uma coisa que lhe é sumamente necessária.

Qual? Que, deixadas todas as coisas, se deixe a si mesmo e saia totalmente de si, nada conserve de amor próprio.

E quando tiver feito tudo que devia fazer, reconheça que nadas fez.

5. Não tenha em muito que o avaliem por tão grande, antes se declare, sinceramente, servo inútil, conforme diz a verdade eterna: Depois que tiverdes feito tudo o que vos foi mandado, dizei: "Somos servos inúteis" (Lc 17,10).

Então, sim, chegará a ser, verdadeiramente, pobre de espírito e poderá dizer com o profeta: sou pobre e só no mundo.

Ninguém, contudo, é mais rico, mais poderoso e mais livre do que aquele que sabe deixar-se a si mesmo e a todas as coisas e pôr-se no último lugar.

REFLEXÕES

Devemos amar a Deus por Deus mesmo, e não por causa da alegria que experimentamos em servi-lo: porque, se nos retirasse as suas consolações, que viria a ser esse amor mercenário? Quem se busca ainda em alguma coisa, não sabe amar.

Vê o teu modelo, contempla Jesus, não buscou nunca a si mesmo. "Cristo não agradou a si mesmo", diz São Paulo (Rm 15,3).

Sacrificou tudo por ti, sossego, vida, até sua vontade: "Não se faça como eu quero, dizia a seu Pai, mas como vós quereis" (Mt 26,39).

Sofreu tudo com paciência e resignação até o suplício da cruz e o desamparo do Pai: "Meu Deus! que me desamparastes?" (Mc 27,46).

Entremos, a seu exemplo, no espírito de sacrifício; e, separados de hoje em diante de todo o interesse próprio, aceitemos, com igual serenidade,

os bens e os males, as penas e as alegrias, de sorte que, não tendo outros pensamentos, nem outros desejos senão os de Jesus sejamos "consumados com ele naquela união perfeita", que, depois de deixar este mundo, ele pediu por nós a seu Pai, como o último e o maior de seus dons (Jo 17,23).

Oh! Quem pudera dizer como São Paulo: "Vivo eu, mas já não eu, porque vive em mim Cristo!".

CAPÍTULO XII

Da estrada real da santa cruz

1. A muitos parece dura esta palavra: Renuncia a ti mesmo, toma a tua cruz e segue-me (Lc 9,23).

Muito mais duro, porém, será ouvir, aquela última sentença: Afasta-te de mim, maldito, para o fogo eterno.

Os que agora, de boa vontade, ouvem e seguem a palavra da cruz, não temerão ouvir a sentença da condenação eterna.

O sinal da cruz aparecerá no céu, quando o Senhor vier para julgar (Mt 24,30).

Então todos os servos da cruz que, durante a vida, se conformaram com o Crucificado, aproximar-se-ão com grande confiança de Cristo juiz.

2. Por que temes, pois, tomar a cruz, pela qual se vai ao reino?

Na cruz está a salvação, na cruz a vida, na cruz a proteção contra os inimigos.

Da cruz dimanam as suavidades celestes, a fortaleza da alma e a alegria do espírito.

Na cruz o complemento da virtude, a perfeição da santidade; não há salvação para a alma, nem esperança de vida eterna, senão na cruz.

Toma, pois, a tua cruz, segue a Jesus e caminharás para a vida eterna.

Ele foi adiante de ti, carregando sua cruz às costas e nela morreu por teu amor, para que tu também leves a tua e nela desejes morrer.

Porque, se com ele morres, do mesmo modo viverás com ele; se fores seu companheiro no sofrimento, também o serás na glória.

3. Eis que tudo se encerra na cruz e em morrer nela; não há outro caminho para a vida e para a verdadeira paz, senão a via da santa cruz e da mortificação contínua.

Anda por onde quiseres, procura quanto quiseres e não encontrarás caminho mais sublime acima do caminho da santa cruz, nem mais seguro abaixo dele.

Dispõe e ordena tudo de acordo com o teu querer e sentir, encontrarás sempre alguma coisa que é necessário sofrer de bom ou mau grado; e assim sempre acharás a cruz.

Porque ou sentirás dores no corpo ou suportarás tribulações na alma.

4. Ora te sentirás desamparado por Deus, ora perseguido pelo próximo; e, o que é pior, tornar-te-ás pesado a ti mesmo.

E não haverá remédio que te livre ou conforte; ao contrário, importa que sofras, até quando Deus quiser. Quer Deus, com efeito, que aprendas a sofrer sem consolação, para que te submetas totalmente a ele e te tornes mais humilde, pela tribulação.

Ninguém sente tão vivamente a paixão de Cristo, como quem passou por semelhante angústia. Assim está preparada a cruz e te espera em toda parte.

Não lhe podes fugir em parte alguma porque, onde quer que estejas, a ti mesmo levas e encontras.

Quer te voltes para cima ou para baixo, para fora ou para dentro, em todas as coisas encontrarás a cruz.

É necessário que em toda parte tenhas paciência, se queres gozar de paz interior e merecer a eterna coroa.

5. Se, de boa vontade, levares a cruz, ela te conduzirá e guiará ao reino almejado, isto é, onde acabam os sofrimentos, não neste mundo.

Se de má vontade a levas, aumentar-lhe-ás o peso e te sobrecarregarás mais, pois é forçoso que a suportes.

Se recusas uma cruz, sem dúvida encontrarás outra, talvez mais pesada.

6. Pensas escapar àquilo que nenhum mortal pôde evitar? Que santo existiu, no mundo sem cruz e tribulação?

Nem Jesus Cristo nosso Senhor esteve uma só hora, enquanto viveu, sem as dores de sua paixão. Convinha, disse ele, que sofresse, ressurgisse dos mortos e assim entrasse na sua glória.

Como, pois, procuras outro caminho, que não o da santa cruz?

7. Toda a vida de Cristo foi cruz e martírio e queres repouso e alegria!

Erras, enganas-te, se outra coisa pretendes que sofrimentos e tribulações; porque toda esta vida mortal está cheia de muitas misérias e

cercada de cruzes.

E quanto mais progresso alguém fizer na vida espiritual, tanto maiores cruzes encontrará, porque esta vida mortal está cheia de misérias e cruzes.

8. Aquele, porém, que se acha no meio de tantas provações, não está sem o alívio da consolação, porque sente que lhe cresce o fruto com levar a sua cruz.

Com efeito, quando, de boa vontade, a ela se submete, todo o peso da angústia se converte em confiança na consolação divina.

E quanto mais se enfraquece a carne pelas aflições, mais se fortifica o espírito pela graça interior. E, às vezes, tanto conforta o sentimento das amarguras e tribulações sofridas, por amor da conformidade com a cruz de Cristo, que não quisera estar sem dor nem provação, pois julga ser tanto mais agradável a Deus, quanto maiores e mais duros trabalhos sofrer por seu amor.

Não é isso virtude humana, mas graça de Cristo, que tanto pode e realiza na carne frágil; de modo que o espírito ame e abrace, com fervor o que, naturalmente, aborrece e evita.

9. Não está de acordo com a natureza do homem levar a cruz, amar a cruz, castigar o corpo e reduzi-lo à servidão, fugir às honras e sofrer, de boa vontade, injúrias; desprezar-se a si mesmo e desejar que o desprezem; suportar quaisquer adversidades e prejuízos e não desejar prosperidade alguma neste mundo.

Se olhares para ti mesmo, verás que nada disto podes. Se, porém, confiares no Senhor, do céu receberás a fortaleza e o mundo e a carne ficarão sujeitos ao teu domínio.

Não temerás o infernal inimigo, se estiveres armado da fé e fortalecido com a cruz de Cristo.

10. Resolve-te, pois, como bom e fiel servo de Cristo, a levar a cruz de teu Senhor, crucificado por amor de ti.

Prepara-te para sofrer nesta miserável vida, muitas adversidades e numerosos trabalhos; pois assim sucederá contigo em qualquer parte que estejas e nem outra coisa encontrarás onde quer que te escondas.

Convém que assim seja; não há outro recurso para te furtares às tribulações e dores se não tiveres paciência contigo.

Se queres ser amigo do Senhor e ter parte com ele, bebe, amorosamente, de seu cálice.

Entrega a Deus as consolações; ele as distribuirá como melhor lhe aprouver.

Tu, porém, dispõe-te a suportar tribulações e considera-as como consolações muito grandes; porque os sofrimentos, ainda que tu só os suportasses todos, nenhuma proporção têm com a glória eterna que nos é prometida.

11. Quando conseguires que a tribulação te seja suave e agradável, por amor de Cristo, julga-te feliz, porque achaste o paraíso na terra.

Enquanto o padecer te for molesto e procurares fugir-lhe, crê que andas mal e o receio da tribulação te perseguirá por toda a parte.

12. Se te resolveres como deves, isto é, sofrer e morrer, logo te sentirás melhor e encontrarás paz.

Ainda que fosses arrebatado ao terceiro céu, como São Paulo, não estarias, por isso, seguro de não sofrer alguma provação. Eu, diz Jesus, lhe mostrarei quanto importa padecer pelo meu nome (At 9,16). Resta-te, pois, sofrer, se queres amar e servir a Jesus para sempre.

13. Quão ditoso serias se fosses digno de sofrer alguma coisa pelo nome de Jesus!

Que grande glória alcançarias para ti, que alegria para todos os santos de Deus, quanta edificação para o próximo!

Na verdade, todos recomendam a paciência, ainda que poucos queiram praticá-la.

Com razão deverias sofrer alguma coisa por amor de Jesus Cristo, quando tantos padecem males maiores por amor do mundo.

14. Tem por certo que a tua vida deve ser morte contínua e que, quanto mais cada um a si mesmo morre, tanto melhor começa a viver para Deus.

Ninguém é apto para compreender as coisas celestes se não se resigna a sofrer adversidades por amor de Cristo.

Nada é mais agradável a Deus, nem mais proveitoso para ti, neste mundo, que sofrer, de boa vontade, por amor de Cristo.

E se tivesses de escolher, deverias preferir as adversidades, por amor a Cristo, ao gozo de muitas consolações; porque assim serias mais semelhante a Cristo e mais conforme a todos os santos. Nosso

merecimento e progresso espiritual não consiste em muitas doçuras e consolações; ao contrário, em sofrer grandes trabalhos e provações.

15. Se houvesse, realmente, alguma coisa melhor e mais útil à salvação dos homens que o sofrimento, Cristo, no-lo teria mostrado por palavras e exemplos.

Ora, aos discípulos, que o seguiam e a todos os que desejam acompanhá-lo, exorta claramente que levem a sua cruz, dizendo: Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.

Portanto, consideradas e examinadas todas as coisas, seja esta a última conclusão: Importa passar por muitas tribulações para entrar no reino de Deus (At 14,21).

REFLEXÕES

O que os homens menos entendem é a doutrina da cruz, "para os judeus escândalo, para os gentios loucura" (1Cor 1,23).

Que um Deus morresse para salvar os homens, mistério é profundo, perante o qual se inclinara sua razão; porém, que devam os homens associar-se a este estupendo sacrifício, morrendo a si mesmos, a suas paixões, eis o que os escandaliza e lhes faz dizer como os cafarnaítas: "Essa palavra é dura, e quem a pode ouvir?" (Jo 6,61).

Forçoso é, porém, que a ouçamos, pois dela depende nossa salvação. A cruz reconciliou o céu com a terra que estavam em guerra. Da árvore da cruz brota o fruto da vida que se perdera no paraíso terrestre; de seu tronco misterioso rebentam viçosos ramos que se elevam até o Céu. Abracemo-nos, pois, com o lenho sagrado em que esteve pendente o Salvador do mundo; seja ele neste desterro nossa consolação, assim como é nossa fortaleza e nossa esperança.

Quando, por sua bondade, Deus nos enviar alguma tribulação, digamos com Santo André: "Ó doce cruz! por mim tão desejada e agora preparada para esta alma que por ela ardentemente suspira!".

Todos os santos sentiram este abrasado desejo, todos falaram a mesma linguagem. "Sofrer ou morrer", repetia amiúde Santa Teresa e no sofrimento achava mais quietação e ventura que não gozam nunca os que o mundo chama felizes.

Uma só lágrima derramada aos pés de Jesus crucificado é mil vezes mais deliciosa que todos os prazeres do século.

Formosa cruz, mais resplandecente e rica com o sangue do divino Cordeiro que formosos rubis. Tu foste o fim de suas canseiras, tu o começo de seu repouso, tu a vitória de sua batalha, tu a entrada de sua glória e posse de seu reinado. Tu és a minha herança, que deste Senhor me ficou; adoro-te, recebo-te por meu rico tesouro. Ó mais formosa que todas as estrelas, mais forte que todos os exércitos, triunfadora de todos os inimigos. Tu és minha coroa, minha glória, minha riqueza e minha esperança no tremendo dia do juízo.

Por isso o caminho da Cruz é o caminho real, porque por ele passou o nosso verdadeiro rei, Jesus, o qual não só passou, mas nele viveu e morreu. Quem disse jamais senão o verdadeiro mestre: "Se alguém quiser vir após mim, tome a sua cruz e siga-me"?

Sigamos, pois, o caminho real que é o do sofrimento, do sacrifício e da resignação. Só assim é que entraremos no reino dos céus, porque, diz o apóstolo, é por muitas tribulações que lá chegaremos. Consolemo-nos, portanto, com aquela palavra bem acertada de quem disse: o sofrimento é a melhor moeda para comprar o céu.

LIVRO TERCEIRO

DA CONSOLAÇAO INTERIOR

CAPÍTULO I

Da comunicação interior de Cristo com a alma fiel

1. A alma fiel: — Ouvirei o que o Senhor Deus me disser.

Bem-aventurada a alma que ouve, em si mesma, a voz do Senhor e recebe de seus lábios palavras de consolação.

Bem-aventurados os ouvidos que, insensíveis aos rumores do mundo, percebem o sopro da inspiração divina.

Bem-aventurados os ouvidos que não escutam a voz que atroa lá fora, mas atendem à verdade, que ensina no interior.

Bem-aventurados os olhos que, cerrados às coisas exteriores, estão abertos às interiores.

Bem-aventurados os que penetram as veredas interiores e se aplicam, por quotidianos exercícios, a entender os celestes arcanos.

Bem-aventurados os que, com alegria, se entregam a Deus e se desembaraçam de todos os cuidados desta vida.

Considera bem estas coisas, ó minha alma, e fecha as portas dos teus sentidos, para que possas ouvir o que a ti falar o Senhor.

2. Cristo: - Eis o que diz o teu Amado: Eu sou a tua salvação, a tua paz e a tua vida; conserva-te junto de mim e encontrarás repouso, deixa as coisas transitórias e busca, somente, as eternas. Que são todas as coisas temporais, se não enganos? E de que te servirão todas as coisas, se te abandonar o Criador?

Renuncia a tudo e sê dócil e fiel ao teu Senhor, para que possas alcançar a verdadeira felicidade.

REFLEXÕES

Ouçamos a sabedoria incriada: "Minhas delícias, diz ela, são estar com os filhos dos homens" (Pr 8,3).

Mas a maior parte dos homens não entende sua linguagem, ou teme entendê-la; aparta-se dela para conversar com as criaturas. "Ela estava no mundo e o mundo não a conheceu" (Jo 1,10). Se queremos pois chamar sobre nós o espírito de Deus, aquele espírito cuja "unção nos ensina todas as coisas", separemo-nos do mundo; renunciemos a suas máximas, seus prazeres, suas sociedades tumultuosas. Jesus não se acha senão no

deserto; “Sua voz não ressoa nos lugares públicos”, no meio das assembleias do século; mas quando ele resolve liberalizar seus favores à alma fiel, “leva-a à solidão e ali fala a seu coração” (Mt 12,27; Os 2,14).

Quem poderá descrever as delícias daquela celestial conversação? Quem uma vez delas provou não pode mais suportar as conversações dos homens. Ó Jesus, falai a meu coração, daqui em diante só vossa voz quero escutar, no silêncio das criaturas; a vós só ouvirei, meu divino Mestre; seja vossa santa palavra meu encanto no mundo, e minha esperança para a eternidade.

CAPÍTULO II

Como a Verdade fala, dentro de nós, sem ruído de palavras

1. A alma fiel: —Falai, Senhor, que o vosso servo vos escuta.

Sou vosso servo; dai-me entendimento para que eu conheça vossos ensinamentos (1Rs 3,9).

Inclinai o meu coração às palavras de vossa boca; desçam elas sobre mim, como o orvalho.

Diziam outrora os filhos de Israel a Moisés: Fala-nos tu, que te ouviremos; não nos fale o Senhor, para que não suceda que morramos (Ex 20,19).

Não, Senhor; não é esta a minha prece; antes, como o profeta Samuel, humilde e ansioso vos peço: Falai, Senhor, que o vosso servo vos escuta.

Não me fale Moisés ou algum dos profetas; antes, falai-me vós, Senhor Deus, inspirador e oráculo dos profetas; porque vós, sem eles, podeis, perfeitamente, instruir-me; ao passo que eles, sem vós, de nada me valerão.

2. Podem, de fato, proferir palavras, mas não podem comunicar o espírito.

Transmitem a letra; mas vós manifestais o espírito; propõem os mistérios; vós desvendais a significação das figuras.

Promulgam vossos mandamentos; mas vós nos ajudais a cumpri-los.

Mostram o caminho; de vós, porém, nos advém a força para segui-lo.

Atuam exteriormente; mas vós instruís e iluminais os corações.

Regam a superfície; vós dais a fecundidade.

Clamam com palavras; vós concedeis inteligência para compreendê-las.

3. Não me fale, pois, Moisés, mas vós, Senhor Deus meu, Verdade eterna; para que não morra e fique sem fruto, se for apenas ensinado de fora e não abrasado por dentro.

Não me sirva de condenação vossa palavra ouvida e não praticada; conhecida e não amada; crida e não observada.

Falai, pois, Senhor, que o vosso servo vos escuta, porque tendes palavras de vida eterna (Jo 6,29).

Falai-me para consolação de minha alma; para emenda de minha vida, para louvor, glória e honra perpétua vossa.

REFLEXÕES

Há uma voz que nos fala interiormente e como no fundo da alma quando, fechando os ouvidos às vozes das criaturas, a Deus só queremos ouvir, e o chamamos com todo o ardor de nossos desejos. Longe dos homens, esta voz é que arrebatava os Paulos, os Antônios, os Pacômios, e lhes revelava, sem obscuridade, os segredos da ciência divina. Esta voz é que instrui os santos, os inflama, os consola e os embriaga, por assim dizer, de sua celestial doçura.

Moisés e os profetas estavam encobertos para os discípulos de Emaús: aparece Jesus, e à sua voz dissipam-se as sombras que obscureciam seu entendimento; experimentam sentimento desconhecido, por tal modo que diziam um ao outro: "Não estava nosso coração todo abrasado dentro de nós, quando ele nos falava no caminho e nos declarava as Escrituras?" (Lc 24,32).

E nós, pobres infelizes, que o tumulto do mundo traz ainda distraídos, que faremos?

Não queremos nós também ouvir Jesus? Como os dois discípulos estamos em viagem; caminhamos para a eternidade. Jesus, por seu amor, se aproxima de nós; e de certo modo se faz nosso companheiro de caminho: porém, achando-nos tão pouco atentos, retira-se e nós caminhamos sós. Medonha solidão! Ah! Tenhamos cuidado não nos anoiteça no caminho! Apressemo-nos a chamar o divino guia, e digamos-lhe, com toda a nossa alma: "Senhor, ficai conosco, porque se faz tarde e já vem chegando a noite" (Lc 24,29).

CAPÍTULO III

Como as palavras de Deus devem ser ouvidas com humildade e como poucos as ponderam

1. Cristo: — Ouve, filho, as minhas palavras, palavras suavíssimas, que excedem toda a ciência dos filósofos e sábios deste mundo.

As minhas palavras são espírito e vida e não devem ser julgadas segundo o critério humano (Jo 6,64).

Não se deve usar delas por vã complacência; mas devem ser ouvidas em silêncio, recebidas com grande afeto e toda a humildade.

2. A alma fiel: — E disse eu: bem-aventurado aquele a quem vós, Senhor, instruirdes e ensinardes a vossa lei, para que o guardeis nos dias maus e não fique sem consolo na terra.

3. Cristo: — Eu, diz o Senhor, desde o princípio instruí aos profetas e a todos sem cessar ainda falo; não obstante, muitos são rebeldes e surdos à minha voz.

Muitos escutam o mundo de preferência a Deus; mais facilmente seguem os apetites da carne que o beneplácito divino.

Promete o mundo coisas temporais e de pouco valor e é servido com grande empenho; eu prometo bens soberanos e eternos e os corações dos homens ficam insensíveis.

Quem me serve e obedece em todas as coisas, com o mesmo cuidado, com que serve o mundo? Envergonha-te, Sion, diz o mar e se desejas saber a causa, ei-la: Por pequeno provento fazem os homens longas jornadas e, dificilmente, dão um único passo para a vida eterna.

Procura-se lucro vil; por pequena moeda questionam, às vezes, vergonhosamente; por ninharia ou mesquinha promessa não se teme a fadiga do dia e da noite.

4. Mas, que miséria! Pelo bem imutável e pelo prêmio inestimável, pela honra suprema e pela glória que não tem fim, hesita-se em sofrer um pouco!

Envergonha-te, pois, servo preguiçoso e murmurador, por haver alguns mais solícitos pela perdição, que tu pela vida eterna!

Buscam com mais gosto a futilidade, que tu a verdade.

Entretanto, não raro, são frustrados em suas esperanças; mas a minha promessa a ninguém engana e jamais deixa de mãos vazias quem em mim confia.

Darei o que prometi, cumprirei o que disse, a quem perseverar fiel ao meu amor até o fim. Sou eu o remunerador de todos os bons e quem submete a duras provações todos os justos.

5. Grava em teu coração e medita, atentamente, as minhas palavras, que, na hora da tentação, serão mui necessárias.

O que não entendes, quando lês, conhecê-lo-ás no dia da minha visita.

De dois modos costumo visitar os meus eleitos: pela tentação e pela consolação; e, cada dia, dou-lhes duas lições, uma repreendendo seus vícios, outra exortando-os ao progresso na virtude.

Aquele que ouve as minhas palavras e as despreza, terá quem o julgue, no último dia.

ORAÇÃO

Para pedir a graça da devoção

6. Senhor, meu Deus, sois todo o meu bem. E quem sou eu para me atrever a falar-vos?

Sou o mais pobre dos vossos servos, vermezinho abjeto e mais desprezível do que sei e posso dizer.

Lembrai-me, pois, Senhor, que nada eu sou, nada tenho e nada valho.

Somente vós sois bom, justo e santo; tudo podeis, dais tudo e encheis tudo; só ao pecador deixais vazio.

Lembrai-vos das vossas misericórdias, enchei meu coração com a vossa graça, pois não quereis que sejam infrutuosas as vossas obras (Sl 25,6).

7. Como poderei sustentar-me, nesta miserável vida, se não me confortar vossa graça e misericórdia?

Não desvieis de mim a vossa face, não demoreis a vossa visita, não me priveis das vossas consolações, para que a minha alma não se torne para vós como terra sem água.

Ensinai-me, Senhor, a fazer a vossa vontade; ensinai-me a andar diante de vós, digna e humildemente; porque sois a minha ciência que, em verdade, me conheceis e me conhecestes antes que o mundo fosse criado e antes que nele eu nascesse.

REFLEXÕES

Não há coisa mais rara que um desejo sincero da salvação; e é o que nos deve fazer tremer, porque nossa sorte será como nós a fizermos: Deus

ajuda-nos, vem com sua graça em socorro do livre-arbítrio, mas ele não a força nem constrange. Ora que vemos nós? Não falamos aqui do ímpio já resoluto a perder-se, e marcado já com o selo da reprovação: falamos dos que se dizem, que se creem discípulos de Jesus Cristo. Na especulativa querem tais cristãos salvar-se; mas na prática querem sobretudo possuir os bens do mundo e gozar dos prazeres da terra. Darão a Deus, de passagem, algumas orações e obrigados informar-se-ão da sua lei para conhecer o que ela ordena estritamente: depois, tranquilos e desafogados, correrão após honras, riquezas, de prazeres que eles chamam legítimos, ou adormecerão numa vida mole, permitida a seus olhos, porque ela não viola em aparência nenhum preceito formal. Mas em tudo isto, onde está a fé que deve regular todas as ações relativamente à eternidade?

Onde está o amor de Deus ocupado sempre de seu objeto, o santo amor ávido de sacrifícios; onde está a paciência? Onde está a cruz? Ó meu Deus! e será isto desejar a salvação; não está porventura escrito que "aquele que busca sua alma a perderá?" (Lc 17,33).

Julgue-se cada um de nós segundo esta palavra, antes do dia terrível em que o Senhor o julgará em verdade e justiça.

Eis aqui, Senhor, vossa miserável criatura a quem tanto amastes e por quem tanto fizestes, tão desaproveitada, tão fraca, tão perdida como vós vedes. Que será de mim, Senhor, sem a vossa misericórdia? Sem vós, Senhor, nem sei levantar-me; sei ofender-vos, e não vos sei contentar, se a vossa luz e a vossa graça, me não favorece e ajuda. Vós vedes, Senhor, que tudo há de vir de vossa mão: vontade, o desejo, e por obra o que em mim inspirais. Ó amador benigníssimo dos homens! Vós sois o verdadeiro amparo dos órfãos, o remédio pronto dos necessitados; lançai-me os olhos de vossa misericórdia e piedade, compadecei-vos, Senhor, de minhas misérias, e regai este miserável coração com essa fonte viva de vossa eterna bondade. Ó luz verdadeira, não me deixeis em minhas trevas! Ó fortaleza infinita, esforçai minha miserável fraqueza! Recebei, Senhor, meu desejo, ajudai esta pobre vontade, esquecei-vos do que vos mereço, e dai-me o que na cruz me merecestes. Faça vossa bondade em mim o que de mim quereis, para que tudo seja honra e glória vossa. Amém.

CAPÍTULO IV

Como na presença de Deus devemos andar em verdade e humildade

1. Cristo: — Anda em minha presença em verdade e procura-me, sempre, com simplicidade de coração.

Quem anda diante de mim pelo caminho da verdade, será defendido contra os ataques dos inimigos e a verdade o livrará dos enganos e das murmurações dos maus.

Se a verdade te libertar, serás inteiramente livre e não cogitarás das vãs palavras dos homens.

2. A alma fiel: — Senhor, verdade é o que dizeis; peço-vos que assim aconteça comigo. A vossa verdade me ensine, guarde e conserve até o fim.

Livre-me ela de toda má afeição e amor desordenado, para que eu ande em vosso serviço com grande liberdade de coração.

3. Cristo: — Eu sou a Verdade e te ensinarei tudo que é justo e agradável aos meus olhos.

Relembra os teus pecados com grande pesar e dor e jamais te desvaneças por tuas boas obras. Na verdade, és pecador, sujeito a muitas paixões, que te prendem. Por ti mesmo tendes sempre para o nada e, facilmente, cais e és vencido, logo te perturbas e desfaleces.

Nada tens de que te possas gloriar; muito, porém, de que te devas humilhar.

4. Nada do que fazes te pareça grande.

Nada tenhas por elevado, precioso ou admirável; nada julgues, verdadeiramente, louvável e desejável, senão o que é eterno.

É necessário, acima de todas as coisas, que te comprazas na eterna Verdade e te desagrades de tua extrema baixeza.

Nada temas, reproves e evites tanto como os teus pecados, que mais te devem afligir que todas as perdas deste mundo.

Alguns não andam com sinceridade diante de mim, mas levados pelo espírito de curiosidade e de soberba, pretendem conhecer os meus segredos e penetrar os altos mistérios de Deus, descuidando-se de si mesmos e da própria salvação.

Esses caem, muitas vezes, em grandes tentações e pecados, por seu orgulho e curiosidade, pois que eu lhes resisto.

5. Teme o juízo de Deus, treme ante a ira do Onipotente. Evita discutir as obras do Altíssimo; examina, porém, as tuas iniquidades, em quantas coisas pecaste, na infinidade de bens que negligenciaste.

Alguns colocam toda a sua devoção nos livros, outros nas imagens, outros, porém, em sinais e figuras exteriores.

Alguns me louvam com os lábios, muito poucos com o coração.

Há outros que, com o espírito esclarecido e o coração puro, aspiram sempre aos bens eternos: não gostam de ouvir falar de coisas terrenas e, somente com repugnância, se sujeitam às necessidades da natureza; esses compreendem o que o Espírito da verdade lhes diz interiormente.

Porque lhes ensina a desprezar os interesses mundanos, a amar os bens celestes e a não fazer caso do mundo e a aspirar noite e dia pelo céu.

REFLEXÕES

"Eu sou o Deus onipotente: anda em minha presença e sê perfeito". Assim falava o Senhor ao Pai dos crentes, e este preceito se dirige ainda com mais força aos cristãos que contemplaram, no Filho do Homem, o modelo de toda a perfeição. Por isso lhes disse ele: "Sede perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito" (Gn 17,1; Mt 5,48).

Admirável preceito, que elevando nossa incompreensível baixeza, nos ensina o que é o homem remido, o que é o cristão aos olhos de Deus. Mas sendo nós criaturas fracas, encurvadas debaixo do peso da carne, como nos aproximaremos dessa perfeição soberana para a qual devemos continuamente tender? Ouvi a Jesus Cristo: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14,6).

Ele é o caminho seguro que nos leva a Deus, fora do qual só há extravio e perdição; ele é a verdade eterna e visível que falou conosco, fora da qual só há engano e mentira; ele é a vida, que nos livrou da morte do pecado, nos anima com sua graça e nos prepara a vida eterna, fora da qual só há trevas e sempiterno horror! Por conseguinte, tudo em Jesus e tudo por Jesus.

Unidos nossos pensamentos aos seus, nossas afeições e obras às suas, divinizam-se: e como a perfeição do Filho é a mesma do Pai, por nossa união com o Filho, que começa no mundo e se consumará no céu, nos tornamos perfeitos como o Pai é perfeito. Assim se cumpre a oração de Jesus Cristo: "Pai Santo, conservai todos os que me destes, para que eles

sejam unidos como nos fazemos um! Santificai-os na verdade; eu mesmo me santifico por eles, para que eles sejam santificados na verdade" (Jo 17,11.17.19).

Não esqueçamos, porém, que esta grande união que nos eleva até participar dos merecimentos infinitos do Redentor não se efetua senão em proporção do sacrifício que fazemos de nós mesmos. Nossa humildade é dela a medida: quanto mais renunciarmos a nós mesmos, quanto mais nos desapegarmos dos bens terrenos, quanto mais nos abatermos diante de Deus, tanto mais nos uniremos a Jesus Cristo.

Não há completa união com Jesus Cristo onde vive ainda o amor-próprio corrompido. É preciso morrer a si mesmo, a seus desejos, a seus afetos, à sua vontade, à sua razão cega, para ser "um com o Filho como eIe é um com seu Pai, para ser santificado na verdade. Ditosa morte que nos põe de posse da verdadeira vida, do mesmo Deus, e de sua santidade, de sua verdade eterna! (2Cor 1,3).

Deus e Salvador meu, quando parece que estais mais longe, então vos achais perto, e mais presente, cheio de graças e de verdades. Viestes ao mundo vestido de nossa humanidade para estar com os homens, conversar com eles, ensinar-lhes as verdades da salvação, mostrar-lhes o caminho do céu, e abraçá-las de vosso divino amor. Bem vos entendo, Deus meu: amor vos traz e amor quereis; em fogo ardeis e nele quereis se abrasem nossos corações. Dou-vos, Senhor da minha alma, todo meu coração, todo meu espírito, todo meu amor. Amo-vos e desejo todo abrasar-me em vosso amor.

Mas amo-vos quanto posso, pois vós, infinito bem, sois meu, convosco todo vos amo. Oh! Se sempre vos amasse! Oh! se sempre me abrasásseis! Oh! se sempre vos possuísse! Oh! se nada me apartasse de vós! Alumiai-me, verdade incriada, sustentai-me, fortaleza soberana, aviventai-me, vida eterna; guiai-me, sabedoria infinita. A misericórdia e amor que vos humanizou vos faça ter piedade desta vossa humanidade em mim tão perdida, mísera e corrupta. Dai-lhe a vossa graça no tempo e o prêmio de vosso amor na eternidade

CAPÍTULO V

Dos admiráveis efeitos do amor divino

1. A alma fiel: - Bendigo-vos, Pai celestial, Pai de meu Senhor Jesus Cristo, porque vos dignastes lembrar-vos de mim, que sou pobre.

Graças vos sejam dadas, Pai de misericórdia e Deus de toda a consolação que, às vezes, apesar de minha absoluta indignidade, me confortais com as vossas consolações (2Cor 1,3).

Sede sempre bendito e glorificado, com o vosso Unigênito Filho e o Espírito Paráclito, por todos os séculos dos séculos.

Ah! Senhor, Deus meu, santo amigo de minha alma, quando vierdes ao meu coração, estremecerão de júbilo as minhas entranhas!

Sois a minha glória, o enlevo de meu coração; sois a minha esperança e o meu refúgio no dia da tribulação.

2. Fraco no amor e imperfeito na virtude, necessito de que me fortaleçais e consoleis: visitai-me, pois, mais amiúde e instruí-me na vossa santa lei. Livrai-me das más paixões e curai o meu coração dos afetos desordenados, para que, santo e purificado interiormente, me torne apto para sofrer e firme para perseverar.

3. Grande coisa é o amor; bem verdadeiramente grande, só ele torna leve o que é pesado e suporta com igual ânimo todas as perturbações.

Porquanto leva a carga sem lhe sentir o peso, torna doce e saboroso o que é amargo.

É generoso o amor de Jesus; impele para grandes ações e excita a desejar, cada vez mais, a perfeição.

O amor aspira a elevar-se, sem se deixar prender às coisas da terra.

O amor quer ser livre e isento das afeições mundanas, que ofuscariam a interna visão a fim de não se embaraçar por algum interesse temporal, nem ficar abatido pelos contratempos.

Não há, no céu, nem na terra, coisa mais doce, mais forte, mais sublime, mais agradável, mais ampla, mais completa e melhor: porque nasceu de Deus e, acima de todas as coisas criadas, sente que somente nele pode descansar.

4. Aquele que ama corre, voa; vive alegre, é livre, nada o detém.

Dá tudo a todos e tem tudo em todos; pois, acima de tudo, repousa no único bem soberano do qual dimanam e procedem todos os outros bens.

Não olha para as dádivas; mas acima de todos os bens, atenta naquele que os liberaliza.

O amor, quase sempre, não conhece moderação; o ardor transpõe todos os limites.

O amor não sente peso, não leva em conta o trabalho, deseja mais do que pode; nada reputa impossível, pois julga que tudo pode e que tudo é permitido.

Por isso de tudo é capaz; empreende e realiza muitas coisas, nas quais, o que não ama, desfalece e sucumbe.

5. O amor está sempre vigilante e, mesmo no sono, não dorme.

As fadigas não o cansam, nem as angústias o afligem, nem o perturba o temor; ao contrário, qual viva chama e ardente labareda, rompe as alturas e passa adiante.

Se alguém ama, entende o que diz essa voz.

Grande clamor é aos ouvidos de Deus o ardente afeto da alma fervorosa, que diz: Meu Deus e meu amor, sais todo meu e eu todo vosso.

6. Dilatai-me no amor, para que aprenda, no fundo de meu coração, a saborear quão suave seja amar-vos, até me derreter e nadar no vosso amor.

Possua-me o amor e eleve-me acima de mim mesmo em seus transportes de fervor.

Cante eu um cântico de amor, que vos siga nas alturas a vós, meu Amado; e a minha alma rejubilada pelo vosso amor, desfaleça nos vossos louvores.

Ame-vos eu mais que a mim mesmo e nem a mim mesmo ame senão por amor de vós, e em vós todos os que vos amam, conforme ordena a lei do amor, que de vós recebe sua luz.

7. O amor é diligente, sincero, pio, alegre e suave; é forte, sofredor, fiel, prudente, constante, varonil, sem jamais cuidar de si mesmo; pois que, desde que alguém a si mesmo se busca, cessa de amar.

O amor é circunspecto, humilde e reto; não é inconstante nem leviano; não se aplica a coisas vãs; é sóbrio, casto, firme, tranquilo e recatado em todos os sentidos.

O amor é submisso e dócil para com os superiores, vil e desprezível aos próprios olhos; cheio de reconhecimento para com Deus; nele confia e espera, mesmo nas desconsolações; porque não se vive no amor sem sofrimento.

8. Quem não está preparado para sofrer tudo e fazer a vontade do seu Amado, não é digno do nome do amado.

É necessário ao que ama abraçar, de boa vontade, por amor de seu dileto, tudo que for duro e amargo e dele não se apartar por nenhuma contrariedade.

REFLEXÕES

"Deus é amor, e quem permanece no amor, permanece em Deus, e Deus nele" (Jo 4,16).

Mas o amor tem seus tempos de prova, como seus momentos de gozo; e esta vida transitória deve ser de contínuo exercício de amor, ou a consumação dum grande sacrifício, cujo prêmio será uma vida eterna ou um amor imutável.

Todos os caracteres da caridade, enumerados por São Paulo, nos recordam a ideia de sacrifício; e o mesmo amor infinito não pode manifestar-se plenamente a nós senão por sacrifício infinito. "Deus amou de tal modo o mundo que deu por ele seu Filho único" (Jo 3,16).

E nosso amor para com Deus não pode tampouco manifestar-se senão por sacrifício, não igual, o que seria impossível, mas semelhante pelo dom de todo nosso ser ou perfeita obediência de nosso espírito, de nosso coração e de nossos sentidos à vontade daquele que tão extremosamente nos amou.

Então se verifica aquela união inefável que, na sua última hora, pedia Jesus Cristo a seu eterno Pai operasse entre ele e a criatura resgatada. Enquanto a natureza viver ainda em nós, alguma coisa nos separa de Deus e de Jesus, e o amor de Jesus nos impele a que consumamos o sacrifício e pronunciemos aquela última palavra que o mundo não compreende, mas que regozija o céu: "Tudo está consumado!" (Jo 19,30).

Quando pronunciarás tu, minha alma, esta palavra decisiva?

CAPÍTULO VI

Da prova do verdadeiro amor

1. Cristo: — Filho, não és ainda bastante forte e prudente no teu amor.

A alma fiel: — Por quê, Senhor?

Cristo: — Porque, por qualquer contrariedade, abandonas o que começaste e procuras consolação com muita avidez.

O amigo forte e corajoso persevera nas tentações e não acredita nas sugestões astuciosas do inimigo. Assim como eu lhe agrado na fortuna, assim não lhe desagrado na adversidade.

2. O amigo discreto não tanto considera a dádiva, quanto o amor de quem dá.

Olha mais para o afeto, do que para o benefício e põe todos os dons abaixo daquele a quem ama.

O amigo sincero repousa, não no dom, mas em mim, acima de todos os dons.

Todavia, nem tudo está perdido se, às vezes, sentires para comigo ou para com os meus santos menos devoção do que desejaras.

Os bons e ternos afetos, que, às vezes, recebes são efeito da presença da graça e certo antegozo da pátria celeste; nele não te deves firmar muito, porque vai e vem.

Pelejar, porém, contra os maus movimentos do coração e desprezar as sugestões do demônio é sinal de virtude e de grande merecimento.

3. Não te perturbem, pois, estranhas imaginações, venham donde vierem.

Guarda firme o teu propósito e intenção reta diante de Deus. Não é ilusão seres tu, algumas vezes, arrebatado a êxtase repentino e caíres depois nas fraquezas habituais do coração.

Porque antes as padeces contra a vontade, do que és causa delas e, enquanto te desgostam e lhes resistes, há mérito e não culpa.

4. Sabe que o antigo inimigo faz todo o possível por abafar os teus bons desejos e afastar-te das práticas de piedade, a saber: o culto dos santos, a piedosa meditação da minha paixão, a útil recordação dos teus pecados, a guarda do teu coração e o firme propósito de progredir na virtude.

Sugere-te mil pensamentos maus, para te causar tédio, para te desviar da oração e das leituras espirituais.

Desagrada-lhe a confissão humilde e se pudesse, faria que deixasses a comunhão.

Não lhe dês crédito, nem faças caso dele, ainda que, muitas vezes, arme laços enganosos.

Lança-lhe em rosto os pensamentos maus e impuros, que te sugere e dize-lhe: afasta-te, espírito imundo, cobre-te de vergonha, miserável! Mui impuro és tu, que tais coisas lembras.

Retira-te de mim, malvado sedutor; não terás jamais parte em mim; Jesus, porém, estará comigo, como guerreiro invencível e tu ficarás cheio de confusão. Prefiro morrer ou sofrer toda sorte de tormentos, a consentir no que pretendes.

Cala-te, emudece; não te prestarei ouvidos, por mais que me molestes. O Senhor é a minha luz e salvação, a quem temerei? (Mc 4,39; Sl 27,1).

Ainda que se arme um exército contra mim, não temerá meu coração. O Senhor é o meu sustentáculo e meu Redentor.

5. Peleja como bom soldado e, se algumas vezes, por fraqueza caíres, torna a cobrar maiores forças que as anteriores, certo de que receberás mais copiosa graça; guarda-te, porém, contra a vã complacência e a soberba.

Por isso muitos erram e caem em cegueira quase incurável.

Sirva-te de exemplo, para constante humildade, a ruína dos soberbos que, loucamente, presumem de si.

REFLEXÕES

"Nem todos os que dizem, Senhor, Senhor, entrarão no reino dos céus; senão aquele que fizer a vontade de meu Pai celestial, esse entrará no reino dos céus" (Mt 7,21).

Pelas obras é que se conhece o verdadeiro amor. Sempre pronto a obedecer, nunca afrouxa nem desanima. Na tristeza e na alegria, na consolação e no sofrimento, louva e bendiz igualmente aquele "que fere e cura" segundo os divinos conselhos, impenetráveis à humana criatura (Dt 32,39).

Se a tentação vem prová-lo, peleja, resiste com ânimo sossegado, porque não conta sobre suas próprias forças, e espera a vitória do auxílio que vem do alto. Se alguma vez cai, levanta-se logo sem turbação, humilhado, mas não abatido. Seu arrependimento, posto que profundo é destemido, porque é isento da irritação da soberba. Suas faltas afligem-no, mas não lhe causam espanto. Conhece sua fraqueza e a deplora, cheio de confiança na graça que o sustentará, se ele for fiel. Desapegado da

terra e de suas vaidades, que chamam bens, que quer ele? O que Deus quiser: não tem outra vontade nem outro desejo.

Quando seu amado se retira e se esconde de seus transportes, longe de se queixar, confessa-se indigno de o possuir e a privação que o purifica inflama ainda mais seu ardor.

Ó Jesus, quão admiráveis são os caminhos por onde conduzis as almas que vos amam, que "têm sede de vós"! Ora as inundais de vossa alegria, ora as abandonais nas lágrimas; por vezes as prevenis e depois parecem chamar-vos "em vão", como a esposa dos cantares. Provas de ternura e de misericórdia! Purificadas assim aquelas almas escolhidas pouco a pouco se desatam de seus laços; elevam-se até vós e um derradeiro esforço de amor as transporta ao pé do trono em que vos mostrais sem véu. Então se sentem ditosas e saciadas de eterna alegria: *Satiabor cum apparuerit!* (SI 42,15).

CAPÍTULO VII

Como ocultar a graça sob a guarda da humildade

1. Cristo: — Filho, mui proveitoso e seguro para ti é o ocultares a graça da devoção, sem te desvaneceres com ela, não falares muito dela, nem exagerares o seu valor; antes despreza a ti mesmo e teme que não sejas digno da graça recebida.

Importa que não te apegues, demasiadamente, a essas emoções, que mui depressa podem transformar-se em outras contrárias.

Estando em graça, pensa no abandono e na miséria em que costumas cair, quando ela te falta. Não consiste o progresso da vida espiritual só em gozar da graça da consolação, mas em suportar a privação dela, com humildade, abnegação e paciência, de tal modo que não afrouxes na prática da oração, nem deixes, de todo, o exercício das outras obras que costumas fazer.

Mas, como melhor puderes e entenderes, faze, de boa vontade, tudo o que estiver em tuas mãos; nem, por causa da secura ou ansiedade de espírito, que sintas na alma, te descuides, completamente, de ti mesmo.

2. Muitos caem logo na impaciência e no desânimo quando as coisas não sucedem como desejam.

Nem sempre, porém, está na mão do homem o seu caminho; mas pertence a Deus dar e consolar quando e quanto quiser, como lhe aprouver, de acordo com o seu divino beneplácito e nada mais.

Alguns imprudentes se perderam pelo ardor da devoção, porque quiseram fazer mais do que podiam, sem olhar para a própria fraqueza, seguindo antes as inclinações do coração, que os ditames da razão.

E, porque presumiram elevar-se mais alto do que lhes permitia Deus, por isso mesmo, perderam logo a graça.

Ficaram pobres e abatidos os que pretendiam pôr o seu ninho no céu, para que, humilhados e empobrecidos, aprendessem a não voar com as próprias asas, mas a acolher-se à proteção das minhas.

Os que ainda são novos e inexperientes nos caminhos do Senhor, facilmente se desvairam e perdem, se não se dirigem por conselhos de pessoas prudentes.

3. Se quiserem seguir antes seu próprio parecer, do que confiar na experiência alheia, corre perigo sua salvação, a menos que renunciem ao próprio parecer.

Os que se consideram como sábios, raramente suportam, com humildade, que outros os dirijam. Melhor é saber e entender pouco, com humildade, que possuir tesouros de ciência e comprazer-se em si mesmo.

É melhor para ti ter pouco do que muito que te faça ensoberbecer.

Não procede discretamente quem se entrega de todo à alegria, esquecendo-se de sua antiga miséria e do puro temor de Deus, que sempre receia perder a graça recebida.

Não demonstra suficiente virtude quem, no tempo da adversidade e de qualquer tribulação, se entrega ao desespero, concebendo e nutrindo pensamentos indignos da confiança que me é devida.

4. Quem, na paz se julga demasiadamente seguro, muitas vezes se revela fraco e covarde no tempo da guerra.

Se soubesses te conservar sempre humilde e moderado, regular e dirigir bem os movimentos do teu coração, não cairias tão depressa em tentações e pecados.

É prudente que, quando sentes fervor, consideres o que será de ti, retirando-se esta graça.

E se tal acontecer, lembra-te que a graça pode voltar novamente e que a subtraí de propósito para proveito teu e glória minha.

5. Mais proveitosa é, às vezes, tal provação, do que se as coisas te corressem sempre bem, à medida de teus desejos.

Com efeito, não se devem avaliar os méritos por alguém ter muitas visões e consolações; nem por ser versado nas Escrituras ou colocado em posição elevada; mas por estar fundado na humildade e cheio da divina caridade; por buscar sempre, pura e inteiramente, a glória de Deus; por se reputar em nada e se desprezar, verdadeiramente, e preferir ser esquecido e humilhado a ser honrado pelos homens.

REFLEXÕES

Reconhecer sua miséria e nunca a perder de vista; entregar-se sem reserva nas mãos de Deus, com fé viva e amor obediente: eis toda a vida espiritual, cujo primeiro fundamento é a humildade. Aquele que diz no fundo de sua alma: eu não sou senão fraqueza e miséria, não busca apoio em si, e põe em Jesus sua única esperança, segue com singeleza os movimentos da graça, não se eleva no fervor, nem se abate na secura; sempre satisfeito, contanto que nele se cumpra a vontade divina.

A soberba, que muitas vezes se esconde sob a capa da virtude e santidade, não o seduz pelo vão desejo de um estado em aparência mais perfeito, ao qual não é chamado. Fiel e tranquilo em seu caminho diz a Deus: "Dai-me a sabedoria que assiste ao pé de vosso trono, e não me rejeiteis do número de vossos filhos, porque eu sou vosso servo e filho de vossa serva, homem fraco e sem valor, que não tem a inteligência de vosso juízo e de vossas leis" (Sb 9,4-5).

Em paz descansa aquele cujo coração assim ora, assim deseja; Deus lança sobre ele olhos de complacência e sua bênção sobre ele repousa.

Ponde, Senhor, em mim vossos piedosos olhos, dai-me ouvidos para ouvir vossa voz, desejo para vos seguir, amor para vos buscar, virtude para chegar a vós, conhecimento de meus males para que os aborreça, e luz com que veja os perigos desta vida, para que fuja para vós. Ah! Bom Jesus, uma coisa me falta, pela qual só me posso restaurar; é a santa humildade, conservadora de todos os bens. Ela só me pode ensinar a importância deste vivo cuidado que de vós devo ter. Sei que ela em mim vos contenta sumamente. Humilhai-me, humilde Jesus; plantai e regai em mim esta vossa companheira, amiga e tesoureira de vossos bens, para

que com ela viva sempre temeroso de mim, fuja sempre para vós, por vossos bens suspire, viva forte em vós, livre de mim e só de vós possuído.

CAPÍTULO VIII

Do baixo apreço de si próprio ante os olhos de Deus

1. A alma fiel: — Falarei ao Senhor, embora eu seja pó e cinza. Se me tiver em melhor conta, eis que vos ergueis contra mim e as minhas iniquidades darão testemunho verídico e não poderei contradizer.

Se, porém, me rebaixar e me aniquilar, renunciando a toda estima de mim mesmo, humilhando-me até o pó, que sou, ser-me-á propícia a vossa graça e vossa luz virá ao meu coração; toda presunção, por menor que seja, sumir-se-á no abismo do meu nada e acabará para sempre.

Ali me mostrareis o que sou, o que fui e em que me tornei; pois nada sou e não o sabia.

Abandonado a mim mesmo, sou puro nada e a mesma miséria; mas se, de improviso, lançais sobre mim os vossos olhos, sinto-me forte e cheio de novo contentamento.

É verdadeiramente admirável que tão depressa me levanteis e tão benignamente abraceis a mim, que, pelo próprio peso, sou puxado sempre para a terra.

2. Obra é esta de vosso amor prevenir-me dos maiores perigos; em uma palavra, livrar-me de inumeráveis males.

Perdi-me pelo amor desordenado de mim mesmo; buscando-vos e amando-vos sinceramente, encontrei, de uma só vez, a vós e a mim mesmo, e deste amor recebi profundo conhecimento do meu nada:

Porque vós, benigníssimo Senhor, me concedeis muito mais do que mereço e mais do que ouso esperar e pedir.

3. Bendito sejais, meu Deus; porque embora seja eu indigno de todo o bem, ainda assim a vossa magnanimidade e infinita bondade não cessam de fazer o bem, mesmo aos ingratos e aos que estão mais afastados de vós.

Convertei-nos a vós, para que sejamos reconhecidos, humildes e fervorosos; porque vós sois a nossa salvação, a nossa virtude, a nossa fortaleza.

REFLEXÕES

Deus mostra-se, na Escritura, cheio de imensa compaixão para com as faltas por assim dizer, puramente humanas, mas é sem piedade para com a soberba, princípio de todo mal; porque ela é o crime próprio do anjo rebelde, que se levanta diretamente contra o ente supremo que disse: "Eu sou Javé; este é meu nome. Não darei minha glória a nenhum outro" (Is 42,8).

Ora, toda soberba tende, por sua essência a igualar-se com Deus, a fazer-se Deus. Desordem esta por extremo grande, e que hesitaríamos a crer possível, se a não tivéssemos sempre presente a nossos olhos, e se lhe não sentíssemos o germe em nós mesmos. Não esqueçamos nunca a queda fatal de Lúcifer, a quem disse o Eterno pela boca de Isaías: "Como caíste, tu que te levantavas como a estrela da manhã, que dizias em teu coração: Subirei ao mais alto dos céus, estabelecerei meu trono acima das estrelas, e serei semelhante ao AItíssimo? Eis que serás precipitado nos infernos, na profundeza do abismo" (Is 14,12,16)!

Lede, no Evangelho, as tremendas ameaças pronunciadas pelo Salvador contra os fariseus soberbos, enquanto os pecadores saem perdoados de sua presença. Madalena prostra-se aos pés de Jesus, humilha-se de suas culpas, nem se atreve a pedir perdão delas, em silêncio ora e suplica.

Comovido o Salvador de sua humildade, consola sua dor dizendo a seus discípulos: "Muitos pecados lhe são perdoados porque me amou muito" (Lc 7,4).

Mas a soberba não pode nem sabe amar: este é dos distintivos e como o tipo infernal. Ela é mãe do ódio, da inveja, da ira, da violência, da presunção, do endurecimento. Saída do abismo, nele se precipita: o mais é o mistério da eterna justiça.

Ó Deus, tende compaixão de vossa pobre criatura! Com a fronte curvada até o pó, aniquilo-me em vossa presença. Sinto e confesso minha miséria, minha corrupção profunda, minha vergonhosa fraqueza e tudo que para sempre me separaria de vós, se vossa grande misericórdia não viesse em meu auxilio pelo dom gratuito da graça. Dignai-vos, Deus meu, infundi-Ia em minha alma. Não me abandoneis, Senhor. Salvai-me, ou "perecerei". Deus de bondade, tende compaixão de vossa pobre criatura (Mt 8,25)!

CAPÍTULO IX

Como se deve referir tudo a Deus

1. Cristo: — Filho, se desejas ser verdadeiramente feliz, eu devo ser o teu fim supremo e último. Com esta intenção purificar-se-á o teu afeto, que, muitas vezes, se inclina para ti mesmo e para as criaturas.

Porque, se, em alguma coisa te buscas a ti mesmo, cairás logo em tibieza e aridez.

Refere, pois, todas as coisas a mim, principalmente; porque sou eu quem tudo te deu.

Considera cada coisa de per si como derivada do sumo bem; e, por isso, tudo se deve atribuir a mim, como à sua origem.

2. De mim, como fonte perene, o pequeno e o grande, o rico e o pobre tiram água viva; e os que me servem recebem graça sobre graça.

Aquele, porém, que, fora de mim, quiser gloriar-se ou deleitar-se em algum bem privado, não permanecerá em verdadeira alegria, nem se lhe dilatará o coração; mas de muitos modos será perturbado e angustiado.

Por isso nada de bom deves atribuir a ti mesmo, nem a homem algum a sua virtude; mas refere tudo a Deus, sem o qual nada tem o homem.

Eu tudo dei, quero reaver tudo e exijo as devidas ações de graças.

3. Esta é a verdade, que afugenta a vanglória.

Onde reinam a graça celeste e a verdadeira caridade, já não haverá nenhuma inveja, nem aperto de coração, nem lugar para o amor-próprio. Porque a caridade divina tudo vence e aumenta as forças da alma.

Se julgas com retidão, somente em mim te alegrarás, em mim só esperarás, porque ninguém é bom senão Deus, que deve ser louvado acima de tudo e bendito em todas as coisas.

REFLEXÕES

Todo bem emana de Deus que é bem supremo e tudo que ele faz é bom, porque o tira de si. Não há no mundo outro mal senão o pecado, porque a pena do pecado não é mal, pois que, levada com paciência, ela o expia, e sempre restabelece a ordem que o pecado perturbara. Assim temos de Deus a vida, o entendimento, o amor, que deve continuamente elevar-se para sua origem e de nós mesmos nada podemos, nem ainda dizer: "Meu Pai! Porque nós não sabemos orar, e é o Espírito que ora em nós com gemidos inefáveis" (Rm 8,25-26).

"A única coisa que nos pertence é o pecado; ele é o fruto de nossa vontade livre, e seu salário é a morte" (Rm 6,23).

Elevemo-nos quanto quisermos em nosso pensamento, eis o que somos: nada mais temos senão o que Deus nos dá em sua bondade e em sua misericórdia gratuita. A nós, pois, o desprezo, a confusão, a vergonha, achando-nos tão miseráveis; a Deus a "bênção, a honra, a glória, o poder", como cantam os bem-aventurados no Céu junto do trono do Cordeiro (Ap 5, 13).

Ó bom Jesus, ó Deus de meu coração, vós sabeis quão mísero sou sem vós, e quão poderoso sois para fazer desta pura miséria templo e morada vossa, e por isso me quereis tirar de mim e chegar a vós. Vinde, Senhor, com vossa formosura, entrai e reinai nesta alma. Abri esta porta de ferro, desfazei este muro de aço, abrandai a dureza deste empedernido coração, entrai pelas escuras trevas desta consciência obscurecida, fujam de vossa presença todas as inimigas potestades, e estareis vós com a vossa ovelha desgarrada, alegrando-vos de a terdes ganhado, curando-lhe as feridas dos lobos, tosquiando suas sobejidões terrenas, e dando-lhe espírito para reconhecer-vos, meu bom Pastor e todo meu bem. Oh! Quando será isso? Quando vos verei, meu Deus, como sou de vós visto? Quando vos amarei como sou de vós amado? Quando porei em vós todo o cuidado como vós em mim o tendes, e quando vos possuirei de maneira que seja por vós possuído? Convertam-se, Senhor, todas as minhas veias em fontes de lágrimas com que regue esses divinos pés para alcançar misericórdia. Deixei-vos, vida minha, e, deixando-vos, que vida esperava sem vós?... Vinde, Amor, agora que vos desejo, entrai agora que vos quero, fechai-vos dentro em meu peito; possuí-me, pois aqui me entrego; governai-me, pois me rendo, e livrai-me de mim pois a vós me acolho. Acabem as cegueiras e ingratidões passadas, desta hora para sempre sede vós o Senhor desta alma, e morador pacífico dela, o servido, o adorado, o querido, o amado dela. Ó meu amor, ó meu bom Jesus, ó todo meu bem!

CAPÍTULO X

Como é suave servir a Deus e desprezar o mundo

1. A alma fiel: — Falarei outra vez, Senhor, e não me calarei. Direi aos ouvidos de meu Senhor e meu Rei, que está no alto dos céus:

Quão grande é a abundância das doçuras, que reservastes para os que vos temem!

Mas o que será para os que vos amam, e, de todo o coração, vos servem! (Sl 31,20).

Verdadeiramente são inefáveis as delícias da contemplação, que, liberalmente, concedeis aos que vos amam.

Nisto, singularmente, mostrastes a ternura de vosso amor: vós me criastes; quando andava longe de vós, me reconduzistes ao vosso serviço e me mandastes que vos amasse.

2. Ó fonte perene de amor! Que direi de vós?

Como poderei esquecer-me de vós, que vos dignastes vos lembrar de mim, quando eu me degradava e perdia?

Usastes, além de toda esperança, de misericórdia para com vosso servo; acima de todo merecimento lhe mostrastes graça e amizade.

Como poderei eu retribuir tal graça? Nem a todos foi dado tudo deixar, renunciar ao mundo e abraçar a vida religiosa.

Será porventura muito, servir-vos, quando todos estão obrigados a vos servir?

Não deve parecer grande coisa que eu vos sirva; o que, porém, me parece grande e admirável é que vos digneis receber-me, pobre e indigno como sou, em vosso serviço e associar-me aos vossos servos prediletos.

3. Eis que é vosso tudo o que eu tenho e tudo com que vos sirvo.

Em verdade, porém, mais me servis a mim que eu a vós.

Aí estão o céu e a terra, que criastes para o uso do homem; estão sempre prontos a fazer, quotidianamente, tudo o que ordenastes.

E isto é pouco; porque destinastes os anjos ao serviço do homem.

O que, porém, a tudo ultrapassa é que vós mesmo vos dignastes servir ao homem e dar-vos a ele!

4. Que vos darei eu por esses inumeráveis benefícios?

Oxalá pudesse servir-vos todos os dias de minha vida!

Oxalá conseguisse oferecer-vos, ao menos por um dia, digno serviço!

Verdadeiramente só vós sois digno de todo o obséquio, de toda a honra e de eterno louvor.

Verdadeiramente sois, o meu Senhor, e eu, pobre servo vosso, que vos deve servir com todas as suas forças, sem jamais cansar-se de vos louvar.

Assim o quero, assim desejo; dignai-vos suprir o que me falta.

5. Grande honra e grande glória é servir-vos e desprezar tudo por vós.

Porque receberão graças abundantes os que, voluntariamente, se sujeitarem ao vosso jugo santíssimo.

E os que, por vosso amor, renunciarem a todos os deleites da carne, acharão as suavíssimas consolações do Espírito Santo.

Alcançarão grande liberdade de espírito os que, pela glória de vosso nome, entrarem pelo caminho estreito e desprezarem os cuidados humanos.

6. Ó amável e alegre serviço de Deus, pelo qual o homem se torna verdadeiramente livre e santo! Ó sagrada escravidão da vida religiosa, que faz o homem igual aos anjos, agradável a Deus, terrível aos demônios e estimável a todos os fiéis!

Ó serviço sempre digno de ser desejado e abraçado, com o qual se merece o sumo Bem e se adquire o gozo, que dura sem fim!

REFLEXÕES

O mundo está de tal modo fascinado pelas paixões que não pode compreender a felicidade dos filhos de Deus. Algumas vezes tem pena deles, como o mundo costuma ter pena, olhando-os com desprezo, outras vezes contempla-os com certa admiração estúpida. Não tem ideia alguma do que se passa na alma unida a seu Criador, nenhuma ideia tem das consolações e do sossego delicioso de que ela goza. A exclamação de São Paulo: "Nado em alegria no meio de minhas tribulações" é para ele mistério inexplicável; não compreenderá nunca aquela alegria pura, "que é justiça e paz no Espírito Santo" (2Cor 7,4; Rm 14,17).

Qual é pois, a herança do servidor do mundo? Pesado aborrecimento misturado de alguns raros prazeres, e quando Deus o não abandona de todo, o remorso. Sondai o coração do homem, e não achareis nele outra coisa. O remorso é sua *justiça* e o aborrecimento sua paz.

Almas cristãs, almas desapegadas do mundo, que renunciastes a todas as vaidades do século, tende dó também vós dos infelizes carregados ainda de suas pesadas cadeias, mas tende dó deles humilhando-vos aos pés daquele que vos libertou, e cuja graça que vos não era devida, vos outorga a posse dos únicos verdadeiros bens. Conservai cuidadosamente o rico tesouro que vos confiou "o Pai das luzes, de quem dimana todo o

dom perfeito, e pedi-lhe com amor que, depois de ter começado vossa alegria na terra, a termine um dia no céu" (Tg 1,17).

Ó Pastor de minha alma, não perca esta ovelha tresmalhada; possa mais, o amor que me tendes: para me levar a vós do que minha malícia para me lançar fora de vosso coração. Adoro-te, abraço-te, saúdo-te, divino Coração, tão cativo de meu amor. Em ti tenho tudo, desejo abrasar-me todo de amor por ti. Já não quero outro amor, já não quero que outrem me conheça nem me veja. Só tu me bastas, tu me enriquecerás; tu fartarás o desejo desta alma, tu a encherás de santa alegria, de ti virá a paz ditosa que alegra minha alma nesta vida e a imperturbável alegria de que ela espera gozar na celestial morada.

CAPÍTULO XI

Como devem ser examinados e moderados os desejos do coração

1. Cristo: — Filho, importa que aprendas muitas coisas, que não as tens ainda bem sabidas.

A alma fiel: — Senhor, quais são?

Cristo: — Que sujeites, inteiramente, teus desejos ao meu beneplácito; que não sejas amante de ti mesmo, mas zeloso cumpridor da minha vontade.

Muitas vezes se inflamam os teus desejos e, com veemência, te excitam; examina, porém, o que mais te move: se a minha honra, se o teu próprio interesse.

Se eu for a causa, ficarás bem contente, qualquer seja a minha determinação; mas se lá entrar alguma conveniência tua, eis aí o que te causa embaraço e aflição.

2. Acautela-te, pois, não te fies demasiado, nos desejos que houveres concebido sem me consultar, para que não aconteça depois te arrependas e desgostes do que dantes te agradava e comprazia, como se fosse o melhor.

Porquanto nem toda afeição, que pareça boa, deve ser logo seguida; assim como nem todo movimento contrário deve ser, imediatamente repelido.

Convém, às vezes, que refreies até os bons desejos e propósitos, para que não dissipes o espírito com a sofreguidão; não dês escândalo aos

outros pela indisciplina; não te perturbes e caias pela oposição dos demais.

3. Outras vezes, porém, importa usar de violência, combater varonilmente, contra os apetites dos sentidos, sem atender ao que quer ou não quer a carne; mas trabalhar para que esta se sujeite ao espírito, ainda que se revolte.

Cumpre de tal modo castigá-la e sujeitá-la ao espírito até que esteja preparada para tudo, aprenda a contentar-se com pouco, a gostar das coisas simples e a não se queixar do que lhe desagrada.

REFLEXÕES

Temos que sustentar uma grande peleja; contra nosso espírito, que nos extravia, nos seduz com falsas aparências e com funesta curiosidade; contra nossos desejos, que nos perturbam; contra nossos sentidos cujos apetites maculam a alma e a curvam para a terra. Lamentável condição do homem lapso! Mas Deus não o abandonou: pode vencer se quiser. A fé reprime a inquietação mórbida do espírito e o fixa na verdade. Inteira submissão à vontade divina produz a paz do coração, acalmando os vãos desejos e aqueles mesmos que enganam a devoção com uma aparência de bem. Finalmente vencemos os sentidos com a oração, a humildade, a penitência, "castigando O corpo rebelde, e reduzindo-o à escravidão" (1Cor 9,27).

Nesta guerra de cada momento é que o cristão se aperfeiçoa e combatendo com fidelidade pode dizer com o Apóstolo: "Não penso ter ainda chegado aonde aspiro; porém esquecendo o que fica para trás e aplicando-me ao que está adiante, corro ao termo da carreira, à felicidade celestial, à qual nos chamou por Jesus Cristo" (Fl 3,13,14).

Ó Salvador meu, vida de minha alma, esperança do meu coração, por mim padecestes tantos tormentos para me remir e dar o exemplo da mortificação de meu corpo; porque sois para mim tão brando? Eu com todos os meus membros vos tenho ofendido, e com eles, e com os próprios sentidos, que me destes, tenho servido à malícia de minha vontade ao mundo e ao demônio. Como me descuidei em dizer-vos quão mal usei de tudo? Mas vós, luz verdadeira e sabedoria infinita, o vedes, e sabeis que seria pouco cobrir-me todo em chagas para satisfação e cura das feridas que eu fiz nesta triste alma. E, todavia, sabendo vós quão feias

e abomináveis são, a mim perdoais, a mim mantendes vossos bens e me chamais à vossa amizade. Ó amor que sempre ardes, e nunca te consomes, muda toda a minha vida, corpo e alma, nesse fogo e em teu serviço. Mudai-me, Senhor, desta hora para todo o sempre, porque para isso me entrego todo a vós. Açoitai-me, castigai e atribulai este perverso pecador, fazei de mim tudo o que for de vossa vontade, trazei-me sempre sujeito sob vossa mão e preso à vossa providência, nem me deixeis querer outra coisa senão padecer convosco, para que padecendo convosco possa melhor servir-vos e amar-vos. Amém.

CAPÍTULO XII

Como adquirir a paciência e lutar contra a concupiscência

1. A alma fiel: — Senhor Deus, pelo que vejo, a paciência me é muito necessária, visto como muitas contrariedades nos ocorrem na vida.

E por mais que procure a paz, minha vida não estará sem combate e sofrimento.

2. Cristo: — É assim mesmo, filho; mas eu não quero que procures paz isenta de tentações e contrariedades, antes julga que a encontraste quando te sentires molestado por várias tribulações e provado por muitos contratempos.

Se dizes que não podes com tanto sofrer, como suportarás então o fogo do purgatório?

De dois males sempre se deve escolher o menor.

Para que possas escapar dos castigos eternos, sofre com paciência, por amor de Deus, os males da vida presente.

Julgas talvez que os mundanos pouco ou nada padecem? É o que não encontrarás, mesmo entre os que vivem nas maiores delícias.

3. Mas, dizes tu, eles têm muitos divertimentos e seguem a própria vontade e por isso sentem pouco as suas tribulações.

Seja embora assim, que tenham tudo quanto queiram; mas quanto tempo julgas durar isso? Eis que os ricos do mundo, qual fumo, se desfazem e nem memória restará de seus passados gozos.

E enquanto vivem, não os fruem sem amarguras e temores.

Porquanto do próprio objeto dos seus deleites, muitas vezes, lhes advém o castigo da dor.

É justo que assim aconteça, para que, buscando e seguindo, desordenadamente, os prazeres, não se satisfaçam sem confusão e amargura.

4. Oh! Como são breves, falsos, desregrados e torpes todos esses prazeres!

Todavia, por embriaguez e cegueira, não o compreendem; antes, à maneira dos animais, incorrem na morte da alma por causa de pequeno prazer, nesta vida fugaz.

Tu, pois, meu filho, não corras atrás das tuas concupiscências e desapega-te da tua própria vontade.

Deleita-te no Senhor e ele dar-te-á o que pedir teu coração (Sl 37,4).

5. Se, com efeito, queres gozar de verdadeiras delícias e receber de mim as consolações mais abundantes, a tua bênção consistirá no desprezo do mundo e na renúncia de todas as consolações terrestres e, em recompensa, receberás grande conforto.

E, quanto mais te afastares das consolações das criaturas, mais suaves e sólidas consolações em mim acharás.

Não o conseguirás a princípio sem alguma tristeza e sem o esforço do combate.

Resistirá o hábito inveterado, mas será vencido por outro melhor.

Revoltar-se-á a carne, mas será refreada pelo espírito de fervor.

A serpente antiga te perseguirá e tentará; mas será afugentada pela oração; ademais um trabalho oportuno lhe fechará a entrada.

REFLEXÕES

Pecaram todos os homens, todos devem sofrer: esta é a lei atual da humanidade; lei de justiça, porque Deus não seria Deus se o crime ficasse impune; lei de amor, porque o sofrimento, aceito com resignação e unido aos padecimentos do Salvador, cura a alma e restabelece-a no estado primitivo da inocência. De que, pois, te queixas quando esta lei divina se cumpre a teu respeito? Acaso de que a misericórdia divina toma cuidado de te regenerar? Porventura, se fores semelhante a Jesus Cristo que voluntariamente quis e devia remitir-te com seu Sangue: “E começou a ensinar-lhes como cumpria que o Filho do homem sofresse muitas dores, fosse reprovado pelos anciães e condenado à morte pelos escribas e pontífices” (Mc 8,31)?

Eis a grande expiação, mas para que ela nos seja aplicada, é mister que a façamos própria, juntando-lhe a nossa. O mistério da salvação consuma-se em cada um de nós pela cruz; dela nos vem conforto e graça; nela temos tranquilidade da alma e paz do coração. Na cruz de Jesus Cristo devemos, pois, gloriar-nos como o apóstolo São Paulo.

O mundo te deslumbra com suas alegrias aparentes, mas pensas tu que seus sectários, ainda os mais favorecidos, não têm nada que sofrer? Atormentados de seus apetites que vão crescendo à medida que se satisfazem, viste acaso um só deles contente? Novos desejos os devoram continuamente. Além de que, não têm eles, como os outros e mais que os outros, que suportar os trabalhos da vida, os cuidados, as consumições, os desgostos, as amarguras secretas, as desgraças públicas, e a turba medonha das enfermidades e doenças, filhas dos vícios e das inquietações da alma? Depois disto vem o fim; a justiça inexorável exige o que lhe é devido; "esse rico da terra é lançado na prisão: em verdade vos digo que não sairá dela sem que tenha pago até o último centavo" (Mt 5,25-26).

Alegrai-vos, pois, vós a quem o Senhor purifica, e livra desde este mundo: cumpri com amor o sacrifício de justiça. Dizem muitos: "Quem nos mostrará os bens? Senhor, a luz de vossa face brilha em nós: destes a paz a meu coração. Por isso adormecerei em paz e descansarei porque, ó meu Deus, vós me confirmastes na esperança" (SI 5,6-10).

"Em vós, Senhor, pus a minha esperança, não serei confundido para sempre" (SI 30,1).

CAPÍTULO XIII

Da obediência humilde, a exemplo de Jesus Cristo

1. Cristo: — Filho, quem procura fugir à obediência, afasta-se também da graça; e quem busca os bens particulares, perde os comuns.

Quem não se submete, voluntária e espontaneamente ao seu superior, mostra que a sua carne ainda não lhe obedece perfeitamente, mas resiste e murmura muitas vezes.

Aprende, pois, a subordinar-te ao teu superior, se queres domar a tua carne.

Porquanto muito mais depressa será vencido o inimigo exterior, se o homem interior não estiver desordenado.

Não há inimigo da alma pior e mais nocivo que tu mesmo, quando não obedeces ao espírito.

É de absoluta necessidade que te compenetres de verdadeiro desprezo de ti mesmo, se queres vencer a carne e o sangue.

Mas, porque ainda te amas mui desordenadamente, ainda receias sujeitar-te, de todo, à vontade alheia.

2. Que grande coisa é que tu, que és pó e nada, te submetas ao homem, quando eu, que do nada criei todas as coisas, humildemente me sujeitei ao homem?

Fiz-me o mais humilde e o último de todos, para que, com a minha humildade, vencesses a tua soberba.

Aprende a obedecer tu, que és pó; aprende a humilhar-te, terra e limo e a prostrar-te aos pés de todos.

Aprende a quebrar a tua vontade e entregar-te a toda sujeição.

3. Inflama-te de zelo contra ti mesmo e não permitas que o orgulho te domine; ao contrário, mostra-te tão pequeno e submisso que todos possam andar sobre ti e pisar-te, como a lama das ruas.

Que tens, pobre homem, de que te possas queixar?

Que podes responder, vil pecador, aos que te repreendem, tu que, tantas vezes, ofendeste a Deus e, outras tantas mereceste o inferno?

Pouparam-te, porém, os meus olhos, porque a tua alma é preciosa diante de mim, a fim de que conheças o meu amor e te conserves sempre grato aos meus benefícios e, completamente, te entregues à submissão e humildade e sofras, com paciência, o desprezo dos outros.

REFLEXÕES

Não existe senão uma só vontade que tenha direito essencial e absoluto a ser obedecida: a vontade do Ente Supremo que criou tudo com seu poder infinito e tudo conserva com a sua providência sapientíssima; daí vem a admirável oração do Profeta: "Ensinai-me, Senhor, a fazer vossa vontade, porque vós sois o meu Deus" (SI 143,10).

Esta vontade soberana tem ministros para fazer lembrar seus mandamentos e manter sua execução na família, no Estado, na Igreja; e a obediência Ihes é devida, porque eles representam a Deus, cada um na

sua ordem, segundo os graus de sublime hierarquia que sobe do pai ao rei, do rei ao pontífice, do pontífice a Jesus Cristo, de Jesus Cristo ao que o enviou e "de quem toda a paternidade, no Céu e na terra, tira seu nome", isto é, sua autoridade (Ef 3, 15).

Assim, o dever não é mais que o preceito divino e a virtude não é senão a obediência a este preceito. Todo pecado, pelo contrário, não é como o primeiro, senão uma desobediência, uma rebelião, porque o homem foi concebido no pecado; donde vem aquela profunda expressão do Salmista: "O pecador é rebelde desde o seio de sua mãe, e entregue ao mal em suas entranhas" (SI 51, 7).

Por isso o sacrifício que expiou o pecado e reparou a natureza humana consistiu essencialmente, segundo a doutrina do grande Apóstolo, na obediência infinita. "Cristo fez-se obediente até a morte, e morte de cruz". E nós, miseráveis criaturas, remidas com esta prodigiosa obediência recusaríamos obedecer? Oporíamos nossa vontade à vontade do Onipotente, por essa tremenda soberba gerada no inferno, onde, nas trevas, no suplício, na raiva e desespero, no opróbrio da escravidão mais abjeta e hedionda, o anjo prevaricador e seus cúmplices de contínuo repetem e repetirão eternamente: "Não obedecerei, não quero servir" (Fl 2,8; Jr 2,20)!

Ó meu Deus, preservai-me de soberba tão insensata, tão criminosa! Ensinai-me vossa graça a submeter-me a vós e a todos os que me destes por superiores! "Estrangeiro na terra, não me escondais vossos mandamentos. Minha alma, a cada hora se recorda de vossa lei. Ensinai-me, Senhor, a fazer vossa vontade, porque sois meu Deus" (SI 117, 19).

Ó meu divino Salvador, que em vossos sofrimentos me deixastes o exemplo perfeito da mais profunda obediência, concedei-me a graça da paz interior, de me aquietar em todos os acontecimentos contrários e penosos, de os olhar todos por mandamentos do céu e por ministros da divina ordenação. Dai-me, Senhor, que a tudo viva submisso como vos submetestes à vontade de vosso eterno Pai e possa dizer com alma sincera e humilhada: "Faça-se em tudo a vontade de vosso eterno Pai e possa dizer: "Faça-se em tudo a vontade de Deus"!

CAPÍTULO XIV

Como devemos considerar os ocultos juízos de Deus, para não nos desvanecermos com os nossos bens

1. A alma fiel: — Senhor os vossos juízos, qual trovão, me aterram; abalam todos os meus ossos, com temor e tremor e a minha alma enche-se de pavor.

Estou atônito e considero que nem os céus são puros em vossa presença.

Se nos próprios anjos achastes maldade, que será de mim? Caíram as estrelas do céu e eu, pó, que presumo? (Ap 6,13).

Aqueles, cujas obras pareciam dignas de louvor, precipitaram-se no abismo e os que comiam o pão dos anjos, vi-os deleitarem-se com o alimento dos porcos.

2. Não há, pois, santidade, Senhor, se retirardes a vossa destra.

Nenhuma sabedoria serve, se deixais de governar.

Nenhuma fortaleza protege, se deixais de a sustentar.

Não há castidade segura, se não a protegeis.

A guarda dos próprios sentidos de nada vale, se nos falta a vossa sagrada vigilância.

Desamparados, afundamos e perecemos; visitados por vós, erguemo-nos e vivemos.

Somos, com efeito, volúveis, mas vós nos dais a firmeza; somos tíbios, mas, por meio de vós, nos afervoramos.

3. Que humilde e baixo conceito devo formar de mim mesmo! Como nada me devo reputar, ainda que pareça ter algo de bom!

Quão profundamente me devo submeter, ao Senhor, ante o abismo dos vossos insondáveis juízos, se outra coisa não acho em mim, senão nada e puro nada!

Ó peso imenso! Ó pélago intransponível, onde apenas encontro o meu nada!

Onde, pois, se oculta a glória? Onde a confiança fundada na própria virtude?

Toda a vanglória sumiu-se no abismo dos vossos juízos, que me aguardam.

4. Que é toda a carne em vossa presença?

Gloriar-se-á, porventura, o barro contra quem o amolda? (Is 29,16).

Como pode enfatuar-se com vãos louvores quem está, verdadeiramente, submisso a Deus?

O mundo inteiro não poderá ensoberbecer aquele a quem a verdade subjugou; nem se deixará mover pelas palavras dos que o louvam quem tiver colocado toda a sua esperança em Deus.

Aqueles mesmos que falam nada são; desaparecerão como o ruído das suas palavras; mas a verdade do Senhor permanece eternamente.

REFLEXÕES

Uma das mais sedutoras e perigosas tentações que acometem o homem é a soberba no agir bem. A graça elevara a alma acima da natureza e de sua corrupção, mas bastou que relaxasse algum tanto de sua vigilância para ir deslizando imperceptivelmente e recair em sua própria fraqueza.

Consegue o homem preservar-se de certas faltas, chega até a praticar certas virtudes; apodera-se o amor-próprio desse pensamento, nele se demora e se compraz. Contempla-se a si mesmo, está contente com sua pessoa, compara-se com outras, tem-se talvez em melhor conta que elas; chega até a atribuir-se os dons de Deus, crime que mais ofende aquele Deus "cioso e vingador, que não cede sua glória a nenhum outro, e que resiste aos soberbos" (Na 1,2; Is 42,8; 1Pd 5,5). Que faz então Deus? Retira-se daquele insensato que contava com suas forças e deixa-o entregue a sua soberba. Veem-se então as quedas tremendas que espantam e consternam, quedas inesperadas, temerosos exemplos dos juízos de Deus! Ai do que se funda em sua própria justiça! A ruína o espera. "Não sinto, dizia São Paulo, coisa em mim que me acuse, mas nem por isso estou justificado, porque quem me julga é o Senhor". E o Profeta havia também já dito: "Purificai-me, Senhor, de minhas faltas ocultas, esquecei as que eu ignoro, e perdoai-me as de outrem"; isto é, as que outros cometeram por minha causa. Oração admirável que lembra ao homem aquela funesta comunicação do mal, em virtude da qual há infelizmente tão poucos pecados puramente pessoais (1Cor 4,4; Sl 24,7; 18,14).

Concluamos que não há nenhum refúgio, nenhuma segurança senão na humildade, na confissão sincera, na convicção e no sentimento sempre presente de nossa profunda miséria, junto à confiança só em Deus. Prostrados a seus pés, digamos-lhe com o Salmista: "A vergonha

está sempre diante de mim, a confusão me cobre o rosto; Senhor não desprezareis, porém, um coração contrito e humilhado" (Sl 43,16; 50,19).

CAPÍTULO XV

Como se deve sentir e falar de tudo o que se deseja

1. Cristo: — Filho, dize em todas as coisas: Senhor, se é de vosso agrado, faça-se isto assim.

Se for honra vossa, assim se cumpra em vosso nome.

Senhor, se vos parecer que me convém e julgardes que isto me seja proveitoso, concedei-me que use disto para vossa glória.

Se, porém, conhecerdes que me será nocivo e sem proveito para a minha alma, afastai de mim tal desejo.

Porque nem todo desejo procede do Espírito Santo, ainda que aos homens pareça justo e bom. É difícil discernir com acerto se é o espírito bom ou mau que te leva a desejares isto ou aquilo; ou se és impelido pelo teu próprio espírito.

Muitos que, no princípio, se julgavam movidos pelo bom espírito, acharam-se, no fim, enganados.

2. Por isso, com temor de Deus e humildade de coração, deves desejar e pedir sempre tudo o que te parecer digno de ser desejado e, particularmente, me entregarás tudo, com perfeita resignação, dizendo: Senhor, bem sabeis o que é melhor; faça-se isto ou aquilo, segundo a vossa vontade.

Dai-me o que quiserdes, quanto quiserdes e quando quiserdes.

Fazei de mim como entendeis, como vos agradar e for para maior glória vossa.

Ponde-me onde quiserdes e disponde de mim, livremente, em tudo.

Estou em vossas mãos; virai-me e revolvei-me em todos os sentidos.

Eis aqui o vosso servo, pronto para tudo; porque não desejo viver para mim, mas, somente, para vós, oxalá o faça digna e perfeitamente!

ORAÇÃO

Para cumprir a vontade de Deus

3. Concedei-me, benigníssimo Jesus, a vossa graça, para que esteja comigo, trabalhe comigo e comigo persevere até o fim.

Dai-me que sempre deseje e queira o que vos for mais aceito e agradável.

A vossa vontade seja a minha e a minha siga sempre a vossa e com ela, perfeitamente, se conforme.

Tenha eu convosco um só querer e não querer; nem eu queira ou deixe de querer senão o que vós quereis ou não quereis.

4. Concedei-me que eu morra para tudo que é do mundo e que deseje, por amor de vós, ser desprezado e desconhecido na terra.

Dai-me que, acima de todas as coisas, em vós repousem todos os meus desejos e que o meu coração descanse em vós.

Sois a verdadeira paz do coração e o seu único sossego; fora de vós tudo é sofrimento e inquietação.

Nesta paz verdadeira, que sois vós, único, sumo e eterno bem, dormirei e descansarei (Sl 5,10).

REFLEXÕES

Nunca plenamente satisfeito do que é e do que possui, cansado do vazio de seu coração está o homem sempre inquieto, aspirando continuamente a não sei que bem que sempre lhe foge, não tem um momento de verdadeiro descanso, e sua vida se passa em desejos e esperanças. Não é isto só uma grande miséria, mas ainda um grande perigo, "porque a raiz de todos os males é o apetite, e muitos, entregando-se a ele, perderam a fé e se enleiaram em muitas dores" (1Tm 6,10).

A imaginação que, neste estado, nos leva com força para tudo o que nos deleite, obscurece a razão, abala e arrasta a vontade; por isso devemos aplicar-nos cuidadosamente a reprimi-Ia, ainda quando os objetos que a ocupam parecessem isentos de toda espécie de mal, e não buscássemos em nossos sonhos senão um alívio lícito e uma distração inocente. A própria piedade facilmente se extravia, se não se previne contra os desejos em aparência santíssimos. Não sabemos nem o que nos é útil, nem o que nos é nocivo. Ora desejamos livrar-nos de cruz porventura necessária à nossa salvação; ora, em movimento indiscreto de fervor, desejaríamos outra mais pesada. Que faremos, pois? Diremos a Deus que se faça a sua vontade dentro em nós e fora de nós, conformaremos com ela inteiramente a nossa, e encerraremos nela todos os nossos desejos. Não acharemos paz nem sossego senão no perfeito abandono nas mãos de

nosso Pai. “Meu Pai, não o que eu quero, mas o que vós quereis” (Mt 26,39).

Ó bom Jesus, ó Pai de minha alma, faça-se a vossa vontade e não a minha em tudo e por tudo. Dai-me que seja este tudo sem exceção, e que seja esta entrega de todo coração. Encaminhai-me, Deus meu, quando erro, tornai-me a vós quando me afasto, prendei-me quando fujo de vós, abraçai-me quando vos procuro. Por esta vontade me prendei, Deus meu, e não me julgueis por minhas rebeliões desventuradas. Não vedes quão negligente sou em me oferecer e quão fraco e mentiroso em cumprir, mas para tudo é vosso amor se nem sempre me cumpre estar em luz e consolação, tomai a vossa conta a fraqueza desta miserável natureza, e tratai-me como quiserdes, e tende-me em vossa mão em tudo, e se vós me quiserdes, farei vossa vontade e não a minha.

CAPÍTULO XVI

Só em Deus se deve buscar a verdadeira consolação

1. A alma fiel: — Tudo o que posso desejar ou cuidar para meu consolo, não o espero aqui e, sim, na vida futura.

Porque ainda que eu só tivesse todas as consolações do mundo e pudesse gozar de todas as suas delícias, é certo que seria por pouco tempo.

Portanto, minha alma, não poderás ser plenamente consolada, nem perfeitamente confortada, senão em Deus, consolador dos pobres e protetor dos humildes.

Espera um pouco, minha alma, espera a divina promessa e terás a abundância de todos os bens no céu.

Se, desordenadamente, aspiras aos bens presentes, perderás os eternos e celestes.

Usa dos bens temporais e deseja os eternos.

Não te podes satisfazer com nenhum bem temporal, porque não foste criada para gozá-los.

2. Ainda que possuísses todos os bens criados, não poderias ser feliz e ditosa; mas só em Deus, que criou todas as coisas, consiste toda a tua bem-aventurança e felicidade.

Não a que estimam e louvam os insensatos amadores deste mundo, mas a que esperam os bons e fiéis servos de Cristo e, algumas vezes, antegozam os homens espirituais e de coração puro, "cuja conversação está nos céus".

Vã e breve é toda consolação humana.

Suave e verdadeira aquela que a verdade, interiormente, faz sentir.

O homem piedoso leva, por toda parte, consigo, o seu consolador Jesus e lhe diz: Assisti-me, Senhor Jesus, em todo lugar e tempo.

Seja esta a minha consolação: privar-me, voluntariamente, de toda a consolação humana.

E, se me faltar também vosso conforto, sirva-me de suprema consolação a vossa vontade, que, justamente, me prova.

Porque não estareis perpetuamente irado, nem serão eternas as vossas ameaças.

REFLEXÕES

Toda a criatura geme, diz o Apóstolo; e de século em século, todo o mundo o repete depois dele. Que buscas pois, nas criaturas? Que lhes pedes, e que podem elas dar-te? Sempre agitadas, cheias de inquietações, desejam como nós o repouso e não o encontram. Como te viria a paz do mesmo seio das angústias e das tempestades continuamente levantadas pelas paixões? Desengana-te, cessa de dizer às tempestades: dai-me sossego. O sossego está em Deus, e só em Deus. Só nele se acha paz, quietação, alegria e consolação. "Volta-te para o Senhor, teu Deus" e renuncia a tudo o mais: então, e só então começarás a gozar da verdadeira felicidade (Os 14,2). "Nada é comparável à felicidade daquele que, desprezando os sentidos, desapegado da carne, e do mundo, só por necessidade ligado às coisas humanas, conversa unicamente com Deus e consigo mesmo, e elevando-se acima dos objetos sensíveis, só vive das claridades divinas que conserva em si sempre puras, sempre brilhantes, sem mistura alguma das sombras da terra e dos vãos fantasmas errantes neste mundo à roda de nós: em seu entendimento se reflete, como num espelho celeste, a imagem de Deus e de suas maravilhosas perfeições; a uma luz ajunta-se outra luz mais viva, até ao momento em que dissipando a verdade todas as nuvens, chega ao manancial fecundo de

toda a luz, à eterna fonte de resplendor, fim bem-aventurado de seu ser e seu imortal encanto" (São Gregório Nazianzeno, *Orat.* XXIX, in princ.).

"Como o cervo sequioso brama pelas correntes das águas, assim minha alma suspira por vós, ó meu Deus. Minha alma está abrasada de sede do Deus vivo e forte; quando entrarei em sua morada e me apresentarei diante de sua divina face?" (Sl 41,2).

CAPÍTULO XVII

Como toda solicitude deve ser posta em Deus

1. Cristo: — Filho, deixa-me fazer de ti o que eu quero. Eu sei o que te convém.

Pensas como homem e julgas muitas coisas consoante te persuade o afeto humano.

2. A alma fiel: — Senhor, verdade é o que dizeis.

Maior é o cuidado que tendes de mim, que tudo o que eu mesmo possa ter.

Porque está muito arriscado a cair quem não põe em vós toda a sua confiança.

Senhor, fazei de mim o que vos aprouver, contanto que a minha vontade permaneça, em vós, firme e reta.

Porque não pode ser senão bom tudo o que fizerdes de mim.

Se quereis que eu viva nas trevas, bendito sejais; se quereis que eu esteja na luz, sede igualmente bendito. Se vos dignais me consolar, bendito sejais; se quereis que esteja atribulado, sede também bendito para sempre.

3. Cristo: — Filho, importa que assim te mantenhas, se desejas andar comigo.

Tão pronto deves estar para padecer, como para gozar.

De tão boa vontade deves aceitar a necessidade e a indigência, como a opulência e a riqueza.

4. A alma fiel: — Senhor, de bom grado sofrerei por vós tudo o que permitirdes que me sobrevenha.

Das vossas mãos quero receber, indiferentemente, o bem e o mal, as doçuras e as amarguras, as alegrias e as tristezas e quero dar-vos graças por tudo o que me acontecer.

Guardai-me de todo o pecado e não temerei a morte nem o inferno.

Contanto que não me rejeiteis eternamente, nem me risqueis do livro da vida, não me fará mal qualquer tribulação, que me assalte.

REFLEXÕES

Não deixaremos nunca de repetir que a vida cristã consiste unicamente em querer o que Deus quer, e em não querer o que ele não quer. Quase todos os nossos desejos nos enganam, por consequência de nossa ignorância e de nossa corrupção. Mas Deus vê tudo o que é oculto, conhece as disposições secretas de nosso coração, a medida de sua fraqueza, "as provações por que devemos passar, os auxílios necessários para as suportar, porque ele não permitirá que sejamos tentados além de nossas forças. Sua sabedoria é infinita, e seu amor tão extremoso que deu por nós seu único Filho" (1Cor 10,13; Jo 3,16).

Que confiança, que paz não devemos nós achar neste pensamento! Que maior contentamento poderemos nós ter do que abandonar-nos inteiramente àquele que fez tudo por sua pobre criatura, perder-nos nele pela união íntima de nossa vontade com a sua, não nos reservando mais do que a ação de graças e o amor; de sorte que nossa alma, nosso ser inteiro se exale, de certo modo, nesta palavra que diz tudo: "Meu Senhor e meu Deus" (Jo 20,28)!

Quando acabará, meu Deus, o peso desta terrena carne que sempre me arrasta e me aparta de vós? Vós levantais-me e ela me abate; vós me abrasais e ela me esfria; vós me purificais e ela me suja; vós encheis-me de vós, riquíssimo, formosíssimo, puríssimo, amor eterno e divino esposo das almas e ela leva-me às misturas de baixíssimas coisas que me apartam de vós. Meu Jesus, amor de minha alma, daqui para sempre renuncio por amor de vós a toda criatura, renuncio a parentes, amigos, prazeres, liberdade, crédito, opinião e tudo quanto pode pejar este coração, e o que me falta da perfeição desta vontade, vós, misericordiosíssimo Senhor, supri-o. Purificai, divina pureza, esta alma em quem fizestes morada e repouso, apurai o amor dela e desinteressai-o, para que a vós só puramente ame e a vós só deseje. Vinde, bom Jesus, vinde a esta alma e fazei nela o que com tanto trabalho me ensinastes, pois sabeis que não vivo senão quando vivo em vós, e deixe-me tudo, que convosco só me contentarei. Oh! se não se dilatasse esta hora!

CAPITULO XVIII

Como a exemplo de Cristo, devemos levar com serenidade as misérias desta vida

1. Cristo: — Filho, eu desci do céu, por tua salvação; não por necessidade, mas por amor, tomei sobre mim tuas misérias, para que aprendesses a suportar, pacientemente, as misérias temporais.

Desde a hora do meu nascimento até a morte na cruz, não me faltaram dores e sofrimentos.

Experimentei grande penúria das coisas temporais; ouvi, muitas vezes, queixas contra mim; suportei, benignamente, confusões e opróbrios; pelos meus benefícios recebi ingratidões, blasfêmias pelos milagres e censuras pela minha doutrina.

2. A alma fiel: — Senhor, já que fostes tão paciente durante a vossa vida, cumprindo assim, rigorosamente, a vontade do Pai, justo é que eu a mim mesmo, com paciência, sofra, enquanto vos aprouver que leves, para minha salvação o peso desta vida corruptível.

Embora a vida presente seja pesada, contudo, pela vossa graça, se torna muito meritória e, com o vosso exemplo e os dos vossos santos, mais suportável e iluminada para os fracos.

Além disso, muito mais consoladora que outrora, na antiga lei, quando se conservava fechada a porta do céu e o caminho para lá chegar parecia mais escuro e poucos cuidavam em procurar o reino dos céus.

Nem mesmo os que então eram justos e se haviam de salvar, podiam entrar no reino celeste, antes da vossa paixão e resgate pela vossa morte sagrada.

3. Oh! Quantas graças devo render-vos por me haverdes mostrado a mim e a todos os fiéis o caminho direito e seguro para o eterno reino!

Porque a vossa vida é o nosso caminho e pela santa paciência caminhamos para vós, que sois a nossa coroa.

Se não fôsseis adiante e não nos ensinásseis, quem cuidaria de vos seguir?

Ah! Quantos ficariam longe e muito atrás, se não tivessem, diante dos olhos, vossos luminosos exemplos.

Eis-nos ainda tíbios, depois de conhecidos tantos prodígios e ensinamentos; que seria de nós, se não tivéssemos tanta luz para vos

seguir?

REFLEXÕES

A vida do homem na terra é cheia de dores, de misérias e de sofrimentos; quem há que não o saiba? Somos visivelmente castigados e como é onipotente a justiça que nos castiga, não há meio algum de escapar ao castigo. Ora, neste estado, a sabedoria humana não pode descobrir senão a escolha entre dois arbítrios: ou irritar-se contra a natureza e negar o suplício, ou buscar uma distração nos deleites. Pediu a felicidade à soberba e aos sentidos, e enganada em suas esperanças escondeu o rosto, dizendo: Não há remédio algum. Neste estado se achava o mundo, quando de repente se levantou uma voz que dizia: "Bem-aventurados os que choram" (Mt 5,5)! Ouvem os povos esta voz e admiram-se: sentimentos até ali desconhecidos se despertam neles; entendem, saboreiam a alegria das lágrimas, e do alto da cruz em que está pregado o homem das dores, rio inesgotável de consolações inefáveis se derrama sobre o gênero humano. A vida perdeu sua tristeza desde que, banhado num suor de sangue e lutando com a morte, exclamou o Salvador do mundo: "Minha alma está triste até a morte" (Mt 14,34).

São poucos os sofrimentos para o arrependimento que os procura, para o amor que os deseja e neles se compraz. Que maravilha é pois esta? Ó Filho de Deus vivo, é porque vossa luz iluminou o mundo e vossa graça lhe deu piedade e compunção; é porque o homem que perdera o caminho, achou-o em vós, que sois "o caminho, a verdade e a vida"; é porque ele compreendeu que depois do pecado, o único bem que resta é a expiação e disse olhando para a Cruz: "Ou sofrer ou morrer!" Vítima santa: "Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo", dai-me a graça de sofrer convosco e morrer unindo meus últimos sofrimentos aos que nos abriram o Céu que o pecado nos havia fechado! (Jo 14,6;1,29).

Acabem, bom Jesus, em mim os prazeres da terra, comecem em mim as fontes das lágrimas, para que possa chorar minha ingratidão e falta de amor. Vinde a mim, bom Jesus, derretei-me todo em desejo de vos possuir, seja para mim este mundo vale de lágrimas, para que mereça sempre possuir-vos nas soberanas e eternas alegrias.

CAPÍTULO XIX

Do sofrimento das injúrias e da prova da verdadeira paciência

1. Cristo: — Filho, que é que dizes? Deixa-te de queixas, considerando a minha paixão e os sofrimentos dos santos.

Ainda não resististe até derramar sangue (Hb 12,4). Pouco é o que padeces, em comparação de outros, que sofreram tanto; foram tão violentamente tentados, tão gravemente atribulados, provados e experimentados, por tão diversos modos.

É bom que te lembres dos graves sofrimentos alheios, para que, mais facilmente, possas com os teus, que são mínimos.

E se não te parecem leves, olha não venha isso de tua impaciência.

Sejam, porém, grandes ou pequenos; procura levá-los com paciência.

2. Quanto mais te dispões a sofrer, tanto melhor procedes e mais mereces; e, com a resignação e o hábito, mais suave se torna o sofrimento.

Não digas: Não posso sofrer isso de tal homem, são ofensas que se não toleram; causou-me grande mal e atribuiu-me coisas que jamais imaginei; de qualquer outro sofrerei de bom grado, quando julgar que devo sofrer.

Insensato é tal pensamento, que não considera a virtude da paciência, nem quem a premia; mas olha somente para as pessoas e para as injúrias recebidas.

3. Não é verdadeiro sofredor o que não quer sofrer senão o que lhe apraz o verdadeiro sofredor não atenta para o homem que o maltrata; se é seu superior, igual ou inferior; se é bom e santo homem, ou indigno e perverso.

Mas, sem diferença de pessoas, sempre que lhe acontece alguma adversidade, tudo recebe, gratamente, da mão de Deus e tudo considerando como grande lucro.

Porque, diante de Deus, não há nada que deixe de ter o seu merecimento, desde que seja sofrido por seu amor.

4. Aparelha-te, pois, para a peleja, se queres alcançar a vitória.

Sem combate não conquistarás a coroa da paciência.

Se não queres sofrer, renuncia à coroa. Se, porém, queres ser coroado, combate varonilmente e sofre com paciência.

Sem trabalho não se chega ao repouso, sem luta não se alcança a vitória.

5. A alma fiel: - Senhor, seja-me possível, pela vossa graça, o que, pela natureza, me parece impossível.

Vós sabeis quão pouco posso sofrer e como depressa desanimo à menor contrariedade.

Torne-se amável e aprazível, pelo vosso nome, qualquer tribulação; porque padecer, sofrer e ser mortificado por amor de vós é muito proveitoso para a minha alma.

REFLEXÕES

Se temos alguma vez o que sofrer do próximo, não tem ele menos que sofrer de nós, por isso dizia o Apóstolo: "Levai o peso uns dos outros e assim cumprireis a lei de Jesus Cristo" (Gl 6,2). Mas dirás tu, há coisas bem difíceis a suportar. Pois bem, maior será o teu merecimento. Para isto é que a graça nos é dada; para agirmos com o seu auxílio o que a natureza por si só não pode fazer. Além de que acontece porventura alguma coisa que Deus não tenha previsto, que Deus não tenha querido? A paciência não é, pois, outra coisa senão submissão suave e tranquila ao que te ordena e sem a qual vivemos numa inquietação contínua, porque "quem resistiu a Deus e teve paz"? (Jó 9,4).

E quão paciente não deve ele ter sido para contigo? Põe a mão em tua consciência e responde. Não tem ele tido nada que sofrer de ti, nada que perdoar-te? Sim, "o Senhor é paciente e misericordioso". Sejamos também nós pacientes e misericordiosos para com todos. O homem paciente vale mais que o homem forte, e o que domina sua alma é mais estimado do que o que toma cidades. Calei-me, dizia Davi, profetizando os padecimentos de Cristo, calei-me e não abri a boca; e outro profeta: "Emudeceu como cordeiro diante do tosquiador" (Sl 145,8; 1Ts 5,14; Pr 16,32; Sl 39,10; Is 53,7).

Quem ousaria depois disto murmurar, irritar-se, pagar ofensa com ofensa? Ó Jesus, sede nosso modelo. Vós nos ensinastes a dizer a Deus: "Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como perdoamos aos que nos têm ofendido". Eis o que pedimos todos os dias, eis o que todos os dias prometemos; e desgraçado daquele cuja oração for mentirosa! (Mt 6,12).

Ó pacientíssimo Jesus, amador fidelíssimo das almas afligidas, dai-me o dom da paciência, da resignação, da indulgência para com meus semelhantes; possa por vossa graça perdoar de coração todas as injúrias

que me fizeram para assim poder pedir-vos e merecer o perdão das muitas com que vos tenho ofendido.

CAPÍTULO XX

Da confissão da própria fraqueza e das misérias desta vida

1. A alma fiel: — Confessarei contra mim mesmo a minha iniquidade; confessar-vos-ei, Senhor, a minha fraqueza (Sl 32,5).

Muitas vezes um nada me abate e me entristece.

Proponho agir varonilmente; mas apenas me sobrevém pequena tentação, sinto grande angústia.

Às vezes de uma coisa insignificante procede grave tentação.

Outras vezes, quando me julgo um tanto seguro, eis-me, não raro, prostrado por leve sopro.

2. Vede, Senhor, minha baixeza e minha fragilidade, tão de vós conhecida.

Compadecei-vos de mim e tirai-me do lodo, para que não me atole; nem fique para sempre soterrado.

O que, frequentemente, me atormenta e confunde, diante de vós, é sentir-me tão inclinado a cair e tão fraco em resistir às paixões.

Ainda que não chegue ao pleno consentimento, muito me afligem e molestam as suas solicitações e muito me entedia viver nessa luta quotidiana.

Nisto conheço a minha fraqueza; porque mais facilmente me assaltam imaginações abomináveis e sou tão fraco para resistir.

3. Oxalá, fortíssimo Deus de Israel, zelador das almas fiéis, vos dignásseis olhar para o trabalho e a dor do vosso servo, de assisti-lo em tudo que empreender.

Fortalecei-me com a virtude celeste, para que vença e domine o homem velho, mísera carne, ainda não de todo sujeita ao espírito e contra a qual importa combater enquanto estiver nesta miserável vida.

Ai! que vida é esta, onde nunca faltam tribulações e misérias, toda cheia de ciladas e inimigos! Ainda bem uma tribulação ou tentação não acaba, outra começa e, mesmo antes de acabar o primeiro combate, sobrevêm muitos outros, inesperadamente.

4. E como se pode amar vida tão cheia de amarguras e sujeita a tantas calamidades e misérias? Como se pode chamar vida ao que gera tantas mortes e desgraças?

E ainda assim é amada e muitos nela procuram deleitar-se.

Condenam muitos o mundo por ser falaz e vão, mas nem por isso o abandonam facilmente, porque se deixam dominar pelos apetites da carne.

Umas coisas nos incitam a amar o mundo, outras a detestá-lo,

As tendências da carne, os desejos dos olhos e a soberba da vida arrastam ao amor do mundo; mas as penas e misérias, que, justamente, se lhes seguem, geram o ódio e o aborrecimento do mundo.

5. Mas, oh! vergonha! a deleitação desordenada domina a tal ponto a alma mundana, que a faz julgar delicioso viver em meio aos espinhos; porque não conheceu nem experimentou as doçuras de Deus e a suavidade da virtude.

Os que, porém perfeitamente, desprezam o mundo e procuram viver para Deus, em santa disciplina, conhecem a doçura divina, prometida aos verdadeiros abnegados e veem claramente quanto erra o mundo e de quantos modos engana.

REFLEXÕES

Que são as provações que nos vêm de fora comparadas com as que achamos dentro de nós mesmos? Resistimos às primeiras com todas as nossas forças, mas nas segundas, dividem-se as potências da alma e combatem-se mutuamente; combate terrível que São Paulo descreve em poucas palavras: "Não faço o bem que quero, e faço o mal que não quero. Alegro-me na lei de Deus, segundo o homem interior e sinto em meus membros outra lei, que repugna à lei de meu espírito e me cativa debaixo da lei do pecado que está em meus membros" (Rm 7,19.22-23).

Eis o que desconsola as almas fiéis, humilhadas por esta guerra vergonhosa, e tremem continuamente com receio de sucumbir; eis o que fazia dizer ao Apóstolo: "Quem me livrará deste corpo de morte?" e logo acrescenta: "A graça de Deus por Cristo nosso Senhor" (Rm 24,25).

Lancemo-nos pois, em seus braços divinos, que amorosamente estende para nos receber; acheguemo-nos a seu Coração sacratíssimo, de onde mana continuamente uma virtude formidável contra as potências do

mal, só contemos com ele, nele só esperemos; exclamemos do fundo de nossas entranhas: "Livrai-me Senhor; colocai-me a vossos pés, e levante-se quem quiser contra mim. O Senhor é meu sustentáculo, meu refúgio, meu libertador; é meu Deus e meu auxiliador, nele esperarei; é meu protetor, é fortaleza que faz a minha salvação. Invocá-lo-ei em meus louvores e serei livre dos meus inimigos" (Jó 17,2; Sl 17,3-4).

"Ânimo, minha alma, tem valor e fortaleza em tuas penas e espera confiada no socorro do Senhor" (Sl 17,14).

CAPÍTULO XXI

Como se deve repousar em Deus, acima de todos os bens

1. A alma fiel: — Ó minha alma, acima de tudo e em tudo, descansarás sempre no Senhor; porque é ele o eterno repouso dos santos.

Dulcíssimo e amantíssimo Jesus, fazei que eu descanse em vós, acima de todas as criaturas; sobre toda a saúde e formosura; sobre toda a honra e glória, poder e dignidade; sobre toda a ciência e sutileza; sobre todas as riquezas e artes; sobre toda a fama e louvor; sobre todas as doçuras e consolações, esperanças e promessas, todos os méritos e desejos; sobre todas as dádivas e graças, que possais me conceder ou infundir; sobre todo o gozo e júbilo, que a alma possa receber e experimentar; finalmente sobre todas as coisas visíveis e invisíveis e acima de tudo que não sois vós, Deus meu.

2. Porque vós, Senhor Deus meu, sois, acima de todas as coisas, soberanamente bom. Somente vós altíssimo e poderosíssimo; somente vós suficientíssimo e pleníssimo; somente vós suavíssimo e amabilíssimo; somente vós belíssimo, amabilíssimo e gloriosíssimo sobre todos as coisas; em quem existiram e existirão, simultaneamente e perfeitamente, todos os bens.

Por isso é pouco e insuficiente tudo o que fora de vós possais conceder, revelar ou prometer.

Pois, certamente, não pode o meu coração encontrar verdadeiro repouso, perfeito contentamento, se, elevando-se acima de todos os dons e de todas as criaturas, não descansar em vós.

3. Ó Jesus Cristo, esposo diletíssimo de minha alma, amor puríssimo e senhor absoluto de todas as criaturas! Quem me dera asas de verdadeira

liberdade, para voar e repousar em vós!

Oh! Quando me será concedido desprender-me inteiramente de mim mesmo e ver como sois suave, Senhor Deus meu!

Quando me recolherei plenamente em vós para que, possuído de vosso amor, não me sinta a mim mesmo, mas só a vós, acima de toda a medida e de um modo que nem todos conhecem? Agora, porém, não cesso de gemer e, cheio de dores, levo a minha infelicidade, pois neste vale de lágrimas, ocorrem muitos males, que, umas vezes, me perturbam, contristam e anuviam a alma; outras vezes, me embaraçam, distraem, enleiam e impedem que tenha livre acesso junto de vós, nem me deixam gozar da doçura dos vossos amplexos, sempre prodigalizados aos espíritos bem-aventurados.

Deixai-vos enternecer por meus suspiros e por tanta desolação, que há sobre a terra.

4. Ó Jesus, esplendor da eterna glória, consolador da alma desterrada; a minha boca emudece diante de vós; o meu silêncio é que fala por mim.

Até quando tardará a vir o meu Senhor?

Venha a mim, seu pobre servo e me alegre.

Estenda a sua mão e livre este miserável de toda a angústia.

Vinde, vinde; que sem vós não haverá dia ou hora feliz; porquanto sois a minha alegria e sem vós para mim tudo é vazio.

Mísero sou e como que encarcerado e carregado de grilhões, até que me conforteis com a luz da vossa presença, me restituais a liberdade e mostreis o vosso semblante amigo.

5. Busquem outros o que quiserem, em lugar de vós; quanto a mim não me agrada nem agradará outra coisa, senão vós, Deus meu, esperança minha e salvação eterna.

Não me calarei, nem cessarei de orar, até que torne a vir a vossa graça e me faleis interiormente.

6. Cristo: — Aqui me tens. Eis que vim a ti, porque me chamaste. As tuas lágrimas e os desejos da tua alma, a humildade e a contrição de teu coração me inclinaram e trouxeram a ti.

7. A alma fiel: — E disse: Senhor, clamei por vós e desejei possuir-vos, disposto a renunciar tudo por vosso amor.

Fostes vós que, primeiramente, me iniciastes a procurar-vos.

Sede, pois, bendito, vós, que usastes de tanta bondade para com o vosso servo, segundo a vossa infinita misericórdia.

Que mais tem a dizer vosso servo, em vossa presença senão humilhar-se, profundamente, diante de vós e lembrar-se sempre das próprias iniquidades e vilezas? Nada há semelhante a vós em todas as maravilhas do céu e da terra.

Perfeitíssimas são as vossas obras, retos os vossos juízos e a vossa providência rege todas as coisas.

Louvor e glória, pois, a vós, ó Soberania do Pai! Sede para sempre louvado e bendito pela minha boca, pela minha alma e por todas as criaturas.

REFLEXÕES

À medida que a alma fiel se desapega da terra e de si mesma, todos os seus pensamentos, todos os seus desejos se elevam e vão confundir-se naquele que ela ama unicamente. Então geme ao ver-se ainda ligada pelos laços que a prendem à terra. Impelida por amor que vai sempre crescendo, quereria quebrar seu invólucro mortal e lançar-se no seio do ser infinito ao qual aspira e nele perder-se eternamente. "Quem me dará asas como a pomba para voar e repousar" (Sl 55,7)!

Nenhum descanso há pois, para ela, até que esteja plenamente unida ao objeto de seus desejos, até que possa dizer, no êxtase divino de sua alegria, no gozo, na posse para sempre imutável do celestial esposo: "Meu amado é meu, e eu sou dele" (Ct 2,16).

Oh! Quando brilhará esse venturoso dia, dia de libertação de eterno júbilo? Quando acabará o tempo da esperança e das lágrimas? Quando veremos declinar as sombras que roubam aos humanos olhos o nosso amado? "Como o cervo sequioso deseja a água das fomes, assim minha alma por vós suspira, ó meu Deus! Minha alma tem sede do Deus forte, do Deus vivo. Oh! quando virei e aparecerei na presença do meu Deus?" (Sl 42,2-3).

CAPÍTULO XXII

Da lembrança dos inumeráveis benefícios de Deus

1. A alma fiel: — Abri, Senhor, o meu coração à vossa lei; ensinai-me a trilhar o caminho dos vossos mandamentos.

Dai-me a graça de conhecer a vossa vontade e de, com grande reverência e diligente consideração, relembrar os vossos benefícios, quer gerais, quer particulares, para que possa render-vos dignas ações de graças.

Bem sei e confesso que não posso responder com devidos louvores ao menor dos vossos benefícios.

Sou inferior a todos os bens que me haveis dado; e quando considero a vossa majestade, desfalece o meu espírito, diante de vossa grandeza.

2. O que temos no corpo e na alma, tudo o que possuímos, dentro ou fora de nós, natural ou sobrenaturalmente, são benefícios vossos, que proclamam a magnificência, ternura e bondade daquele de quem recebemos todos os bens.

Embora um tenha muito e outro pouco, tudo provém de vós e sem vós não se pode alcançar bem algum.

Quem maiores graças recebeu, não pode gloriar-se do seu mérito, nem exaltar-se acima dos outros, nem escarnecer do que recebeu menos; pois maior e melhor é quem menos atribui a si mesmo e é mais humilde e fervoroso em vos agradecer.

E quem se julga o mais vil de todos e o mais indigno, mais apto se torna para receber maiores dons.

3. O que, porém, recebeu menos, não deve entristecer-se nem indignar-se, nem ter inveja do que recebeu mais; mas pôr os olhos em vós e louvar a vossa bondade, que dispensa as suas dádivas, graciosa e liberalmente, sem acepção de pessoas.

De vós procedem todas as coisas; por isso em todas deveis ser louvado.

Sabeis o que é conveniente dar a cada um; e porque recebe este menos e aquele mais, não nos pertence julgar e, sim, a vós.

4. Por isso, Senhor Deus, considero como grande favor não ter muitos desses bens exteriores, que atraem a admiração dos homens; e assim, considerando cada um a sua própria indigência e miséria, longe de conceber penas, tristeza e desalento, deve, ao contrário sentir grande alegria e consolação.

Porque vós, meu Deus, escolhestes os pobres e desprezados do mundo para vossos familiares e servos.

Testemunhas disso são os vossos apóstolos, a quem constituístes príncipes em toda a terra (Sl 45,17).

Viveram neste mundo sem queixas, tão humildes e simples, tão sem malícia e dolo, que até se alegravam em sofrer ultrajes por vosso nome e abraçavam, com grande amor, tudo o que o mundo aborrece (Sl 5,41).

5. Nada, pois, deve alegrar tanto a quem vos ama e conhece o valor dos vossos benefícios, como cumprir-se nele a vossa vontade e o beneplácito das vossas eternas disposições.

Com isso tanto se deve alegrar e contentar quem consinta, de boa vontade, em ser o menor, do mesmo modo que outro desejaria ser o maior; e tão tranquilo ocupe o último lugar, como se fosse o primeiro; e assim suporte ser desprezado e abatido, não ter nome nem fama, como se fosse o mais honrado e o maior deste mundo.

Porque a vossa vontade e o amor da vossa glória devem superar a tudo, consolar e agradar mais ao vosso servo, que todos os benefícios presentes e futuros.

REFLEXÕES

Aproveitemos a graça que nos é dada, sem nos importar se outros a receberam mais abundante. Deus comunica-se como e quando lhe apraz; é Senhor de seus dons, e deles dispõe segundo seu beneplácito; e quem somos nós para lhe pedir contas? Demos-lhe graças pelos que nos concede em sua bondade toda gratuita, e também pelos que nos recusa, reconhecendo-nos indignos do menor de seus benefícios.

Se fores humilde, não aspirarás a favores extraordinários; e se não tiveres humildade, longe de te serem úteis esses favores, não servirão talvez senão para perder-te, nutrindo em ti a vã complacência do orgulho. Viva gratidão para com o Senhor, submissão perfeita à sua vontade, a fidelidade em seguir o caminho por onde te leva, eis o que deves desejar. Com isto descansarás em paz, porque descansarás em Deus, e nele acharás o auxílio contra as tentações, a paz nos padecimentos, a consolação nas misérias e trabalhos da vida, e finalmente o amor que tudo torna suave.

Oh! quão pouco pensaríamos em desejar um estado mais elevado ou mais aprazível se amássemos deveras! Mas nós não sabemos amar. Gemamos, ao menos, por nossa tibieza e supliquemos ao divino Mestre

que se digne aquecer, abrasar nosso coração frouxo, para que possamos dizer com o Apóstolo: "Quem poderá separar-me do amor de Cristo? A tribulação? as angústias? a fome? a nudez? os perigos? as perseguições? a espada? Mas nós triunfamos de todas estas coisas pela virtude daquele que nos amou. Porque estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as virtudes, nem o presente, nem o futuro, nem a força, nem a altura, nem a profundidade, nem criatura alguma poderá separar-me do amor de Deus, o qual está em Jesus Cristo nosso Senhor" (Rm 8,35-39).

Ó meu divino Salvador, fogo infinito de amor, entranhas de Pai misericordioso, por que vos não amo, bom Jesus, de todo o meu coração? Por que gasto momento da vida fora do vosso amor e serviço? Oh! se assim me empregasse com todo o cuidado em vós, como vós empregais em me salvar! Quando, Senhor meu, me verei desta maneira? Quando será e como tarda? Apressai-vos, meu divino Pastor, a me tomar, a me cativar com vosso amor, e pôr em vós todo o meu desejo e cuidado, pois só isto é o que vos contenta, e sem vós não o posso ter. Bastam as penas que vos tenho dado com meus pecados, não permitais que vo-las acrescente com minha perdição. Aqui me rendo a vós desta hora para sempre, tomai-me por vosso, crucificai-me e salvai-me.

CAPÍTULO XXIII

De quatro coisas que proporcionam grande paz

1. Cristo: — Filho, agora te ensinarei o caminho da paz e da verdadeira liberdade.

2. A alma fiel: — Fazei, Senhor, o que dizeis, porque me é grato ouvir isto.

3. Cristo: — Procura, filho, fazer antes a vontade de outrem que a tua.

Escolhe sempre ter menos do que mais.

Busca antes o último lugar e sujeita-te a todos.

Deseja e pede, sem cessar, que se cumpra, plenamente, em ti a vontade de Deus.

Assim entra o homem nos limites da paz e quietação.

4. A alma fiel: — Senhor, esta breve linguagem encerra muita perfeição.

Concisa nas palavras, mas repleta de sentido e abundante em frutos.

Se eu a pudesse guardar fielmente, não cairia tão depressa em perturbação.

Pois, todas as vezes que me sinto inquieto e aflito, reconheço que me afastei desta doutrina.

Mas vós, que tudo podeis e amais o aperfeiçoamento das almas, infundi-me maior graça, a fim de que eu possa cumprir os vossos preceitos e alcançar a minha salvação.

ORAÇÃO

Contra os maus pensamentos

5. Senhor, Deus meu, não vos afasteis de mim; Deus meu, olhai para as minhas necessidades e vaiei-me, porque me assaltaram vãos pensamentos e grandes temores afligem minha alma.

Como escaparei ileso? Como poderei vencê-los?

6. Eu irei, dizeis vós, diante de ti e humilharei os soberbos da terra; abrir-te-ei as portas do cárcere e revelar-te-ei os arcanos secretos.

7. Fazei, Senhor, como dizeis e fujam ante a vossa face todos os maus pensamentos.

Esta é a minha única esperança e consolação: refugiar-me em vós, em toda a tribulação; confiar em vós, invocar-vos do fundo de minha alma e esperar, pacientemente, vossa consolação.

ORAÇÃO

Para pedir a luz do entendimento

8. Iluminai-me, ó bom Jesus, com a claridade da luz interior e afastai da morada do meu coração toda sorte de trevas.

Reprimi as minhas divagações e quebrai a força das tentações que me combatem.

Pelejai, fortemente, por mim e afugentai as feras malignas, digo, os pensamentos iníquos, para que haja paz e a abundância dos vossos louvores ressoe no templo santo, isto é, na consciência pura.

Dominai os ventos e as tempestades; dizei ao mar: acalma-te; e ao aquilão: não sopres, e haverá grande bonança.

9. Enviai vossa luz e vossa verdade, para que brilhem na terra, pois eu sou terra estéril e baldia, enquanto me não alumiais.

Infundi do alto, Senhor, a vossa graça; derramai em meu coração o orvalho do céu; regai com as águas da devoção a superfície da terra, para que produza frutos bons e sazonados.

Levantai meu espírito acabrunhado pelo peso dos pecados; volvei para os céus todos os meus desejos, a fim de que, prelibada a doçura da felicidade eterna, me envergonhe de cuidar das coisas da terra.

Arrebatai-me e livrai-me de toda a consolação das criaturas, para que nenhuma coisa terrena possa aquietar e satisfazer, plenamente, o meu desejo.

Uni-me a vós por um vínculo indissolúvel de amor; porque vós bastais a quem vos ama e, sem vós, todas as coisas são frívolas.

REFLEXÕES

"Levantaram-se profetas em Israel que predisseram visões de paz a Jerusalém e não há paz, diz o Senhor Deus" (Ez 13,16).

E o mundo também profetiza visões de paz a seus sequazes; mas esta paz que ele põe nos prazeres, nas satisfações do orgulho e de todas as paixões desordenadas, não se mostra de longe senão para enganar os que a buscam, e quando cuidam tê-la segura, de repente lhes escapa e desaparece "como o sonho de um homem que acorda" (Sl 73,20).

A verdadeira paz, pelo contrário, não é senão o sossego de consciência pura: ela consiste em reprimir os desejos e não em satisfazê-los, se há lugar escondido, emprego obscuro, lugar desprezível aos olhos do mundo, aí está sobretudo a paz. Quanto mais o coração se humilha, tanto mais ela é suave e profunda. Que coisa poderá na verdade perturbar quem nada deseja, e de tudo vive desapegado? Nada tem que recear senão que lhe invejem o abatimento em que se compraz. Porém que grandeza neste abatimento buscado, querido com todas as forças da alma! Os anjos o contemplam com respeito e Deus o abençoa do seio de sua glória.

Vinde, Senhor, em meu auxílio; destruí em mim o orgulho, e terei paz; permiti que, penetrado dos sentimentos que animavam o profeta, me seja dado dizer como ele: "Eu escolhi ser desprezível na casa do meu Deus, antes que habitar nas moradas dos pecadores"! (Sl 84,11).

CAPÍTULO XXIV

Como se deve evitar a curiosidade de saber da vida alheia

1. Cristo: — Filho, não sejas curioso, nem te preocupes com cuidados inúteis.

Que te importa isso ou aquilo? Segue-me.

Que te importa que este seja tal ou qual e aquele fale deste ou daquele modo?

Não tens que responder pelos outros, mas somente por ti.

Para que te inquietas?

Eis que eu conheço a todos e vejo tudo o que se faz debaixo do sol; sei como se porta cada um; o que pensa e quer, a que fim tende a sua intenção.

A mim, pois, devem ser encomendadas todas as coisas; tu, porém, conserva-te em santa paz e deixa ao irrequieto agitar-se quanto quiser.

Virá sobre ele tudo o que fizer ou disser, porque não pode enganar-me.

2. Não te preocupes da sombra de um grande nome, nem da familiaridade de muitos, nem da estima particular dos homens.

Tudo isso gera distrações e grandes perplexidades no coração.

Não duvidaria falar-te e revelar-te os meus segredos, se esperasses, atentamente, a minha vinda e me abrisses as portas do teu coração.

Sê previdente, vigia na oração e humilha-te em todas as coisas.

REFLEXÕES

Por que abres os olhos invejosos sobre as ações de teus irmãos? Quem te encarregou de perscrutar sua consciência e suas obras? Deixa, deixa a Deus o cuidado que ele reserva para si, e cuida em responder por ti.

Quase sempre nos enganamos quando julgamos os outros, e preparamos a nós mesmos um juízo mais severo, usurpando um direito que não temos e ferindo, com suspeitas malignas e temerárias, o amor devido ao próximo. "A caridade é paciente, branda, benigna, não é invejosa, não cuida mal, não faz mal a ninguém, não é presunçosa, não tem ambição da própria honra e proveito, não pretende nunca fazer mal, antes ajuda com alegria a verdade e aborrece a maldade". Presume de outrem tudo o que é bom, perdoa para que te perdoem e "não julgues, para que não sejas julgado" (1Cor 13,4-5; Mt 7,1).

Ó divino Modelo da caridade, dai-me aqueles puros sentimentos de amor do próximo de que nos deixastes tão admiráveis exemplos. Fazei, Senhor, que eu ame santamente meus semelhantes por amor de vós, que

nunca deles suponha mal, que lhe acuda em suas necessidades, e que sofrendo suas fraquezas neste mundo, por amor de vós, possa um dia cantar com eles vossos louvores no Céu.

CAPÍTULO XXV

Em que consiste a paz firme do coração e o verdadeiro progresso da alma

1. Cristo: — Eu disse: Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; mas não vo-la dou como a dá o mundo (Jo 14,27). Todos desejam a paz, mas nem todos procuram o que conduz à verdadeira paz.

A minha paz está com os humildes e os mansos de coração. A tua paz consistirá em muita paciência.

Se me ouvires e seguires a minha voz, poderás gozar de muita paz.

2. A alma fiel: — Que farei eu, pois?

3. Cristo: — Em todas as coisas considera bem o que fazes e o que dizes; põe todo o teu cuidado em agradar a mim só e fora de mim nada desejes ou busques.

Não julgues, temerariamente, das palavras e das ações dos outros, nem te intrometas no que não te foi confiado; deste modo poderá ser que pouco ou raro te perturbes.

Nunca sentir, porém, alguma perturbação, nem sofrer algum incômodo, na alma ou no corpo, não é da vida presente, mas do estado da eterna bem-aventurança.

Por isso não cuides haver achado a verdadeira paz, se não sentires alguma tribulação; nem que tudo vai bem, se não tiveres algum adversário; não creias que a tua vida é perfeita, se tudo acontece à medida do teu desejo.

Não julgues de ti grande coisa, nem penses que és especialmente amado por Deus, se experimentares grande devoção e suavidade; porque não é por estas coisas que se conhece o verdadeiro amante da virtude, nem consiste nelas o aproveitamento e o progresso do homem espiritual.

4. A alma fiel: — Em que, pois, Senhor?

5. Cristo: — Em te ofereceres de todo o coração à vontade divina, sem que busques o teu próprio interesse, quer nas grandes ou nas pequenas coisas, nem no tempo, nem na eternidade, de sorte que perseveres em

ações de graças nas coisas prósperas, como nas adversas, pesando tudo na mesma balança.

Se fores tão forte e tão constante na espera, que, privado das consolações interiores, disponhas o teu coração para maiores provações, sem te justificares de não merecer tantos e tais sofrimentos, antes louvando, em tudo, a justiça e santidade de minhas determinações, andarás então no verdadeiro e reto caminho da paz e poderás ter certíssima esperança de ver a minha face em grande júbilo.

E se chegares ao perfeito desprezo de ti mesmo, sabe que gozarás da abundância da paz compatível com o teu desterro.

REFLEXÕES

Nunca se repetirá bastante ao homem que sua grandeza, sua segurança, sua paz e quietação consiste em renunciar-se, em desprezar-se a si mesmo, em aniquilar-se diante de Deus, em não querer em todas as coisas e não desejar senão o cumprimento de sua santa vontade, sem motivo algum de interesse próprio, num perfeito abandono ao que lhe aprouver a seu respeito. É mister desapegar-nos até de seus dons para nos unirmos a ele de modo mais íntimo e mais puro. O fervor sensível, as consolações, os êxtases amorosos são-nos dados ou tirados segundo os desígnios de Deus que ignoramos; eles passam e tudo que passa causa turbação se lhe temos apego.

Portanto Deus só: a Deus só amemos, a Deus só desejemos, amemo-lo por ser ele quem é, na tristeza como na alegria, na amargura como no contentamento. "Sim, Senhor, amar-vos-ei sempre, bendirei vosso nome em todo tempo; vós mesmo sois nossa paz e nesta paz acharei descanso e dormirei" (Sl 18,2; 34,2; Ef 2,14; Sl 4,9).

CAPÍTULO XXVI

Da excelência da liberdade de espírito, à qual se chega mais pela oração que pelo estudo

1. A alma fiel: — Senhor, é próprio do homem perfeito nunca afrouxar o ânimo na contemplação do céu e, entre muitos cuidados, passar como que sem cuidado não por indolência, mas por certa prerrogativa da alma livre, que não se apega com amor desordenado a criatura alguma.

2. Peço-vos, piedosíssimo Deus meu, que me preserveis dos cuidados desta vida, para que, demasiadamente, neles não me embarace; das muitas necessidades corporais, para que me não torne escravo da sensualidade; de todos os obstáculos que estorvam a alma, para que não sucumba ao peso de tantas angústias.

Já não falo das coisas que, com tanto ardor, ambiciona a vaidade humana, mas dessas misérias que, por efeito da maldição comum aos homens, oprimem, penosamente, a alma do vosso servo e a impedem de alcançar a verdadeira liberdade de espírito, quantas vezes queira.

3. Ó Deus meu, doçura inefável! Convertei-me em amargura toda a consolação carnal, que me desvia do amor dos bens eternos e me arrasta para si com a aparência de bem presente deleitável.

Não me vença, Deus meu, não me vença a carne e o sangue; não me seduza o mundo com a sua glória transitória, nem me suplante o demônio com a sua astúcia.

Dai-me força para resistir, paciência para sofrer, constância para perseverar.

Dai-me, em lugar de todas as consolações do mundo, a suavíssima unção do vosso espírito; em lugar do amor carnal, infundi, em mim, o amor do vosso nome.

4. O comer, o beber, o vestir e outras coisas necessárias ao corpo são triste peso para a alma fervorosa.

Concedei-me a graça de usar com moderação de tais lenitivos sem que a eles me prendam por desejos imoderados.

Rejeitar todos é impossível, porque devemos sustentar a natureza; buscar, porém, o supérfluo e o que mais agrada, a vossa santa lei proíbe; porque de outro modo a carne rebelar-se-ia contra o espírito.

Entre estas coisas peço-vos que me dirija e governe vossa mão, para que eu não caia em algum excesso.

REFLEXÕES

Ao ver quanto os homens andam preocupados com a vida presente, quanto se ufanam por amontoar bens temporais e com quanto afinco desejam perpetuar o gozo deles, dirias que nunca estão persuadidos de que esta vida há de acabar, e acabar tão depressa? Em suas longas previsões, não esquecem senão da eternidade: ela só lhes não interessa, de

nenhum modo, ou lhes interessa tão levemente que apenas nela pensam de tempos a tempos e com enfado nos curtos intervalos dos prazeres e dos negócios. Faz pena ver isso! Quão diferente é o exemplo que lhes deu o Salvador! "Passou na terra como homem errante, como viageiro que só se desvia do caminho para descansar um pouco", eis nosso modelo.

O homem que se põe a caminho não leva consigo senão o que necessita para a viagem; assim também em nossa viagem para o Céu, não devemos usar as coisas deste mundo senão enquanto nos são absolutamente necessárias e não ver em tudo o mais senão um peso muitas vezes perigoso ou pelo menos sempre inútil. De que precisa aquele que segue seu caminho? "O caminhante sequioso debruça-se sobre a fonte, mata a sede com a água que acha mais perto, assenta-se à sombra da primeira árvore que encontra" na borda do caminho e tendo recobrado suas forças, prossegue sua viagem (Ecl 26,15).

Irá ele aplicar sua alma aos diferentes objetos que se apresentam a seus olhos à medida que vai andando e amofinar-se de mil cuidados para formar um estabelecimento permanente no país que atravessa e que não tornará mais a ver? Ora nós somos todos esses caminhantes. Que me importa a terra, ó meu Deus! Que me importa este lugar estrangeiro do qual sairei daqui a um momento! Vou para a casa de meu Pai; o mais não é nada para mim. O trabalho, o cansaço, a fadiga, que é tudo isso, contanto que eu chegue ao termo a que aspiram todos os meus votos? "Minha alma desfalece de desejo, meu coração e minha carne exultam de alegria na esperança do Deus vivo. Vossos altares, Deus das virtudes, meu Rei e meu Deus! vossos altares!... Ditosos os que moram na casa do Senhor"! (Sl 84,2-3).

CAPÍTULO XXVII

Como o amor-próprio nos afasta do sumo bem

1. Cristo: — Filho, cumpre que dês todo, sem nenhuma reserva de ti mesmo.

Sabe que, neste mundo, nada te prejudica tanto quanto o amor de ti mesmo.

As coisas te prenderão mais ou menos na medida do amor com que as amas.

Se o teu amor é puro, simples e bem ordenado, ficarás livre do cativeiro das coisas terrenas.

Não desejes o que não te é lícito possuir.

Não queiras o que te pode causar embaraço e privar da liberdade interior.

É de admirar que, do íntimo da alma, não te abandones, de todo, a mim, com tudo o que podes desejar ou possuir.

2. Para que te consomes com vãs tristezas? Por que te fatigas com cuidados supérfluos?

Se buscares isso ou aquilo, se quiseres estar aqui ou ali, por teu proveito e própria vontade, jamais ficarás em tranquilidade, nem livre de cuidados; porque em cada coisa há algum defeito e em toda parte haverá alguém que te contrarie.

3. De nada aproveita adquirir ou multiplicar os bens exteriores; o que importa é desprezá-los e arrancá-los do coração pela raiz. E isso não se entende só do dinheiro e das riquezas, senão também da ambição das honras e do desejo de vãos louvores; coisas estas que passam com o mundo.

Pouco resguarda o lugar, se falta o espírito de fervor; nem durará muito tempo a paz adquirida exteriormente, se faltar ao coração o seu verdadeiro fundamento: isto é, se não te firmares em mim; podes mudar, mas não melhorar.

Porque, sobrevindo e sendo aceita a ocasião, encontrarás aquilo de que fugiste e pior ainda.

ORAÇÃO

Para pedir a pureza de coração e a sabedoria celestial

4. A alma fiel: — Confirmai-me, Deus meu, com a graça do Espírito Santo.

Fortificai-me interiormente com a vossa virtude e fazei que o meu coração se desprenda de todos os cuidados inúteis e inquietações e não se deixe arrastar pelos vários desejos de qualquer coisa seja vil ou preciosa; fazei que eu as considere como transitórias e a mim mesmo, igualmente transitório.

Nada existe de estável debaixo do sol, onde somente há vaidade e aflição de espírito. Como é sábio quem assim pensa!

5. Dai-me, Senhor, a sabedoria celestial, para que aprenda a buscar-vos e achar-vos sobre todas as coisas; a considerar-vos e amar-vos acima de tudo e entender tudo o mais, como é segundo a ordem de vossa sabedoria.

Dai-me prudência para afastar-me do lisonjeiro e paciência para suportar quem me contraria. Porque é grande sabedoria não se mover a qualquer sopro de palavras, nem dar ouvidos às meiguices da astuciosa sereia; pois, deste modo, a alma prossegue com segurança no caminho começado.

REFLEXÕES

Por pouco que o homem se busque a si mesmo aparta-se de Deus; mas logo nasce nele a perturbação, porque ou não consegue o fim de seus desejos ou se enfastia deles, atormentado sempre ora por seus apetites, ora pelos remorsos e aborrecimentos que eles lhe causam. Quis ser rico, poderoso, ilustre, afamado, coisas todas que não se alcançam sem duros trabalhos e que raramente se possuem com pura consciência; não importa, ei-lo elevado no auge das prosperidades humanas, nada lhe falta do que desejava. Pergunta-lhe se está satisfeito; da boca deste feliz do mundo não sairão se não queixas, vozes de angústia e de dor. "E agora, segundo se exprime São Tiago, e agora, ó ricos, chorai, soltai gemidos de dor nas misérias que virão sobre vós. Vivestes na terra cercados de delícias e de prazeres, engordastes para o dia do sacrifício" (Tg 5,1-5).

Assim, de um lado os bens do mundo tão cobiçados fatigam a alma sem a satisfazerem, e de outro, a não ser por graça especial, precipitam-na em sua ruína. Pelo contrário, aquele que renunciou completamente a si mesmo, aquele para quem Deus só é tudo, goza de paz inalterável. O próprio sofrimento lhe é suave, porque ele aumenta sua esperança, purifica seu amor, e porque a aflição de um momento produzirá uma glória eterna. "Perseverais, pois, na paciência até a vinda do Senhor. Na esperança de colher o fruto precioso da terra, espera pacientemente o lavrador as chuvas da primavera e do outono. E vós sede também pacientes, porque a vinda do Senhor está próxima" (Tg 5,7-8).

CAPITULO XXVIII

Contra as línguas maldizentes

1. Cristo: — Filho, não te inquietes, se alguém fizer mau conceito de ti e disser coisas que não gostas de ouvir.

Pior ainda deves julgar de ti mesmo e crer que ninguém é inferior a ti.

Se andasses dentro de ti mesmo, não te importarias com as palavras, que o vento leva.

Não é pouca prudência guardar silêncio no tempo da adversidade, voltar-se, interiormente, para mim, sem se perturbar com os juízos dos homens.

2. Não dependa a tua paz da boca dos homens: quer julguem bem, quer mal de ti, nem por isso és outro homem.

Onde está a verdadeira paz e a verdadeira glória? Porventura não está em mim?

Quem não procura agradar aos homens, nem teme desagradar-lhes, gozará de grande paz.

Do amor desordenado e do vão temor nascem as inquietações do coração e a distração dos sentidos.

REFLEXÕES

Alguns se inquietam mais com os juízos dos homens do que com os de Deus. Estranha loucura! Quando aparecermos no tribunal de Deus de que nos servirá o desprezo ou a estima das criaturas? Não seremos condenados nem absolvidos segundo seus pensamentos. A verdade é quem nos há de julgar e sua sentença será eterna. Tal haverá que tendo vivido cercado de louvores e lisonjas, irá expiar seus crimes "lá onde há choro e ranger de dentes e onde o bicho roedor nunca morre" (Mt 25,30; Mc 9,43).

Outro haverá que viveu oprimido de opróbrios e ultrajes, e ouvirá estas divinas palavras: "Vinde vós que sois abençoados de meu Pai, tomai posse do reino que vos está preparado desde o princípio do mundo", porque os juízos de Deus não são como os juízos dos homens, nem sua justiça como nossa justiça; nós julgamos pelo exterior, "Ele sonda os pensamentos e o coração do homem" (Mt 25,35; Ecl 42,18).

Não tenhas pois, em vista, senão este juiz supremo e sê indiferente a tudo o mais. De que serve tudo que deixamos ao entrar na cova? Os elogios solicitados mancham a consciência e destroem o mérito do bem que se faz para os alcançar. "Tende cuidado de não fazer vossas boas obras diante dos homens, para serdes vistos por eles; de outro modo não tereis recompensa de vosso Pai que está nos Céus. Quando derdes esmola, não o digais publicamente como fazem os hipócritas nas sinagogas e nos cantos das ruas, para serem louvados pelos homens. Em verdade vos digo, que já receberam sua recompensa. Vós, porém, quando derdes esmola, dai-a em segredo, não saiba a mão esquerda o que faz a direita; e vosso Pai que vê o que se passa em segredo, vos dará a paga. E quando orardes, não façais como os hipócritas que rezam em pé nas sinagogas e nos lugares públicos, para serem vistos pelos homens, em verdade vos digo que já receberam sua recompensa. Quando quiserdes fazer vossa oração, retirai-vos ao vosso quarto, fechai a porta e orai a vosso Pai em segredo e vosso Pai que vê o mais secreto e oculto, vos dará a recompensa" (Mt 6,1-6).

Ó divino Salvador, vós sois o companheiro de nossa peregrinação, o consolador de nossos trabalhos, o remediador de nossas necessidades, o leal amigo que na hora em que tudo o mais nos deixa, mais nos acompanha; dai-me, Senhor o espírito de sofrimento e de resignação, o espírito de paciência e de conformidade para que saiba imitar-vos e mereça com a vossa graça alcançar o prêmio dos bem-aventurados.

CAPÍTULO XXIX

Como se deve invocar a Deus, durante a tribulação

1. A alma fiel: — Senhor, bendito seja para sempre o vosso santo nome, porque quisestes que sobre mim viesse esta prova e tribulação.

Não posso evitá-la; mas é necessário que a vós recorra, para que me ajudeis e convertais tudo em meu proveito.

Senhor, estou agora atribulado e não está bem o meu coração; muito me atormenta o presente sofrimento.

E agora, Pai amantíssimo, que direi? Estou mergulhado em angústias; livrai-me desta hora (Jo 12,27).

E cheguei a este extremo, para que sejais glorificado, quando eu, depois de muito abatido, for por vós libertado.

Dignai-vos, Senhor, salvar-me; porque, pobre de mim, que farei e aonde irei sem vós?

Dai-me paciência, Senhor, ainda por esta vez.

Socorrei-me, Deus meu, e nada temerei, por mais que esteja atribulado.

2. E agora, neste estado, que direi? Senhor, faça-se a vossa vontade. Bem mereço essas tribulações e angústias.

Convém que eu sofra e oxalá com resignação o faça, até que passe a tormenta e venha a bonança.

Poderosa é vossa mão onipotente para desviar de mim esta tentação e moderar-lhe a violência, para que eu não sucumba de todo; assim como muitas vezes tendes feito comigo, Deus meu, misericórdia minha.

E quanto mais difícil para mim, tanto mais fácil é para vós esta mudança da destra do Altíssimo.

REFLEXÕES

O primeiro movimento da alma provada pela tentação deve ser humilhar-se, reconhecer sua fraqueza e logo recorrer com fé viva àquele que só é sua fortaleza: "Senhor, salvai-me, que estou a ponto de perecer" e Deus se apressará em vir em socorro desta pobre alma, estenderá, para socorrê-la, sua mão onipotente, "mandará aos ventos e aos mares e haverá grande bonança" (Mt 8,25-26).

Que fará ainda mais o coração que se sentir afligido de dor e oprimido de angústias? Lançar-se-á nos braços "de Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai de misericórdia e Deus de toda a consolação, que nos dá alívio em nossos trabalhos, porque como abundaram em nós os sofrimentos de Jesus Cristo, assim abundará por sua graça nossa consolação" (2Cor 1,3-5). Então se nossa alma como a de Jesus estiver "triste até a morte", se dissermos com ele: "Meu Pai, apartai de mim este cálice!" como ele também diremos: "Faça-se, porém, não o que eu quero, senão o que for vossa vontade" (Mt 26,38-39).

CAPÍTULO XXX

Como se deve pedir o divino auxílio e a confiança em recuperar a graça

1. Cristo: — Filho, sou eu o Senhor que conforta no dia da tribulação. Vem a mim, quando não te sentires bem.

O que mais impede a consolação celeste é que somente tarde recorres à oração.

Antes que recorras, insistentemente, a mim, buscas muitas consolações e te recreias com as coisas exteriores.

Daqui vem que tudo pouco te aproveita, até que reconheças que sou eu quem salva os que em mim esperam e que, fora de mim, não há auxílio eficaz, nem conselho útil, nem remédio durável (Sl 15,7). Uma vez, porém, que recobraste o ânimo, após a tormenta, reanima-te à luz das minhas misericórdias, pois estou perto de ti, diz o Senhor, para restaurar tudo, não só integralmente, mas também com abundância e profusão.

2. Porventura haverá alguma coisa difícil para mim? Serei eu semelhante ao que diz e não faz? Onde está a tua fé? Sê firme e perseverante. Sê forte e de grande ânimo; a seu tempo virá a consolação.

Espera-me; virei e curar-te-ei.

O que te acabrunha é uma tentação; é um temor vão que te amedronta.

De que serve a preocupação por um futuro incerto, senão para que tenhas tristeza sobre tristeza? A cada dia basta o seu mal (Mt 7,7).

Vão e inútil é entristecer-se ou alegrar-se com coisas que talvez nunca aconteçam.

3. É próprio, porém, do homem deixar-se iludir com semelhantes imaginações e indício de ânimo apoucado ceder tão facilmente às sugestões do inimigo.

Porque ele não cuida se é por meios verdadeiros ou falsos que te seduz e engana, ou se te vence e perde por amor das coisas presentes ou com o temor dos males futuros.

Não se perturbe, pois, nem tema o teu coração.

Crê em mim e tem confiança em minha misericórdia.

Quando te julgas mais afastado de mim, muitas vezes estou mais perto.

Quando cuidas que está tudo quase perdido, é então, de ordinário, o tempo de adquirires maior mérito.

Não está tudo perdido, porque te acontece alguma coisa contrária.

Não julgues segundo a impressão do momento; nem te entregues a quaisquer aflições que te acometam, nem as recebas como se não

houvesse esperança alguma de remédio.

4. Não te imagines, de todo, abandonado, ainda quando, por certo tempo, te mande alguma provação ou te prive do desejado conforto; assim é que se caminha para o reino dos céus.

É, sem dúvida, mais útil a ti e aos outros servos meus serdes provados pelas adversidades, que suceder-vos tudo segundo os vossos desejos.

Conheço os mais recônditos pensamentos; sei que é assaz vantajoso à tua salvação que, algumas vezes, fiques desconsolado, para que não te desvaneças com o bom êxito e tenhas complacência de ti mesmo, como se fosses o que não és.

O que eu dei posso tirar e restituir, quando me aprouver.

5. Quando eu dou, dou do que é meu e, quando tiro, não tomo o que é teu, porque de mim procede toda dádiva boa e todo dom perfeito.

Se te enviar algum trabalho ou contrariedade, não te exasperes, nem desfaleça teu coração.

Posso, num momento, aliviar-te e mudar em alegria a tua tristeza.

Todavia, sou justo e mui digno de louvores, quando procedo assim contigo.

6. Se julgas retamente e vês na luz da verdade, nunca te deves contristar tanto com as adversidades; senão alegrar-te e render-me ações de graças.

Deve até ser tua alegria que eu te aflija com dores e não te poupe.

Como o Pai me amou, assim eu vos amei a vós, disse aos meus queridos discípulos; entretanto não os mandei às delícias temporais, mas a grandes combates; não às honras, mas ao desprezo; não à ociosidade, mas ao trabalho; não ao descanso, mas para produzirem copiosos frutos pela paciência.

Lembra-te, meu filho, destas palavras.

REFLEXÕES

Ainda que saibam os homens que é passageira a vida presente há contudo neles tendência extraordinária a concentrar-se nesta vida tão curta, e a não julgar das coisas senão pela relação que têm com ela. Querem invencivelmente ser felizes, mas querem sê-lo desde este mundo; buscam na terra felicidade que nela não existe nem pode existir, e nisto se enganam lastimosamente. Uns buscam a felicidade nos prazeres e bens do mundo e depois de se terem cansado de correr após ela, “veem que

tudo é vaidade e aflição de espírito e que o homem nada mais tem de todos os trabalhos com que se apoquenta neste mundo" (Ecl 1,14-3).

Outros convencidos do nada destes bens, voltam-se para Deus, mas querem também que o desejo de felicidade que os atormenta seja satisfeito desde o presente, sempre inquietos e queixosos, quando lhes retira as graças sensíveis, ou os prova com trabalhos e tentações. Não compreendem que a natureza humana é fraca e incapaz neste estado de toda a felicidade real; que as provações de que se queixam são os remédios necessários que emprega em sua bondade, o médico celestial das almas, para as curar e que toda nossa esperança na terra, toda nossa paz consiste em nos entregarmos inteiramente a ele com amorosa confiança. Eis aqui porque o real profeta repetia amiúde esta oração: "Tende piedade de mim, Senhor, porque estou enfermo, curai minha alma vós que curais todas as nossas enfermidades" (SI 6,3; 16,5; 103,3).

Portanto durante esta vida, resignação, paciência, tranquila submissão da vontade, no meio das trevas do espírito e da amargura do coração; e depois, na verdadeira vida, descanso inalterável, alegria imortal e a fidelidade do mesmo Deus que então "veremos tal qual é, face a face" (1Cor 8,13).

Sede vós, meu Salvador, o único amor e o fim de toda a minha vida, desejos e obras. A vós busque, a vós encontre, a vós vá, a vós chegue, a vós só deseje e a vós só possua sempre e tudo o que vós não sois me enfastie desde agora e para sempre. Vinde, Senhor, e com vossa presença alumiai as trevas desta alma, e fazei que não viva senão para vós, por vós sofra, e por vossos sofrimentos mereça participar um dia da glória dos bem-aventurados.

CAPÍTULO XXXI

Do desprezo de todas as criaturas, para que se possa encontrar o Criador

1. A alma fiel: — Senhor, ainda me é necessária muita graça para chegar a tal ponto que nenhum homem nem criatura alguma possa causar-me estorvo.

Enquanto alguma coisa me prender, não poderei, livremente, voar para vós.

Desejava voar livremente aquele que dizia: Quem me dera asas, como as da pomba, para poder voar e descansar em vós! (Sl 55,7).

Que há mais tranquilo que um coração simples?

E quem há mais livre que aquele que nada deseja na terra?

Importa, pois, elevar-se acima de todas as criaturas, renunciar, perfeitamente, a si mesmo e, no arroubo da contemplação, reconhecer que vós, autor de todas as coisas, nada tendes de semelhante com as criaturas.

E quem não se desprender de tudo o que é criado, não poderá, livremente, ocupar-se das coisas divinas.

Por isso, com efeito, é que se encontram poucos contemplativos; pois são raros os que sabem apartar-se, de tudo, dos bens caducos e das criaturas.

2. Para isso é mister grande graça, que levante a alma e a arrebate acima de si mesma.

Enquanto o homem não for elevado em espírito e livre de todas as criaturas e de todo unido a Deus, pouco vale tudo quanto sabe e quanto tem.

Permanecerá, por muito tempo, terreno e imperfeito quem avalia por grande alguma coisa fora do único, imenso e eterno Bem.

Porque tudo o que não é Deus, é nada e por nada deve ser reputado.

Há grande diferença entre a sabedoria do homem iluminado e devoto e a ciência de um literato e estudioso.

Muito mais nobre é a doutrina que vem do alto, por influência divina, da que a que se adquiriu com o humano esforço.

3. Há muitos que desejam a contemplação; mas não cuidam de praticar o que ela exige.

O grande obstáculo é parar nos sinais e coisas sensíveis e tratar pouco da perfeita mortificação. Não sei o que é, nem que espírito nos move, nem o que pretendemos nós, que parecemos homens interiores, quando empregamos tanto esforço e tão grande cuidado em coisas vis e transitórias, ao passo que, apenas raramente, nos ocupamos, em pleno recolhimento de espírito, das coisas que dizem respeito ao nosso interior.

4. Ai que tristeza! Logo após breve recolhimento, nos dissipamos e não submetemos as nossas obras a rigoroso exame.

Não reparamos para onde se inclinam os nossos afetos, nem deploramos quão impuro é tudo que há em nós.

Toda a carne havia corrompido o seu caminho, por isso veio o dilúvio universal.

Estando, pois, muito corrompido o nosso afeto interior, necessariamente, todo ato, que dele se origina, corromper-se-á.

Do coração puro procedem os frutos de uma vida santa.

5. Pergunta-se quanto fez cada um, mas não se cuida com quanta virtude procedeu.

Investiga-se se é forte, rico, formoso, hábil, bom escritor, bom cantor, bom artista; quão pobre seja de espírito, quão paciente e manso, quão devoto e espiritual, eis o que muitos calam.

A natureza atende ao exterior do homem; a graça volta-se para o interior.

Aquela, frequentemente, se engana; esta espera em Deus, para não ser enganada.

REFLEXÕES

Até que nossa vida seja, como diz o Apóstolo, escondida em Deus com Jesus Cristo, não lhe pertencemos senão imperfeitamente, não estamos ainda unidos com o Filho e com o Pai. Há alguma coisa entre nós e Deus que dele nos separa e porque temos apego a nós mesmos e às criaturas, nosso amor está dividido, ora se eleva para o Céu, ora rasteja na terra (Cl 3,3; Jo 17,21-23).

Para viver da vida escondida com Jesus Cristo em Deus é necessário quebrar os últimos laços que nos prendem ao mundo. Então, separada a alma de tudo o que passa, envolta, por assim dizer, no ser divino, enlevada em sua luz, não vê senão a ele, não se sente senão nele, não vive senão de sua verdade e de seu amor, que ele lhe comunica por vias inexplicáveis e maravilhosas. Unida intimamente a Jesus Cristo, com ele sofre, com ele se alegra, nele se consola, nele descansa e tudo coopera para a sua perfeição, porque ele ama e nunca se cansa de amar, na amargura como na alegria, ao "Deus que a chama à santidade". Ela descansa com sossego na vontade de seu soberano Senhor (Rm 8,28).

Porém, a alma que se não desprendeu ainda completamente das coisas da terra está sempre agitada, inquieta, caminha na escuridão, e mil

cuidados a atormentam. Apressemo-nos, pois, a quebrar nossas cadeias, não busquemos senão a Jesus, não desejemos senão a ele: "a quem iremos nós? Ele tem palavras de vida eterna". Deixemos tudo para segui-lo e "deixemos os mortos enterrar os seus mortos" (Jo 25,69; Lc 9,60).

Inflamai, bom Jesus, nesta hora minha alma com o fogo de vossa caridade. Iluminai, Amor meu, este coração com vossa eterna luz; refreai a distração de meus pensamentos, ajuntai todos os meus sentidos interiores e exteriores, tirai de meu coração a névoa e cegueira para que vos veja, vos entenda, vos conheça, vos ame, vos receba e abrace com amor puro. Esposo de minha alma, que tão formoso, tão rico, tão cheio de bens e tão abrasado de amor para com as almas que deveras vos amam; vinde, saúde minha, vinde, bem-aventurança esperada, tomai posse desta alma, não permitais que ela se ocupe das coisas terrenas, mas em vós viva e por vós suspire, neste degredo de misérias, até que vá gozar de vós na pátria celestial. Amém.

CAPÍTULO XXXII

Da abnegação de si mesmo e renúncia de toda a ambição

1. Cristo: — Filho, não podes gozar de perfeita tranquilidade, se não renunciares, inteiramente, a ti mesmo.

Em escravidão vivem todos os que se amam e buscam a si mesmos; os cobiçosos, os curiosos, os que gostam de vaguear e os que sempre procuram as delícias dos sentidos e não o que é de Jesus Cristo; mas só imaginam e cogitam o que não há de durar.

Com efeito, perecerá tudo o que não vem de Deus.

Guarda bem esta breve e profunda sentença:

Deixa tudo e acharás tudo; renuncia aos teus apetites e terás paz.

Pondera isto e, quando o cumprires, entenderás tudo.

2. A alma fiel: — Senhor, não é isto obra de um dia, nem brinquedo de criança; nestas poucas palavras se encerra toda a perfeição da vida religiosa.

3. Cristo: — Filho, não deves voltar atrás, nem desanimar depois de ouvir falar do caminho dos perfeitos; senão animar-te das coisas mais sublimes ou, pelo menos, aspirar a elas ardentemente.

Que ditoso serias se tivesses chegado a tanto que não te amasses a ti mesmo, mas estivesses submisso ao aceno da minha vontade e à daquele a quem te dei como superior. Então muito me agradarias e passarias toda a tua vida em alegria e paz.

Ainda tens muito que deixar e se não renunciares a tudo, inteiramente, não conseguirás o que me pedes.

Aconselho-te que compres de mim ouro acrisolado, para que te tornes rico, isto é, a sabedoria celeste, que calca aos pés as coisas do mundo.

Põe de parte a sabedoria do mundo e toda a complacência própria e humana.

4. Disse que, nas coisas terrenas, deves buscar as mais vis, em lugar das coisas mais preciosas e nobres.

Porque mui vil, pequena e desprezível parece a verdadeira e celestial sabedoria que não se tem em alta conta, nem trata de se engrandecer na terra; muitos a buscam com a boca, mas a contradizem com a vida; todavia é pérola preciosa e de mui poucos conhecida (Mt 13,46).

REFLEXÕES

Que é o homem entregue a si mesmo, a seu espírito desregrado, a seus desejos insaciáveis, a suas inclinações rasteiras? Escravo dos erros diversos que a cada passo o seduzem, escravo de seus apetites e dos objetos de seus apetites, pode haver mais pesada escravidão que a sua? Eis aqui, ó meu Deus, o estado de toda criatura que recusa submeter-se inteiramente a vós. Para ser livre é necessário obedecer. A perfeita liberdade não é mais que o inteiro cumprimento dos preceitos e conselhos evangélicos, os quais se reduzem todos à renúncia de si próprio: porque, renunciando o homem à sua própria razão, possui em plenitude e sem mistura alguma, a verdade de Deus; renunciando ao amor-próprio corrompido em Adão, só lhe fica no fundo do coração amor de Deus e do próximo por causa de Deus que é sumário da Lei; renunciando à sua vontade, age conforme a vontade de Deus que é a ordem por excelência. Então o homem é livre como Deus mesmo, cuja imagem vem a ser; é livre, porque esta abnegação absoluta de si próprio o liberta da dupla escravidão do erro e das paixões. “Fomos libertados”, diz São Paulo, por Jesus Cristo, e chamados por ele à liberdade, “isto é, ao conhecimento da lei evangélica; lei perfeita de liberdade” que depois de

livrar os que fielmente a observam do "cativeiro da corrupção", os conduz enfim "à liberdade da glória prometida aos filhos de Deus" (Gl 6,31; Tg 1,25; Rm 8,21).

Oh! miserável de mim, quanto melhor estaria preso a vós do que livre como ando! Pelas prisões que sofrestes, vos peço, Senhor meu, que me tireis das minhas que tanto me apartam de vós. Ó amor divino, como prendeis quando na alma vos acendeis, como cativais quando descobris à alma algo da formosura de vossa face divina! Quem em vós está e convosco está preso, que outra liberdade quer? Oh! como está dilatado, como está livre de tudo, como está satisfeito e contente! Oh! livre cativeiro! Oh! ricas prisões! Que feliz quem se visse assim preso de vosso amor divino! Mas, Amor meu, já que minha miséria está tão longe disso, ao menos fazei-me cativo de vossa esperança e que nela viva e nela descanse.

CAPÍTULO XXXIII

Da inconstância de coração e da intenção final, que se deve dirigir a Deus

1. Cristo: — Filho, não te fies em teus afetos; o que agora experimentas, em breve se mudará. Enquanto viveres, estarás sujeito, ainda que não queiras, as mudanças; ora alegre, ora triste; ora em paz, ora perturbado; agora fervoroso, mais tarde tíbio; hoje cuidadoso, amanhã indolente; uma vez sério, outra leviano.

Acima dessas vicissitudes, está o homem sábio e douto nas coisas espirituais; não atende ao que sente em si; nem de que lado sopra o vento da instabilidade; mas dirige toda a sua intenção ao devido e almejado fim.

Porque assim poderá permanecer imperturbável e sempre o mesmo, dirigindo, continuadamente, para mim a sua própria intenção em meio de tão várias ocorrências,

2. Quanto mais pura for tua intenção, tanto mais constante serás entre as diversas tempestades. Mas em muitas coisas se escurecem os olhos da reta intenção; porque, facilmente, convergem para alguma coisa deleitável que se lhes depare.

Pois, raramente, se encontra alguém, de todo, livre de buscar o seu próprio interesse.

Assim os judeus outrora vieram a Betânia, à casa de Marta e Maria; não somente por causa de Jesus, mas também para ver Lázaro (Jo 12,9).

É necessário, pois, purificares a tua intenção para que seja simples e se dirija para mim, acima de tudo que há de permeio.

REFLEXÕES

O espírito do homem vai e vem sem nunca descansar e o coração é levado pela mesma inconstância. Ora, estas mudanças que sobrevêm em nós, muitas vezes malgrado nosso, são ou tentações que devemos combater ou misérias que é mister suportar, ou provações a que nos devemos submeter humildemente. E por isso é necessário trabalhar continuamente em purificar nossa vontade que só depende de nós: ou de outro modo cairemos bem depressa ou no pecado ou na perturbação ou em ambas as coisas ao mesmo tempo.

Quem quer sinceramente pertencer a Deus e só a ele, não teme os ataques do inferno, porque sabe que é invencível naquele que o fortifica. Não se irrita contra si mesmo, vê em paz suas enfermidades e "delas se glorifica, como o Apóstolo, porque elas aperfeiçoam a virtude" e avultam o prêmio da vitória (2Cor 11,20; 12,9).

Se Deus o prova, humilha-se, tem-se por indigno de suas consolações e abraça com amor a cruz que lhe é apresentada. Tranquilo com esta cruz, na tristeza, no sofrimento e na abnegação, não tem nos lábios senão estas palavras e elas lhe bastam: "Em vós espero, Senhor, e não serei confundido para todo o sempre" (Sl 71,1).

Louvo e adoro, meu Deus, vosso poder, a ele me submeto, a vós desejo, a vós me ofereço inteiramente; fazei de mim tudo o que quiserdes. Desejo mais ser castigado por vossa mão do que favorecido pelo mundo. Recebei-me, meu Deus, amparai-me e defendei-me, castigai-me, consolai-me, enriquecei-me de vós, e abrasai-me de vosso amor para sempre.

CAPÍTULO XXXIV

Como Deus é suave para quem o ama acima de tudo

1. A alma fiel: — Meu Deus e meu tudo! Que mais quero? Que maior felicidade posso desejar? Oh! palavra doce e agradável, mas a quem ama ao Verbo e não ao mundo.

Meu Deus e meu tudo! Para quem entende isto é tudo; para quem ama, é uma delícia repeti-lo muitas vezes.

Na verdade, estando vós presente, tudo se torna aprazível; mas, se vós vos ausentais, tudo causa tédio.

Vós tranquilizais o coração, dais grande paz e festiva alegria.

Vós nos ensinais a julgar bem de tudo e a louvar-vos em tudo; nem pode, sem vós, alguma coisa vos agradar por muito tempo. Se, porém, alguma coisa existe que deva ser agradável e saborosa, importa que lhe assista a vossa graça e a tempere a vossa sabedoria.

2. Para quem experimenta o sabor da vossa graça, que haverá de desagradável?

E que coisa poderá ser agradável a quem em vós não se deleite?

A vossa sabedoria confunde os sábios deste mundo e os que seguem a carne; porque nuns encontra-se muita vaidade e nos outros a morte.

Mas aqueles que, pelo desprezo das coisas mundanas e pela mortificação da carne, vos seguem, mostram-se verdadeiramente sábios; pois que passam da vaidade para a verdade, da carne para o espírito.

Esses têm o sabor das coisas de Deus e tudo que de bom encontram nas criaturas, referem-no, inteiramente, à glória do Criador.

Diferente, porém, e mui diferente é o sabor do Criador e o da criatura, do tempo e da eternidade, da luz incriada e do reflexo da luz.

3. Ó luz perpétua, superior a todas as luzes criadas, lançai lá de cima um dos vossos raios, que penetre o mais íntimo do meu coração!

Purificai, alegrai, esclarecei e vivificai o meu espírito com as suas potências, para que, em transportes de júbilo, a vós se una com todas as forças.

Ah! Quando virá essa hora feliz e suspirada, em que me saciareis da vossa presença e sereis para mim tudo em todas as coisas! Enquanto isso não me for dado, não gozarei de perfeita alegria. Mas, ai! Ainda vive em mim o homem velho; não está, de todo, crucificado, nem completamente morto.

Ainda se revolta fortemente contra o espírito, move guerras intestinas e não permite que em minha alma reine a paz.

4. Ó vos que dominais a impetuosidade dos mares e aplacais o furor das ondas, levantai-vos, ajudai-me (Sl 89,10).

Manifestai, vo-lo peço, as vossas maravilhas e será glorificada a vossa destra; porque não há outra esperança nem refúgio para mim, senão em vós, Senhor Deus meu.

REFLEXÕES

É para estranhar que, conhecendo nós a Deus, não esteja nossa alma absorvida em seu amor; que se detenha ainda nas criaturas, em vez de lançar-se e perder-se na fonte de todo o bem. Que é a felicidade senão o amor? O que é a felicidade infinita, senão um amor infinito? É necessário pois a nosso coração um objeto, é necessário Deus: coisa nenhuma criada poderá jamais satisfazê-lo.

Que me deseja o mundo? Que necessidade tenho eu dele? Que me pode ele dar? Meu coração é maior que todos os seus bens, e "Deus só é maior do que meu coração". Portanto, Deus só, Deus agora e para sempre: eternamente Deus só! (Jo 3,20).

Se vós, meu Senhor, sois todo bondade, todo suavidade, todo misericórdia, todo doçura divina, como pode ter verdadeiro e bom sabor coisa alguma fora de vós? Tende, Jesus, piedade do gosto doentio e estragado desta alma. Salvai-me, curai-me de maneira que daqui por diante seja o mundo para mim o que é para vós. Pela mortal sede que sofrestes, pelo fel e vinagre que por mim bebestes, peço-vos, meu Deus, que tireis desta hora em diante deste miserável coração o amor e gosto do mundo e de suas coisas; seja ele para mim crucificado e eu para ele; nunca entre nós haja paz: eu o trate como verdadeira peçonha desta alma e ele me trate como inimigo seu. Mudai-me todo e convertei-me inteiramente a vós, que só de vós goste, só a vós ame, e tudo o que vós não sois seja-me amargo, pois sois a soberana doçura, a perfeita suavidade e puro amor de minha alma.

CAPÍTULO XXXV

Como nesta vida não há segurança contra as tentações

1. Cristo: — Filho, nunca estarás seguro nesta vida; enquanto viveres, terás sempre necessidade de armas espirituais.

Andas entre inimigos, que, à direita e à esquerda, te assaltam.

Se, pois, de todos os lados, não usares do escudo da paciência, não poderás, por muito tempo, ficar incólume.

Além disso, se não firmares em mim o teu coração, com sincera vontade de tudo sofrer por meu amor, não poderás suportar o ardor da peleja, nem conquistar a palma dos bem-aventurados. Importa, pois, que atravesses, varonilmente, todas as dificuldades e uses de mão forte contra tudo que te seja adverso.

Ao vencedor será dado o maná e ao covarde muita miséria o aguarda.

2. Se buscas descanso nesta vida, como chegarás ao repouso eterno?

Não te prepares para grande descanso, senão para muita paciência.

Procura a verdadeira paz, não na terra, mas no céu; não nos homens e nas demais criaturas, somente em Deus.

Por amor de Deus deves suportar tudo de boa vontade: trabalhos, dores, tentações, vexações, ansiedades, pobreza, enfermidades, humilhações, injúrias, castigos e desprezos.

Estas coisas ajudam à virtude, provam o novel soldado de Cristo e preparam a coroa celestial. Darei um eterno galardão por breve trabalho e glória infinita por transitória humilhação.

3. Pensas tu que sempre terás à tua disposição, consolações espirituais?

Os meus santos nem sempre as tiveram senão muitas penas, diversas tentações e grandes angústias.

Mas em tudo se portaram com toda a paciência e confiaram mais em Deus que em si mesmos; pois bem, sabiam que os sofrimentos do tempo atual não têm proporção com a glória futura, que os recompensa (Rm 8,18).

Queres tu logo conseguir o que outros só obtiveram depois de muitas lágrimas e grandes trabalhos?

Espera no Senhor, age varonilmente, sê firme; não desanimes, não retrocedas; mas expõe, constantemente, o corpo e a alma pela glória de Deus.

Eu te recompensarei plenissimamente; estarei contigo em todas as tribulações.

REFLEXOES

Guarda-te de esperar no mundo um descanso que nele não há; não se pode ganhar o Céu senão com muito trabalho e enquanto estiveres na terra, terás sempre que pelejar. Não te canses, porém nem esmoreças; "renova em ti o espírito interior", recorre a Deus que só pode sustentar-te, humilha-te em sua presença, "vigia e ora para que não entres em tentação; torna a repetir-te, vigia e ora continuamente; está firme na fé, combate com ânimo, e sê forte" (Ef 4,23; Mt 14,38; Lc 21,36; 1Cor 16,13).

Alguns há que depois de terem varonilmente pelejado, fraquejam de repente, caem abatidos, deixam escapar a vitória; isto acontece assim porque, tendo contado muito consigo, Deus os deixa de sua mão em castigo de seu orgulho. Não basta resistir um dia, dois dias; é necessário combater sem cessar até o fim. "Aquele que perseverar até o fim, este será salvo" (Mt 24,13). E não digas: Esta guerra é bem longa! Nada que acaba é longo; perto estás do termo, porque o "tempo é curto e a figura deste mundo passa. Daqui a pouco, diz o Salvador, não me verá mais o mundo, mas vós me vereis porque eu vivo e vós viveis em mim. E o Espírito e o Esposo dizem: Vinde. E diga aquele que ouve: Vinde. Eis que venho. "Assim seja. Vinde, Senhor Jesus" (1Cor 7,29; Jo 14,19; Ap 22,17-20). Vinde, bom Jesus, em meu socorro, fortificar minha fraqueza, fortalecei-me contra o inimigo tentador; perdoai-me o passado, e dai-me a vida, vigor e força para ser fiel batalhador como fui até agora covarde na peleja em que me pusestes. Quem sou eu, Senhor, para pelejar e vencer?

Mas vós, meu divino Mestre, que com humildade vencestes meus inimigos, não me deixastes outro mais poderoso remédio que a humildade contra todos os seus encontros. Confesso, meu Deus, que nada posso sem vossa divina virtude, e quando assim não o quiser confessar terei contra mim minhas próprias quedas, que com soberba experimentei, das quais sem vós não me posso levantar. Minha presente vontade é nunca vos ofender, nunca consentir com o inimigo, mas também sei que não tenho forças para pelejar, se vós por mim não pelejardes.

CAPÍTULO XXXVI

Contra os vãos juízos dos homens

1. Cristo: — Filho, põe o teu coração firmemente no Senhor e não temas o juízo dos homens, quando a tua consciência der testemunho da tua piedade e inocência.

É bom e ditoso sofrer assim e nem isso é duro para o coração humilde que mais confia em Deus que em si mesmo.

Muitos falam demais e, por isso mesmo, pouco crédito merecem.

Contentar, porém, a todos não é possível.

Ainda que São Paulo se empenhasse em agradar a todos no Senhor, fazendo-se tudo para todos, todavia fez pouco caso de ser julgado no tribunal dos homens.

2. Fez tudo o que estava em si e podia, pela edificação e salvação dos outros; mas não pôde evitar ser, às vezes, julgado e desprezado pelos demais.

Por isso entregou tudo a Deus, que tudo conhecia; pela paciência e pela humildade se defendeu contra os maldizentes, os que inventam coisas vãs e mentirosas e os que falam como lhes sugere a paixão. Contudo, respondeu algumas vezes, para que o seu silêncio não escandalizasse aos mais fracos.

3. Quem és tu, que temes um homem mortal? Hoje existe e amanhã já não aparece.

Teme a Deus e não temerás as ameaças dos homens.

Que mal te pode fazer alguém com palavras ou injúrias? Mais se prejudica a si mesmo, que a ti; e, quem quer que seja, não poderá escapar ao juízo de Deus.

Põe os teus olhos em Deus e deixa-te de contendas e queixas.

E se, presentemente, te parece que sucumbes, porque sofres humilhações que não mereceste, não te revoltes por isso nem diminuas a tua coroa pela impaciência.

Ergue antes os teus olhos ao céu, para mim, que poderoso sou para te livrar de toda a confusão e injúria e dar a cada um conforme as suas obras.

REFLEXÕES

Por que te inquietas com os juízos dos homens e que te importam seus vãos pensamentos? Eles veem quando muito o exterior; seus olhos não penetram no fundo da alma, onde estão escondidos o bem e o mal.

Não te aflijas, pois, se eles te condenarem, nem te ensoberbeças se te louvarem. Prostra-te, porém, diante de Deus e dize-lhe: "Se perscrutares, Senhor, nossas iniquidades quem poderá estar em vossa presença?" (Sl 130,3).

Alguns exageram a importância do que eles chamam reputação, e no excessivo calor com que a defendem, há muitas vezes mais amor-próprio que zelo verdadeiro. Jesus Cristo, carregado de ultrajes, deu-nos outro exemplo: "calou-se e não abriu a boca" (Sl 39,10).

Todos os santos foram como ele perseguidos e caluniados. Quando tivermos feito o que de nós dependia para não escandalizar nossos irmãos, nossa consciência estará sossegada; nada mais nos resta senão ficar em paz na humilhação. Deus sabe tudo, isto basta. "Pouco se me dá, escrevia São Paulo aos coríntios, ser julgado por vós, ou por algum tribunal humano, eu não me julgo a mim mesmo, quem me julga é o Senhor. Não julgueis, pois, antes do tempo, até que o Senhor venha: ele porá patente o que está oculto nas trevas, manifestará os segredos dos corações, e então cada um receberá de Deus o louvor que merece" (1Cor 4,3-5). Para vos contentar, Deus de minha alma, não tenho trabalho, porque sois bom de contentar e com vossa bondade vos acomodais ao que posso e ao que sei. No que se refere à minha salvação tendes-me descoberto vossa vontade para que a não erre; e nas coisas que não são desta importância, em que não tenho necessidade de ter certeza do que nelas quereis, aceitais a boa intenção e o desejo, ainda que seja diferente do que vós quereis nestas coisas. Sofreis quando me vedes errar, e me ajudais para me levantar, e nunca diante de vós sou tão mau que vosso piedoso juízo não ache razão para me favorecer, para que o não seja. Convosco, meu Deus, sempre estou bem. Mas os homens, curtos no entendimento, afeiçoados no juízo, diferentíssimos nas inclinações e pareceres, como me é possível contentá-los? Aprovam e desaprovam sem consideração; um quer que sofra, quando outro quer que me vingue.

Um me tem por humilde, quando outro me tem por hipócrita: tudo é deste modo sem fundamento. E quando me fora possível contentá-los a todos, que ganharia com isso? Que proveito tiraria para minha salvação? Concedei-me, Senhor, a graça de poder levar com paciência as fraquezas de meu próximo.

CAPITULO XXXVII

Da renúncia pura e inteira de si mesmo, para alcançar a liberdade de coração

1. Cristo: — Filho, deixa-te a ti e achar-me-ás a mim. Vive sem vontade e sem amor-próprio e sempre tirarás proveito. Desde que te entregues a mim, sem reserva alguma, receberás graças abundantes.

2. A alma fiel: — Senhor, quantas vezes é preciso renunciar a mim mesmo?

3. Cristo: — Sempre e a toda hora; quer no pouco, quer no muito; nenhuma coisa excetuo; quero que estejas despojado de tudo.

De outra sorte, como poderás ser meu e eu teu, se não estiveres, interior e exteriormente, desapegado de toda a vontade própria?

Quanto mais depressa o fizeres, tanto melhor te sentirás; mais sinceramente me agradarás e maior será o teu proveito.

4. Alguns renunciam a si mesmos, mas com alguma reserva; porque não confiam totalmente em Deus, cuidam de prover às próprias necessidades; outros, a princípio, oferecem tudo, mas, levados, posteriormente, pela tentação, voltam ao que é seu e nada adiantam na virtude.

Estes nunca alcançarão a verdadeira liberdade do coração puro, nem a graça da minha doce familiaridade, enquanto não renunciarem, totalmente, a si mesmos, com a própria imolação quotidiana; sem o que, não subsistem, não há, nem pode haver, união comigo.

5. Muitas vezes te disse e agora repito: deixa-te e renuncia a ti mesmo e gozarás de paz interior. Dá tudo por tudo; nada procures, nada reclames; firma-te em mim, pura e resolutamente, e possuir-me-ás.

Terás o coração livre e as trevas não te cercarão.

A isto te aplica, isto pede, isto deseja: ser despojado de todo o interesse pessoal, para que possas seguir nu a Jesus desnudado, morrer a ti mesmo e viver eternamente, para mim.

Assim se dissiparão todas as vãs imaginações, os pensamentos maus e os cuidados supérfluos. Assim também se afugentará o temor excessivo e morrerá o amor desordenado.

REFLEXÕES

Vós o dissestes, ó meu Jesus: "se alguém quiser ser meu discípulo, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me"; e ainda: "aquele que não renuncia a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo". Não há que hesitar: é necessário escolher entre o mundo e vós: "ninguém pode servir a dois senhores" e vós não admitis partilha (Mt 16,24; Lc 14,33; Mt 6,24).

Quem se busca a si mesmo, aparta-se de vós. Vós não reinais plenamente, Senhor, onde existe ainda algum apego às coisas terrenas, alguma vontade própria, alguma secreta complacência nos dons da natureza, da graça, e vosso amor sofre com isto. Ah! quem poderá, depois de ter gozado da alegria de vossa união, recusar unir-se mais intimamente a vós? Ó fraqueza e loucura incompreensível do coração humano! Tão dificultoso, ó meu Deus, é reconhecer o nada de tudo que não sois vós, a inconstância de nossa vontade, de nossos projetos, a vaidade de nossos desejosos! Quem não sabe que esses bens estéreis e miseráveis, pelos quais nos cansamos tanto, havemos de os deixar ainda antes de morrer, que não levaremos para a sepultura senão uma mortalha com a qual seremos, em breve tempo, reduzidos a pó? Quais serão nossos pensamentos nesta hora de supremo desengano em que todas as ilusões se desvanecem? De que nos servirão então as coisas do tempo, quando não haverá mais tempo para nós?

Assim é, Senhor, estou resoluto a consumar o sacrifício que exigis dos que vos querem seguir. Ninguém me fale mais do mundo nem de mim; quebrei os últimos laços que a ele me prendiam. Morri a tudo que é temporal, só viverei daqui por diante da vida de Jesus Cristo, que vive em mim. Este corpo é como o sudário que me envolve; eis-me estendido na sepultura, amortalhado com Jesus Cristo em Deus. Amém, assim seja! (Rm 6,4).

CAPÍTULO XXXVIII

Do bom governo das coisas externas e do recurso a Deus nos perigos

1. Cristo: — Filho, em todo o lugar, em qualquer ato ou ocupação externa, deves procurar, com diligência, conservar-te interiormente livre e senhor de ti mesmo, de modo que todas as coisas estejam sujeitas a ti e não tu sujeito a elas. Deves ser senhor e diretor dos teus atos e não servo

ou escravo; antes livre, como verdadeiro israelita, que partilha a condição e liberdade dos filhos de Deus.

Estes elevam-se acima das coisas presentes e contemplam as eternas; olham de relance as coisas transitórias e fixam as vistas nas celestiais.

Não se deixam atrair e prender pelas coisas temporais, mas servem-se delas para o fim para que foram ordenadas por Deus e instituídas pelo supremo Artífice, que nada fez sem ordem em suas criaturas.

2. Se, em todos os acontecimentos, não olhas para as aparências exteriores, nem julgas segundo os olhos da carne o que possas ver ou escutar, mas logo, em qualquer ocasião, entras, à imitação de Moisés, no tabernáculo, para consultar o Senhor, ouvirás, algumas vezes, a divina resposta e voltarás instruído sobre muitas coisas presentes e futuras.

Porque Moisés sempre recorreu ao tabernáculo, para resolver as suas dúvidas e dificuldades; valia-se do auxílio da oração, para livrar-se dos perigos e da maldade dos homens.

Assim deves tu recolher-te ao recesso de teu coração, implorando, com insistência, o divino auxílio.

Lemos que Josué e os filhos de Israel foram enganados pelos gabaonitas, porque não consultaram primeiro o oráculo do Senhor, mas, demasiado crédulos, se deixaram iludir por palavras lisonjeiras e falsa compaixão.

REFLEXÕES

A maior parte dos homens, dominados pelas primeiras impressões agem sem consultar a Deus e passam sua vida em arrepender-se à noite do que fizeram pela manhã. Devemos trabalhar continuamente em vencer tão deplorável fraqueza, esforçando-nos por resistir aos movimentos que se levantam em nós. Aquele que não é senhor de si corre grande risco; a cada instante está prestes a cair. É necessário exercitarmo-nos em querer sempre o bem, em domar a imaginação que transporta a alma, em submeter o coração e seus desejos a uma regra invariável. Porém, que faremos, pobres enfermos, se não formos ajudados, socorridos? De nós mesmos nada podemos. "O Senhor é nossa única fortaleza; invoquemo-lo, pois, com doce confiança, invoquemo-lo continuamente"; "a oração do humilde penetra o Céu" (Sl 18,2; Eclo 35,21).

“Levantemos os olhos aos montes de onde nos virá o auxílio. Senhor Deus de minha salvação, perante vós clamei noite e dia; este pobre clamou e o Senhor o ouviu e o salvou de todas as suas tribulações. Bendito seja o Senhor porque ouviu as palavras de minha oração! O Senhor é minha ajuda e meu protetor, meu coração esperou nele; “socorreu-me e minha carne refloresceu e do íntimo de minha alma o louvarei”. Todos os meus ossos dirão: “Senhor, quem é semelhante a vós?” (Sl 121,1; 81,7; 34,7; 28,6; 35,10).

CAPÍTULO XXXIX

Da calma que se deve conservar nos negócios

1. Cristo: — Filho, confia-me sempre a tua causa, disporei tudo bem, a seu tempo.

Espera pela minha decisão e disso tirarás proveito.

2. A alma fiel: — Senhor, de muito boa vontade, deponho em vossas mãos todos os meus negócios; porque pouco pode aproveitar a minha diligência.

Oxalá não me inquietasse com os acontecimentos futuros, mas, prontamente, me entregasse ao vosso beneplácito!

3. Cristo: — Filho, muitas vezes, procura o homem, ansiosamente, alguma coisa que deseja; quando, porém, a alcança, começa a pensar de outro modo; porque as afeições não são duráveis e passam, facilmente, de um a outro objeto.

Não é, pois, pequena coisa, mesmo nas coisas mínimas, cada um renunciar-se a si mesmo.

Mas o antigo adversário de todo o bem não deixa de tentar; ao contrário, dia e noite, arma cruéis ciladas, para precipitar o incauto nos laços do seu engano.

Vigiai e orai, diz o Senhor, para que não entreis em tentação.

REFLEXÕES

Há nos negócios humanos um perigo terrível para a alma, quando não vela atentamente sobre si mesma. Não falamos das tentações de interesse, posto que sejam bastante vivas e multiplicadas, que de ordinário acabam por enfraquecer pelo menos a consciência. Ainda quando elas não

produzem este triste efeito, dessecam o coração, preocupam o ânimo, desviam de Deus e do grande pensamento da salvação. Há sempre certa pressa na expedição dos negócios que não admitem demora; e com este pretexto, sem propósito deliberado, pelas únicas ocupações que nos proporcionamos, abandonamos pouco a pouco os exercícios que alimentam a piedade, as santas leituras, a oração, os deveres indispensáveis da religião, e assim se passa a vida cheia de projetos, de cuidados, de trabalhos, no esquecimento da "única coisa necessária" (Lc 10,42).

As próprias doenças não despertam o homem embaraçado nos negócios; a nenhuma advertência dá ouvidos. Chega enfim a morte, arrebata este homem, apresenta-o ao soberano Juiz que lhe pergunta: "Que fizeste do tempo que te concedi?". Volve o infeliz os olhos à vida passada, e vê trinta, quarenta, sessenta anos consumidos todos nos cuidados da terra e nada mais vê. Em sua alma, nunca pensou. Nesse momento já é tarde para começar a ocupar-se dela e sua sorte está fixada irrevogavelmente. Ah! pensai primeiro no que não deve acabar. "Buscai primeiramente o reino de Deus e sua justiça e tudo o mais vos será dado por acréscimo" (Lc 12,31).

Apagar em si o desejo do que é transitório, confiar na Providência, não querer senão o que ela quer, como e quando ela quer, eis o caminho da paz e o único fundamento sólido de esperança na última hora.

Oh! Como ando cego, enganado e perdido quando busco paz e consolação fora de vós, meu Jesus, alegria de minha alma! E tanto mais perdido quanto mais me esqueço do amor que vos devo e gasto a vida nos pecados que vos causaram tanta aflição e tristeza quando por mim padecíeis no mundo! Abri, Senhor, meus olhos para que vejam claramente a vaidade das coisas mundanas e sigam vossos divinos exemplos; dirigi a minha vontade para que sempre queira o que vossa Providência quiser; inflamai meu coração para que participe de vossos sentimentos e dores, e nunca jamais torne a renovar a causa de vossa aflição e tristeza. Oh! vida de minha alma, quem me dera poder sentir como vós todos os meus males! Ofereço-me e entrego-me a vosso amor. Tratai-me como quiserdes; mudai-me como vedes que preciso; cativai-me como desejais; purificai-me como quereis e conservai-me sempre unido a

vós e cativo como sabeis ser-me necessário. Meu Deus, meu amor, remediador meu e todo o meu bem.

CAPÍTULO XL

Como o homem de si mesmo nada tem de bom e de nada pode gloriar-se

1. A alma fiel: — Senhor, que é o homem para que dele vos lembreis; que é o filho do homem para que o visiteis? (Sl 8,5).

Que merecimento tinha o homem, para receber a vossa graça?

Senhor, de que podia queixar-me, se me desamparásseis? Que posso eu, com justiça, objetar, se me não concedeis o que vos peço?

Certamente, posso pensar e dizer com verdade: Senhor, nada sou, nada posso, nada de bom tenho em mim; falta-me tudo; tendo sempre para o nada. Se não for por vós amparado e inteiramente fortalecido, logo me torno tíbio e dissipado.

2. Vós, porém, Senhor, sois sempre o mesmo e permaneceis eternamente bom, justo e santo, fazendo todas as coisas com bondade, justiça e santidade e dispondo tudo com sabedoria.

Mas eu, que sou mais inclinado para a negligência que para o aproveitamento, não sei perseverar no mesmo estado, porque mudo sete vezes ao dia.

Todavia, logo me encontro fortalecido, quando vos apraz estender-me vossa mão protetora, pois somente vós podeis valer-me e fortalecer-me, sem o auxílio humano e de tal modo que o meu semblante jamais se mude; antes somente para vós se volte e em vós descanse o meu coração.

3. Por isso, se eu soubesse renunciar a toda consolação humana, quer para alcançar o fervor, quer pela necessidade de vos buscar, pois não há quem me console, então poderia esperar, merecidamente, a vossa graça e alegrar-me com a dádiva de nova consolação.

4. Graças sejam dadas a vós, de quem procede todo o bem que me acontece.

Eu, porém, diante de vós, sou nada e vaidade, homem inconstante e fraco.

De que posso, pois, gloriar-me ou por que desejo ser estimado?

Na verdade a vanglória é peste terrível e a maior das vaidades, porque nos afasta da verdadeira glória e nos priva da graça celeste.

Porquanto, desde que o homem se compraz em si mesmo, a vós desagrada e, quando aspira aos louvores dos homens, perde as verdadeiras virtudes.

5. Verdadeira glória e santa alegria é gloriar-se cada um em vós e não em si; regozijar-se em vosso nome e não em sua própria virtude; não achar deleite em criatura alguma, senão por amor de vós.

Louvado seja o vosso nome e não o meu, exaltadas as vossas obras e não as minhas; seja bendito o vosso santo nome e a mim nada se atribua dos louvores dos homens.

Vós sois a glória e a alegria de meu coração.

Em vós me gloriarei e exultarei todo o dia; quanto a mim nada tenho, senão as minhas fraquezas.

6. Busquem os judeus a glória, que, mutuamente, se dão; eu buscarei somente a que vem de Deus.

Na verdade, toda a glória humana, toda a honra temporal, toda a grandeza mundana, em comparação com a vossa glória eterna, não passa de vaidade e loucura.

Ó Deus, meu, misericórdia e verdade minha, Trindade beatíssima! A vós só louvor, honra, virtude e glória, pelos séculos sem fim.

REFLEXÕES

Se entro em mim mesmo e pergunto o que sou, que encontro, ó meu Deus? Uma razão incerta sempre pronta a extraviar-se, afeições inconstantes, mistura inexplicável de esperanças incertas, temores vãos, inclinações viciosas, inumerável multidão de desejos importunos que de contínuo me agitam e atormentam; por vezes uma alegria fugitiva, habitualmente um aborrecimento enfadonho, não sei que instinto do Céu e todas as paixões da terra; vontade fraca que a um tempo quer e não quer, grande orgulho e maior miséria: eis o meu estado qual o fez o pecado, e sinto-me de mais a mais sem forças para levantar uma natureza tão profundamente abatida. Foi mister que o mesmo Deus viesse levantar este peso enorme de degradação; se não fosse o Redentor divino, sobre as ruínas do homem pesaria a inexorável eternidade!

Apareceu, enfim, o Redentor e disse: "Eis-me aqui" e seu sangue satisfez à justiça divina, e sua graça reparou a rudeza do entendimento e a desordem do coração: por ela foi restabelecida a imagem de Deus em sua criatura decaída. Incompreensível mistério de amor! E como corresponder a tal benefício? Reconheçamos ao menos nossa fraqueza e nossa indigência; não nos atribuamos nenhum dos bens que nos são dados gratuitamente; demos a glória a quem ela pertence e entraremos com todas as potências de nossa alma nos sentimentos do Profeta: "Deus e Senhor meu, eu vos invoquei e vós me ouvistes. Tirastes minha alma do inferno e separastes-me dos que descem ao profundo abismo. Cantai louvores ao Senhor, vós que sois seus santos e celebrai a memória de sua santidade" (Sl 30,3-5).

CAPÍTULO XLI

Do desprezo de toda a honra temporal

1. Cristo: — Filho, não te entristeças se vires que outros são honrados e exaltados, ao passo que tu és desprezado e humilhado.

Levanta para mim nos céus o teu coração e não te afligirá o desprezo dos homens na terra.

2. A alma fiel: — Senhor, somos cegos e facilmente nos deixamos seduzir pela vaidade.

Se bem me examinar, verei que nunca recebi injúria de criatura alguma; não tenho, pois, justo motivo de queixa contra vós.

Como, porém, tenho pecado, frequente e gravemente, contra vós, é justo que se armem contra mim todas as criaturas.

Confusão e desprezo, eis o que, justamente, a mim me cabe; a vós, porém, louvor, honra e glória. E enquanto não estiver disposto a querer, de bom grado, ser desprezado e abandonado por todos e ser tido, absolutamente, por nada, não poderei adquirir a paz e estabilidade interior, nem serei espiritualmente iluminado, nem perfeitamente unido a vós.

REFLEXÕES

Aquele que se examina diante de Deus, à luz da verdade, despreza-se profundamente, porque não acha em si, fora da graça, senão um fundo

imenso de corrupção; e desde já, longe de buscar a estima, os respeitos, as honras, refugia-se em sua abjeção, como no asilo único contra a soberba, a maior de suas misérias. Se o humilham, se o desdenham, não se queixa, nem se enfada, reconhece que lhe fazem justiça, e nunca poderiam humilhá-lo a tal ponto que ele não se humilhe interiormente ainda mais, porque em tudo olha a Deus e não aos homens. Diz como Jó: "Se eu quiser justificar-me, minha boca me condenará e se ela quiser mostrar minha inocência, só provará meu crime" (Jó 11,20).

Depois, na amargura de seu coração, chamando a misericórdia divina, invoca o Pai celestial que se compadece de sua pobre criatura: "Pequei, que farei, ó Salvador dos homens? Por que pusestes a guerra entre vós e mim, e sou pesado a mim mesmo? Por que não tirais meu pecado e não riscais minha iniquidade? Eis, dormirei no pó e quando me buscardes pela manhã não me achareis" (Jó 7,20-21).

Feliz aquele que se acusa, porque alcançará o perdão! Ditoso o que escolhe o último lugar porque lhe dirá o senhor do festim: "Sobe mais para cima"! (Lc 14,10).

Ó divino espelho de bondade, iluminai meus olhos para que em vós me veja; e vendo-me e conhecendo-me quanto devo, me humilhe e humilhando-me vos agrade; e agradando-vos me enchais de novo do resplendor de vossa luz para que assim purificado e alumiado o meu amor, todo em vós se ocupe, convosco se humilhe, para convosco se elevar em vosso reino celestial.

CAPÍTULO XLII

Como se não deve fundar a paz nos homens

1. Cristo: — Filho, se fazes consistir a tua paz em alguma pessoa, por ser de teu parecer e conviver contigo, achar-te-ás perplexo e embaraçado.

Se, porém, recorres à verdade, sempre viva e permanente, não te contristará a ausência ou a morte de um amigo.

Em mim se deve fundar o amor do amigo; por mim se deve amar todo aquele que, nesta vida, te parecer bom e amável.

Sem mim é estéril e não durará a amizade; nem é verdadeiro e puro o afeto de que eu não sou o vínculo.

De tal modo deves ser indiferente às afeições humanas, que, quanto depender de ti, busque viver afastado de todo convívio dos homens.

Tanto mais o homem se aproxima de Deus, quanto mais se afasta das consolações terrenas.

E tanto mais alto sobe para Deus, quanto mais profundamente se abate e mais vil se reputa.

2. Quem a si mesmo atribui algum bem, impede que a graça de Deus desça sobre ele; porque a graça do Espírito Santo procura sempre o coração humilde.

Se soubesses aniquilar-te inteiramente e desterrar de teu coração o amor de toda a criatura, então eu derramaria sobre ti abundantes graças.

Quando olhas para as criaturas, logo perdes de vista o Criador.

Aprende a vencer-te em tudo por amor do Criador e então poderás chegar ao conhecimento de Deus.

Por pequena que seja uma coisa, se se olha e ama desordenadamente, mancha a alma e a afasta do sumo bem.

REFLEXÕES

A religião santifica tudo e não destrói coisa alguma exceto o pecado; não proíbe as afeições naturais; pelo contrário, algumas há que ela ordena expressamente e o preceito do amor mútuo é um dos que o Evangelho inculca com mais cuidado. "Amai-vos uns aos outros", repete continuamente o apóstolo São João. "Aquele que não ama está morto, não conhece a Deus porque Deus é Amor". E na noite da ceia, não vemos nós descansar sobre o peito de Jesus o discípulo que ele amava? (Jo 4,7; 3,14; 13,23).

Porém, para serem puras nossas afeições hão de ter seu princípio em Deus e sua regra na vontade divina.

Desconfia de toda afeição que perturba a paz do coração. Nenhuma criatura deve ser amada senão com uma submissão perfeita às ordens da Providência. Sempre devemos estar prontos a suportar sem queixa o que aflige mais a natureza, a ausência, o afastamento até a morte, lembrando-nos do que diz o Apóstolo: "Não queremos, meus irmãos, que estejais na ignorância pelo que toca aos falecidos, para que não vos entristeçais como os outros homens que não têm esperança. Porque se acreditamos que Jesus Cristo morreu e ressuscitou, também Deus ressuscitará com

Jesus os que nele tiverem morrido. Digo-vos isto segundo a palavra do Senhor... Nós que vivemos seremos também elevados com eles nas nuvens, ao encontro de Cristo, no meio dos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor. Consolai-vos pois uns aos outros com estas palavras" (Ts 4,12-17). Degradado vivo de vós, meu bom Jesus, e como vos amo, ando penalizado porque não vos vejo. Inflamada minha alma com vosso amor não tem mais que desejar, senão ir ver-vos claramente e amar-vos seguramente, fora do cárcere deste corpo. Porque se aqui degradada e cativa desta corporal terra e miséria, sem vos ver claramente, a seu modo vos contempla, e presa de vós tudo lhe enfastia, que mais pode desejar que ver quem a abrasa, quem a prende, quem a inflama? Não viestes vós à terra buscar outra coisa senão prender as almas a vosso amor.

CAPÍTULO XLIII

Contra a ciência vã do século

1. Cristo: — Filho, não te deixes levar pelos belos e sutis discursos dos homens, porque o reino de Deus não consiste nas palavras, mas na virtude.

Atende às minhas palavras, que inflamam o coração e iluminam a inteligência, levam à compunção e infundem muitas consolações.

Nada leias para que possas ser tido por mais douto ou sábio.

Aplica-te à mortificação das tuas paixões, porque isto te aproveitará mais que o conhecimento das questões mais difíceis.

2. Por mais que estudes e aprendas, terás que voltar sempre a um único princípio.

Sou eu quem ensina ao homem a ciência e dá aos pequeninos compreensão, mais clara que a produzida pelo ensinamento dos homens.

Aquele a quem eu falar, depressa será sábio e progredirá muito espiritualmente.

Ai dos que querem aprender dos homens muitas coisas curiosas e mal cuidam dos meios de me servir!

Tempo virá em que aparecerá o Mestre dos mestres, Cristo, Senhor dos Anjos, para ouvir as lições de todos, isto é, para examinar a consciência de cada um.

Então Jerusalém será esquadrinhada com lâmpadas; serão descobertos os segredos das trevas e calarão todas as línguas humanas.

3. Sou eu quem, em um instante, eleva a alma humilde, para que melhor compreenda as razões da verdade eterna, mais do que se houvesse estudado dez anos na escola.

Eu ensino sem rumor de palavras, sem confusão de opiniões, sem vaidades, sem impugnação de argumentos.

Sou eu quem ensina a desprezar as coisas terrenas, aborrecer os bens presentes, buscar e saborear as coisas eternas, fugir das honras, sofrer das adversidades, pôr em mim toda a esperança, nada desejar fora de mim e amar-me, ardentemente, acima de tudo.

4. Por isso, alguém, amando-me assim, aprendeu coisas divinas e delas falava de modo admirável.

Aproveitou mais em deixar tudo do que em estudar sutilezas.

A uns falo de coisas mais comuns, a outros trato de coisas particulares, a alguns revelo-me suavemente, por sinais e figuras, a outros desvendo, com muita luz, os meus mistérios.

A voz dos livros é uma só, mas nem a todos igualmente ensina: porque sou eu que, interiormente, ensino a verdade, perscruto o coração, penetro o pensamento, movo as ações, distribuindo a cada um como me apraz.

REFLEXÕES

Muitos se cansam e se atormentam por adquirir a ciência. "Eu vi, diz o sábio, que isto também era vaidade e aflição de ânimo" (Ecl 1,17),

De que te servirá conhecer as coisas deste mundo, quando este mundo tiver passado? No último dia não te perguntarão o que aprendeste e soubeste, senão o que fizeste; "e no inferno, para onde caminhas, não há mais ciência" (Ecl 9,10).

Cessa um vão trabalho. Quem quer que sejas, demais tens cultivado a Árvore cujos frutos dão a morte. Deixa a ciência que alimenta a soberba, "a ciência que incha", para te ocupares unicamente em adquirir a que faz os humildes e os santos, "a caridade que edifica" (1Cor 8,1).

Aprende a humilhar-te, a conhecer teu nada e tua corrupção. Então virá Deus a ti. Iluminar-te-á com sua luz, ensinar-te-á, no segredo do coração essa maravilhosa ciência de que fala Jesus: "Bendito sejais, meu Pai,

Senhor do Céu e da terra, porque escondestes estas coisas aos sábios e prudentes, e as revelastes aos pequenos" (Lc 10,21).

Salvador divino, convosco se desfazem nossas trevas e se descobrem nossos erros. Com vosso próprio resplendor vos revelais a nossos espíritos e com vossa formosura nos cativais. Todas as almas a quem resplandece vossa divina luz, estão instruídas e ricas, e cheias de vós e de vossos bens. Iluminai-me, minha luz; sarai-me, minha saúde; levantai-me, minha glória; satisfazei-me, minha bem-aventurança; veja-vos sempre minha fé, abrace-vos meu amor, deseje-vos minha esperança, possua-vos, como pode minha alma, até que vos vá ver claramente naquela vida sem morte, união sem afastamento e descanso perpétuo do Céu.

CAPÍTULO XLIV

Como não devemos procurar as coisas exteriores

1. Cristo: — Filho, convém que ignores muitas coisas e que te consideres como morto sobre a terra, e para quem todo o mundo está crucificado (Cl 3,3; Gl 6,14).

Importa, igualmente, que feches os ouvidos a muitas coisas e cuides antes o que respeita tua paz. Mais útil é desviar a vista das coisas que não te agradam e deixar a cada um o seu próprio parecer, que alimentar discussões.

Se estiveres bem com Deus e considerares os seus juízos, facilmente suportarás que te levem por vencido.

2. A alma fiel: — Senhor, a que estado chegamos! Eis que se chora uma perda temporal, por um pequeno ganho trabalha-se e corre-se; o dano espiritual cai em esquecimento e apenas tarde nos volta à lembrança.

Atende-se ao que pouco ou quase nada aproveita e omite-se, negligentemente, o que é de imprescindível necessidade; porque o homem se entrega, de todo, às coisas exteriores e nelas descansa com prazer, se não entrar em si mesmo.

REFLEXÕES

Se soubesses que havias de morrer amanhã, que te importariam as coisas da terra, o que se faz, o que se diz em roda de ti? Ora, morrerás amanhã porque a vida é apenas um dia. Sê pois, desde esta hora, o que

quererias ter sido, quando para ti se abrir a eternidade. Nem a ciência, nem a riqueza, nem coisa alguma de quanto há no mundo te servirá no juízo de Deus; não levarás senão tuas obras. "Havia um homem rico cujas terras tinham produzido uma colheita extraordinária. E dizia ele consigo mesmo: 'Que farei? Pois não tenho onde recolher todos estes frutos. Eis o que hei de fazer: deitarei por terra os meus celeiros, e edificarei outros maiores, e porei neles toda a minha colheita e todos os meus bens; e direi à minha alma: tens grandes bens em reserva para muitos anos; descansa, come, bebe, folga, leva vida regalada'. Porém Deus disse-lhe: Insensato, esta mesma noite te pedirão tua alma, e para quem será o que juntaste? Assim acontece àquele que entesoura para si e não é rico diante de Deus" (Lc 12,16-21).

Brandura divina, como não enterneceis a dureza deste coração para amar e agradecer tantas intenções, quantas vosso amor encontrou para me mostrar o muito que me quereis? Como suportais que esteja eu tão frio entre tantos fogos de vosso amor? Não permitais, bom Jesus, que vosso abrasado amor, que não sabe estar ocioso, se ocupe só em vós; mandai-Ihe que lavre em mim, empregue em mim sua força. Na dureza deste coração tem mais que fazer; se fizer suas obras, eu serei todo abrasado, desprezarei todas as riquezas da terra, no tesouro de vosso amor porei toda a minha esperança, e toda a minha felicidade consistirá em possuir-vos eternamente.

CAPÍTULO XLV

Como não devemos dar crédito a todos e como é fácil pecar por palavras

1. A alma fiel: — Socorrei-me, Senhor, na tribulação, porque vão é o auxílio do homem (Sl 60,2).

Quantas vezes me faltou a sinceridade, onde pensava que a houvesse!

E quantas outras encontrei, onde menos esperava!

Vã é, pois, a esperança nos homens; a salvação dos justos, porém, está em vós, Deus meu, Bendito sejais, Senhor, Deus meu, em todas as coisas, que nos acontecem.

Somos fracos e inconstantes; facilmente nos enganamos e mudamos.

2. Que homem há tão precavido e circunspecto, que não caia, às vezes, em engano e perplexidade?

Mas o que em vós confia, Senhor, e com simplicidade de coração vos busca, não resvala tão facilmente.

E se cair em alguma aflição, qualquer que seja, vós o livrareis do seu embaraço, porque jamais abandonareis aquele que, até o fim, esperar em vós.

É raro o amigo fiel, que persevere em todos os lances difíceis do seu amigo.

Somente vós, Senhor, sois fidelíssimo em tudo e, fora de vós, não há outro que vos seja comparável.

3. Ó que sabedoria a daquela alma santa (Santa Águeda), que disse: O meu espírito está fundado e firmado em Cristo.

Se eu assim estivesse, não me perturbaria tão facilmente o temor dos homens, nem me abalariam as palavras injuriosas.

Quem pode tudo prever? Quem pode guardar-se dos males futuros? Se os previstos ainda fazem sofrer tanto, que nos farão os imprevistos?

Mas, pobre de mim, por que não me guardei melhor? Por que, tão facilmente, acreditei nos outros?

O certo é que somos fracos, e nada mais que homens fracos, ainda que muitos nos julguem e chamem anjos.

A quem darei crédito, senão a vós, Senhor, que sois a verdade, que não engana, nem se pode enganar?

Demais todo o homem é mentiroso, fraco, inconstante, inclinado a pecar, mormente em palavras; de modo que mal se pode crer naquilo que, à primeira vista, parece verdade,

4. Quão prudentemente nos avisastes que nos guardássemos dos homens; que os inimigos dos homens são os de sua própria casa; que não deveríamos dar crédito, quando alguém nos dissesse: Aqui está Cristo ou ali (Mt 24,23).

A muito custo aprendi e oxalá que me sirva esta verdade de maior proveito e não de confusão! “Toma cuidado, diz-me alguém; sê discreto; guarda para ti o que te digo” e, enquanto calo e julgo a coisa em segredo, não pode silenciar quem recomendou silêncio; mas logo se descobre a si e a mim e lá se vai.

De semelhantes embustes e de homens levianos, livrai-me, Senhor, não me deixeis cair em suas mãos, nem cometer tais faltas.

Ponde em minha boca palavras verdadeiras e sinceras e afastai para longe de minha língua todo o artifício.

Devo evitar em mim, a todo custo, o que não quero aturar nos outros.

5. Ó quanto é bom e proveitoso à paz não falar dos outros, não crer tudo, indiferentemente, nem repeti-lo sem reflexão! Abrir-se com poucos, buscar sempre a vós, perscrutador do coração, não se deixar arrastar por qualquer sopro de palavras, mas desejar que tudo, dentro e fora de nós, se cumpra segundo o beneplácito de vossa vontade!

Que meio seguro para conservar a graça celeste é fugir do convívio dos homens, não desejar o que possa causar admiração; mas procurar, com toda a solicitude, o que concorre para a emenda de vida e para o fervor!

A quantos arruinou a virtude conhecida e louvada prematuramente!

Quanto aproveitou a graça conservada em silêncio, nesta frágil vida, que se passa toda em tentações e combates!

REFLEXÕES

Não te apoies nos homens, porque cedo ou tarde te faltarão. O homem é fraco, indiscreto, inconstante, leviano, propenso a referir tudo a si. O menor capricho o afasta, o menor interesse basta para o transformar em inimigo. Então se mostra quem é. Amava-te, mas por seu interesse, para tirar proveito quando se apresentasse ocasião. Foge, foge desses falsos amigos do mundo. Este te trai, aquele faz que não te conhece. Sobrevêm, porventura, circunstâncias que te obrigam a recorrer a eles, "todos começam a escusar-se. O primeiro diz: Comprei uma propriedade e preciso vê-la; peço-te que me escuses. O segundo diz: Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-las; peço-te que me escuses. O terceiro diz: Casei-me há poucos dias e por isso não posso ir". Eis a amizade dos homens (Lc 14,18-20).

Vós só, ó meu Deus, vós só não abandonais os que vos amam, os que esperam em vós, sempre estais junto deles para os favorecer e consolar. Nunca vos cansais de ouvir seus gemidos, de dar ouvidos a seus clamores, de recolher suas lágrimas. Não há nada comparável à vossa ternura; ao homem abjeto diante de seus semelhantes, ao pobre desvalido que todos desprezam "vós o assistis, meu Deus, no seu leito de dor, vossa mão lhe

afofa a cama para aí repousar suas enfermidades e quando sua tarefa é finda vós o recebeis no eterno descanso" (SI 41,4).

Ó verdadeiro amigo, e refúgio desta alma, ninguém está muito seguro de si senão quem está muito unido a vós, e quanto maiores são as mercês recebidas, maiores e mais prejudiciais são as quedas da alma, que se descuida e afasta de vós. Ó bondade infinita, guarde-me vossa poderosa mão! Vós só sois amigo verdadeiro, conservai-me em vossa graça particular, meu bom Jesus, pois sem ela facilmente vos perco e vos deixo; e quando cuido que estou mais seguro então vos faço maiores traições e uso menos lealdade ao amor que me tendes, e à amizade que me mostrais. Torno-me a vós, meu Deus, amigo verdadeiro. Aqui me lanço a vossos sacratíssimos pés; confesso e reconheço todas as minhas traições e falsas amizades; perdoai-me, Senhor, satisfazei-vos de mim como quiserdes e não me deixe vosso amor perder como Judas, pois a vós me volto.

Ó amigo fidelíssimo de minha alma, vós sabeis que uma coisa que mais impede vossa conversação e amizade e as escondidas mercês que fazeis às almas é a desordenada afeição dos amigos e ocupar-se neles muito o coração. E porque só o quereis ser desta alma permitis que quando de todo se convertem a vós as almas, achem poucos amigos e esses pouco leais. Quanto magoam as deslealdades dos amigos vós o sabeis; e quanto cativam e afeiçoam os fiéis também o sabeis. Mandais-me ser de todos amigo e leal, e a vós estar apegado, e em vós só ter minha esperança e a vós só ter por fidelíssimo amigo. Assim o quero, meu Deus, assim o desejo. Mas já que passastes pelo trabalho que dão maus e falsos inimigos, ajudai esta natureza fraca a passar pelo mesmo, para que nem a afeição e confiança deles me cative, nem a mágoa de suas deslealdades me abata. Se quereis e ordenais que de todos seja malquisto, perseguido e aborrecido, faça-se a vossa vontade e ensinai-me a querê-lo assim. Possuí meu coração, mostrai-me a vossa face, cativai-me com vossa amizade; ensinai-me a não me queixar; ensinai-me a não me vingar, nem retribuir mal com mal, e perdoar aos que mais falsa amizade me mostram. Fazei, Senhor, que convosco me pareça e com isto me contente. Ó amigo fidelíssimo, só vossa amizade é leal, por ela troco tudo o mais: desapegai de meu coração todo o amor e ódio que me possa impedir vossa conversação divina.

CAPITULO XLVI

Da confiança que se deve ter em Deus, quando nos disserem palavras injuriosas

1. Cristo: — Filho, conserva-te firme e espera em mim. Palavras são palavras; voam pelo ar, mas não quebram a pedra.

Se estás culpado, propõe, diligentemente, emendar-te.

Se de nada te acusa a consciência, lembra-te que, de boa vontade, deves sofrer isto, por amor de Deus.

Não é muito que sofras ao menos algumas palavras, às vezes, já que não podes suportar mais pesados golpes.

E por que motivo tão pequenas coisas penetram até o coração, senão porque és ainda carnal e te preocupas com os homens mais do que convém?

Temes ser desprezado e por isso não queres ser repreendido por tuas faltas e procuras escusas para as desculpar.

2. Examina-te com mais atenção e reconhecerás que ainda vive o mundo em ti e o vão desejo de agradar aos homens.

Quando, pois, foges de ser humilhado e confundido por teus defeitos, evidencia-se que não és verdadeiramente humilde, nem morreste ainda, inteiramente, para o mundo, nem o mundo está crucificado para ti.

Ouve, porém, a minha palavra e não farás caso de dez mil palavras dos homens.

Ainda que dissessem contra ti tudo o que de mais pernicioso pudesse ser excogitado, que mal adviria daí, se o deixasses, inteiramente, passar, como se fosse uma palha, que o vento leva? Acaso cairia, por isso, um só cabelo de tua cabeça?

3. Quem não anda, interiormente, recolhido, nem traz a Deus diante dos olhos, facilmente se perturba com uma palavra de desprezo.

Aquele, porém, que em mim confia e não se aferra ao seu próprio parecer, viverá sem temor dos homens.

Com efeito, sou juiz, conhecedor de todos os segredos; sei como se passou tudo, quem faz a injúria e quem a sofre.

De mim saiu esta palavra; foi com a minha permissão que assim sucedeu, para que fossem revelados os segredos de muitos corações (Lc 2,35).

Julgarei o culpado e o inocente; mas por ocultos juízos quis primeiro provar a ambos.

4. O testemunho dos homens muitas vezes se engana; mas o meu juízo é verdadeiro, permanente e não será revogado.

Quase sempre permanece oculto e poucos lhe conhecem as particularidades; contudo não se engana, nem pode enganar, embora aos olhos dos insensatos pareça menos justo.

A mim, pois, deves recorrer em qualquer juízo e desconfiar de teu próprio parecer.

Na verdade, não se perturbará o justo, seja o que for que lhe advenha da parte de Deus.

Pouco se lhe dará quando disserem dele alguma coisa injustamente; também não se deixará tomar de vã alegria, quando com razão por outros for defendido.

Porque conhece que eu sou o perscrutador dos corações e dos rins e não julgo segundo o exterior e as aparências humanas.

Com efeito, muitas vezes, o que no juízo dos homens é digno de louvor, é culpável a meus olhos.

5. A alma fiel: — Senhor Deus, justo juiz, forte e paciente, que conheceis a fraqueza e a malícia dos homens, sede a minha fortaleza e toda a minha confiança, porque não me basta a minha própria consciência.

Vós conheceis o que eu não conheço; por isso devo humilhar-me nas repreensões recebidas, sofrendo-as com mansidão.

Perdoai-me, Senhor propício, todas as vezes que assim não o fizer; suplico-vos, de novo, a graça de maior resignação.

Porquanto, mais valiosa me é a vossa abundante misericórdia, para alcançar o perdão, que a minha pretensa justiça para defender o que está oculto na minha consciência.

E embora me sinta sem culpa, nem por isso posso dar-me por justificado, porque, se afastardes a vossa misericórdia, ninguém haverá justo aos vossos olhos.

REFLEXÕES

"Sereis felizes quando vos amaldiçoarem e vos perseguirem e vos caluniarem. Alegrai-vos e rejubilai porque vossa recompensa é grande nos Céus" (Mt 5,11-12).

Apesar destas palavras, quão preocupados andamos com os discursos dos homens e seus juízos! Não podemos suportar que nos humilhem; queremos a todo custo ser louvados e benquistos. Seduzidos por um vão fantasma de reputação, esquecemos a Deus e seus preceitos, e os bens que ele promete aos humildes. Espantoso efeito do orgulho sempre vivo no fundo de nosso miserável coração! Que te importa o ultraje, a injúria, a calúnia? Donde vem que isso excita em ti uma pena tão amarga, um tão vivo sentimento? Temos porventura demasiados meios de expiação, demasiadas esperanças de misericórdia? Mas, dirás talvez, acusam-me injustamente. E quererias que te acusassem com razão? Se não cometeste a culpa que te imputam, quantas outras não tens cometido que te não lançam em rosto! Entra em ti mesmo e ouvirás a voz de tua consciência mais severa que as que se levantam contra ti. Estas calar-se-ão, mas aquela falará diante do Juiz supremo em cuja presença comparecerás um dia, longe do bulício do mundo, no silêncio da eternidade. Pensa bem nessa hora tremenda e pouco se te dará do que os homens dirão de ti.

Ó meu Jesus, pela humildade de vosso coração que sempre mostrastes em todas as vossas palavras e ações, ensinastes-me que só o humilde sabe ter cuidado de sua alma e com temor de Deus se aproveita das mercês recebidas, e vive com cuidado de contentar a Deus, e ele com amor se apega e assegura sua salvação. Dai-me, Senhor, este espírito de humildade para que bem conheça minha baixeza e miséria. Quantas vezes, Senhor, me poderíeis matar e entregar com muita justiça aos demônios e mandar-me para o inferno, apartado de vós para sempre e todavia me suportais, e me esperastes até aqui e ainda aproveito tão pouco desta vossa paciência! Digam os homens de mim o que quiserem; tudo sofrerei por amor de vós, tudo perderei de bom grado contanto que sempre vos ame na terra e vos possua na eternidade.

CAPÍTULO XLVII

Como se devem suportar todos os trabalhos pela vida eterna

1. Cristo: — Filho, não esmoreças nos trabalhos empreendidos por amor de mim; não te desalentes nas tribulações; mas em todos os acontecimentos a minha promessa te fortaleça e console.

Posso recompensar-te acima de todas as medidas e limites. Não trabalharás aqui muito tempo, nem estarás sempre acabrunhado de dores.

Espera um pouco, verás o término dos teus males.

Virá uma hora em que cessarão as tuas penas e angústias todas.

Pouco e breve é tudo que passa com o tempo.

2. Faze bem o que fazes; trabalha fielmente na minha vinha; serei eu mesmo o teu galardão.

Escreve, lê, canta, geme, guarda silêncio, fala, sofre varonilmente as adversidades; de tudo isso é digna a vida eterna e de maiores combates ainda.

A paz virá um dia, que é do Senhor conhecido e não haverá mais dias e noites, como no tempo presente; senão perpétua luz, infinita claridade, firme paz e seguro repouso.

Então não dirás: Quem me livrará deste corpo de morte? Nem exclamarás: Pobre de mim, que se prolongou o meu desterro!

Porque a morte será destruída e eterna será a salvação; livre de toda ansiedade, gozarás de jubilosa ventura, em meio de agradável e brilhante companhia.

3. Oh! Se visses as coroas imarcescíveis dos santos do céu, com quanta glória exultam agora os que, outrora, o mundo desprezava e julgava indignos de viver!

Por certo que logo te prostrarias até o chão e preferirias estar sujeito a todos os homens, que mandar a um só.

Não cobiçarias os dias felizes desta vida; ao contrário, folgarias de ser atribulado por amor de Deus e considerarias grande vantagem ser tido por nada entre os homens.

4. Oh! Se gostasses destas coisas e penetrassem elas, profundamente, o teu coração, como ousarias uma vez, sequer, queixar-te?

Será pequena coisa perder ou ganhar o reino de Deus?

Levanta, pois, os olhos para o céu. Eis-me aqui com todos os meus santos, que, neste mundo, sustentaram grandes combates e agora se sentem consolados, agora estão seguros, agora repousam e permanecerão para sempre comigo, no reino de meu Pai.

REFLEXÕES

Quando a vida nos parecer pesada, quando estivermos a ponto de sucumbir à tristeza do desterro, levantemos os olhos e contemplemos a aurora de nossa libertação, porque "este invólucro mortal vai se destruindo pouco a pouco, mas o homem interior renova-se dia a dia" (2Cor 4,16).

Esperemos, soframos em paz: a hora de descanso vem chegando. "As leves tribulações desta vida de um momento nos elevam sem medida, produzem em nós um peso eterno de glória" (2Cor 4,17).

Que importam algumas fadigas, alguns trabalhos na terra? Nós passamos e "não temos aqui cidade permanente". Jesus foi diante de nós preparar-nos uma morada na casa do Pai; depois virá e nos tomará consigo para que onde ele estiver estejamos nós também. Ó Jesus, ó meu Salvador! minha alma desfalece por vós, suspira como o cervo sequioso deseja a água das fontes". Vinde, não tardeis; longe de vós "estarmos sentados na sombra da morte" (Hb 8,14; Jo 14,2,3; Sl 42,2; Lc 1,79).

Apressai-vos, Senhor, fazei brilhar sobre nós a luz de vossa face, e guie-nos ela à celestial Jerusalém, ao pé do trono do Cordeiro. Ali, no transporte de amor, no imortal êxtase de alegria, os coros dos bem-aventurados misturados com os dos anjos celebram o Deus santíssimo. E nós, Senhor, "na margem dos rios de Babilônia, choramos com saudades de Sião". Consola-te, minha alma, escuta; não ouves lá ao longe como o primeiro murmúrio que anuncia a chegada do Esposo? "Espera mais um pouco e vê-lo-ás", "mais um instante e nada poderá jamais separar-te dele" (Sl 137,1; Jo 16,19).

CAPÍTULO XLVIII

Do dia da eternidade e das misérias desta vida

1. A alma fiel: — Ó mansão beatíssima da cidade celestial! Ó dia claríssimo da eternidade, sem noite que o obscurece, mas iluminado sempre pela soberana verdade; dia inalterável, livre de qualquer vicissitude!

Oxalá alvorecesse esse dia e acabasse tudo o que é temporal!

Já resplandece para os santos, com toda a sua perpétua e esplêndida claridade; mas para os que peregrinam na terra só se vislumbrado longe, como através de um espelho.

2. Os que habitam no céu, conhecem quão ditoso é aquele dia; os desterrados filhos de Eva gemem na amargura e tédio desta vida!

Os dias desta vida são curtos e maus, cheios de dores e angústias. Neles se mancha o homem com muitos pecados, se enreda com muitas paixões, se molesta com muitos temores, se entrega a muitos cuidados, se distrai com muitas curiosidades, se embaraça com muitas vaidades; é cercado por muitos erros, oprimido de muitos trabalhos, acossado por tentações, enervado pelos prazeres, torturado pela pobreza!

3. Quando terão fim todos estes males? Quando serei libertado da mísera escravidão dos vícios? Quando me lembrarei somente de vós, Senhor e, plenamente, em vós exultarei de júbilo?

Quando, livre de todo o impedimento, estarei na verdadeira liberdade de espírito, isento de toda a aflição na alma e no corpo?

Quando haverá paz sólida, paz imutável e segura; paz interior e exterior, firme de todos os lados?

Ó bom Jesus! Quando estarei diante de vós, para vos ver? Quando contemplarei a glória de vosso reino? Quando sereis para mim tudo em todas as coisas?

Oh! Quando estarei convosco no reino que, de toda a eternidade, preparastes para os vossos eleitos?

Deixaram-me só, pobre exilado em terra inimiga, onde há guerras contínuas e grandes infortúnios.

4. Consolai o meu desterro, mitigai a minha dor, porque por vós suspira todo o meu desejo.

É-me pesada toda a consolação que o mundo me oferece.

Desejo, intimamente, unir-me convosco; mas não o posso conseguir.

Desejo apegar-me às coisas do céu; as da terra, porém, me arrastam, com as minhas imortificadas paixões.

Pelo espírito procuro elevar-me acima de tudo; mas a carne me constrange a ficar sujeito a elas.

Assim, eu, homem infeliz, combato contra mim mesmo e a mim mesmo me torno pesado; enquanto o espírito procura elevar-se, a carne busca descer.

5. Oh! Quanto padeço interiormente, quando medito nas coisas celestes, logo me assalta um tropel de pensamentos carnais! Não vos

afasteis de mim, Deus meu: em vossa cólera não desampareis o vosso servo.

Lançai os vossos raios, dissipai essas ilusões; atirai as vossas setas e sejam confundidas todas as fantasias do pecado.

Recolhei em vós todos os meus sentidos; fazei que eu me esqueça inteiramente do mundo; concedei que eu rejeite e despreze, prontamente, as imagens do vício.

Socorrei-me, verdade eterna, para que nenhuma vaidade me seduza.

Vinde, suavidade celeste, fuja de vossa presença toda a impureza.

Perdoai-me e usai comigo de misericórdia, todas as vezes que, na oração, eu pense em alguma coisa fora de vós.

Porquanto, em verdade, confesso que me acostumei a estar nela muito distraído.

Muitas vezes, com efeito, não permaneço onde estou corporalmente, assentado ou de pé, mas me encontro onde me levam os meus pensamentos.

Estou onde está o meu pensamento e o meu pensamento, de ordinário, está onde está o que amo.

Ocorre-me com facilidade o que, naturalmente, me deleita ou por costume me agrada.

6. Por isso vós, Verdade eterna, dissestes claramente: Onde estiver o teu tesouro, aí estará o teu coração.

Se eu amo o céu, penso, de bom grado, nas coisas celestes.

Se amo o mundo, alegro-me com os seus deleites e entristeço-me com as suas adversidades.

Se amo a carne, imagino, muitas vezes, o que é carnal.

Se amo o espírito, deleita-me pensar nas coisas espirituais.

Seja qual for, pois, o objeto do meu amor, dele falo e ouço falar com gosto e trago comigo a sua imagem.

Ditoso, porém, é o homem que, por amor de vós, Senhor, abre mão de todas as criaturas; faz violência à natureza, crucifica, com o fervor de espírito, os apetites da carne, para que, com consciência serena, vos ofereça uma oração pura e, desprendido, interior e exteriormente, de tudo o que é terreno, se torne digno de unir-se aos coros dos anjos.

REFLEXÕES

Os trabalhos, as doenças, os sofrimentos, as tentações, o invencível desejo de uma felicidade que neste mundo não se encontra, tudo nos chama continuamente a essa grande eternidade onde a fé nos promete, com a posse de Deus, o descanso, a paz, o bem perfeito, infinito, ao qual aspiramos com todas as potências de nossa alma. Eis aqui porque os santos gemem tão amargamente debaixo do peso dos laços que nos prendem ainda à terra; eis porque exclamava o Apóstolo: "Desejo que meu corpo se dissolva, a fim de estar com Jesus Cristo" (FI 1,23).

Então não haverá mais nem temor, nem lágrimas, nem combate, mas um eterno triunfo e uma alegria sem fim.

Se um fraco vislumbre da verdade soberana transporta já nossa inteligência, que será quando a contemplarmos em seu inteiro resplendor? E se, desde já, nos é tão caro o amor, que será quando nos saciarmos na fonte do puro amor?

Oh! Sim, Senhor, desejo a dissolução de meu corpo, para estar convosco! Esta esperança só me consola; ela é toda a minha vida. Que é para mim o mundo e que pode ele dar-me? "Tenho vivido entre os habitantes de Cédar, e minha alma foi estrangeira no meio deles". Vosso reino, meu Deus, vosso reino, eis minha única pátria. Dignai-vos chamar a ele este pobre desterrado e "ele celebrará eternamente vossas misericórdias" (Sl 119,5; 89,2).

CAPÍTULO XLIX

Do desejo da vida eterna; grandes bens são prometidos aos que combatem

1. Cristo: — Filho, quando sentires que o céu inspira o desejo da bem-aventurança e anelas sair do cárcere do teu corpo, para que, sem sombra de vicissitudes, possas contemplar a minha glória, dilata o teu coração e recebe com todo o afeto esta santa inspiração.

Rende amplíssimas ações de graças à soberana bondade, que é tão liberal para contigo, que, com tanta clemência te visita, com tão grande ardor te inflama; com tamanho poder te sustenta, para que por teu próprio peso não resvales para as coisas terrenas.

Porquanto não te vem isto por teus pensamentos e esforços, mas tão somente por mercê da soberana graça e do beneplácito divino, para que

cresças nas virtudes e na humildade e te prepares para as lutas futuras e procures unir-te a mim com todo o afeto do coração e servir-me com o fervor da vontade.

2. Filho, muitas vezes arde o fogo, mas a labareda não se eleva sem fumo.

Do mesmo modo têm, alguns, desejos tão abrasados das coisas do céu e todavia não estão isentos de tentações e afetos carnais. Por isso não fazem unicamente pela glória de Deus o que, aliás, com tanto desejo lhe suplicam. Tal costuma ser muitas vezes o desejo, que mostraste com tanta ansiedade; pois não é puro nem perfeito o que está contaminado de algum interesse próprio.

3. Pede-me não o que te é agradável e cômodo, mas o que me honra e apraz; pois, se julgas com retidão, deves seguir, de preferência, os meus mandamentos, que satisfazer os teus afetos e tudo quanto possas desejar de melhor.

Conheço os teus desejos e tenho escutado os teus contínuos gemidos.

Já quiseras gozar da gloriosa liberdade dos filhos de Deus; já te deleita o pensamento da eterna mansão, da pátria celestial, repleta de gozo; mas não é ainda chegada a hora; outro é o tempo atual, tempo de guerra, de trabalho e provação.

Desejas fruir do sumo Bem; mas não podes alcançar isto agora.

Sou eu este Bem; espera-me, diz o Senhor, até que venha o reino de Deus.

4. Hás de ser ainda provado e exercitado em muitas coisas na terra.

Consolações terás de quando em quando; mas saciedade plena não te será concedida.

Esforça-te, pois, tem coragem para fazer e para suportar o que repugna à natureza.

Preciso se faz que te revistas do homem novo e te transformes em outro homem.

Convém que faças, muitas vezes, o que não queres e deixes o que queres.

O que agrada aos outros irá adiante, tornar-se-á inexequível o que te agradar.

Será ouvido o que os outros disserem e o que tu disseres será desprezado.

Outros pedirão e receberão, tu pedirás e não alcançarás.

5. Grandes serão outros na boca dos homens; mas de ti ninguém dirá palavra.

A outros será confiado isso ou aquilo; tu, porém, de nada serás julgado capaz.

Por causa disso a natureza se entristecerá algumas vezes e muito lucrarás se sofreres em silêncio.

Nestas e em muitas outras coisas semelhantes costuma o fiel servo de Deus ser provado, de modo a poder, em tudo, renunciar a si mesmo e mortificar-se.

Mal se achará coisa em que precises de te mortificar mais que em ver e sofrer o que é contrário à tua vontade; particularmente quando te ordenam coisas que te parecem inconvenientes e inúteis.

E, porque não ousas resistir à autoridade do superior, sob cujo domínio estás, por isso te parece duro andar à vontade de outrem e renunciar, de todo, ao teu próprio parecer.

6. Mas considera, filho, o fruto desses trabalhos, o seu prematuro término e a recompensa infinitamente grande e não terás de que sentir peso; ao contrário, acharás suavíssimo conforto para os teus sofrimentos.

E, com efeito, por essa pequena renúncia, que agora, espontaneamente, fazes, a tua vontade será sempre satisfeita no céu.

Ali, certamente, encontrarás tudo o que quiseres e quanto puderes desejar.

Ali possuirás todos os bens, sem receio de os perder. Ali tua vontade, sempre unida à minha, não terá outros desejos que não sejam os meus.

Ali não haverá quem te faça resistência, ninguém se queixará de ti, nenhum obstáculo encontrarás, não haverá quem te cause estorvos; mas todas as coisas que desejares estarão presentes e será satisfeito em tudo o teu afeto.

Ali dar-te-ei glória pelas injúrias recebidas; vestidura de alegria pela tristeza e pelo ínfimo lugar um trono no meu reino eterno.

Ali se colherá o fruto da obediência; as asperezas da penitência tornar-se-ão em alegria e a submissão humilde será gloriosamente coroada.

7.lnclina-te, pois, agora, humildemente, à vontade de todos, sem que procures saber quem fala, quem ordena.

Mas haja o máximo cuidado, quer seja o superior que te acene, quer o igual ou inferior, que te faça alguma coisa, tudo aceita por bem e procura

cumprir de boa vontade.

Busque cada um o que quiser; glorie-se este nisto e aquele naquilo, e seja mil vezes louvado; tu, porém, deleita-te no desprezo de ti mesmo e na minha vontade e glória.

Eis o que deves desejar: que tanto na vida como na morte, seja Deus sempre em ti glorificado.

REFLEXÕES

O primeiro e o último preceito, o que encerra todos os outros, é a inteira renúncia de si mesmo e a conformidade perfeita de nossa vontade com a de Deus. Assim é que, embora nos seja permitido e até prescrito aspirar à bem-aventurança celestial, e gemer por nosso prolongado desterro, todavia devemos suportá-lo com grande paciência e comprazendo-nos nas provações que a Providência nos envia, porque elas são ao mesmo tempo úteis à nossa salvação e um dos meios que Deus escolheu para satisfazer sua justiça e para manifestar em nós sua misericórdia e sua glória.

Pecadores, devemos participar dos sofrimentos daquele que nos resgatou; discípulos de Jesus devemos seguir nosso mestre e nosso modelo, levando a cruz e como ele bebendo o cálice da amargura. "Não será coroado senão o que "tiver legitimamente combatido. Ditoso pois o homem que suporta a tentação! Porque, depois de ter sido provado, receberá a coroa de vida que Deus prometeu aos que o amam" (1Cor 9,25; Tg 1,12).

Esperemos a hora que ele marcou e prossigamos em paz nossa peregrinação. Tudo o que acaba é curto, e nada é penoso para quem sabe esperar. Anime este pensamento nossa languidez e levante nosso ânimo quando nos sentirmos abatidos. "No meio deste grande naufrágio do mundo, diz São Crisóstomo, uma propícia mão nos lança do alto a amarra da esperança, que pouco a pouco vai tirando das ondas, das misérias humanas e levantando até o céu os que a ela fortemente se agarram" (*Ad Theod. Laps.* 1,3).

Abri, meu Deus, as entranhas de vossa misericórdia, derramai os tesouros de vossa piedade para me perdoardes os erros de minha vida pecadora. Porque embora desenganando-me de todas as suas mudanças, nelas me fixo como imutável. Que esperais de mim, Senhor? Não veem

vossos puríssimos olhos que tudo em mim é perdido se fico só comigo? Não vedes que não pode manar água senão da própria fonte de onde nasce? Ó fonte de toda santidade, santificai-me; ó fonte de toda a luz, iluminai-me; ó fonte de toda bondade e perfeição, mudai minhas maldades; ó fonte de fogo de amor, abrasai-me, para que consumais em mim tudo o que vos desagrada. Enquanto ando peregrinando neste vale de lágrimas, segurai-me com vossa mão, auxiliai-me com vossa graça, para que escape ao naufrágio da culpa e chegue ao porto da salvação.

CAPÍTULO L

Como o homem atribulado se deve entregar nas mãos de Deus

1. A alma fiel: — Senhor Deus, Pai santo, sede bendito agora e sempre; porque tudo foi feito segundo a vossa vontade e o que fazeis é bom.

Alegre-se em vós o vosso servo, não em si mesmo, não em algum outro; porque vós sois a verdadeira alegria, minha esperança, minha coroa, meu gozo e minha honra, Senhor.

Que tem vosso servo, senão o que recebeu de vós e ainda sem mérito de sua parte?

É vosso tudo o que destes e fizestes.

Pobre sou e vivo em trabalhos desde a minha juventude; a minha alma se entristece, algumas vezes, até às lágrimas; às vezes também se perturba, por causa das paixões que a oprimem.

2. Desejo a alegria da paz; peço a paz dos vossos filhos, a quem apascentais, na luz das vossas consolações.

Se me concederdes a paz, se me infundirdes a santa alegria, a alma do vosso servo ficará cheia de júbilo, entoando, devotamente, os vossos louvores.

Se, porém, vos afastais, como muitas vezes fazeis, ela não poderá percorrer o caminho dos vossos mandamentos; mas curvar-se-á, genuflexa, para bater no peito; não é mais como ontem e anteontem, quando, sobre a sua cabeça, brilhava a vossa lâmpada e, à sombra das vossas asas, estava abrigada contra o assalto das tentações.

3. Pai justo e sempre digno de louvor, é chegada a hora em que o vosso servo será provado.

Pai amoroso, é justo que vosso servo padeça, nesta hora, alguma coisa por vosso amor!

Pai sempre adorável, chegou a hora que, desde toda eternidade, previstes que havia de vir, na qual o vosso servo, por um pouco de tempo, sucumba exteriormente, sem deixar de interiormente, viver, sempre unido a vós.

Seja ele por um pouco de tempo desprezado, humilhado, abatido aos olhos dos homens, acabrunhado de paixões e enfermidades, para que ressuscite convosco, na aurora da nova luz e seja glorificado no céu.

Pai santo, assim determinastes e quisestes; fez-se o que ordenastes.

4. É, na verdade, graça que fazeis a quem vos ama, sofrer e ser atribulado, no mundo, por amor de vós, todas as vezes que o permitis e de quem quer que o permitais.

Nada acontece sobre a terra sem vosso desígnio, sem a vossa providência e sem causa.

É bom para mim, Senhor, que me tenhais humilhado, a fim de que eu aprenda a conhecer a justiça dos vossos preceitos e afaste de meu coração toda a vanglória e soberba.

Proveitoso é para mim que as minhas faces se tenham coberto de confusão, para que busque conforto em vós e não nos homens.

Nisto também aprendi a temer vossos impenetráveis juízos; pois afligia o justo e o ímpio, mas sempre com equidade e justiça.

5. Graças vos dou, que não poupastes as minhas iniquidades; antes me castigastes com duros açoites, mandando-me dores e angústias interiores e exteriores.

De tudo quanto existe debaixo do sol, nada há que me console senão vós, Senhor, Deus meu, celeste médico das almas, que nos feris e sarais, que nos lançais no lugar dos tormentos e nos livrais.

Venha sobre mim, a vossa correção; a vossa disciplina será o meu ensino.

6. Eis-me em vossas mãos, ó Pai querido; curvo-me sob a vara da vossa correção!

Feri-me as costas e a cerviz, para que sujeite minha vontade à vossa.

Fazei-me discípulo vosso, fervoroso e humilde, como bem sabeis fazer, para que obedeça ao vosso menor aceno.

Entrego-me, com tudo o que me pertence, à vossa correção; melhor é ser punido neste mundo, que na vida eterna.

Vós conheceis todas as coisas e cada uma em particular; nada existe na consciência humana, que vos seja oculto.

Antes que sucedam, conheceis as coisas futuras e não é necessário que outrem vos ensine ou avise do que se passa na terra.

Sabeis o que mais convém ao meu aperfeiçoamento e quanto me é útil a tribulação; para limpar a ferrugem dos vícios.

Disponde de mim segundo o vosso beneplácito; não me desprezeis por causa da minha vida pecaminosa, que ninguém conhece melhor e mais claramente, que vós.

7. Concedei-me, Senhor, conhecer o que se deve conhecer; amar o que se deve amar; louvar o que vos é sumamente agradável; estimar o que é precioso aos vossos olhos e desprezar o que é vil diante de vós.

Não permitais que julgue segundo o modo exterior de ver, nem que sentencie pelo que ouça de homens inexperientes; mas que eu saiba discernir, com juízo verdadeiro, as coisas visíveis das espirituais e, acima de tudo, busque sempre conhecer a vossa vontade.

8. Enganam-se, frequentemente, os homens, julgando pelos sentidos; do mesmo modo erram os partidários do mundo, amando somente as coisas visíveis.

Porventura torna-se melhor o homem por ser tido por outrem em alta conta?

O mentiroso engana ao mentiroso, o vaidoso ao vaidoso, o cego ao cego, o doente ao doente, quando o exalta; na verdade, os vãos louvores aumentam a confusão. Por isto já dizia o humilde São Francisco: o homem vale o que vale aos vossos olhos e nada mais.

REFLEXÕES

Permite Deus que nossa alma seja algumas vezes como que abandonada. Nenhuma consolação, nenhuma luz; mas de todas as partes provações, trabalhos, tentações, angústias; parece-lhe que vai sucumbir porque não sente já o braço que a sustentava. Que faremos então? Diremos como Jesus: “Meu Deus, meu Deus, por que me desamparastes?” E, contudo, ficaremos em paz no sofrimento e nas

trevas, “até que declinem as sombras e descubramos a aurora de um novo dia” (Mt 26,46; Ct 2,17).

Este estado é o maior exercício da fé; é para a alma uma imagem da morte; fria, sem movimento, insensível em aparência, está como encerrada no túmulo e parece não se unir a Deus senão com vontade frouxa de que ela mesma não está segura. Oh! Quantas graças são o fruto desta agonia suportada com humilde paciência! Oh! Quantos pecados resgata este padecimento. Então se completa em nós o mistério da salvação, e vimos a ser verdadeiramente conformes a Jesus, contanto que não cessemos de repetir, com fé sincera estas palavras de resignação: “Sim, meu Pai, aceito o cálice; quero bebê-lo até às fezes. Sim, Pai santo, porque essa é vossa vontade” (Mt 11,26).

Porque não aprendo de vós, meu divino Mestre, onde hei de buscar o remédio e consolação quando me vejo tentado e aflito? Por que busco fora de vós consolação, alegria de minha alma? Quem mais pode dar senão vós? Adoro-te, divina e amorosa mão que castigando consolas, atribulando animas, afligindo alegras, derribando levantas e matando dás vida. Com razão vivo triste, pois de vós fujo. Sou todo miserável, bom Jesus, porque ou fujo de vós quando me atribulais, e não busco em vós consolação; ou busco-vos apegado à minha vontade e amor-próprio que impedem a obra que quereis fazer nesta alma. Livrai-me de mim, meu Deus, pois sou o que me mato, e o que ponho todos os impedimentos à vossa graça e à vossa luz; curai-me, meu Deus, por quem sois. Verdadeiramente sois Pai deste pecador e amigo desta alma; quando vos amarei de todo o coração e vos obedecerei em tudo sem contradição? Quando do íntimo da alma vos dirá meu coração sempre e em tudo: Não se faça a minha vontade mas a vossa? Onde mereci, meu Deus, ser governado por essa vontade paternal, amorosa e divina? Oh! Verdadeiro Pai de misericórdia, perdoai minhas ingratidões e fraquezas, fazei sempre em mim vossa vontade ó bom Jesus, faça-se vossa vontade e não a minha em tudo e por tudo.

CAPÍTULO LI

Como devemos nos aplicar às obras humildes, quando somos incapazes para as mais elevadas

1. Cristo: — Filho, não podes estar sempre no desejo fervoroso das virtudes, nem permanecer no mais alto grau da contemplação; algumas vezes é necessário por causa da corrupção original, descer a coisas humildes e suportar o fardo desta vida corruptível, ainda que contra a vontade e com tédio.

Enquanto trouxeres este corpo mortal, sentirás desgosto e angústia no coração.

Importa, pois, que na carne gemas, muitas vezes, sob o peso da carne, porque não te podes aplicar, ininterruptamente, aos exercícios espirituais e à contemplação divina.

2. Convém então que recorras a ocupações humildes e exteriores e te alegres na prática de boas ações, esperando, com firme confiança, a minha vinda e a celestial visita, suportando, resignadamente, o teu exílio e aridez de espírito, até que sejas novamente visitado por mim e fiques inteiramente livre de qualquer inquietação.

Porque farei que te esqueças dos trabalhos e gozes de completa paz.

Estenderei, diante de ti, os prados das Escrituras, a fim de que, com o coração dilatado, comeces a correr pelo caminho dos meus mandamentos.

E dirás: Não há proporção entre os sofrimentos da vida presente e a glória futura, que em nós será manifestada.

REFLEXÕES

Ver a Deus, contemplá-lo e amá-lo por toda a eternidade, eis o Céu. A alma tem às vezes neste mundo um vislumbre desta felicidade. Então, elevada acima de si mesma, sente-se cheia de ardor e embriagada de alegria e diz em seu transporte: "Como é bom estarmos aqui!" (Mt 17,4). Mas bem depressa chega o tempo das provações: é necessário descer do Tabor e subir ao Calvário. Feliz a alma que, no desamparo, na aridez, nos trabalhos, se conserva em paz, sem perder o alento e sem murmurar, que, fiel a Jesus moribundo segue-o com ânimo ao cume do Calvário e depois de ter participado do banquete do esposo, pronta a partilhar seu sacrifício exclama como um dos apóstolos: "Nós também vamos e morramos com ele" (Jo 11,16).

Quão suave sois, meu amoroso Jesus, quão formoso, meu amigo, quão doce, meu único pastor. Desfaleço todo em vós; meu Salvador; minha

alma só a vós deseja, só por vós suspira; sois o meu tesouro, a minha suavidade, o meu contentamento, a minha esperança, a minha glória. Vivei, amor meu, em mim e por vós tudo sofrerei; viva eu em vós, ó meu Jesus, e convosco gozarei um dia da celestial glória.

CAPÍTULO LII

Como o homem não se deve julgar digno de consolações, antes, merecedor de castigos

1. A alma fiel: — Senhor, eu não sou digno das vossas consolações e de nenhuma das vossas visitas espirituais; por isso me tratais com justiça quando me deixais pobre e desconsolado.

Ainda que eu pudesse derramar um mar de lágrimas, mesmo assim não seria digno da vossa consolação.

De modo que outra coisa não mereço, senão ser, gravemente, e muitas vezes, flagelado e punido; porque vos ofendi e pequei em muitas coisas.

Assim, portanto, bem considerado tudo, nem do mínimo conforto sou merecedor.

Vós, porém, Deus clemente e misericordioso, que não quereis que pereçam as vossas obras, a fim de que demonstrem as riquezas da vossa bondade sobre vasos de misericórdia, vos dignais de consolar, de modo sobre-humano, a vosso servo, sem nenhum mérito próprio. Com efeito, não há paridade entre as vossas consolações e as palavras dos homens.

2. Que fiz eu, Senhor, para que me concedais alguma consolação celeste?

Não me recordo de ter praticado bem algum; sinto ter sido sempre propenso aos vícios e tardio na emenda.

Esta é a verdade e não posso negar; se de outra sorte eu o dissesse, vós estaríeis contra mim e não haveria quem me defendesse.

Que tenho eu merecido pelos meus pecados, se não o inferno e o fogo eterno?

Em verdade confesso que sou digno de todo o opróbrio e desprezo e que não mereço ser contado entre os vossos servos. E ainda que me custe ouvir isto, todavia, por amor à verdade, contra mim mesmo acusarei os meus pecados, para que mereça mais facilmente alcançar a vossa misericórdia.

3. Que direi eu, cheio de culpas e de confusão?

Deixai-me um pouco de tempo para que eu desafogue a minha dor antes de descer para a terra cheia de trevas e envolta nas sombras da morte.

Que mais exigis de um culpado e mísero pecador senão que tenha contrição e se humilhe pelos seus pecados?

Do verdadeiro arrependimento e da humildade de coração nasce a esperança de perdão, se reconcilia a consciência perturbada, se recobra a graça perdida, se abriga o homem da ira futura e, em santo ósculo, une-se Deus à alma penitente.

4. A humilde contrição dos pecados é para vós, Senhor, sacrifício mui aceitável, que, na vossa presença, recende odor mais suave que o perfume do incenso.

É também o precioso bálsamo, que permitistes fosse derramado sobre vossos sagrados pés; pois nunca desprezastes um coração contrito e humilhado.

Aí o lugar de refúgio contra o furor dos inimigos. Aí se lavam e purificam as manchas algures contraídas.

REFLEXÕES

Buscam alguns com grande ardor as consolações celestiais e caem no abatimento desde que elas lhe são retiradas. Porém estas graças que Deus concede como recompensa às almas abrasadas de amor divino, ou como estímulo às almas fracas para ajudá-las a suportar o trabalho da penitência, não nos são devidas de modo algum e sempre é necessário "levar em nós a mortificação de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste em nós" (2Cor 4,11).

Onde estaria a expiação, onde o mérito, se não tivéssemos nada que sofrer ou se nossos sofrimentos fossem sempre acompanhados da unção divina que os tempera, e algumas vezes os torna mais doces do que nenhuma alegria do mundo? Por nós mesmos, miseráveis pecadores, não temos direito senão ao suplício, e gostaríamos gozar na terra a felicidade do Céu? Bendigamos antes a misericórdia divina que às penas da eternidade substitui as provas do tempo: bendigamos a Deus que não se lembra durante nossa peregrinação na terra do que devamos à sua justiça, senão para logo o esquecer para sempre e digamos-lhe do fundo

de nosso coração contrito, porém cheio de reconhecimento e amor: "Lavai-me cada vez mais de minha iniquidade, Senhor, e purificai-me do meu pecado, porque bem conheço a minha maldade e o meu pecado está sempre diante de mim" (Sl 51,4).

CAPÍTULO LIII

Como a graça de Deus não se comunica aos que gostam das coisas terrenas

1. Cristo: — Filho, a minha graça é dom precioso; ela não sofre mistura de coisas estranhas, nem de consolações mundanas.

Convém, pois, que afastes todos os impedimentos da graça, se desejas que te seja infundida.

Procura para ti um lugar retirado, estima ficar a sós contigo, não busques conversa com ninguém; dirige antes fervorosas preces a Deus, para que possas ter a compunção de coração e a pureza de consciência.

Avalia em nada o mundo todo, prefere o serviço de Deus a todas as coisas exteriores; pois não podes, ao mesmo tempo, tratar comigo e deleitar-te em coisas transitórias.

Importa que te afastes dos conhecidos e amigos e desprendas o teu coração de todo o conforto temporal. Assim exorta o bem-aventurado apóstolo Pedro, que os discípulos de Cristo se considerem, neste mundo, como estrangeiros e peregrinos.

2. Oh! Quanta confiança terá à hora da morte aquele que não se deixou prender por nenhum afeto da terra!

Ter, porém, assim desprendido o coração, não o compreende o espírito ainda enfermo; porque não pode o homem carnal conhecer a liberdade do homem interior.

Todavia, se quiser ser verdadeiramente espiritual, faz-se mister renunciar tanto aos estranhos quanto aos parentes e de ninguém guardar-se mais que de si mesmo.

Se, perfeitamente, a ti mesmo te venceres, facilmente subjugarás o restante.

Perfeita vitória é triunfar de si mesmo.

Aquele pois, que a si mesmo se domina, de modo que a sensualidade obedeça à razão e a razão a mim em todas as coisas, este é realmente

vencedor de si mesmo e senhor do mundo.

3. Se desejas subir a estas alturas, importa começar varonilmente e pôr o machado à raiz, para arrancar e destruir o secreto e desordenado apego que tens a ti mesmo e a todos os bens particulares e sensíveis.

Deste vício do amor excessivo e desordenado, que o homem a si mesmo tem, provém tudo o que, radicalmente, se há de vencer; dominado e destruído aquele mal, seguir-se-lhe-á grande tranquilidade.

Como, porém, são poucos os que se aplicam a morrer, perfeitamente, a si mesmos e a desapegar-se de si, muitos ficam, por isso, presos em si mesmos, sendo-lhes impossível elevarem-se em espírito, acima de si próprios.

Aquele que deseja seguir-me livremente, deverá mortificar suas inclinações desordenadas e não se apegar a criatura alguma com amor apaixonado.

REFLEXÕES

"Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou amará a um e aborrecerá o outro, ou se afeiçoará a este e desprezará aquele". Não podemos ao mesmo tempo servir a Deus e ao mundo; e a vida cristã consiste em libertar-se cada um da escravidão do mundo para adquirir "a liberdade dos filhos de Deus" (Mt 6,24; Rm 8,21).

Ora a graça combate em nós por Deus, contra a natureza corrupta que nos arrasta para o mundo; terrível combate do qual não sai o homem vencedor senão morrendo a si mesmo, a seus pensamentos, a seus gostos, a suas inclinações; e a morte temporal que termina para sempre a luta entre a natureza e a graça, é a última vitória do cristão, o que fazia dizer ao apóstolo São Paulo: "Quem me livrará deste corpo mortal?" (Rm 7, 24).

Exercitemo-nos, pois, a morrer: desapeguemo-nos inteiramente da terra e de todas as coisas terrenas; apartemo-nos de nós mesmos e não vivamos mais senão em Deus, de Deus e por Deus. Que buscamos nós fora dele? Não encerra ele porventura todos os bens?

Oh! Quando nos será dado vê-lo "tal qual é, face a face; nos saciarmos de seu ser, de sua glória" infinita? Apressemos com ardentes votos o momento que fixará nossa eternidade, e no transporte de nossos desejos, exclamemos com o Profeta: "Ai de mim, que se prolonga o meu desterro!

Habitei com os povos de Cédar e minha alma foi estrangeira no meio deles" (1Jo 3,2; Sl 17,15; 120,5).

CAPÍTULO LIV

Dos diversos movimentos da natureza e da graça

1. Cristo: — Filho, observa com diligência os impulsos da natureza e os da graça; pois que, apesar de tão contrários, movem-se tão sutilmente que apenas podem ser discernidos pelo homem espiritual e interiormente iluminado.

Todos, sem dúvida, desejam o bem e nas suas palavras e obras buscam algum bem; por isso se enganam muitos com as aparências do bem.

2. A natureza é maliciosa e a muitos arrasta, enreda e engana, e sempre faz de si mesma o seu último fim.

A graça, porém, procede com simplicidade, evita toda a sombra do mal; não arma ciladas e faz tudo, inteiramente, por Deus, em quem, finalmente, repousa.

3. A natureza tem repugnância à morte; não quer ser mortificada, dominada ou vencida, nem se submete espontaneamente.

A graça, ao contrário, aplica-se na própria mortificação, resiste à sensualidade, busca estar sujeita, deseja ser vencida, renuncia à própria liberdade; dá-se bem sob a disciplina, não tem pretensão de mando; antes quer viver, ficar e permanecer sempre sob a dependência de Deus e está pronta a curvar-se diante de toda criatura humana, por amor de Deus.

4. A natureza trabalha por sua comodidade e atenta só ao lucro que de outrem lhe provenha; a graça não considera o que lhe é útil, nem o que lhe é cômodo, mas o que é de proveito para muitos.

5. A natureza recebe com prazer honras e homenagens; a graça, ao contrário, atribui fielmente a Deus toda a honra e glória.

6. A natureza teme a confusão e o desprezo; a graça, porém, alegra-se, padecendo injúrias pelo nome de Jesus.

7. A natureza ama o ócio e o descanso do corpo.

A graça não pode estar ociosa e abraça, de boa vontade, todos os trabalhos.

8. A natureza procura possuir coisas raras e aborrece as vis e grosseiras.

A graça deleita-se com as coisas simples e humildes, não despreza as ásperas, nem recusa vestir um hábito já usado.

9. A natureza olha para os bens temporais; regozija-se quando ganha, entristece-se quando perde, irrita-se com a menor palavra injuriosa.

A graça cuida dos bens eternos, não se apega aos temporais, nem se perturba com a perda deles nem se exacerba com as palavras mais ásperas; porque pôs o seu tesouro e sua alegria no céu, onde nada perece.

10. A natureza é interesseira; de melhor vontade recebe que dá; aprecia o que lhe é próprio e particular.

A graça, porém, é compassiva e generosa; evita as singularidades; contenta-se com pouco e julga que é melhor dar que receber.

11. A natureza inclina-se para as criaturas, para a própria carne, para a vaidade e os passatempos.

A graça leva para Deus e para a virtude, renuncia às tentações, foge do mundo, odeia a concupiscência da carne, limita as recreações, envergonha-se de aparecer em público.

12. A natureza folga de ter algumas consolações externas, que lhe afaguem os sentidos.

A graça, ao contrário, procura consolar-se só em Deus e deleitar-se no sumo Bem, acima de todas as coisas visíveis.

13. A natureza tudo faz por amor do lucro e da própria comodidade; nada sabe fazer gratuitamente, mas pelos benefícios espera obter iguais ou melhores em elogios ou favores e exige que sejam tidos em alta conta os seus dons e feitos.

A graça, ao invés, nada pretende do que é temporal, nem pede outra recompensa senão Deus só, e das coisas temporais necessárias quer apenas as que lhe possam servir à consecução dos bens eternos.

14. A natureza compraz-se de ter muitos amigos e parentes; gloria-se de sua nobre posição e linhagem, sorri aos potentados, lisonjeia aos ricos e aplaude aos que lhe são semelhantes.

A graça ama os próprios inimigos e não se envaidece do grande número de amigos, nem faz caso da posição e linhagem se aí não houver maior virtude; favorece mais ao pobre que ao rico; compadece-se mais do inocente que do poderoso; rejubila-se de estar com o que fala a verdade, e não com o mentiroso; exorta sempre os bons a que se tornem melhores e, pelas virtudes, se assemelhem ao Filho de Deus.

15. A natureza depressa se queixa da necessidade e do trabalho; a graça, com perseverança sofre a pobreza.

16. A natureza atribui tudo a si; só combate e porfia pelos seus interesses.

A graça, porém, refere todas as coisas a Deus de quem todas elas dimanam; nenhum bem atribui a si, nem presume, arrogantemente, de si, não entra em contestações, nem prefere o seu parecer ao de outrem; mas em tudo o que venha a sentir ou pensar, submete-se à eterna sabedoria e ao juízo divino.

17. A natureza é curiosa de saber segredos e novidades; quer aparecer e experimentar muitas sensações; deseja tornar-se conhecida e proceder de modo a conquistar louvor e admiração.

A graça não cuida de novidades, nem se lhe dá de coisas curiosas; pois tudo se origina da antiga corrupção, porquanto nada há de novo e permanente sobre a terra.

Assim pois, ela ensina a refrear os sentidos, evitar a vã complacência e ostentação; a ocultar, humildemente, as ações louváveis e dignas de admiração e a procurar, nas coisas e na ciência, o proveito espiritual e a honra e glória de Deus.

Não quer para si, nem para as suas obras, a exaltação; mas anela que seja Deus bendito nos seus dons; ele, que por mera caridade, os liberaliza a todos.

18. Esta graça é luz sobrenatural e especial dom de Deus, o selo dos eleitos, o penhor da salvação eterna, pois eleva o homem das coisas terrenas ao amor das celestiais e de carnal o torna espiritual.

Quanto mais oprimida e dominada estiver a natureza, tanto maior graça se nos infunde; e, quotidianamente, por novas comunicações, o homem interior se vai reformando, segundo a imagem de Deus.

REFLEXÕES

Segundo a doutrina do grande Apóstolo, temos em nós duas leis opostas: a lei da carne que nos faz escravos do pecado e a lei do espírito que nos mantém na ordem pelo auxílio da graça que Jesus Cristo nos mereceu. Divididos entre estas duas leis, “entre a carne e o espírito que se combatem sem cessar”, estamos neste mundo como flutuando entre o bem e o mal, entre Deus e o mundo, levados para um lado pela natureza,

atraídos para outro pela graça, que não abandona nunca de todo os maiores pecadores, assim como a concupiscência não cessa nunca de solicitar os mais justos (Rm 7,23; Gl 5,17).

Que será feito de nossa pobre alma atribulada por esta terrível guerra? Quanto deve ela temer pelas consequências de tal combate? "E por isso, diz São Paulo, toda a criatura geme e está como em grande aperto, e nós também que recebemos as primícias do Espírito, gememos em nós mesmos, esperando a adoção dos filhos de Deus e a libertação de nosso corpo" (Rm 8,22-23).

Venturoso dia! e quando chegará ele? Quando gozaremos da deliciosa paz de amor imutável? "Desejo que meu corpo se dissolva, para estar com Cristo. Minha alma tem sede do Deus forte, do Deus vivo. Quando irei e aparecerei diante da face de meu Deus?" (Fl 1,23; Sl 42,3).

CAPÍTULO LV

Da corrupção da natureza e da eficácia da divina graça

1. A alma fiel: — Senhor meu Deus, que me criastes à vossa imagem e semelhança, concedei-me a vossa graça, que mostrastes ser tão grande e necessária à salvação, para que eu vença a minha natureza corrompida, que me arrasta ao pecado e à perdição.

Porque sinto na própria carne a lei do pecado, contrária à lei do espírito, que me leva cativo a obedecer, em muitas coisas, à sensualidade; nem poderei resistir às suas paixões, a não ser que me assista a vossa santíssima graça, infundida, ardentemente, em meu coração.

2. Faz-se mister a vossa graça, e grande graça, para que possa vencer a natureza, sempre inclinada ao mal desde a infância.

Porquanto, decaída no primeiro homem, Adão, e viciada pelo pecado, transmite a todos os homens a pena deste crime; de sorte que esta mesma natureza, que criastes boa e reta, deve ser considerada fraca e enferma, visto que, entregue a si mesma, os seus movimentos nos arrastam para o mal e para as coisas da terra.

Na verdade, a pouca força, que lhe ficou, é como centelha coberta de cinzas.

É a mesma razão natural envolta em densas trevas, possuindo ainda o discernimento do bem e do mal, e fazendo a distinção do verdadeiro e do

falso; todavia, sente-se incapaz de cumprir o que aprova, pois já não possui a plena luz da verdade, nem a pureza dos seus afetos.

3. Daqui vem, meu Deus, que, segundo o homem interior, eu me rejubilo com a vossa lei, reconheço quanto são bons, justos e santos os vossos mandamentos, reprovo todo o mal e pecado, como coisa de que se deve fugir.

Mas pela carne estou sujeito à lei do pecado, porquanto obedeço mais à sensualidade que à razão.

Porque querer o bem está em mim, mas não tenho forças para praticá-lo.

Daqui vem que proponho muitas coisas boas, faltando-me, porém, a graça, que me ampare a fraqueza, recuo e desfaleço à menor resistência.

Resulta daí que conheço o caminho da perfeição e assaz claramente vejo como devo proceder; mas, oprimido pelo peso da própria corrupção, não me elevo ao que é mais perfeito.

4. Oh! Quão grandemente me é necessária, Senhor, a vossa graça para começar, continuar e aperfeiçoar o bem!

Sem ela, nada de bom posso fazer; em vós, porém, tudo posso, confortando-me a vossa graça.

Ó verdadeira e celeste graça, sem a qual não há méritos próprios e em nada devem ser tidos os dons da natureza!

Sem a vossa graça, Senhor, nada valem, diante de vós, as artes, as riquezas, a beleza e a força, o talento e a eloquência.

Na verdade, esses dons naturais são comuns a bons e maus; não assim a graça ou a caridade, que é o dom próprio dos eleitos; com ela adornados, tornam-se dignos da vida eterna.

Tão excelente é esta graça que nem o dom de profecia nem o poder de operar milagres, nem a mais alta contemplação valem alguma coisa sem ela.

Nem a fé, nem a esperança, nem outras virtudes são agradáveis sem a graça e a caridade.

5. Ó beatíssima graça, que do pobre de espírito fazeis rico de virtudes e ao opulento dos bens da fortuna converteis em humilde de coração!

Vinde, descei sobre mim, enchei, desde já, minha alma com as vossas consolações, para que, nos desfalecimentos e na aridez de espírito, não esmoreça o meu ânimo.

Se for tentado e molestado com muitas tribulações, não temerei mal algum, enquanto estiver comigo a vossa graça.

É a minha fortaleza, o meu conselho e meu auxílio; é mais poderosa que todos os meus inimigos, mais sábia que todos os sábios.

6. É a mestra da verdade e da disciplina, a luz do coração e o lenitivo das angústias; ela afugenta a tristeza, dissipa o temor, alimenta a piedade e produz santas lágrimas.

Que sou eu, faltando-me ela, senão lenha seca, tronco inútil, que se lança fora?

Previna-me, pois, Senhor e me acompanhe sempre vossa graça e me conserve, continuamente, na prática de boas obras por Jesus Cristo, vosso Filho. Amém.

REFLEXÕES

A religião faz duas coisas: mostra-nos nossa miséria e indica-nos o remédio para ela. Ensina-nos que de nós mesmos, não podemos nada para a salvação, mas que "podemos tudo naquele que nos fortifica". Donde aquelas palavras de São Paulo, tão profundas de verdade quão temerosas para o orgulho humano: "Eu me glorificarei em minhas enfermidades para que a virtude de Jesus Cristo habite em mim. Sim, continua ele, eu me glorio em minhas fraquezas, porque quando me sinto fraco então é que estou mais forte" (FI 4,13; 2Cor 7,9-10).

Entremos no pensamento do Apóstolo e aprendamos a humilhar-nos, a sentir nossa fraqueza, a gozar de certo modo de nosso nada. Quando tivermos rejeitado toda a vã opinião de nós mesmos e cavado, por assim dizer, um leito profundo em nossa alma, correntes de graças ali se precipitarão. A paz nos será dada na terra porque, quem pode perturbar a paz daquele que, esquecendo-se e desprezando-se não se firma senão em Deus e a ele só ama? "Paz aos homens de boa vontade", aos humildes de coração, paz na terra e no Céu a "saciedade da glória" (Lc 2,14; Sl 17,15).

Assim como as sentinelas suspiram pela manhã para descansarem do trabalho da noite, e para gozarem da luz de todo o dia, até que torne anoitecer, assim e muito mais, minha alma vive e se sustenta com as esperanças que em vós tem, meu Deus. Porque, quando me cercam as trevas de meus pecados, e os perigos de minhas tentações, sei decerto que só vossa presença pode alentar minha pobre fraqueza e por isso por vossa

luz espera para que veja e por vossa virtude para que se esforce e por vossa misericórdia para que possa com seus trabalhos e por vossa graça para que saia com vitória. Porque sendo por vós visitada esta miserável alma, todos os inimigos fugirão e desaparecerão meus pecados e dareis a esta pobre criatura vossa fortaleza e virtude para poder com a noite da tribulação até que chegue o claro dia da glória eterna. Assim seja.

CAPÍTULO LVI

Como devemos renunciar a nós mesmos e imitar a Cristo pela cruz

1. Cristo: — Filho, quanto mais saíres de ti mesmo, tanto melhor poderás chegar-te a mim.

Assim como o não cobiçar nada, exteriormente, produz paz interior, assim renunciar cada um a si mesmo, faz a união com Deus.

Quero que aprendas a perfeita renúncia de ti mesmo, submetendo-te, sem resistência e sem queixa, à minha vontade.

Segue-me: Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Sem caminho não se pode andar, sem verdade não se pode conhecer, sem vida ninguém vive.

Eu sou o caminho que deves seguir, a verdade em que deves crer, a vida que deves esperar.

Sou caminho seguro, verdade infalível, vida interminável.

Sou o caminho direito, a verdade suprema, a vida verdadeira, a vida ditosa, a vida incriada.

Se permaneceres no meu caminho, conhecerás a verdade, a verdade te livrará e alcançarás a vida eterna.

2. Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos.

Se queres conhecer a verdade, crê em mim.

Se queres ser perfeito, vende tudo o que tens.

Se queres ser meu discípulo, renuncia a ti mesmo.

Se queres possuir a vida eterna, despreza a vida presente.

Se queres ser exaltado no céu, humilha-te neste mundo.

Se queres reinar comigo, leva comigo a minha cruz; porque somente os servos da cruz encontram o caminho da bem-aventurança e da verdadeira luz.

3. A alma fiel: — Senhor Jesus, era austera a vossa vida e desprezada pelo mundo; concedei-me que vos imite no desprezo do mundo, pois não é o discípulo mais que o mestre, nem o servo mais que seu senhor.

Exercite-se o vosso servo em imitar vossa vida, porque nela está a minha salvação, a verdadeira santidade.

Tudo o que, fora dela, leio ou ouço, não me consola, nem satisfaz plenamente.

4. Cristo: — Filho, porque conheceste e leste todas essas coisas, bem-aventurado serás se as puseres em prática.

Aquele que conhece os meus mandamentos e os guarda, esse me ama; eu o amarei e manifestar-me-ei a ele e o farei assentar-se comigo no reino do meu Pai.

5. A alma fiel: — Senhor Jesus, faça-se segundo o que dissestes e prometestes, dai-me que o mereça.

Recebi Senhor, de vossas mãos a cruz; levá-la-ei até a morte, como vós ma impusestes.

Na verdade, a vida do bom religioso é cruz; cruz, porém, que leva ao paraíso.

Começado está; já não é lícito recuar, nem permitido abandonar o caminho.

6. Eia, meus irmãos caminhemos juntos; Jesus estará conosco.

Por amor de Jesus tomamos esta cruz, por amor de Jesus perseveramos nela.

Será nosso protetor ele, que é o nosso chefe e guia.

Eis o nosso rei, que marcha à nossa frente e por nós combaterá.

Sigamo-lo varonilmente; ninguém se arreceie, estejamos prontos a morrer, heroicamente no combate, não maculemos a nossa glória, desertando da cruz.

REFLEXÕES

É para se espantar que seja necessário dizer continuamente ao homem: Pensa em tua alma, o tempo foge, vem chegando a eternidade, amanhã, talvez hoje, começará para ti; e todavia é verdade que se não lhe lembrassem a cada hora esta verdade tremenda a cada hora a esqueceria, tão funesta é a cegueira do mundo para a criatura decaída da graça! Acorda, desperta do sono da culpa, não difiras por mais tempo o cuidado

da "única coisa necessária", apressa-te em pôr mãos à obra enquanto ainda é dia; "olha que já vem chegando a noite, durante a qual ninguém pode trabalhar", noite medonha, pavorosa noite que nunca terá aurora! (Lc 10,42; Jo 9,4).

Deixa, deixa sem perder um instante "a estrada da perdição e entra na vereda da vida. Combate vigorosamente as propensões da natureza para o mal, renuncia-te a ti mesmo e leva a tua cruz: na cruz está a fortaleza, a esperança e a salvação. Ditoso, pois, aquele que não quer, como o Apóstolo, senão a Jesus e Jesus crucificado". No dia final, ouvirá estas palavras de eterna alegria: "Vem, bendito de meu Pai, possuir o reino que te está preparado desde o princípio do mundo" (1Cor 2,2; Mt 25,34).

Porém os que desprezaram a cruz, os que se tiverem buscado a si próprios, diferente sorte os espera: "Deus tem na mão uma taça cheia de vinho misturado, derrama-o para um e outro lado, a borra ainda não está esgotada e todos os pecadores dela hão de beber!" (Sl 75,9).

Ó meu rei, minha esperança, minha glória, minha soberana verdade, minha verdadeira vida, minha certa sabedoria, minha clara luz e todo o meu bem, não deixeis este vosso indigno servo fora do caminho de vossa cruz. Que será de mim fora de vossa companhia? Que caminho posso seguir acertadamente, sendo desviado de vossa cruz? Levai-me, Senhor, após vós, nunca afasteis de mim vossos olhares nem vossa cruz. A vós quero seguir, a vós quero imitar, convosco quero crucificar-me e mais quero a cruz convosco que, sem vós, todo o descanso da vida. Convosco quero ser antes desconsolado, afligido, desamparado e perseguido, que amimado do mundo. Minha carne sendo fraca sente e geme com a cruz, como cega quer fugir dela, como perversa a aborrece, mas, meu Salvador, poderoso é o espírito que com vosso exemplo me dais, generoso o amor que me mostrais, para fazer vossas maravilhas nesta terra miserável e mudar esta fraqueza em gosto de padecer convosco muitas cruzes. Iluminai, Senhor, meu entendimento, abrasai meu coração em vosso amor e fareis em mim vossas costumadas mudanças e maravilhas.

CAPÍTULO LVII

Como o homem não deve desanimar, quando cai em algumas faltas

1. Cristo: — Filho, mais me agradam a paciência e a humildade nos reveses que muita consolação e fervor na prosperidade.

Por que te entristece tão pequena coisa que disseram contra ti? Ainda que fosse maior, não te devias molestar.

Agora deixa-a passar; não é a primeira, nem coisa nova; nem será a última, se muito viveres.

És bastante forte, enquanto não te sucede nenhuma adversidade.

Aconselhas bem e sabes confortar os outros com palavras; quando, porém, bate à tua porta repentina tribulação, logo te falta conselho e valor.

Considera a tua extrema fraqueza, que muitas vezes experimentas nas pequenas coisas; todavia é para a tua salvação, que estas e outras coisas semelhantes sucedem.

2. Expulsa de teu coração, como melhor puderes, tudo o que perturba e se a tribulação chegou a tocar-te, não permitas que te abata nem embarace por muito tempo.

Sofre ao menos com paciência, o que não podes sofrer com alegria.

Ainda que te sintas indignado, reprime-te e não permitas que saia de tua boca palavra desordenada, que escandalize os fracos.

Depressa acalmará a comoção e a dor interna será suavizada pela volta da graça.

Ainda vivo eu, diz o Senhor, pronto estou a ajudar-te e consolar-te mais do que nunca, se confiares em mim e me invocares com fervor.

3. Toma coragem e prepara-te para sofrer mais ainda. Nem tudo está perdido por te sentires, muitas vezes, atribulado ou gravemente tentado.

És homem e não Deus, és carne e não anjo.

Como poderias tu perseverar no mesmo grau de virtude, quando isto faltou ao anjo, no céu e ao primeiro homem, no paraíso?

Eu é que consolo os aflitos e elevo à minha divindade os que reconhecem a própria fraqueza.

4. A alma fiel: - Bendita seja, Senhor, a vossa palavra, mais doce à minha boca que um favo de mel.

Que faria eu entre tantas tribulações e angústias, se não me confortásseis com as vossas santas palavras?

Contanto que eu chegue, enfim, ao porto de salvação, que importa o que sofro ou venha a sofrer?

Dai-me, Senhor, um bom fim; dai-me uma feliz passagem deste mundo.

Lembrai-vos de mim, Deus meu, conduzi-me pelo caminho reto ao vosso reino. Assim seja.

REFLEXÕES

Não basta ser paciente com os outros, é preciso sê-lo também consigo mesmo. Certa desconsolação amarga e violenta que experimentamos depois de ter cometido alguma falta, vem antes do orgulho humilhado que do arrependimento sincero. O homem humilde que conhece sua fraqueza, não se admira de cair; chora sua queda, implora o perdão de sua culpa e levanta-se sossegado, para pelejar com renovado valor. Fraqueza e cair é sem dúvida grande mal; porém perturbar-se e perder ânimo depois de caído é por certo mal muito maior. A perturbação e o desalento têm sua origem numa sorte de despeito soberbo de ver-se o homem tão fraco ou da falta de confiança naquele que cura a nossa fraqueza. "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação", e se, sobrevindo a tentação, vos acontece sucumbir, vigiai e orai ainda mais; porém não percais nunca a paz, porque nosso Deus é o Deus da paz e na paz é que ele nos chama. A graça, a misericórdia e a paz de Deus Pai e de nosso Senhor Jesus Cristo "sejam pois sempre com todos nós, e levem-nos depois das provações deste tempo ao gozo da eterna bem-aventurança" (Sl 103,3; Mt 26,41; 1Cor 14,33; 7,15; 1Tm 1,2).

Deus e Senhor todo-poderoso, que em nenhuma coisa mais manifestais vosso infinito poder que em perdoar e em ter misericórdia dos pecadores, que à vossa imagem e semelhança criastes, acrescentai em nós vossas grandes misericórdias e fazei que sobre todas as coisas vos amem estes nossos terrenos corações, para que cheguemos às grandes mercês que nos prometestes pois são tamanhas que excedem todo nosso desejo e merecem todo o desvelo de nosso coração.

CAPÍTULO LVIII

Como não se devem perscrutar as coisas do alto e os ocultos juízos de Deus

1. Cristo: — Filho, guarda-te de disputar sobre assuntos mui elevados e os ocultos juízos de Deus: qual é a causa por que um é tão desamparado, ao passo que outro é favorecido com tamanha graça; esse tão oprimido, aquele tão exaltado.

Excedem essas coisas a humana capacidade e não há raciocínio nem discussão que penetre os juízos divinos.

Quando, pois, o inimigo te sugerir tais pensamentos, ou mesmo alguns curiosos te interrogarem, responde-lhes com as palavras do profeta:

"Justo sois, Senhor, e retos os vossos desígnios"; ou então: "Os juízos do Senhor são verdadeiros e justificados em si mesmos".

Devem-se temer e não discutir os meus juízos, porque são incompreensíveis ao entendimento humano.

2. Não queiras também disputar ou inquirir sobre os méritos dos santos; qual seja o mais santo ou o maior no reino dos céus.

Tais coisas geram, de ordinário, controvérsias e contestações inúteis; nutrem a soberba e vanglória, donde se originam invejas e discórdias, porque este prefere, soberbamente, um santo, aquele, outro.

Querer saber e investigar essas coisas não traz fruto algum; antes desagrada aos santos; pois não sou Deus de discórdias, mas de paz, a qual consiste mais na verdadeira humildade que na própria exaltação.

3. Alguns, por zelo e predileção, se afeiçoam mais a este que àquele santo; mas essa preferência é mais humana, que divina.

Sou eu que fiz todos os santos; eu lhes dei a graça, eu lhes concedi a glória.

Conheci os seus méritos e os preveni com as bênçãos da minha doçura.

Eu predestinei, antes de todos os séculos, os meus eleitos; eu os escolhi do mundo e não eles a mim.

Eu os chamei por minha graça, os atraí por minha misericórdia e os fiz passar por muitas provações.

Inundei-os de inefáveis consolações, dei-lhes a perseverança e coroei a sua paciência.

4. Conheço o primeiro e o último; a todos abraço com amor inestimável.

Eu devo ser louvado em todos os meus santos; bendito em todas as coisas e honrado em cada um deles, que tão gloriosamente exaltei e

predestinei, sem prévio merecimento algum de sua parte.

Quem, pois, despreza o menor dos meus santos, não honra o maior; porque eu fiz o pequeno e o grande.

E o que menospreza algum dos santos, menospreza a mim e a quantos estão no reino dos céus. São todos um, pelo vínculo da caridade, têm o mesmo sentimento e a mesma vontade e se amam todos com o mesmo amor.

5. Além disso, o que é mais sublime ainda, eles me amam mais a mim que a si e aos seus méritos. Pois, arrebatados acima de si mesmos, se engolfam no meu amor e se abismam em perfeito repouso.

Nada há que os possa desviar ou deprimir; porque, repletos da eterna verdade, se abrasam no inextinguível fogo da caridade.

Calem-se, pois, e não disputem sobre o estado dos santos os homens carnais e sensuais, que não sabem amar senão os seus próprios gozos; eles diminuem e exageram a seu bel prazer e não segundo apraz à eterna verdade.

6. Em muitos é isso ignorância, sobretudo naqueles que, pouco esclarecidos, raro sabem amar a alguém com perfeito amor espiritual.

Deixam-se também levar muito pela afeição natural ou humana amizade, para com estes ou aqueles e segundo julgam as coisas terrenas, assim imaginam as celestes.

Há, porém, uma incomensurável distância entre o que pensam os homens imperfeitos e os esclarecidos pela revelação do alto.

7. Acautela-te, pois, Filho, de tratar, indiscretamente, dessas coisas que transcendem o teu entendimento; mas emprega todos os teus cuidados e esforços para que possas ter um lugar, ainda que ínfimo, no reino de Deus.

E se alguém soubesse qual deles fosse o mais santo e o maior no reino dos céus, de que lhe aproveitaria este conhecimento, se não lhe adviesse daí motivo de humilhações para si mesmo e dos maiores louvores para o meu nome?

Quem considera a grandeza dos seus pecados, a escassez das suas próprias virtudes e a grande distância que o separa da perfeição dos santos, agrada mais a Deus do que aquele que disputa sobre a maior ou menor glória deles.

Melhor é rogar aos santos com fervorosas orações e lágrimas, suplicar-lhes, com humildade de coração, sua valiosa intercessão, do que, com vã curiosidade, indagar os seus segredos.

8. Mui contentes e satisfeitos dos seus próprios méritos estão eles; assim soubessem os homens contentar-se e reprimir seus vãos discursos.

Não se gloriam dos próprios méritos, porque não atribuem a si nenhum bem; mas tudo referem a mim, que lhes dei tudo por minha infinita caridade.

Tão cheios estão do amor da divindade e da alegria sobrenatural, que nada falta à sua glória, nem pode faltar à sua felicidade.

Todos os santos, quanto mais elevados na glória, tanto mais humildes são em si mesmos; mais próximos estão de mim e mais caros se me fazem.

Por isso está escrito que eles depunham as suas coroas diante de Deus e se prostravam diante do Cordeiro e adoravam Aquele que vive nos séculos dos séculos.

9. Muitos perguntam qual seja o maior no reino de Deus e ignoram se são dignos de ser contados entre os últimos.

Grande coisa ser ainda o mínimo no céu, onde todos são grandes, porque serão chamados filhos de Deus, e, na verdade, o são.

O menor dos eleitos valerá por mil e o pecador, mesmo depois de uma longa vida, só achará a morte.

Quando os discípulos perguntaram qual era o maior no reino dos céus, tiveram esta resposta: se não vos converterdes e não vos fizerdes como crianças, não entrareis no reino dos céus.

10. Ai dos que recusam humilhar-se, espontaneamente, como os pequeninos; porque a porta do reino dos céus não lhes dará entrada!

Ai também dos ricos, que têm aqui as suas consolações; porque, quando os pobres entrarem no reino de Deus, eles ficarão fora chorando.

Regozijai-vos, humildes; exultai, pobres, porque vosso é o reino de Deus, contanto que andeis no caminho da verdade.

REFLEXÕES

Grande lástima é ver quão propensos são os homens a inquietar-se de mil questões inúteis, quando apenas pensam nas verdades mais importantes. Querem saber tudo, exceto a única coisa indispensável.

Compraz-se seu orgulho nas especulações quase sempre perigosas, ou pelo menos estéreis para a salvação. Esforçando-se por penetrar nos mistérios imperscrutáveis, extraviam-se em seus pensamentos, e abraçam a sombra do erro quando pensam roubar a Deus o seu segredo. Eis o fruto dos trabalhos em que se consomem debaixo do sol.

Ah! Que profunda e verdadeira ciência do homem neste conselho do Sábio: "Não busques o que está acima de ti e não perscrutes o que é mais forte do que tu; mas pensa sem cessar no que Deus nos prescreve e guarda-te de sondar curiosamente todas as suas obras: porque não te é necessário ver com teus olhos o que é oculto" (Ecl 3,22-23).

Pensemos em nós mesmos, em nossos deveres, na estreita conta que havemos de dar a Deus de nossas obras e palavras. Nisto temos bastante com que nos ocupar e encher todo o nosso tempo que só para isso nos é dado.

Acabe hoje em mim, Senhor, a vã curiosidade de penetrar vossos segredos e comece uma vida nova toda consagrada a vos adorar e a vos servir. Dai-me amor à vossa lei, sujeição à vossa doutrina, obediência à vossa vontade. Seja a minha prudência e o meu bom senso viver do que me ensinais e morrer pelo que me mandais. Dai-me, Senhor, que daqui por diante não queira eu membros, sentidos, potência da alma, forças e vida senão para servir-vos. Guiai-me, meu Deus, pelo caminho da santidade, conservai-me na santa amizade de nossos escolhidos; glorificai-vos em mim, como sois glorioso em vossos santos, levando-me após o odor de vossas virtudes. Esse divino odor penetre meu interior, e acenda o amor de minha alma, faça-me aborrecer o amor do mundo, dê-me o único e perpétuo desejo de imitar vossos santos na terra e de cantar com eles vossos louvores no Céu.

CAPÍTULO LIX

Como devemos pôr em Deus toda a esperança e confiança

1. A alma fiel: — Senhor, qual é a confiança que eu posso ter nesta vida? Ou que maior consolação encontrarei em todas as coisas que existem debaixo do sol? Porventura não sois vós, Senhor Deus meu, cuja misericórdia é infinita?

Onde me senti bem sem vós? Quando passei mal, estando vós presente?

Antes quero ser pobre por vosso amor, que rico sem vós.

Prefiro peregrinar convosco na terra, que, sem vós, possuir o céu. Onde vós estais, aí o céu; morte e inferno, onde não estais.

Só a vós desejo; por isso é-me forçoso gemer, clamar e suplicar por vós. Não posso, enfim, confiar, plenamente, em ninguém; não há quem, mais oportunamente, possa socorrer-me nas necessidades, senão vós só, Deus meu.

Vós sois a minha esperança e confiança; o meu fidelíssimo consolador em todas as coisas.

2. Todos buscam seus próprios interesses; vós só tendes em vista a minha salvação e o meu aproveitamento, dispondo tudo para o meu bem.

Ainda que me exponhais a várias tentações e adversidades, tudo ordenais para meu proveito; pois de mil modos costumais provar os vossos amigos.

E nessas provações não deveis ser menos amado e louvado, que se me enchesseis de vossas celestiais consolações.

3. Em vós, pois, Senhor Deus, ponho toda a minha esperança e o meu refúgio; a vós recorro nas tribulações e angústias; porque, fora de vós, acho tudo fraco e inconstante.

Com efeito, de nada servem os meus amigos; nem esforçados auxiliares podem valer; nem os prudentes conselheiros dão útil parecer; nem encontro consolo nos livros dos doutores; nem existe tesouro que me resgate; nem retiro ameno, que me proteja; se vós não me assistirdes, não me socorrerdes, não me confortardes, não me libertardes e guardardes.

4. Porque tudo o que parece destinado a produzir paz e felicidade, nada é sem vós, nem pode fazer-nos, verdadeiramente, felizes.

Sois vós, pois, o remate de todos os bens, a plenitude da vida, o abismo da ciência; e em vós esperar todas as coisas é a maior das consolações dos vossos servos.

Erguem-se para vós os meus olhos, em vós confio, Deus meu, Pai de misericórdia.

Abençoai e santificai com a vossa celestial bênção a minha alma, para que se torne santa habitação vossa, trono da vossa eterna glória e não se encontrem, nesse vosso templo, coisas que ofendam o olhar da vossa majestade.

Olhai para mim segundo a grandeza da vossa bondade e a multidão das vossas misericórdias; ouvi a oração do vosso pobre servo, exilado, longe, na sombria região da morte.

Protegei e conservai a alma do vosso pequenino servo, entre tantos perigos desta vida corruptível; conduzi-a, com o auxílio da vossa graça, pelo caminho da paz à pátria da perpétua claridade. Amém.

REFLEXÕES

Depois de termos visto e ouvido tudo, forçoso é voltarmos a esta palavra que encerra toda sabedoria e toda perfeição: Deus só. "Considerai, dizia um humilde religioso de São Francisco, mil milhões de criaturas mais perfeitas que as que presentemente existem, tanto na ordem da natureza, como na da graça. Repeti até ao infinito vossa multiplicação, comparai depois estas criaturas tão perfeitas com o Deus da eternidade; à vista disto, tornam-se um nada. Tomava, acrescentava ele, grande gosto nesta multiplicação por ver que, ao mesmo tempo que o ser de Deus aparecia, aquelas criaturas que se manifestavam tão excelentes e cheias de glória retiravam-se com uma rapidez incrível ao seu centro que é o nada. E vendo que o Deus onipotente estava em mim, e mais em mim do que eu mesmo, sentia por isso uma alegria inexplicável e não podia compreender como era possível ter um mortal a Deus em si e em toda parte fora de si e ocupar-se com as criaturas. Regozijava-me que ele só fosse eterno, imutável, infinito e na verdade vos digo que ao repetir: Em meu Deus tudo é Deus, minha vontade se comovia com tão grande e tão ardente amor que me parecia que todo o ser criado desaparecia diante de mim e que para todo o sempre não me ocuparia senão de Deus só. Não posso explicar o infinito júbilo de meu coração à vista de suas imensas perfeições; vendo porém suas grandezas incompreensíveis e de outra parte meu nada com todas as misérias que o acompanham, ia do infinito ao finito, e me achava incapaz de o amar como desejara ama-lo, o que me fazia sofrer de modo inexplicável, porque quanto mais me achava incapaz de o amar com amor recíproco, tanto mais me sentia interiormente devorado por secreto amor. Então ia buscando segredos em minha baixeza, como embriagado de amor, não sabendo quase o que fazia e, coisa estranha, neste trabalho da alma, as perfeições do ser infinito comparadas com as fraquezas de minha infinita miséria, eram

para mim outras tantas centelhas de amor que me abrasavam com seus ardores" (*O Homem interior; ou Vida do venerável Fr. João Crisóstomo, da ordem de S. Francisco,* pp. 153, 175, 176).

Ó vida verdadeira, quando viverei só para vós? Ó esperança soberana, quando chegarei a vós? Ó tesouro infinito, quando desprezarei tudo por vós? Ó formosura celestial, quando rejeitarei tudo por vós e estarei preso de vosso amor? A vós me entrego, amor divino, ardei em mim, mudai-me em vós, fazei deste ferro frio, fogo ardente, e deste carvão, brasa viva; e quando eu for todo abrasado em vós, divino e suave Jesus, então poderei dizer com verdade: DEUS SÓ.

LIVRO QUARTO

DO SACRAMENTO DO ALTAR

Devota exortação à sagrada Comunhão

Voz de Cristo: — Vinde a mim vós todos, que viveis em trabalhos e aflições e eu vos aliviarei, diz o Senhor.

O pão que eu vos darei é a minha carne, que darei para a vida do mundo.

Tomai e comei; este é o meu corpo, que será entregue por vós; fazei isto em memória de mim. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, fica em mim e eu nele.

As palavras que eu vos disse são espírito e vida.

REFLEXÕES

Vemos aqui o cumprimento das promessas divinas, das esperanças do gênero humano, das figuras e profecias da antiga lei. O sacrifício real, o que opera para sempre a reconciliação do homem com Deus, sucede aos sacrifícios simbólicos e sem eficácia. A verdadeira páscoa é imolada, o maná celestial alimenta não só o povo de Israel, mas todos os povos da Nova Aliança, todos os filhos do Pai dos crentes. A exemplo do "Rei da paz, o Pontífice eterno segundo a ordem de Melquisedec oferece ao Altíssimo o pão e o vinho, o pão vivo descido do céu, e o pão que ele dá é sua carne e o vinho é seu sangue. E na verdade, quem não comer a Carne e beber o Sangue do Filho do Homem não terá a vida em si; porque a minha carne, diz ele mesmo, é verdadeira comida e meu sangue verdadeira bebida. O que come a minha carne e bebe o meu sangue está em mim e eu nele; eis o pão que desceu do céu: quem comer deste pão viverá eternamente" (Gn 16,18; Sl 105,4; Jo 6,51-59).

Não há que hesitar, estas palavras são claras: é necessário submeter-se, é necessário dizer: Creio, Senhor, aumentai a minha fé. E que tinham anunciado os profetas? "Comerão os pobres e ficarão fartos, e sua alma viverá eternamente. Todos os ricos da terra comerão e o adorarão; todos os que habitam a terra se prostrarão em sua presença" (Sl 22,27-30).

E nós também, na firmeza de nossa fé, comeremos e adoraremos; saciemo-nos desta Carne, bebamos deste Sangue que nos transforma em Jesus Cristo. Vítima de valor infinito paga voluntariamente nossa dívida para com a justiça divina e para nos aplicar, sem reserva nem medida a virtude de seu sacrifício une sua Carne à nossa carne, sua Alma à nossa

alma, de maneira que, por esta inefável união "somos cheios da divindade cuja plenitude habita nele corporalmente" (Cl 2,9-10).

Prodigioso mistério de amor! "O homem comeu o pão dos anjos". E como? Porque o "Verbo de Deus que alimenta, diz Santo Agostinho, com sua substância incorruptível os anjos incorruptíveis, se fez Carne e habitou entre nós... O alimento espiritual da criatura fez-se visível não por mudança de sua natureza mas relativamente à nossa, a fim de que buscando o que é visível, fôssemos chamados ao Verbo invisível" (Sl 79,25; Santo Agostinho, *O livre-arbítrio* III, 30).

Cristãos, ide ao banquete sagrado, assentai-vos à mesa onde Jesus Cristo se entrega a vós, onde o Verbo divino se faz vosso alimento incompreensível: "Tomai e comei o verdadeiro pão do Céu". Ali está a esperança, a vida, a última prova da fé, a consumação do amor (Lc 22,19; Jo 6,33).

CAPÍTULO I

Da reverência com que se deve receber a Cristo

1. A alma fiel: — São vossas estas palavras, Cristo, verdade eterna; ainda que não proferidas todas ao mesmo tempo, nem escritas em um mesmo lugar.

Porque são vossas e verdadeiras, devo recebê-las todas com recolhimento e fé.

São vossas e vós as proferistes; minhas também são elas, porque para minha salvação as dissestes.

Com alegria as recolho dos vossos lábios, para que, mais profundamente, se me gravem no coração.

Animam-me palavras repassadas de tamanha doçura e amor; mas aterrorizam-me os meus próprios pecados e a consciência impura me impede de participar de tão grandes mistérios.

Atrai-me a doçura das vossas palavras; detém-me, porém, a multidão dos meus pecados.

2. Mandais que me chegue, confiadamente, a vós, se eu quiser ter parte convosco e que me sirva do alimento da imortalidade, se desejar obter a glória e a vida eterna.

Vinde a mim, dizeis vós, todos que estais em trabalhos e aflições, eu vos aliviarei.

Ó palavra doce e amorável aos ouvidos do pecador, pois, vós, Senhor Deus meu, convidais o pobre e o indigente à comunhão do vosso santíssimo corpo!

Mas, quem sou eu, para ousar aproximar-me de vós?

Eis que não vos podem conter os céus dos céus e vós dizeis: Vinde a mim todos!

3. Que significa esta piedosa condescendência e tão inestimável convite?

Como ousarei acercar-me de vós, sem que sinta em mim algum bem, em que possa confiar?

Como vos poderei introduzir em minha casa, depois de ter eu pecado tantas vezes, diante de vossa face amorável?

Temem os anjos e arcanjos; temem os santos e os justos; e vós dizeis: Vinde a mim todos!

Se vós, Senhor, não houvésseis dito isto, quem o acreditaria? E se o não mandásseis, quem ousaria aproximar-se de vós?

4. Eis que Noé trabalhou durante cem anos, na construção de uma arca, para salvar-se com poucos; e como poderei eu, em uma hora, preparar-me para receber, com reverência o Criador do mundo?

Moisés, vosso grande servo e particular amigo, fez uma arca de madeiras incorruptíveis e revestiu-a de ouro puríssimo, para depositar nela as tábuas da lei; e eu, miserável criatura, ousarei, tão facilmente, receber o autor da lei e dispensador da vida?

Salomão, o mais sábio dos reis de Israel, levou sete anos a edificar em louvor de vosso nome templo magnífico e celebrou, durante oito dias, a festa de sua dedicação; ofereceu mil hóstias pacíficas e ao som das trombetas, entre aclamações de júbilo, colocou, solenemente, a Arca da Aliança no lugar que lhe fora preparado.

E, infeliz de mim, como poderei eu, o mais pobre dos homens, receber-vos em minha casa, quando apenas sei empregar, devotamente, meia hora? E oxalá que, ao menos uma vez, empregasse, dignamente, essa meia hora!

5. Ó Deus meu, que esforços não empregaram esses vossos servos para vos agradar?

Ai, quão pouco é o que eu faço!

Quão breve é o tempo que gasto em preparar-me para comungar!

Raras vezes bem recolhido; raríssimas, livre de toda a distração.

E, certamente, na salutar presença da vossa divindade, nenhum pensamento impuro deveria assaltar-me e de nenhuma criatura preocupar-me; pois não a um anjo, mas ao Senhor dos anjos, eu devo hospedar.

6. Há, todavia, mui grande diferença entre a Arca da Aliança, com as suas relíquias e o vosso puríssimo corpo, com as suas inefáveis virtudes; entre aqueles sacrifícios legais, que prefiguravam os futuros e a verdadeira hóstia do vosso corpo, complemento de todos os antigos sacrifícios.

7. Por que razão, pois, não me abraso mais na vossa presença?

Por que não me preparo com maior solicitude, para receber os vossos divinos mistérios, quando aqueles santos anciãos, patriarcas e profetas, mesmo reis e príncipes, com todo o povo, em geral, demonstraram tanta devoção e tanto afeto ao culto divino?

8. O piedosíssimo rei Davi, com toda a efusão de sua alma, dançou diante da Arca de Deus, lembrado dos benefícios outrora concedidos a seus pais; fez instrumentos de formas diversas, compôs salmos e ordenou que fossem, jubilosamente, cantados e, inspirado pela graça do Espírito Santo, ele mesmo, muitas vezes, os cantou ao som da harpa; ensinou o povo de Israel a louvar, de todo o coração, a Deus e, com vozes acordes, cada dia, bendizê-lo e exaltá-lo.

Se tamanha era então a devoção e o fervor divino diante da Arca do Testamento, quanta reverência e devoção devo ter eu e todo o povo cristão, na presença do Sacramento e na recepção do preciosíssimo corpo de Cristo?

9. Correm muitos a diversos lugares, para visitar as relíquias dos santos e maravilharem-se à narração dos seus feitos; admiram a grandeza dos templos e beijam os sagrados ossos, envoltos em seda e ouro.

E eis que vós, Santo dos santos, Criador dos homens, Senhor dos anjos, estais presente diante de mim, no altar!

Muitas vezes é a curiosidade e a novidade das coisas, que levam os homens a essas romarias e pouco fruto de emenda se tira,

principalmente, quando as peregrinações são feitas sem verdadeira contrição!

Aqui, porém, no Sacramento do altar, vós estais todo presente, Deus e homem, Cristo Jesus; aqui se colhe copioso fruto de salvação, todas as vezes que vós fordes digna e devotamente recebido.

A isso não nos arrasta leviandade, curiosidade ou sensualidade; senão fé robusta, esperança viva e caridade sincera.

10. Ó Deus, invisível Criador do mundo, quão admirável é o vosso modo de proceder para conosco! Que doçura e bondade dispensais aos vossos eleitos, a quem vos ofereceis como alimento, neste Sacramento!

Isto, na verdade, excede toda a compreensão humana, atrai, particularmente, corações piedosos, inflamando-Ihes o afeto!

Porque verdadeiros fiéis, que empregam toda a sua vida na própria emenda, frequentemente recebem deste inefável Sacramento copiosas graças de fervor e amor da virtude.

11. Ó graça admirável e oculta do Sacramento, conhecida somente dos fiéis servos de Cristo; os infiéis e os escravos do pecado não a podem experimentar!

Nesse Sacramento se confere a graça espiritual, se recobra a força perdida, se readquire a beleza deformada pelo pecado.

Tamanha é esta graça que, pela plenitude da devoção que ela inspira, não só a alma, mas também o frágil corpo, sente haver recebido maiores forças.

12. É muito para chorar e lastimar a nossa tibieza e negligência, por não nos sentirmos atraídos, com maior afeto, receber a Cristo, em quem reside toda a esperança e todo o mérito dos que se hão de salvar!

Porque ele é a nossa santificação e redenção, o conforto dos viandantes, o gozo eterno dos santos.

É deveras lamentável que tantos considerem tão pouco este salutar mistério, que alegra o céu e conserva o mundo universo.

Ó cegueira e dureza do coração humano, que tão pouco aprecia este inefável dom e chega mesmo, pelo uso quotidiano que dele faz, a cair na indiferença.

13. Com efeito, se este Santíssimo Sacramento fosse celebrado em um só lugar e somente um padre, em todo o mundo, pudesse consagrar,

imagine-se com que solicitude acudiriam os homens àquele lugar e a tal sacerdote, para assistirem à celebração dos divinos mistérios!

Agora, porém, há muitos padres e em muitos lugares se oferece o Cristo, a fim de que tanto mais se manifestem a graça e a caridade divinas para com os homens, quanto, mais largamente, se difunde pelo mundo a sagrada comunhão.

Graças vos sejam dadas, bom Jesus, Pastor eterno, que vos dignastes alimentar-nos a nós, pobres exilados, com o vosso Corpo e precioso Sangue, convidando-nos, por palavras saídas dos vossos lábios, à participação desses mistérios, quando dizeis: Vinde a mim vós todos, que estais em trabalhos e aflições e eu vos aliviarei.

REFLEXÕES

Todo o culto da Antiga Aliança não era mais que leve sombra dos mistérios do Homem-Deus. Davi celebra com pompa o regresso da arca a Jerusalém, mas a arca estava vazia, não encerrava o Salvador do gênero humano. Salomão edifica um templo magnífico; faz na presença de um povo penetrado de respeito, sua dedicação solene, milhares de vítimas são imoladas, mas que são estas vítimas? Vis animais cujo sangue não pode aplacar a soberana justiça. O mundo continuava na esperança da salvação anunciada, quando eis que no momento predito se cumprem "as promessas percebidas e saudadas de longe pelos patriarcas, durante sua peregrinação na terra. O desejado das nações, o dominador do mundo, o anjo da aliança, aquele cujo nome é Javé, vem ao seu templo e o verdadeiro sacrifício de propiciação substitui para sempre os sacrifícios figurativos" (Hb 11,3; Ag 2,8; Ml 3,1; Jo 23,6).

No fundo do tabernáculo, debaixo do véu do santuário repousa a Hóstia sempre viva, o "Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo". O mesmo "que está sentado à direita do Pai" está ali presente, e sua voz nos chama: "Tomai e comei, isto é o meu Corpo; bebei, isto é o meu Sangue, o Sangue da Nova Aliança, derramado pela remissão dos pecados. Vinde pois, eu sou o Pão da vida; o que vier a mim nunca mais terá sede. Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia" (Jo 1,29; Is 53,7-11; Hb 1,3; Mt 26,27-28; Jo 5,35-45).

Senhor, creio e adoro; minha alma, cheia de desejo, lança-se para vós, e logo grande temor a embarga, porque quem sou eu para ousar aproximar-me de meu Deus? Quando considero as minhas fraquezas, minha baixeza e profunda miséria, não tenho senão um sentimento, uma palavra: "Retirai-vos de mim, porque sou homem pecador. Contudo, ó Jesus, os pecadores é que viestes chamar e não os justos" (Lc 5,8; Mt 9,13).

Por isso, batendo no peito e implorando vossa misericórdia, "levantar-me-ei e irei", irei com fé viva, com ardente desejo, ao "Filho, ao Verbo resplendor da glória de Deus e figura de sua substância", ao Salvador divino que nos purifica de nossos pecados, que se incorpora à sua criatura, para a elevar até si, irei e direi: "Senhor, não sou digno que entreis em minha casa, mas dizei uma só palavra e minha alma será salva" (Lc 15,18; Hb 1,3; Mt 8,8).

CAPÍTULO II

Como neste Sacramento se manifesta aos homens a grande bondade e o amor de Deus

1. A alma fiel: — Senhor, cheio de confiança na vossa bondade e grande misericórdia, a vós me chego, qual enfermo ao seu Salvador, faminto e sequioso à fonte da vida, indigente ao rei do céu, escravo ao Senhor, criatura ao Criador, angustiado ao meu piedoso consolador.

Mas, donde mereci a graça de virdes a mim? Quem sou eu, para que vos deis a mim?

Como ousa o pecador aparecer diante de vós? E vós, como vos dignais vir ao pecador?

Conheceis o vosso servo e sabeis que não há nele bem algum, que lhe mereça esta graça.

Confesso, pois, a minha baixeza, reconheço a vossa bondade, louvo a vossa misericórdia e rendo-vos graças pela vossa excessiva caridade.

Certamente por vós mesmo o fazeis, não por meus méritos; a fim de que me seja melhor revelada a vossa bondade, mais amplamente infundida a vossa caridade e mais perfeitamente inculcada a humildade.

E já que assim vos apraz e ordenastes, com alegria recebo a graça que vos dignastes fazer-me; oxalá não lhe ponham estorvo os meus pecados!

2. Ó dulcíssimo e benigníssimo Jesus, que reverência, que ações de graças com perpétuo louvor, não vos devemos, pela recepção do vosso sacratíssimo corpo, cuja excelência nenhum homem pode explicar!

Mas, que hei de considerar nesta comunhão, ao aproximar-me do meu Salvador, a quem não posso, devidamente, reverenciar e, todavia, desejo receber com devoção?

Que pensamento melhor e mais salutar do que humilhar-me, profundamente, diante de vós e exaltar a vossa infinita bondade para comigo?

Eu vos louvo, Deus meu, e vos exalto para sempre; desprezo-me e submeto-me a vós, no abismo da minha miséria!

3. Vós sois o Santo dos santos, eu, a escória do pecado!

Vós vos inclinais para mim, que nem sou digno de erguer os olhos para vós!

Vindes a mim, quereis estar comigo, me convidais para o vosso banquete!

Quereis nutrir-me com o vosso manjar celeste, o pão dos anjos, que não é outra coisa senão vós mesmo, pão vivo, que descestes do céu e dais vida ao mundo.

4. Eis a fonte do vosso amor, de onde se irradia a vossa misericórdia! Que ações de graças e louvores vos são devidos!

Oh! Quão salutar e proveitoso foi o vosso desígnio, ao instituirdes este Sacramento! Suave e delicioso banquete, em que a vós mesmo vos destes em alimento!

Ó admirável caridade, Senhor, a vossa! Quão grande o vosso poder, quão inefável a vossa palavra!

Dissestes e tudo se fez e fez-se o que vós ordenastes.

5. Coisa admirável e digna de fé, acima de toda a compreensão humana, é que vós, Senhor, Deus meu, estejais encerrado sob as modestas espécies de pão e vinho e, sem ser consumido, sirvais de alimento ao que vos recebe!

Vós, Senhor do universo inteiro, que de ninguém precisais, quisestes, por vosso Sacramento, habitar em nós! Conservai puro o meu coração e o meu corpo, a fim de que, com alegre e pura consciência, possa mais amiúde celebrar os vossos mistérios e recebê-los para a minha eterna

salvação, visto que os instituístes e ordenastes, principalmente, para vossa glória e memória perene do vosso amor.

6. Alegra-te, minha alma e dá graças a Deus por tão nobre dom, que ele te deixou neste vale de lágrimas.

Todas as vezes que renovas este mistério e recebes o corpo de Cristo, outras tantas renovas a obra da tua redenção e te tornas participante de todos os méritos de Cristo.

Porque a caridade de Cristo nunca diminui nem se esgota a grandeza de sua propiciação.

Prepara-te, pois, para este ato com uma renovação espiritual constante e considera, atentamente, este grande mistério de salvação.

Quer celebres ou assistas à missa, esse sacrifício deve parecer-te tão grande, tão novo e suave como se, nesse dia, Cristo, pela primeira vez, descendo no seio da Virgem, se fizesse homem e, pendente da cruz padecesse e morresse pela salvação dos homens.

REFLEXÕES

O apóstolo São João transportado em espírito à celestial Jerusalém viu no meio do trono de Deus, um Cordeiro como degolado, e em torno dele os sete espíritos que Deus envia por toda a terra e vinte e quatro anciãos; e os anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo nas mãos harpas e taças cheias de perfumes que são as orações dos santos; e cantavam um cântico novo em louvor do que foi morto e que nos remiu para Deus, de toda tribo, de toda língua, de todo povo e de toda nação e milhares de anjos levantavam suas vozes e diziam: "O Cordeiro que foi imolado é digno de receber poder, dignidade, sabedoria, fortaleza, honra, glória e bênção!" E todas as criaturas que estão no céu, na terra e no mar diziam: "Ao que está sentado no trono e ao Cordeiro bênção, honra, glória e poder pelos séculos dos séculos!" (Ap 5).

Eis aqui outro espetáculo. Este mesmo Cordeiro que recebe, em seu trono eterno, a adoração dos anjos e dos santos, e abrange toda a glória dos céus, "vem a nós cheio de doçura" e velado com as aparências de pão, dá-se a suas pobres criaturas, para santificar nossa alma, alimentá-la e também nosso corpo pela união substancial de sua Carne com nossa carne, de seu Sangue com nosso sangue, encarnando-se, por assim dizer,

de novo em cada um de nós, e cumprindo de modo inefável pela comunicação íntima conosco o grande sacrifício da Cruz (Mt 21,5).

Ó Cristo, Filho de Deus vivo, quão admiráveis são vossos caminhos! Quem me explicará tão impenetrável mistério? Se subo ao Céu, ali vos vejo no seio do Pai, todo radioso de seu resplendor. Se desço à terra, ali vos vejo também no coração do homem pecador, indigente, miserável! E como se não bastasse vir a este ser caído em baixeza, quando ele vos deseja, vos chama, vós o convidais primeiro, o chamais com instância e lhe dizeis: "Vinde, vinde a mim todos os que estais em pecado e eu vos perdoarei, vinde todos os atribulados e eu vos consolarei. Vinde, desejo ardentemente comer convosco esta Páscoa" (Mt 20,5; 9,28).

Oh! Quão excessivo é vosso amor, meu Deus. Lembrai-vos quem sois, ou antes permiti, Senhor que eu nunca o esqueça e chegue à vossa mesa eucarística com o mesmo respeito que os anjos têm em vossa presença, tremendo de reverência, com coração cheio do sentimento de sua indignidade, penetrado de vossas misericórdias e abrasado daquele mesmo amor inesgotável, imenso, eterno, que vos leva a descer a ele, e enchê-lo de vossas graças.

CAPÍTULO III

Da utilidade da Comunhão frequente

1. A alma fiel: — Senhor, eis que venho a vós para utilizar-me da vossa munificência e alegrar-me no vosso santo banquete, que, na vossa ternura, ó Deus, preparastes para o pobre.

Eis que em vós se acha tudo o que eu posso e devo desejar; sois a minha salvação e redenção, esperança e fortaleza, honra e glória minhas.

Alegrai, pois, hoje, a alma de vosso servo porque para vós, Senhor Jesus, elevei o meu espírito. Desejo receber-vos agora com devoção e reverência; desejo introduzir-vos em minha casa para que mereça, como Zaqueu, ser abençoado por vós e contado entre os filhos de Abraão.

A minha alma suspira por vosso corpo; o meu coração deseja unir-se a vós.

2. Dai-vos a mim e isto me basta; porque, fora de vós, não há conforto que sirva.

Sem vós não posso estar e sem a vossa visita não posso viver.

Importa, pois, que frequentemente a vós me chegue e vos receba, como remédio de minha salvação, a fim de que, à falta do celestial alimento, não venha a desfalecer no caminho.

Assim foi, misericordiosíssimo Jesus, que pregando aos povos e curando várias enfermidades, dissestes: Não quero despedi-los em jejum, para que não desfaleçam no caminho.

Fazei, pois, o mesmo comigo, pois vos deixastes ficar neste Sacramento, para consolação dos fiéis.

Vós sois a suave refeição da alma e quem vos receber dignamente, tornar-se-á participante e herdeiro da glória eterna.

Com efeito, a mim, que tantas vezes caio e peco, tão depressa desanimo e desfaleço, mui necessário me é que eu, por frequentes orações, confissões e recepção do vosso sagrado corpo, me renove, purifique e afervore, pois que, abstendo-me por mais tempo de comungar, decairei do meu santo propósito.

3. Os sentidos do homem, desde a sua adolescência, são inclinados ao mal e, se o não socorre a medicina divina, logo cai o homem em coisas piores.

E assim a santa comunhão aparta do mal e confirma no bem.

Na verdade, se agora, comungando ou celebrando, tamanha é a minha tibieza e negligência, que seria se eu não tomasse este remédio e não buscasse tão poderoso socorro?

E ainda que eu não esteja, todos os dias, apto para comungar, nem bastante disposto para celebrar, empregarei todo o cuidado para, no tempo conveniente, receber os divinos mistérios, tornando-me participante de tão grande graça.

Porque a principal e única consolação da alma fiel, enquanto peregrina em corpo mortal, longe de vós, é lembrar-se, mais amiúde, de seu Deus e receber, com todo o fervor, o dileto de seu coração.

4. Ó admirável prova de vossa condescendência para conosco! Vós, Senhor meu Deus, Criador e vivificador de todos os espíritos, vos dignais vir à minha pobre alma, para saciar a sua fome, com a vossa divindade e humanidade!

Oh! Ditoso o coração, bem-aventurada a alma, que merece receber, devotamente, o seu Deus e Senhor e se inebria de gozo espiritual!

Que grande Senhor ela recebe! Quão amável hóspede agasalha! Que agradável companheiro admite! Que fiel amigo aceita! Quão belo e nobre esposo abraça, digno por excelência de ser estimado acima de tudo o que se pode desejar e amar!

Emudeçam, diante de vós, dulcíssimo amado meu, o céu e a terra e todos os seus ornatos, porque tudo o que eles têm de glória e beleza é por munificência da vossa liberalidade; nunca chegarão à beleza do vosso nome, cuja sabedoria é infinita.

REFLEXÕES

Assim como devemos ter grande cuidado de nos examinar antes de comer o Pão e beber o Cálice do Senhor, assim também devemos acautelar-nos de não nos afastarmos da Mesa sagrada por falso respeito e temor excessivo. Por mais que façamos seremos sempre infinitamente indignos de tal favor; ninguém é puro, ninguém é santo diante daquele que é a própria santidade. Porém, quando o Salvador nos diz: Vinde, ele conhece nossa miséria, e para curá-la insiste para que vamos a ele. Vamos pois, não como o fariseu hipócrita dando graças a Deus em nosso coração por não sermos como os outros homens. Deus rejeita com horror este orgulho de consciência que disfarça a si mesma sua chaga secreta. Vamos, mas como o publicano, com os olhos baixos, batendo no peito e dizendo: "Senhor, tende compaixão deste pobre pecador" (Lc 18,11-13). Não resta nenhuma dúvida de que devemos preparar-nos pela penitência, pelo retiro, pela oração e dor dos pecados para a comunhão do Corpo e do Sangue de Jesus Cristo; porém, depois de nos havermos preparado sinceramente e de toda a nossa alma, seria fazer injúria ao Redentor recusar seus dons, seria privar-nos voluntariamente de graças preciosíssimas, abundantíssimas, eficacíssimas para nossa santificação; seria, enfim, renunciar à vida do cristão, porque diz o Salvador, "quem não comer a Carne do Filho do Homem e não beber seu Sangue não terá a vida em si" (Jo 6,54).

Devemos aspirar continuamente por este "Pão descido do Céu"; sem cessar devemos pedi-lo. Nutrimo-nos dele, para que destrua o princípio de morte que em nós deixou o pecado. "Senhor, dai-nos sempre deste pão", do qual dissestes que dá a vida eterna. "Ó Senhor, dai-me sempre

deste pão! Quem não terá dele fome? Quem não desejará sentar-se à vossa mesa? Quem poderá jamais deixá-la?" (Jo 6,33-34).

CAPÍTULO IV

Dos grandes dons concedidos aos que comungam fervorosamente

1. A alma fiel: — Senhor e Deus meu, preveni o vosso servo com as bênçãos da vossa doçura, para que, digna e piedosamente, possa aproximar-se do vosso augusto Sacramento.

Atraí para vós o meu coração, tirai-o deste profundo entorpecimento. Visitai-o com a vossa graça salutar, a fim de que eu possa antegozar as delícias que dimanam deste Sacramento, como de abundante fonte.

Iluminai também os meus olhos, para que contemple tão grande mistério; fortificai-me para que possa crer nele com fé inabalável.

Porque é obra vossa e não do humano poder; instituição sagrada vossa e não invenção do homem.

Ninguém, com efeito, de si mesmo é capaz de conceber e compreender essas coisas, que transcendem até a própria inteligência angélica.

Que, pois, poderei eu, pecador indigno, pó e cinza, investigar e compreender de tão profundo e sagrado mistério?

2. Senhor, na simplicidade do meu coração, com firme e sincera fé e obediente a vosso mandado, a vós me chego, com esperança e reverência; verdadeiramente creio que vós, Deus e homem, estais presente aqui no Sacramento.

Quereis, pois, que vos receba e a vós me una pela caridade.

Por isso imploro a vossa clemência, suplico-vos especial graça para que me desfaça em vós e me consuma em amor, sem cuidar de nenhuma outra consolação.

Na verdade, este altíssimo e digníssimo Sacramento é a salvação da alma e do corpo, remédio para todas as enfermidades espirituais; nele se curam os vícios, refreiam-se as paixões, diminuem ou são vencidas as tentações; por ele se infunde maior graça, aumenta-se a virtude incipiente, revigora-se a esperança e se dilata a caridade!

3. Ó Deus meu, amparo de minha alma, que curais todas as enfermidades humanas, verdadeiramente, são inúmeros os bens que vós

nos tendes dispensado com largueza neste Sacramento e continuais a fazê-lo, ainda mais abundantemente, aos vossos amigos, que, com fervor, vos recebem na comunhão.

Porque muito conforto lhes infundis em suas várias tribulações e os levantais do abismo do próprio abatimento à esperança da vossa proteção, os recreais e iluminais com certa e nova graça e assim os que, antes da comunhão, se achavam inquietos e sem devoção, uma vez alimentados com o manjar e a bebida celestiais, se encontram mudados para melhor.

Tudo isso prodigalizais aos vossos eleitos, para que evidentemente conheçam e patentemente experimentem quanto, por si mesmos, são fracos e as graças e os benefícios que de vós alcançam; visto como, de si mesmos frios e tíbios, por vossa graça se tornam fervorosos, alegres e devotos.

Quem, porventura, aproximando-se, humildemente, da fonte da suavidade, não recebe dela um pouco de doçura?

Ou quem, estando perto de grande fogo, deixará de sentir algum calor?

E sois vós a fonte sempre cheia e superabundante, o fogo ardente que nunca se apaga.

4. Por isso, se não me é dado tirar água, abundantemente, de tal fonte, nem fartar-me dela à saciedade, porei, todavia, os lábios à mina celeste, para sorver ao menos algumas gotinhas, que me refrigerem a sede e não morra de secura.

E se não posso ser ainda todo celeste, nem tão abrasado como um querubim ou serafim, procurarei, no entanto, insistir na devoção e preparar meu coração, a fim de, pela humilde recepção deste vivificante Sacramento, poder alcançar ao menos tênue fagulha do divino incêndio.

O que me falta, ó bom Jesus, Salvador Santíssimo, supri-o benigna e graciosamente, vós que vos dignastes nos chamar a todos, dizendo: Vinde a mim todos vós que estais em trabalhos e aflições e eu vos aliviarei.

5. Na verdade, trabalho com o suor de meu rosto; o meu coração está cheio de angústia; acabrunham-me os meus pecados; vivo atribulado de tentações; envolto e oprimido de muitas e más paixões; e não há ninguém que me possa socorrer e salvar, senão vós, meu Deus e meu Salvador, em cujas mãos me entrego com tudo o que me pertence, para que me guardeis e conduzais à vida eterna.

Recebei-me para louvor e glória de vosso nome, já que me preparastes o vosso corpo e o vosso sangue para comida e bebida.

Concedei-me, Senhor Deus, Salvador meu, que, pela frequente recepção deste vosso mistério, aumente em mim o fervor da devoção.

REFLEXÕES

Estando Cristo nosso Salvador próximo a deixar a terra, prometeu a seus discípulos enviar-lhes o Espírito consolador e este divino Espírito nos é dado nos Sacramentos da Nova Aliança. Amor substancial do Pai e do Filho "ele ajuda a nossa fraqueza, porque não sabemos pedir como convém, mas o Espírito pede por nós com gemidos inefáveis e aquele que perscruta os corações sabe o que deseja o Espírito porque ele pede para os santos o que é segundo Deus" (Rm 8,26-27).

Por uma invisível operação tão suave quão poderosa, inclina este divino Espírito livremente nossa vontade para o bem, purifica-a, eleva-a para Deus. Ele é nossa fortaleza, como o Verbo é nossa luz. Ora, quando possuímos em nós Jesus Cristo, possuímos também o Verbo e participamos de todos os dons que o Verbo e o Espírito Santo que dele procedem, derramam incessantemente sobre a humanidade santa do Salvador, feito um conosco pela comunhão de seu Corpo e seu Sangue, de sua Alma e Divindade, que são inseparáveis. "Nele estão todas as riquezas da plenitude da inteligência, todos os tesouros da sabedoria e da ciência soberana, e estes tesouros ele os oforece para nós no sacramento da Eucaristia; dispensa-se-nos segundo nossas necessidades estas celestiais riquezas, enquanto o Espírito consolador nos abrasa de suas chamas divinas que consomem os últimos vestígios do pecado, nos dão um gosto antecipado da felicidade celestial e nos preparam a gozar dela plenamente quando tivermos chegado ao feliz termo de nossa peregrinação na terra" (CI 2, 23).

Ide, pois, à fonte das graças, ide ao sacramento do altar, ide a Jesus. "E a quem iremos, Senhor? Vós só tendes as palavras de vida eterna". Lânguidos, vós nos fortaleceis; aflitos, vós nos consolais; agitados pelas tempestades que dentro e fora de nós se levantam "mandais aos ventos que se acalmem e logo vem a bonança" (Jo 6,69; Mc 4,39).

Ó Jesus, "vosso amor nos impele" e minha alma desfalece no ardor de unir-se a vós. Este é todo o meu desejo, não tenho outro, não quero senão

a vós, ó meu Deus! Oh! Quando poderei dizer: "Meu amado é meu e eu sou dele; já não sou eu que vivo, é Jesus Cristo que vive em mim"? (2Cor 5,14; Ct 2,16; Gl 2,20).

CAPÍTULO V

Da dignidade do Sacramento e do estado sacerdotal

1. Cristo: — Ainda que tivesses a pureza dos anjos e a santidade de João Batista, mesmo assim não serias digno de receber nem de administrar este Sacramento.

Porque não é devido aos méritos dos homens que se consagra e administra o Sacramento de Jesus Cristo e se recebe em alimento o pão dos anjos.

Grande mistério e grande dignidade dos sacerdotes, aos quais é dado o que aos anjos não foi concedido!

Porquanto, somente os sacerdotes, legitimamente ordenados pela Igreja, têm o poder de celebrar e consagrar o corpo de Cristo.

Na verdade, o sacerdote é o ministro de Deus; usa das palavras de Deus, por ordem e instituição divina; mas Deus é aqui o principal autor, agente invisível, a cuja vontade tudo está sujeito, a cujo aceno tudo obedece.

2. Neste augustíssimo Sacramento, deves, pois, crer mais na onipotência divina que em teus próprios sentidos ou em qualquer sinal visível; por isso dele te deves aproximar com temor e reverência.

Olha para ti e considera o ministério, que te foi confiado pela imposição das mãos do bispo. Foste ordenado e consagrado sacerdote para poder celebrar; procura agora, a seu tempo, oferecer a Deus o sacrifício, fiel e devotamente, e levar vida irrepreensível.

Não se te diminui o encargo; ao contrário, estás agora mais apertadamente ligado aos vínculos da disciplina e obrigado à maior perfeição e santidade.

O sacerdote deve estar ornado de todas as virtudes e dar aos outros o exemplo de vida santa. Seus costumes não devem parecer-se com a vida vulgar e comum dos homens senão com a dos anjos no céu ou a dos homens perfeitos na terra.

3. O sacerdote revestido dos paramentos sagrados faz as vezes de Cristo, para suplicar e rogar a Deus, humildemente, por si e por todo o

povo.

Traz na frente e nas costas o sinal da cruz do Senhor, para que, de contínuo, se recorde de sua Paixão.

Traz diante de si a cruz na casula, para que diligentemente, considere as pisadas de Cristo e trate de as seguir.

Está assinalado com ela nas costas, para que sofra por amor de Cristo qualquer injúria que outrem lhe fizer.

Diante de si traz a cruz, para chorar os próprios pecados; atrás de si, para deplorar também os alheios e para que saiba que está constituído medianeiro entre Deus e o pecador e, por isso, não deixe de orar e oferecer o santo sacrifício até que mereça alcançar graça e misericórdia.

Quando o sacerdote celebra, honra a Deus, alegra os anjos, edifica a Igreja, auxilia os vivos, sufraga os mortos e faz-se participante de todos os bens.

REFLEXÕES

Para compreender a grandeza do sacerdócio cristão, é necessário considerar os caracteres que o distingue imutavelmente e formam como que o selo divino com que foi marcado em sua origem. Primeiramente é um: "assim como não há senão um Deus, assim também não há senão um Mediador de Deus e dos homens, Jesus Cristo, Apóstolo, Pontífice de nossa fé, sempre vivo para interceder em nosso favor" (Tm 2,5; Hb 3,1; 7,25).

Todo sacerdote, no exercício de suas celestiais funções, representa Jesus Cristo, ou antes é o mesmo Jesus Cristo que só opera verdadeiramente o que anunciam as palavras e as ações de seu ministro, é o único a ligar e a desligar, o único que dispensa a graça, o único que imola e oferece a seu Pai a vítima de propiciação que é também uma, porque "Jesus, entrando por seu Sangue uma só vez no Santo dos santos, adquiriu a redenção eterna" (Hb 9,12; 7,27),

Assim é que, um sacrifício, um sacerdócio, um sacerdote, o qual em sua sublime hierarquia é o pontífice invisível dos bens futuros, "multiplica-se visivelmente em todos os ângulos da terra para continuar sua grande missão até o fim dos séculos" (Hb 10,11; Mt 28,20).

E não só o sacerdócio é um, é também universal, porque "todos os povos foram dados em herança a Jesus Cristo e desde o nascente até ao

poente em todos os lugares deve consumar-se o sacrifício e a oferenda para serem apresentados ao Senhor" (Ml 1,11; Sl 2,8).

É eterno, porque desde toda a eternidade, Deus disse a seu Cristo: "Tu és meu Filho, hoje te gerei" e noutro lugar: "Tu és sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedec" (Hb 5,5; 6,20).

É santo, porque convinha que tivéssemos tal Pontífice, santo, puro, imaculado, separado dos pecadores, elevado acima dos céus; "e até os demônios vencidos por aquele que possui o sacerdócio eterno" lhe deram este testemunho: "Sabemos que és o Santo de Deus" (Hb 7,26; Mc 1,24).

Oh! Quão sublime, quão elevada é a dignidade do sacerdote! Mas quão tremenda! Associado ao poder de Cristo Pontífice, em unidade de seu sacerdócio, ministro com ele e nele o sacrifício da cruz, renovado cada dia no altar, de modo incruento, distribuidor do Pão da vida, do Corpo e Sangue do Redentor, sobre os quais lhe foi dado poder, revestido da missão do Filho de Deus pela salvação do mundo, seus deveres são proporcionados a tão alta vocação; a ele particularmente foi dito: "Sê santo, porque eu o Senhor teu Deus sou santo". Pobre pecador, tão fraco, tão enfermo, como poderei eu elevar-me, ó Jesus, à santidade que de mim exigis? Tremo só em pensar nisso e perderia toda a esperança se vossa bondade não se dignasse dar-me alento, dizendo: "Isto é impossível aos homens, porém tudo é possível a Deus" (Lv 19,2; Mt 29,26).

CAPÍTULO VI

Pergunta concernente à preparação para a Comunhão

1. A alma fiel: — Senhor, quando penso na vossa dignidade e na minha baixeza, tremo de pavor e fico, de todo, confuso.

Porque, se não me aproximo de vós, fujo da vida; se me apresento indignamente, incorrerei em vossa indignação.

Que farei, pois, Deus meu, auxílio e conselheiro meu em todas as necessidades?

2. Ensinai-me o caminho reto, mostrai-me algum breve exercício, conveniente à sagrada comunhão.

Porque é útil saber com que devoção e reverência devo preparar o meu coração para, com fruto, receber vosso Sacramento, assim como para celebrar tão sublime e divino sacrifício.

~

REFLEXOES

Se é preciso "preparar sua alma antes da oração" quanto mais necessário não será preparar-se o homem antes de chegar à mesa eucarística? Por isso disse o Apóstolo: "Experimente-se o homem a si mesmo antes de comer deste Pão e beber deste cálice, porque quem come ou bebe indignamente come sua condenação não discernindo o Corpo do Senhor" (Ecl 28,23; 1Cor 11,28-29).

Mas ah! Meu Deus, quanto mais me examino mais indigno me reconheço de unir-me a vós no Sacramento adorável de vosso Corpo e de vosso Sangue, e contudo "se não comer vossa Carne e beber vosso Sangue, não terei a vida em mim", de sorte que estou dividido entre o desejo de assentar-me ao banquete sagrado ao qual convidais vossos fiéis e o temor de ouvir estas terríveis palavras: "Por que entrastes aqui sem estar com a veste nupcial? Amarrai-o de pés e mãos e lançai-o nas trevas exteriores, onde há choro e ranger de dentes" (Jo 6,54; Mt 22,12-13).

Que farei? Ah! Eis o que hei de fazer. Apresentar-me-ei tal qual sou, despojado, despido, miserável, diante de meu Deus e Senhor e lhe direi: Tende compaixão de mim, Senhor, e dignai-vos revestir-me com a veste limpa que me tornará digno de ser admitido na sala do festim. Se não vierdes em meu socorro, se não suprirdes a minha Indigência, serei, ó meu Mestre, para sempre excluído de vossa sagrada mesa; mas vós lançareis sobre este pobre pecador olhos de compaixão; vireis a ele em vossa bondade, em vossa misericórdia infinita e vossa mão se estenderá para cobrir minha nudez. "Em vós, Senhor, esperei; não serei confundido para sempre" (Sl 31,2).

CAPÍTULO VII

Do exame de consciência e do propósito de emenda

1. Cristo: — Antes de tudo deve o sacerdote de Deus, para celebrar, administrar e receber este Sacramento, aproximar-se com profunda humildade de coração, fé plena, súplice reverência ereta intenção de honrar a Deus.

Examina, diligentemente, a tua consciência e, quanto possível, procura, com verdadeira dor e humilde confissão, limpá-la e purificá-la, de modo

que nada tenhas ou conheças de grave, que cause remorso ou impeça o livre acesso a mim.

Detesta, em geral, todos os teus pecados e, mais em particular, dói-te e geme pelas faltas quotidianas que cometes.

E, se o tempo permite, confessa a Deus, no recesso de tua alma, todas as misérias das tuas paixões.

2. Geme e chora por seres ainda tão carnal e mundano, tão imortificado em teus afetos; tão cheio de movimentos de concupiscência; tão pouco recatado nos sentidos; tão embaraçado com muitas vãs imaginações; tão inclinado às coisas exteriores; tão negligente nas interiores; tão dado ao riso e às diversões; tão insensível às lágrimas e à compunção; tão pronto para a relaxação e comodidades do corpo; tão indolente para as austeridades e o fervor; tão curioso para ouvir novidades e ver coisas belas; tão remisso em abraçar as humildes e abjectas. Chora e geme também por seres tão cobiçoso de possuir muito, tão parco em dar e tenaz em reter; tão inconsiderado no falar, tão insofrido no calar; tão descomedido nos costumes, tão precipitado nas ações; tão desordenado no comer, tão lento na audição da palavra de Deus; tão presto para o repouso, tão lento para o trabalho; tão atento às frivolidades, tão sonolento nas santas vigílias; tão pressuroso por chegar ao fim, tão vago na atenção; tão negligente na recitação das horas, tão tíbio, tão árido na comunhão; tão depressa distraído, tão raro perfeitamente recolhido; tão inclinado à ira, tão fácil em descontentar aos outros; tão precipitado em julgar, tão severo em repreender; tão alegre na prosperidade, tão abatido na adversidade; tão fecundo em bons propósitos, tão estéril em boas obras.

3. Confessadas e deploradas essas e outras faltas, com pesar e vivo sentimento de tua fraqueza, faze firme propósito de emendar a tua vida e melhorá-la continuadamente.

Depois, com plena resignação e inteira vontade, oferece-te a ti mesmo, no altar de teu coração, entregando, confiadamente, em perpétuo holocausto o teu corpo e a tua alma, para que assim mereças oferecer, dignamente, a Deus, o sacrifício e receber, com fruto, o Sacramento do meu corpo.

4. Não há, certamente, oferenda mais digna, nem maior satisfação para apagar os pecados, do que oferecer-se a si mesmo, pura e inteiramente,

com a oblação do corpo de Cristo, na missa e na comunhão.

Se o homem fizer o que está em suas mãos e se arrepender, verdadeiramente, quantas vezes vier a mim para me pedir perdão e graça, por minha vida, diz o Senhor, eu não quero a morte do pecador, mas que se converta e viva; não me lembrarei mais dos seus pecados, mas todos lhe serão perdoados.

REFLEXÕES

Não há coisa mais útil ao cristão nem mais indispensável para comungar dignamente do que descer à sua consciência e perscrutar com saudável severidade seus tristes esconderijos. Temos em nós mesmos como que a imagem do reino das trevas. Aí vive, cresce e se propaga a inumerável família dos vícios, nascidos da tríplice concupiscência que infetou a vida humana em sua origem. Quem examinar seriamente seu coração, nele achará o germe de tudo o que é mau: soberba atrevida e violenta ou disfarçada e astuciosa, curiosidade desmedida, apetites insaciáveis, o ódio acompanhado da injúria, do ultraje e da calúnia, a inveja, mãe do homicídio, a avareza que diz continuamente: "Traz, traz", a dureza de alma, as alegrias culpáveis do espírito, e, posto que estas sementes de morte não se desenvolvam em cada homem no mesmo grau, todos as têm em si e só a graça as pode mais ou menos domar e reprimir. Tal é, depois do pecado original, a herança dos filhos de Adão (Pr 30,15).

Quem não "exclamará a Deus do fundo desta grande miséria" para implorar dele auxílio e misericórdia? "Deus abandona os que escondem seus crimes e perdoa aos que os acusam" (Sl 130,1; Pr 28,13).

Movido de compaixão a favor dos pecadores, instituiu Jesus Cristo o Sacramento da Penitência que os regenera no Sangue do Cordeiro, e os reveste da inocência primitiva. Eis a veste nupcial necessária para participar do banquete do Esposo. Vós que andais oprimidos com o peso de vossos pecados, dai-vos pressa, ide, com dor sincera e amorosa esperança, aliviar-vos aos pés daquele que, no tribunal da penitência, faz as vezes do Filho de Deus. Ide e humilhai-vos, ide e chorai: a mão divina enxugará vossas lágrimas e restabelecidos em graça com Deus, em paz convosco, cantareis com alegria o hino do perdão: "Ditosos aqueles cujas iniquidades foram perdoadas e cobertos seus pecados! Feliz aquele a

quem o Senhor não imputou seu crime e cujo coração não é fraudulento!" (Sl 32,1-2).

CAPÍTULO VIll

Da oblação de Cristo na cruz e da própria resignação

1. Cristo: — Assim como eu, com as mãos estendidas na cruz e o corpo nu, me ofereci, espontaneamente, a Deus, meu Pai, pelos teus pecados, de modo que nada restasse em mim que não fosse aplicado em sacrifício para reconciliar-te com Deus, assim também deves tu, todos os dias, na missa, oferecer-te, voluntariamente, a mim, em pura e santa oblação, com todas as forças e todos os afetos de que sejas capaz.

Que outra coisa quero eu de ti, senão que te esforces por te entregar perfeitamente a mim? Tudo o que me deres com exclusão de ti mesmo, deixo de parte; porque não procuro a tua dádiva, mas a ti.

2. Assim como não te bastariam todas as coisas sem mim, assim não me pode agradar o que sem ti me ofereceres.

Oferece-te a mim, entrega-te, inteiramente a Deus e será aceita a tua oblação.

Olha, eu me ofereci todo a meu Pai por ti; dei também a ti todo o meu corpo e todo o meu sangue em alimento, para que eu fosse todo teu e tu, inteiramente, meu.

Se, porém, continuas apegado a ti mesmo e não te ofereces, espontaneamente, não será plena a tua oblação, nem haverá perfeita união entre nós.

É mister, pois, que às tuas obras preceda o abandono espontâneo de ti mesmo, nas mãos de Deus, se queres conseguir graça e liberdade.

Poucos são iluminados e livres interiormente, porque são poucos os que sabem de todo renunciar a si mesmos.

A minha sentença é irrevogável: Quem não renunciar a tudo, não pode ser meu discípulo. Se, pois, desejas ser meu discípulo, oferece-te a mim com todos os teus afetos.

REFLEXÕES

Muito fraca e incompleta seria a ideia que se fizesse do sacrifício da Cruz se nele só se visse o que aparece, por assim dizer, aos sentidos. Jesus

Cristo ofereceu não só seu sacrossanto Corpo e todos os sofrimentos e angústias que pode suportar a natureza humana, mais ainda sua Alma santíssima intimamente unida ao Verbo divino, todas as suas dores, todos os seus afetos, todas as suas vontades e a agonia e desamparo que arrancou de seu Coração este último grito: "Meu Pai, por que me desamparaste?" (Mt 27,47).

Neste estado representava ele a humanidade inteira condenada a morrer e o homem com efeito foi ferido de morte até nas mais secretas profundidades de seu ser. Então "tudo foi consumado", o suplício e a redenção. Ora, cada vez que o sacerdote sobe ao altar e renova, segundo a instituição divina, este inefável sacrifício, cada vez que o fiel participa da vítima imolada, o fiel e o sacerdote devem oferecer-se como Jesus Cristo se ofereceu: seu sacrifício unido ao do Redentor, deve ser como o dele, sem reserva, porque nós também estamos pregados na cruz e com Jesus Cristo e por Jesus Cristo, sofremos por nós e por nossos irmãos, vivos e defuntos, por toda a grande família humana, o que fez dizer a São Paulo estas pasmosas palavras: "Alegro-me dos meus sofrimentos por causa de vós; e o que falta à Paixão de Jesus Cristo eu o completo em minha carne, por seu Corpo que é a Igreja"; não sem dúvida porque não fosse a Paixão do Salvador mais que superabundante para "tirar o pecado do mundo", e satisfazer a justiça divina, mas porque cada um de nós deve reproduzi-Ia em si e porque "sendo nós os membros de um só corpo que é o de Cristo, tudo o que sofremos ele o sofre conosco, de sorte que nossos sofrimentos vêm a ser como uma parte de sua própria Paixão" (1Cor 12,26-27; 2Cor 1,5; Jo 1,29; 12,27).

Ó Jesus, convosco me ofereço, todo inteiro e sem reserva. Eis-me sobre o altar; descarregai o golpe, Senhor, consumai o sacrifício; destruí tudo o que em mim há do homem velho, os desejos terrenos, os afetos carnais, as propensões ilícitas, a lei dos sentidos que me atormentam, este corpo de pecado que me entorpece o espírito; então com a alma enlevada em vós e os olhos fitos na cruz direi: "Tudo está consumado!".

CAPÍTULO IX

Como nos devemos oferecer a Deus, com tudo o que é nosso e orar por todos

1. A alma fiel: — Senhor, vosso é tudo o que há no céu e na terra.

Desejo oferecer-me a vós em oblação e ser vosso para sempre.

Senhor, na simplicidade de meu coração, hoje me ofereço a vós, para vos servir para sempre em obséquio e sacrifício de louvores.

Recebei-me com a oblação santa do vosso precioso corpo, que hoje vos faço, na presença dos anjos, que assistem, invisivelmente, a este sacrifício; a fim de que seja para salvação minha e de todo o vosso povo.

2. Senhor, todos os meus pecados e delitos, que diante de vós e dos vossos santos tenho cometido, desde o dia em que, pela primeira vez, pequei até este momento, eu os deponho sobre o vosso altar de propiciação, para que vós a todos os consumais e extingais no fogo da vossa caridade, apagueis todas as manchas dos meus pecados, purifiqueis a minha consciência de toda a culpa; e me restituais a vossa graça, que perdi pelo pecado, perdoando-me inteiramente tudo e admitindo-me, na vossa presença, ao ósculo de paz.

3. Que posso eu fazer em expiação dos meus pecados, senão confessá-los com humildade e chorá-los, implorando, incessantemente, a vossa misericórdia?

Rogo-vos, meu Deus, que me ouçais propício; aqui, onde estou, na vossa presença.

Detesto, verdadeiramente, todos os meus pecados e proponho nunca mais pecar; arrependo-me deles e me hei de arrepender enquanto viver, disposto a fazer penitência e satisfazer segundo as minhas forças.

Perdoai-me, meu Deus, perdoai, pelo vosso santo nome, os meus pecados; salvai a minha alma, que remistes com o vosso precioso sangue.

Eis que à vossa misericórdia me abandono, entrego-me às vossas mãos.

Tratai-me segundo a vossa bondade, não segundo a minha malícia e iniquidade.

4. Ofereço-vos também todas as minhas obras, ainda que poucas e imperfeitas, a fim de que as emendeis e purifiqueis, de modo que eu, negligente, inútil e miserável, qual sou, possa ser por vós conduzido a bom e ditoso fim.

5. Ofereço-vos também as piedosas aspirações das almas fervorosas, todas as necessidades dos meus pais, amigos e irmãos, das minhas irmãs, de todos os que me são caros, dos que por vosso amor a mim e a outros

tenham feito bem; também de todos os que desejaram e me pediram orações e missas por si e pelos seus, quer ainda estejam vivos ou hajam passado deste mundo; para que todos sintam sobrevir-lhes o auxílio da vossa graça, o lenitivo do vosso conforto, a vossa proteção nos perigos e a libertação das suas penas; e, livres de todos os males, vos rendam, com júbilo, afetuosas ações de graças.

6. Ofereço-vos ainda preces e hóstias de propiciação, especialmente por aqueles que, em alguma coisa, me tenham ofendido, contristado ou censurado, qualquer tenha sido o prejuízo ou agravo que me tenham causado.

Também por todos os que, algumas vezes, contristei, molestei, perturbei e escandalizei, por ignorância ou com advertência, com obras e palavras, para que, igualmente, nos perdoeis todos os nossos pecados e ofensas mútuas.

Tirai, Senhor, dos nossos corações toda a suspeita, impaciência, cólera, todo o espírito de discórdia e tudo o que possa lesar a caridade e diminuir o amor fraterno.

Compadecei-vos, Senhor meu Deus, dos que imploram a vossa clemência, concedei a vossa graça a nós, que somos tão necessitados e fazei que vivamos de tal sorte que nos tornemos dignos de gozar da vossa graça e alcançar a vida eterna. Amém.

REFLEXÕES

Depois de se ter purificado pelo Sacramento da penitência e se ter unido inteiramente a Jesus Cristo, hóstia propiciatória pela salvação dos homens, oferece-se o sacerdote também por ele e por si mesmo para que a virtude do sacrifício que vai perfazer lhe seja aplicada a ele, a seus irmãos e a todos aqueles por quem Jesus Cristo, sacrificador e vítima, se consumou na cruz. Como o Salvador se imolou por ele, quer ele também imolar-se pelo Salvador, não viver senão para sua glória e morrer por ele. Suplica-lhe se digne consumir no fogo de seu amor tudo o que nele resta de impuro e terrestre. Deposita, de certo modo, no altar, seus pensamentos, afetos, vontades e desejos, todo o seu ser, a fim de revestir-se em Jesus Cristo de vida nova, da vida "segundo Deus" que faz com que o homem não viva mais para si, senão para aquele que morreu e ressuscitou por ele (Mt 9,14; 1Pd 6,6; 2Cor 5,15).

Assim aniquilado na presença do soberano Senhor, e como banhado já no Sangue que pede perdão, intercede por seus parentes, amigos benfeitores, até por seus inimigos, por aqueles que o aborrecem e perseguem, abraçando em sua caridade, imensa como a de Cristo, todas as criaturas que ele remiu, todos os filhos do Pai celestial, "que faz brilhar o sol para os bons e para os maus" (Mt 5,45).

Elevado pela unção sacerdotal entre o céu e a terra, cobre por assim dizer, todo o gênero humano com sua oração e seu amor. Vê-o num estado de morte pelo pecado, e seus desejos o ressuscitam à vida, semelhante ao Mediador supremo que "nos dias de sua vida mortal, oferecendo com gemidos e lágrimas orações e súplicas àquele que pode salvar da morte, foi ouvido por causa de seu respeito". Sim, a salvação vem do Senhor; ele fez brilhar as maravilhas de seu Santo. Sacerdotes do Deus vivo, oferecei-lhe o sacrifício de justiça. Eu vos invocarei, Senhor. Vós ouvireis a minha voz desde a manhã; ao raiar do dia me apresentarei diante de vós, entrarei em vossa morada e, cheio de temor, vos adorarei em vosso santo templo, e todos os que esperam em vós se alegrarão e exultarão de eterna alegria, porque vós habitais neles" (Mt 5,45; Hb 5,7; Sl 3,9; 4,4-6; 5,4-12).

CAPÍTULO X

Como não se deve deixar facilmente a sagrada comunhão

1. Cristo: — Frequentemente deves recorrer à fonte da graça e da misericórdia divina, da bondade e de toda a pureza, para que possas ficar curado das tuas paixões e te tornes mais forte contra as tentações e astúcias do demônio.

Conhecendo o inimigo, o grande fruto e o supremo remédio que há na sagrada comunhão, se esforça, por todos os modos e ocasiões, por impedir e afastar dela, quanto pode, as almas fiéis e piedosas.

2. Com efeito, alguns, quando se preparam para a sagrada comunhão, experimentam as piores sugestões de satanás.

O espírito maligno, como está escrito no livro de Jó, mete-se entre os filhos de Deus, para com a sua costumeira perversidade, os perturbar ou os fazer demasiadamente tímidos e escrupulosos, a fim de lhes diminuir

a devoção ou, por meio de argúcias, arrancar-lhes a fé, para que deixem, de todo, a comunhão ou se cheguem a ela com tibieza.

Não se deve fazer o menor caso dos seus artifícios e embustes, por mais torpes e horrendos sejam; ao contrário, todas essas imaginações devem ser atiradas à face do inimigo.

Caia sobre esse miserável todo o desprezo e irrisão, sem que as investidas e perturbações, que suscita, façam omitir a comunhão.

3. Muitas vezes também causa embaraço o exagerado desejo de fervor e uma ansiedade sobre a confissão que se vai fazer.

Procede segundo o parecer dos entendidos e deixa esse desassossego e escrúpulo, que estorvam a graça de Deus e inutilizam o fervor da alma.

Por causa de qualquer pequena perturbação ou desânimo não omitas a sagrada comunhão; vai antes confessar-te sem demora, perdoando, de coração, aos outros todas as ofensas.

Se, porventura, ofendeste a alguém, pede-lhe com humildade, perdão e, de boa vontade, Deus te perdoará.

4. De que serve retardar a confissão ou adiar a sagrada comunhão?

Purifica-te quanto antes, vomita sem detença o veneno e apressa-te em tomar o remédio e achar-te-ás melhor que em adiar por mais tempo.

Se hoje te impede um motivo, amanhã talvez outro maior sobrevenha e assim te afastarás por muito tempo da comunhão e cada vez te sentirás menos digno dela.

O mais cedo que possas, sacode de ti esta languidez e tibieza, porque de nada serve alguém se deixar ficar na inquietação e, nessa ânsia, privar-se dos divinos mistérios, por causa dos embaraços quotidianos.

Antes prejudica muito adiar a comunhão por largo tempo, porque isto costuma produzir grave torpor.

Que lástima! Alguns há tão tíbios e pusilânimes, que gostam de espaçar a confissão e desejam que lhes seja adiada a comunhão, para não serem obrigados a maior vigilância sobre si mesmos!

5. Ai! Quão pouca é a caridade e fraco o fervor dos que, tão facilmente, põem de parte a santa comunhão!

Quão ditoso seria e como agradaria a Deus quem de tal modo vivesse e tão pura guardasse a sua consciência, que estivesse preparado para comungar diariamente, se lhe fosse permitido e o pudesse fazer sem causar reparo!

Se, algumas vezes, por espírito de humildade ou por outra causa legítima, alguém se abstém da comunhão, digna de louvor é a sua reverência.

Insinuando-se-lhe, porém, a tibieza, deve reanimar-se e fazer o que está em si, e o Senhor, que considera, especialmente, a boa vontade, atenderá ao seu bom desejo.

6. Quando, porém, alguém está legitimamente impedido, conserve sempre a boa vontade e piedosa intenção de comungar e assim não ficará privado do fruto do Sacramento.

Porque todo o fiel, em qualquer dia e hora, pode, sem estorvo e com fruto, comungar espiritualmente.

Todavia, em certos dias e no tempo determinado, deve receber, sacramentalmente, o corpo do seu Redentor, com afetuosa reverência, procurando mais a glória e honra de Deus, que a sua própria consolação.

Porque todas as vezes que comunga misticamente e se alimenta com o invisível banquete, outras tantas medita, devotamente, nos mistérios da Encarnação e da Paixão de Cristo e se inflama no seu amor.

7. Quem se prepara para a comunhão somente quando se aproxima uma festa ou o costume o obriga, muitas vezes não estará preparado.

Bem-aventurado aquele que se oferece a si mesmo a Deus em holocausto, todas as vezes que celebra ou comunga!

Não sejas, ao celebrar, nem mui apressado, nem mui vagaroso, mas guarda o justo meio termo daqueles com quem vives.

Não deves causar incômodo nem enfado aos demais; ao contrário, trilha o caminho ordinário, segundo a instituição dos nossos maiores e atende mais ao proveito do próximo que à tua própria devoção e afeto.

REFLEXÕES

Que seja necessário excitar os cristãos a aproximarem-se da mesa eucarística, a nutrirem-se do Pão de vida, recebendo em seu peito "o autor e consumador da fé", o Salvador dos homens, o Verbo de Deus, que eles busquem por todos os lados pretextos para se afastarem do sacramento de seu Corpo e olhem como dura obrigação o dever que Ihes impõe a Igreja de participar, em certo tempo do Corpo e Sangue de Jesus Cristo, é coisa tão estupenda e temerosa que a alma foge deste pensamento como fugiria à vista do inferno (Hb 12,2).

Porém, entre os fiéis que o amor convida ao banquete sagrado do Esposo, alguns há que, enganados por tristes e falsas doutrinas ou retidos pelos escrúpulos de uma consciência excessivamente timorata, não se julgam nunca suficientemente preparados, e se privam voluntariamente da divina Eucaristia, por causa do mesmo respeito que lhes inspira este augusto Sacramento.

Sem dúvida, devemos examinarmo-nos a nós mesmos segundo o preceito do Apóstolo. Sem dúvida, seria para desejar que os que comem o Pão dos anjos tivessem toda a pureza daqueles celestiais espíritos, porém, aquele que conhece nossa miséria e que veio para curá-la, não exige que o homem seja perfeito para chegar à fonte das graças. Pede somente que ele se tenha purificado pela penitência e que traga ao pé do altar "um coração contrito e humilhado", arrependimento sincero de suas culpas, vontade reta, amor ardente (Sl 51,19).

Ao mesmo tempo que Jesus repele de si os fariseus, soberbos observadores da lei, acolhe benignamente a pecadora, compadece-se de seu humilde arrependimento, abençoa suas lágrimas e lhe perdoa com estas doces palavras: "Muitos pecados lhe são perdoados porque teve grande confiança em minha misericórdia" (Lc 7,47).

Muitas vezes as aparentes delicadezas de consciência que separam os escrupulosos por muito tempo da comunhão escondem grande orgulho. Em vez de se abandonarem aos conselhos do guia que faz as vezes de Deus, querem essas pessoas guiarem-se e julgarem-se a si mesmas; erro funesto, cujo último termo, termo inevitável é ou o desespero ou tremenda presunção. Não deixes nunca o caminho da obediência; todos os outros conduzem à perdição. Se te proibirem aproximar-te da mesa eucarística, abstém-te e chora. E que motivo mais legítimo para chorar? Se disserem: Vai a Jesus no sacramento de seu amor; aproxima-te com alegria. Nenhuma disposição iguala o sacrifício inteiro da razão humana e da própria vontade; tem em tudo e sempre a singeleza de criança. A simplicidade do coração é cara a Deus; ele abençoa-a para o tempo e para a eternidade.

CAPÍTULO XI

Como o Corpo de Cristo e a Sagrada Escritura são sumamente necessários à alma fiel

1. A alma fiel: — Dulcíssimo Senhor Jesus, que doçura experimenta a alma devota admitida ao vosso convívio, no qual outra não é a refeição, que se lhe oferece, senão vós mesmo, seu único amado, o mais caro penhor de todos os anelos de seu coração!

Certamente ser-me-ia agradável derramar, diante de vós, lágrimas de ternura e, como a piedosa Madalena, banhar os vossos pés com o meu pranto.

Mas onde está essa copiosa efusão de santas lágrimas?

Por certo que o meu coração deveria ficar, inteiramente, abrasado e chorar de alegria na vossa presença e na dos vossos santos anjos! Pois neste Sacramento vos tenho verdadeiramente presente, ainda que oculto sob estranhas espécies.

2. Como os meus olhos não podiam contemplar-vos na vossa própria e divina claridade e nem o mundo inteiro poderia subsistir diante do esplendor da glória da vossa majestade; por isso condescendestes com a minha fraqueza ocultando-vos neste Sacramento.

Possuo realmente e adoro aquele, diante de quem se prostram os anjos do céu; mas eu não o vejo agora senão pela fé, ao passo que eles o veem às claras e sem véu.

Importa que eu me contente com a luz da verdadeira fé e por ela me conduza, até que surja o dia da claridade sempiterna e que as sombras das figuras se dissipem.

Quando, porém, chegar o que é perfeito, cessará o uso dos sacramentos, porque os bem-aventurados, no paraíso celeste, não precisam da medicina sacramental.

Gozam, na verdade de alegria infinda, na presença de Deus, face à face, contemplando a sua glória; e, transformados de luz em luz, no abismo da divindade, fruem do Verbo de Deus feito carne, como foi no princípio e permanecerá eternamente.

3. Lembrando-me de tais maravilhas, tudo me causa tédio até mesmo o conforto espiritual; porque, enquanto não vejo, claramente, o Senhor Deus meu, em sua glória, tenho por nada tudo o que eu possa ver e ouvir neste mundo.

Vós me sois testemunha, meu Deus, de que nenhuma coisa me pode consolar, nem criatura alguma sossegar-me, senão vós, Deus meu, a

quem desejo contemplar eternamente!

Impossível, porém, é consegui-lo nesta vida mortal.

Importa, pois, que tenha grande paciência e me submeta a vós, em todos os meus desejos.

Com efeito, Senhor, os vossos santos, que agora exultam convosco no reino dos céus, esperaram, com muita fé e paciência, enquanto viveram, a vinda da vossa glória; o que eles creram, eu o creio, o que eles esperaram, eu o espero, aonde eles chegaram, confio que pela vossa graça, chegarei também.

No entanto, confortado com o exemplo dos santos, caminharei na fé.

Terei ainda os livros santos para consolação e espelho de vida e, mais que tudo, o vosso santíssimo corpo como remédio e excelente refúgio.

4. Reconheço, porém, que, neste mundo, duas coisas se me fazem, essencialmente, necessárias, sem as quais ser-me-ia impossível suportar esta miserável vida. Enquanto eu permanecer detido no cárcere deste corpo, confesso que necessito de duas coisas: alimento e luz.

Foi por isso que me destes, a mim, enfermo, o vosso sagrado corpo para me servir de sustento corporal e espiritual e deixastes a vossa palavra como luz, para iluminar os meus passos.

Sem estas duas coisas não poderia viver bem, por ser a palavra de Deus a luz da alma e o vosso Sacramento o pão da vida.

Podem ser consideradas duas mesas, dispostas de um e de outro lado no tesouro da santa Igreja. Uma, a do altar sagrado, contém o pão santo, isto é, o precioso corpo de Cristo.

A outra, a da lei divina, encerra a santa doutrina, que ensina a verdadeira fé e conduz, com segurança, até o interior do santuário, onde está o Santo dos santos.

5. Graças vos dou, Senhor Jesus, luz da luz eterna, pela mesa da santa doutrina, que nos destes por meio dos profetas, apóstolos, doutores e outros servos vossos.

Graças vos sejam dadas, Criador e Redentor dos homens, que, para manifestardes a todo o mundo a vossa caridade, preparastes a grande ceia, na qual destes a comer não o simbólico cordeiro mas o vosso sacratíssimo corpo e sangue, alegrando a todos os vossos fiéis servos neste sagrado convívio, inebriando-os com o cálice da salvação, onde se

acham todas as delícias do paraíso e banqueteiam conosco os santos anjos; mas de modo mais suave e feliz.

6. Ó quão grande e digno de veneração é o ministério dos sacerdotes, aos quais é dado consagrar com palavras santas o Deus de toda a majestade, bendizê-lo com os lábios, tocá-lo com as mãos, recebê-lo na própria boca e administrá-lo aos outros!

Como devem ser limpas as mãos, pura a boca, santo o corpo, imaculado o coração do sacerdote, onde tantas vezes entra o autor de toda a pureza!

Da boca do sacerdote, que amiúde recebe o Sacramento de Cristo, não deve sair palavra que não seja santa, honesta e edificante.

7. Modestos e castos devem ser seus olhos, que costumam contemplar o corpo de Cristo; puras e erguidas para o céu as mãos que tantas vezes tocam o Criador do céu e da terra.

Aos sacerdotes, especialmente, foi dito na lei: Sede santos, porque eu, o Senhor vosso Deus, o sou.

8. Deus onipotente, assista-nos a vossa graça, para que nós, que assumimos o ministério sacerdotal, possamos servir-vos, digna e fervorosamente, com toda a pureza e boa consciência. E, se não podemos viver com tanta inocência, como o devemos, concedei-nos, ao menos que choremos, sinceramente, as nossas culpas, e, em espírito de humildade e propósito de boa vontade vos sirvamos daqui por diante, com mais fervor.

REFLEXÕES

O que é a terra? Desterro, vale de lágrimas, como lhe chama a Igreja. O homem aí busca nas trevas a verdade que é a vida da inteligência. Busca, no meio de males sem número um bem que ele mal conhece, bem imenso, inestimável, eterno, que é a vida de seu coração. E tudo o que ele busca lhe escapa. A dúvida, a opinião, o erro, a incerteza cansam sua razão enfraquecida. O que ele pensou serem bens muda-se em amargura. No fundo de tudo acha o vazio e o aborrecimento. Se está só, sua alma recai penosamente em si mesma; tem necessidade de conforto, porém prejudica-se pondo nos homens sua confiança! Disfarçam-se para o surpreender, e para o enganar profanam o sagrado nome de amigo. Com aparência de estima e com o sorriso nos lábios, armam-lhe ciladas nas

trevas e quando, à força de astúcias, de mentiras e de negras calúnias, o envolveram em suas redes, de repente desmascaram-se, caem sobre ele e o dilaceram como a hiena dilacera a presa que lhe caiu nas garras. Lamentável condição! Deus, porém, não abandonou sua criatura nos extremos da miséria. Ilumina-a com sua palavra, sustenta-a com sua graça, anima-a, consola-a com a fé de vida melhor, pela esperança de possuir, depois dos dias de provação, o bem a que aspira, bem infinito que é ele mesmo. E estes dons maravilhosos de um amor inefável, reunidos, concentrados, de certo modo na divina Eucaristia, aí se oferecem a nossos desejos sem outra medida a não ser a destes próprios desejos.

Todas as vezes que participamos deste augusto sacramento, recebemos em nós a Sabedoria, a luz incriada, o Verbo divino, a palavra viva. Recebemos o Autor da graça, o consumador da fé, o penhor imortal de nossa esperança; a Carne crucificada por nós incorpora-se em nossa carne, o Sangue que remiu o mundo mistura-se com nosso sangue. Um ósculo santo estreita nossa alma à bendita alma do Redentor. Sua divindade nos penetra e consome em nós tudo o que o pecado havia corrompido; o amigo fiel repousa em nosso peito: "põe-me como um selo sobre o coração, porque o amor é mais forte que a morte", não vemos senão o Amado, não temos outra vida senão a sua, e a tristeza de nossa peregrinação desvanece-se nas alegrias do Céu (Ct 8,6).

CAPÍTULO XII

Do grande cuidado com que se deve preparar quem vai receber a Cristo

1. Cristo: — Eu sou o amigo da pureza e a origem de toda a santidade.

Busco um coração puro e aí é o lugar de meu repouso.

Prepara-me um grande cenáculo bem adornado e celebrarei em tua casa a Páscoa com os meus discípulos.

Se queres que eu me aproxime de ti e permaneça contigo, lança fora o velho fermento e limpa a morada do teu coração.

Desterra de ti tudo o que é do século e todo o tumulto dos vícios e solitário como o passarinho no telhado, repassa, pela memória, todos os teus pecados na amargura da tua alma.

Quem ama alguém, lhe prepara o melhor e o mais belo aposento, porque assim revela o afeto com que o acolhe.

2. Sabe, não obstante, que, por teu próprio mérito, jamais poderás realizar essa preparação, ainda que empregasses um ano inteiro e não tivesses outro pensamento.

Mas só por minha graça e bondade te é permitido chegar à minha mesa, como se o mendigo fosse convidado ao jantar de um rico e que, nada possuindo para retribuir aos benefícios, se humilhasse e lhe agradecesse.

Faze o que puderes; faze-o com fervor e diligência; não por costume, nem por necessidade, mas com temor, respeito e afeto recebe o corpo do teu amado Senhor e Deus, que se digna vir a ti. Sou eu quem te chamou, quem mandou que assim se fizesse; suprirei o que te falta; vem receber-me.

3. Quando te concedo o dom do fervor, rende graças a Deus; não que sejas digno, mas porque usei de misericórdia para contigo.

Se não o tens, mas te sentes árido, insiste na oração, geme, bate à porta e não cesses até que mereças alcançar uma migalha ou uma gota da salutar graça.

Tu necessitas de mim, eu não preciso de ti.

Não és tu que me vens santificar; mas eu é que te venho santificar e fazer melhor.

Tu vens para que, santificado por mim e a mim unido, recebas nova graça e te afervores para a emenda.

Não desprezes esta graça; mas, com todo o cuidado, prepara o teu coração e nele faze entrar o teu amado.

4. É necessário ainda que não seja apenas antes da comunhão que te excites à devoção; mas também que a conserves com diligência, após a recepção do Sacramento. Não menor é a vigilância que se exige depois da comunhão, do que a fervorosa preparação anterior; pois que essa boa vigilância posterior é, novamente, ótima preparação para alcançar maior graça.

Por isso, certamente, muito indisposto se torna quem, logo depois da comunhão se entrega às consolações exteriores.

Guarda-te de falar demasiadamente, fica em retiro e goza do teu Deus; possuis aquele que o mundo inteiro não te pode roubar.

Eu sou aquele a quem te deves dar sem reserva, de modo que possas, livre de toda solicitude, viver não já em ti, senão em mim.

REFLEXÕES

A preparação para celebrar a nova Páscoa compreende duas coisas: é preciso purificar o Cenáculo e é preciso orná-lo, isto é, para receber dignamente o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo deve a alma estar primeiramente isenta de manchas, deve ter-se lavado nas águas da penitência e depois ornar-se com a prática das virtudes que a tornam agradável a Deus. O que agrada ao Senhor, o que chama suas graças é profunda humildade, sumo desprezo de si mesmo, fé viva, abandono perfeito à sua vontade, o desapego das coisas terrenas e o desejo dos bens celestiais, "a caridade que é paciente, branda e benigna, não é invejosa, não cuida mal, não faz mal a ninguém, não é presunçosa, não tem ambição de própria honra e proveito, não pretende nunca fazer mal, antes ajuda com alegria a verdade e aborrece a maldade, que tudo sofre, tudo crê, tudo espera e tudo suporta"; caridade verdadeiramente divina e, segundo a doutrina do grande Apóstolo, preferível a tudo o que há de mais elevado. "Ainda que eu falasse, diz ele, todas as línguas dos homens, e a dos anjos, se não tivesse a caridade seria como sino que soa e retine. Ainda quando tivesse o dom da profecia, penetrasse todos os mistérios, possuísse toda a ciência e fosse tamanha minha fé que pudesse transportar os montes, se não tivesse a caridade, não seria nada. E ainda quando distribuísse todos os meus bens aos pobres e entregasse meu corpo às chamas, se não tivesse caridade, tudo isto não me serviria de nada" (1Cor 13,4-7; 1-3).

Alma cristã, que aspiras ao banquete nupcial, imita pois as virgens prudentes: "toma azeite necessário, acende tua lâmpada, para ir esperar o Esposo, "porque as virgens cujas lâmpadas estiverem apagadas, ouvirão aquela palavra terrível: "Na verdade, não vos conheço!" (Lc 25,4-15)

CAPÍTULO XIII

Como a alma fervorosa deseja unir-se com Cristo no Sacramento

1. A alma fiel: — Senhor, quem me dera achar-me a sós convosco para vos abrir todo o meu coração e entrar no gozo pelo qual suspira a minha

alma; e que ninguém se preocupasse comigo, nem criatura alguma lançasse as vistas sobre mim, mas vós só me falásseis e eu a vós, como costuma falar o amante com o seu amado e conversar o amigo com o seu amigo!

Isto peço, isto desejo: unir-me inteiramente a vós, desprender o meu coração de todas as coisas criadas e, pela sagrada comunhão ou frequente celebração dos divinos mistérios aprender a gostar mais das coisas celestes e eternas.

Ah! Senhor Deus, quando estarei tão unido a vós, todo absorto em vós, que me esqueça completamente de mim!

Vós em mim e eu em vós; concedei que assim permaneçamos unidos.

2. Vós sois, na verdade, o amigo extremoso, escolhido entre milhares, no qual a minha alma se compraz de habitar todos os dias de sua vida.

Verdadeiramente vós sois o meu rei pacífico; em vós está a suma paz e o verdadeiro repouso, não havendo fora de vós senão trabalho, dor e infinita miséria.

Vós sois verdadeiramente o Deus escondido; não vos comunicais com os ímpios, tratais, porém, com os humildes e os simples.

Quão suave, Senhor, é o vosso espírito, que, para mostrardes aos vossos filhos a vossa doçura vos dignastes alimentá-los com o suavíssimo pão que desceu do céu.

Em verdade não há outro povo tão grande que tenha deuses tão próximos de si, como vós, Deus nosso, estais perto de todos os vossos filhos, aos quais vos dais em alimento para consolação quotidiana e para elevar-lhes o coração ao céu.

3. Que povo haverá mais nobre do que o povo cristão?

Que criatura haverá, debaixo do céu, tão querida como a alma fiel, a quem Deus se comunica para sustentá-la com sua carne gloriosa?

Oh! Graça inefável! Oh! Admirável bondade!

Oh! Amor imenso, reservado só ao homem!

Mas que darei ao Senhor por tal mercê, por tão singular caridade?

Nada mais agradável posso oferecer a Deus, que lhe dar todo o meu coração para me unir, intimamente, com ele.

Quando a minha alma estiver perfeitamente unida a Deus, exultarão de júbilo todas as minhas entranhas; e dir-me-á ele: Se queres ficar comigo, também eu quero ficar contigo. E responderei eu: Dignai-vos, Senhor,

permanecer comigo, pois ardentemente desejo ficar convosco; outro desejo não tenho, que unir meu coração ao vosso.

REFLEXÕES

"A vós me abandono, meu Deus; à vossa unidade para ser um convosco; à vossa infinidade e incompreensível imensidade para nelas me abismar e nelas esquecer-me inteiramente; à vossa sabedoria infinita para nela ser governado segundo vossos desígnios, e não segundo meus pensamentos; a vossos decretos eternos, conhecidos e desconhecidos para com eles me conformar, porque são todos igualmente justos; à vossa eternidade para fazer dela minha felicidade; à vossa onipotência para estar sempre debaixo de vossa mão; à vossa bondade paternal para que no tempo que houverdes marcado, recebais meu espírito em vossos braços; à vossa justiça que justifica o ímpio e o pecador para que de ímpio e pecador o façais justo e santo. Esta justiça é rigorosa, mas ela é santa como todos os outros vossos atributos e não deve ser privada de seu sacrifício. A ela me entrego, em Jesus Cristo, vítima da expiação do mundo, e pelos merecimentos infinitos de meu divino Redentor espero satisfazer a vossa justiça agravada e merecer a graça de vossa misericórdia infinita" (Bossuet).

CAPÍTULO XIV

Do desejo ardente que algumas almas fervorosas têm de receber o Corpo de Cristo

1. A alma fiel: — Senhor, quão grande é a abundância da vossa doçura, que reservais para os que vos temem!

Quando me lembro, Senhor, de alguns devotos, que se aproximam do vosso Sacramento com grande fervor e afeto, fico, muitas vezes, confuso e envergonhado, por me acercar do vosso altar e da sagrada comunhão tão tíbia e friamente; por me deixar ficar em tanta aridez e sem fervor de coração; por me não abrasar, inteiramente, na vossa presença, meu Deus; por me não sentir veementemente atraído e enternecido da mesma sorte que muitos deles, que pelo grande desejo da comunhão e amor sensível do coração não podiam conter as lágrimas.

Eles pelos lábios e de coração suspiravam, ardentemente, por vós, Deus meu, fonte de água viva, não podendo de outro modo mitigar ou saciar sua fome, senão pela recepção do vosso corpo, com toda a alegria e ânsia de espírito.

2. Oh! Esta fé verdadeira e ardente é prova manifesta da vossa sagrada presença!

Estes, na verdade, reconhecem o seu Senhor ao partir do pão; porquanto se lhes abrasa vivamente o coração porque Jesus caminha com eles.

Longe está de mim, quase sempre, tal ternura e devoção, tão grande amor e tão veemente fervor!

Sede-me propício, ó bom, doce e benigno Jesus! Concedei a este vosso pobre mendigo experimentar ao menos algumas vezes, na sagrada comunhão, um pouco do entranhável afeto do vosso amor; a fim de que mais se fortaleça a minha fé, cresça a minha esperança na vossa bondade e a caridade, uma vez inflamada e alimentada com o maná celeste, nunca desfaleça.

3. Onipotente é a vossa misericórdia, para me concederdes a graça desejada e para me visitardes com tamanha clemência, inflamando-me de fervor, no dia que vos aprouver.

Certamente ainda que eu não arda em tamanhos desejos, como os vossos privilegiados devotos, todavia, almejo participar dos seus abrasados desejos, peço e suplico ter parte no fervor dos que tanto vos amam e ser incluído na sua santa companhia.

REFLEXÕES

"Antes do dia da Páscoa, sabendo Jesus que era chegada a hora de passar deste mundo a seu Pai, como tivesse amado sempre a seus discípulos, quis por fim dar-lhes a maior prova de seu amor" (Jo 13,1).

Instituiu então a divina Eucaristia, como para perpetuar sua estada no meio dos discípulos que tanto amara e de todos aqueles que havia de amar até à consumação dos séculos, cumprindo assim aquela promessa: "Não vos deixarei órfãos, virei a vós"; e veio e "habitou entre nós e vimos sua glória, a glória do Filho único do Pai, cheio de graça e de verdade" (Jo 1,14).

Verdade é que sua presença se esconde a nossos sentidos, mas não é ela menos real nem menos eficaz. Assim o creio, Senhor, assim vos adoro. Se Jesus Cristo, dando-se a nós no Sacramento do altar, se não cobrisse com um véu, e não retivesse em si parte de sua luz, se se mostrasse tal qual é "o mais formoso dos filhos dos homens e com ternura inefável, aspirando unir-se conosco, corpo a corpo, coração a coração, espírito a espírito", como diz Bossuet, nossa fraca humanidade não poderia suportar o peso de tamanha felicidade e a alma romperia seus laços mortais. Por isso quis o divino Salvador não se tornar visível senão à fé somente, e a fé basta para abrasar de tais ardores os verdadeiros fiéis, que não há nada sobre a terra que a seu amor se possa comparar (Sl 44).

Nenhuma língua pode exprimir o que se passa no segredo do coração entre o Esposo e a Esposa: aquele arroubamento, aquela tranquilidade e enlevos do desejo, aquele gozo da posse e o casto amplexo de duas almas unidas uma à outra, aquelas palavras ardentes e aquele silêncio extático. Ah! Se conhecesses o dom de Deus e quem é aquele que te diz: "dá-me de beber, tu mesmo lhe pedirias ele te daria água viva".

Todos os santos lhe pediram desta água, ele ouviu sua voz e matou-lhes a sede na fonte eterna. Pede também tu, ora, insiste, suplica: "O Esposo e a Esposa dizem: Vinde. E diga o que ouve: Vinde. Venha aquele que tem sede e receba gratuitamente a água que dá vida". E o Esposo disse: "Eu vou. Assim seja. Vinde, Senhor Jesus" (Jo 4,10; Ap 22,17-20).

CAPÍTULO XV

Como a graça da devoção se adquire pela humilde renúncia de si próprio

1. Cristo: — Importa que procures com solicitude a graça da devoção, que a peças com insistência, que a recebas com reconhecimento, a conserves com humildade, a exercites com diligência, deixando a Deus o tempo e o modo da celestial visita.

Deves principalmente humilhar-te quando te sentires com pouco ou nenhum fervor; sem, todavia, te deixares abater e afligir demasiadamente.

Muitas vezes concede Deus num momento, o que por longo tempo havia negado.

Outras vezes, dá, no fim da oração, o que no princípio recusara.

2. Se a graça fosse dada sem demora e oferecida à vontade, não seria isso conveniente à fraqueza do homem.

Donde, pois, com firme confiança e humilde paciência, deves esperar a graça da devoção.

Quando, porém, te seja recusada ou secretamente retirada, atribui a culpa a ti e aos teus pecados.

Algumas vezes, é bem pouco o que impede e desvia a graça, se é que se pode chamar pouco e não muito o que priva de tão grande bem.

Grande ou pequeno obstáculo, se o removeres e venceres perfeitamente, conseguirás o que pretendes.

3. Na verdade, quando te entregares a Deus de todo o coração, sem nisso ou naquilo procurares o teu gosto e desejo, colocando-te sem reserva nas suas mãos, achar-te-ás unido a ele e sossegado; porque nada haverá em ti mais delicioso e aprazível que o beneplácito da divina vontade.

Por isso, aquele que com simplicidade de coração elevar sua intenção para Deus e se desembaraçar de todo amor desordenado ou aversão a qualquer coisa criada, está disposto para receber a graça e digno da mercê do fervor.

Porque, onde o Senhor depara vasos desocupados, aí derrama as suas bênçãos.

E, quanto mais alguém renuncia perfeitamente às coisas da terra e morre para si mesmo, pelo próprio desprezo, tanto mais depressa lhe advém a graça, mais e mais alto se lhe ergue o coração livre.

4. Só assim verá o homem aquela opulência e o seu coração dilatar-se-á em si mesmo; porque está com ele a mão do Senhor e achar-se-á inteiramente para sempre sob a sua destra.

Desse modo será abençoado o homem que, de todo o coração, busca a Deus e cuja alma não se apegou às coisas vãs.

Esse é que na recepção da divina Eucaristia merece a graça inefável da união com Deus, porque não olha para a devoção e consolação própria, mas acima de tudo, procura a honra e glória de Deus.

REFLEXÕES

Embora devamos amar a Deus por ele só, é permitido desejar seus dons, contanto que estejamos sempre submissos à sua santa vontade. As graças

mais preciosas não são sempre as mais sensíveis, as que, por assim dizer, inundam a alma de luz e de alegria. Podem, se não tivermos cuidado, excitar a vã complacência. Muitas vezes é mais seguro andar neste mundo nas trevas da fé pura, ser provado pela tristeza, pelos sofrimentos, pela amargura e levar a cruz interior como Jesus quando exclamava: "Meu Pai, por que me abandonaste!" (Mc 15,34).

Então todo orgulho é abatido; não achamos em nós senão fraqueza, humilhamo-nos sob a mão que nos fere, mas que fere para sarar e este santo exercício da abnegação, mais meritório para a alma fiel e mais agradável a Deus que nenhum outro fervor sensível, enternece o celestial Esposo e o chama para junto da Esposa que, privada de seu Amado, "velava em sua dor, semelhante ao pássaro solitário que geme sobre o telhado" (Sl 102, 8).

Descobre-se a ela na divina Eucaristia, consola-a em sua mágoa, enxuga suas lágrimas, liberaliza-lhe suas santas carícias, abrasa-a com seu puro amor como os discípulos de Emaús, quando diziam: "Não sentíamos abrasar-se-nos o coração quando nos falava no caminho e nos explicava as Escrituras?" (Lc 24,32).

Senhor, confesso-me indigno de gozar de tão deliciosas consolações. "Conheço minha iniquidade e meu pecado está sempre diante de mim". Que me deveis vós senão rigor e castigo? E todavia ousarei implorar vossa misericórdia infinita; chegarei, com a cabeça baixa, à fonte de água viva, esperando que vossa piedade deixará cair algumas gotas em minha alma árida. "Concedei-me, Senhor, este refrigério antes que eu vá e daqui a pouco já não viverei" (Sl 29,14).

CAPÍTULO XVI

Como devemos expor a Cristo as nossas necessidades e pedir-lhe a sua graça

1. A alma fiel: — Dulcíssimo e amabilíssimo Senhor, a quem agora desejo devotamente receber, vós conheceis minhas fraquezas e a necessidade que sofro; bem sabeis em quantos males e vícios estou mergulhado, quão frequentemente me deixo apoderar de angústias e tentações, de perturbações e misérias.

Em procura de remédio a vós me chego; peço-vos alívio e conforto.

Falo a quem sabe todas as coisas, conhece todo o meu interior e é o único que pode perfeitamente, me consolar e socorrer.

Sabeis os bens de que mais necessito e quanto sou pobre de virtudes.

Eis-me, diante de vós, pobre e despojado de tudo, implorando-vos graça e misericórdia.

Dai de comer a este pobre mendigo; aquecei a minha frieza nas chamas do vosso amor; alumiai a minha cegueira com a luz da vossa presença.

Fazei que eu sinta amargo tudo o que é da terra, que leve com paciência as penas e contrariedades e que despreze todas as coisas vis e criadas.

Levantai o meu coração a vós no céu; não me deixeis vaguear sobre a terra.

Desde já para sempre, peço-vos, não encontre eu doçura senão em vós somente; porque sois o meu amor e gozo, a minha alegria e completa felicidade.

3. Oxalá me inflamásseis todo com a vossa presença, me abrasásseis e transformásseis em vós para eu me tornar um mesmo espírito convosco, pela graça de íntima união e efusão de ardente amor.

Não permitais que faminto e sedento me afaste da vossa presença, usai antes comigo da mesma misericórdia que dispensais, ininterruptamente e maravilhosamente, aos vossos santos.

Que maravilha que eu me abrasasse em vós e em mim mesmo me consumisse, sendo vós sempre ardente e inextinguível amor que purifica os corações e esclarece o entendimento!

REFLEXÕES

Não é esforçando-nos por elevar nosso espírito a pensamentos sublimes que colheremos os frutos da sagrada comunhão, mas adorando, penetrados de amor, a Jesus em nós, abrindo-lhe nosso coração com grande confiança e singeleza, "como um amigo fala a seu amigo" (Lv 33, 11).

Temos necessidades, é mister expor-lhas para que as remedie. Estamos cobertos de chagas, mostremos-lhas para que as lave em seu Sangue divino. Somos fracos, peçamos-lhe que nos dê forças. Estamos na indigência, famintos e sequiosos, digamos-lhe: tende compaixão deste pobre mendigo. Do Salvador manam todas as graças. Ouvi estas suas palavras: "Eu sou a ressurreição e a vida; o que crê em mim, ainda que

esteja morto, viverá e todo o que vive e crê em mim, não morrerá jamais. Crês isto?" (Jo 11,25-26).

Ó cristão, não te digo mais nada; Jesus Cristo é quem te fala na pessoa de Marta. Responde com ela: "Sim, Senhor, creio que sois o Cristo Filho de Deus vivo, que viestes a este mundo". Acrescenta com São Paulo: "para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro". Crê, pois, alma cristã, adora, espera, ama. Ó Jesus, correi o véu que vos esconde e possa eu ver-vos. Ó Jesus, falai em meu coração e possa eu ouvir-vos. Falai, não há mais que um momento, falai. Dai-me lágrimas para vos responder, feri o rochedo e corram em abundância as águas de um amor esperançoso e reconhecido (Jo 11,25-26; Tm 1,15).

CAPÍTULO XVII

Do ardente amor e veemente desejo de receber a Cristo

1. A alma fiel: — Senhor, com suma devoção e com ardente amor, com todo o afeto do coração desejo receber-vos na comunhão como o desejaram fazer muitos santos e pessoas piedosas, que vos eram muito caras pela santidade de vida e ardentíssima devoção.

Ó Deus meu, eterno amor, toda a minha riqueza e perene felicidade! Desejo receber-vos com a maior reverência, que nenhum dos vossos santos jamais teve ou pôde sentir!

2. E ainda que indigno de todos aqueles sentimentos de devoção, ofereço-vos todo o afeto do meu coração, como se eu tivesse aqueles gratíssimos e inflamados desejos.

Mas tudo o que uma alma piedosa pode conceber e almejar, eu vo-lo apresento e ofereço com a maior devoção e entranhável amor.

Nada reservarei para mim senão, espontaneamente e de todo o coração, imolar-me a vós, com tudo o que me pertence.

Senhor Deus, Criador e Redentor meu, com tal afeto, reverência, louvor e honra, com o mesmo reconhecimento e amor, com igual fé, esperança, caridade e respeito, vos desejo receber hoje, como vos recebeu e desejou a Virgem Maria, vossa Mãe Santíssima, quando, ao anjo, que lhe anunciou o mistério da Encarnação, respondeu, humilde e fervorosamente: Eis a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a vossa palavra.

3. E assim como o vosso bem-aventurado precursor, João Batista, o maior dos santos, quando ainda estava nas entranhas maternas, ao sentir a vossa presença, cheio de contentamento, exultou de júbilo, pelo impulso do Espírito Santo; e, depois vendo Jesus passar entre os homens, disse com profunda humildade e terno afeto: O amigo do esposo, que o assiste atento e o escuta, regozija-se à voz do esposo; assim também desejo ser inflamado com grandes e santos transportes de amor e alegria, e oferecer-me a vós com todo o afeto do meu coração.

Por isso vos ofereço e apresento o júbilo dos corações devotos, os êxtases sobrenaturais e ardentes afetos e as visões celestes, como todas as homenagens e todos os louvores que as criaturas no céu e na terra vos tributaram e hão de tributar; tudo vos ofereço por mim e por todos os que se recomendaram às minhas orações; para que sejais louvado dignamente por todos e para sempre glorificado.

4. Recebei, Senhor Deus meu, os votos e desejos de infinitos louvores e copiosas ações de graças, que são, justamente, devidas à vossa grandeza inefável.

Isso vos ofereço e quero oferecer cada dia e a todo o momento; rogo e conjuro a todos os espíritos celestes e a todos os vossos fiéis que comigo vos rendam graças e louvores.

5. Louvem-vos todos os povos, tribos e línguas; celebrem com transportes de grande júbilo e ardente fervor a santidade e doçura do vosso nome!

Graça e misericórdia mereçam achar diante de vós todos os que, com reverência e piedade, celebram o vosso augustíssimo Sacramento, ou com plena fé os recebem; e que roguem, instantemente, por mim pecador.

E, quando tiverem alcançado a almejada devoção e o gozo da união convosco, e se retirarem da sagrada mesa consolados e maravilhosamente satisfeitos, se dignem lembrar-se de mim, que sou pobre.

REFLEXÕES

Que este adorável sacramento opere em mim, ó meu Salvador, a remissão de meus pecados; purifique-me este precioso Sangue. Que ele lave todas as nódoas de que está manchada a veste nupcial que recebi no batismo para que possa sentar-me com segurança no banquete das núpcias de vosso Filho. Confesso que sou uma alma pecadora, uma

esposa infiel, que muitas vezes tenho faltado à palavra dada, mas volta, dizei-me, Senhor: Volta, eu te receberei, contanto que tragas primeiro o vestido e o anel que te colocaram no dedo como marca de tua união com o Verbo divino" (Jo 3,1).

"Dai-me, Senhor, outra vez este anel místico; revesti-me de novo, ó meu Pai, como um filho pródigo que volta a vós, com a veste da inocência e da santidade que devo levar à vossa sagrada mesa. Estes são os imortais enfeites que de nós pedis, vós que sois ao mesmo tempo o esposo, o convidado e a vítima imolada que nos serve de manjar. Neste misterioso banquete, acha se o cumprimento daquelas divinas palavras: "Quem me come viverá por mim" (Jo 6,58).

"Cumpra-se em mim esta promessa, ó meu Salvador! Sinta eu seu benéfico efeito. Transformai-me em vós e sejais vós mesmo que vivais em mim. Porém, para isto, que eu me aproxime deste banquete celestial com riquíssimos vestidos e magníficos adornos, que minha alma esteja ornada de meritórias virtudes. Que eu corra a sentar-me àquela sagrada mesa com uma alegria digna de um tal banquete e da imortal vianda que ali me dais" (Bossuet).

CAPÍTULO XVIII

Não seja o homem escrutador do Sacramento, mas humilde imitador de Cristo, submetendo seus sentidos à sagrada fé

1. Cristo: — Deves fugir da investigação curiosa e inútil deste profundíssimo Sacramento, se não queres afundar em um abismo de dúvidas.

Quem perscrutar a majestade divina, será oprimido pela sua glória.

Mais pode Deus realizar que o homem compreender.

É permitida a piedosa e humilde inquirição da verdade, sempre disposta a ser instruída e desejosa de seguir a sã doutrina dos Santos Padres.

2. Bem-aventurada a simplicidade, que deixa os caminhos difíceis das questões, para andar pela vereda plana e firme dos mandamentos de Deus.

Muitos perderam a devoção por terem querido investigar coisas mui elevadas.

Não se exige de ti sublime elevação de espírito, nem penetração dos mistérios divinos, apenas se requer fé e pureza de vida.

Se não entendes nem compreendes o que está abaixo de ti, como atingirás o que está acima?

Submete-te a Deus e sujeita o teu entendimento à fé; e ser-te-á dada a luz da ciência, conforme te seja útil e necessária.

3. Alguns são gravemente tentados no tocante à fé e ao Sacramento; porém isso não se lhes deve imputar, mas ao inimigo.

Não te inquietes, não discutas com os teus próprios pensamentos, nem respondas às dúvidas sugeridas pelo demônio; crê, porém, nas palavras de Deus, nos seus santos e profetas e fugirá de ti o malvado inimigo.

Muitas vezes é de grande proveito ao serviço de Deus passar por tais provações.

Porque o inimigo não tenta os infiéis e os pecadores, que já os tem seguros; mas os fiéis devotos tenta e atormenta de vários modos.

4. Vai, pois, com fé simples e inabalável e aproxima-te do Sacramento com profunda reverência; tudo o que não podes compreender, entrega-o tranquilamente a Deus onipotente.

Deus não te engana, mas engana-se quem demasiadamente confia em si mesmo.

Deus anda com os simples, revela-se aos humildes, dá inteligência aos pequenos, penetração às almas puras e esconde a sua graça aos curiosos e soberbos.

A razão humana é fraca e pode ser enganada; não assim a verdadeira fé.

5. O raciocínio e quaisquer pesquisas naturais devem seguir a fé, sem precedê-la ou impugná-la.

Porque no santíssimo e augustíssimo Sacramento a fé e o amor, por meios ocultos, dominam e operam.

Deus imenso e eterno, cujo poder é infinito, opera grandes e insondáveis coisas no céu e na terra e não é possível a investigação dessas maravilhas.

Se as obras de Deus fossem tais que pudessem facilmente ser compreendidas, não seriam admiráveis nem se poderiam chamar inefáveis.

REFLEXÕES

O ímpio quer saber e nisto se perde. Pede a salvação à ciência, pede-a ao orgulho, pede-a a si mesmo. E do fundo de sua tenebrosa inteligência, de sua natureza lapsa e fraca, sai uma resposta de morte. Cristãos, não esqueçais nunca a palavra do Apóstolo: "O justo vive de fé" (Rm 1,17).

Vivei pois da fé, vivendo da adorável Eucaristia, que dela é a mais forte como a mais doce prova. Aquele "que é o caminho, a verdade, a vida", Jesus Cristo, Filho de Deus disse: "Isto é meu Corpo, isto é meu Sangue. Credes o que vos digo? Sim, Senhor, assim o creio. O Céu e a terra passarão, mas minhas palavras não passarão" (Jo 14,6; Mt 26,28; Jo 11,26; Mt 24,35).

Creio e confesso que o que era pão é verdadeiramente vosso Corpo e o que era vinho é na verdade vosso Sangue. Meu entendimento submete-se a esta verdade infalível e impõe silêncio a meus sentidos revoltados. "Deus amou de tal modo o mundo que por ele deu seu Filho único". E, para completar e perpetuar para sempre esta primorosa dádiva, quis também seu Filho dar-se ao homem, todos os dias, real e consubstancialmente na mesa eucarística. "Creio, Senhor, no amor que Deus teve por nós, no amor do Pai, no amor do Filho; e este amor infinito explica, aclara e satisfaz tudo" (Jo 3,16).

Que importa que não compreendamos? Não sabemos nós que vossos "caminhos são impenetráveis e que aquele que pretender sondar a majestade do Altíssimo será oprimido por sua glória?" (Rm 11,33; Pr 25,27).

Nossa ventura é crer sem compreender, nossa felicidade é lançarmo-nos, com os olhos fechados e submergirmo-nos no insondável abismo de vosso amor. Emudeça, pois, a soberba e a contenciosa razão; cesse de opor insolentemente sua fraqueza à vossa onipotência. Daremos esta única resposta às suas dúvidas, às suas perguntas curiosas: "Deus amou de tal modo o homem que deu seu Filho único para o salvar". Esta resposta basta e nenhuma outra é bastante sem ela. Como uma luz viva penetra até o fundo do coração apto a compreendê-la, "do coração que crê no amor", que sabe e sente o amor.

Admirais-vos de que um Deus se esconda sob as fracas aparências de um pão terrestre e corruptível, que o Salvador dos homens se fizesse seu alimento, hesitais vossa fé vacila. É porque não amais! Amai, amai deveras e nada vos parecerá incrível!

E vós, almas crentes, almas fiéis, ide ao santo altar com alegria, firmeza e confiança. Ide a Jesus, ide ao banquete misterioso do amor divino. "E onde iremos nós, Senhor? À carne, e ao sangue, à razão, à filosofia? aos sábios do mundo? aos murmuradores, aos incrédulos, aos que estão ainda a perguntar-vos todos os dias: Como nos pode ele dar a sua carne a comer, como está ele no Céu, se ao mesmo tempo, sua Carne se come na terra? Não, Senhor, não queremos ir a eles, nem seguir os que vos deixam. Seguiremos São Pedro e diremos com ele: Senhor, onde iremos? Vós tendes as palavras de vida eterna" (Jo 6,60 - Bossuet).

Aplica tua mente e teu coração em conhecer, amar e servir o teu Senhor. Vê-lo-ás em espírito, como outrora o viram os santos profetas, se a tua fé for pura e inabalável. "Quem crê em mim, diz o Senhor, vê-me; e quem me ama segue-me". "Senhor, eu sigo-te para onde quer que seja, porque tens palavras de vida eterna".

A quem poderei seguir, senão a ti? Em quem poderei acreditar, senão em ti? Quem te seguir não erra, porque tu és o caminho, a verdade e a vida. Ilumine-me sempre a luz da tua graça durante esta terrena peregrinação, para que eu possa chegar ao porto seguro da vida eterna, e gozar-te por todos os séculos dos séculos. Amém.

Coordenação de desenvolvimento digital
Guilherme César da Silva
Tradução
Pe. I. Cabral
Reflexões
Pe. J. I. Roquette
Desenvolvimento digital
Daniela Kovacs
Conversão EPUB
PAULUS
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Imitação de Cristo [livro eletrônico]; / Tomas de Kempis [organizador]. - São Paulo: Paulus, 2016.
1,5Mb; ePUB

© PAULUS - 2016
Rua Francisco Cruz, 229 - 04117-091 - São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700 · Fax: (11) 5579-3627
paulus.com.br · editorial@paulus.com.br
[Facebook] · [Twitter] · [Youtube] · [Instagram]
eISBN 978-85-349-4495-3

Seja um leitor preferencial PAULUS.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro